D. José Amigo y Pellícer

Nicodemos

Traduzido do Original Espanhol
Nicodemos ou La Inmortalidad y El Renacimiento
1897

Eugène Bodin
Barcos sobre o Garona

Conteúdo resumido

Considerações críticas sobre o Cristianismo, em que O Círculo Espírita Cristã buscam classificar os desvios impetrados através dos séculos nos ensinamentos de Jesus de Belém é através da Revelação da Doutrina dos Espíritos que foi Codificada por Allan Kardec, realizam a síntese do que seja o verdadeiro Cristianismo que é

representado através do símbolo de Nicodemos (Reencarnação) e as expressões máximas dos ensinamentos de Cristo (Sermão da Montanha).

Sumário

Prefácio

Considerações Críticas sobre O Cristianismo

I - A Igreja Docente
II - A Crise Religiosa
III - A Onda Cresce
IV - A Seiva do Cristianismo
V - O Espiritismo
VI - A Internacional Negra
VII - A Internacional Cristã
VIII - Nicodemos

Nicodemos - A Imortalidade e o Renascimento

Primeira Parte: Depois da Morte

I - Assombro Espiritual. - Vanitas Vanitatum
II - Uma Consciência Nua. - No Espaço
III - A Terra e a Humanidade Terrestre ante o Espírito
IV - O Despertar das Almas
V - Em torno do meu cadáver - Os afetos da Terra
VI - Mundos Regeneradores - Corpo Espiritual - Harmonias de Luz
VII - Mundos Venturosos
VIII - Porta Coeli - Hei de Nascer de Novo!...
IX - Vem... Segue-me! - Os Infernos da dor.

X - Um Espírito desafortunado - Mundos Primitivos Peregrinação das Almas
XI - Continuação dos Mundos Primitivos. - O Crepúsculo da Idéia Cristã - Adeus, Irmãos Meus, Tristes Irmãos Deus!
XII - O Caos das Origens
XIII - Regresso a Terra. - A Gênese do Espírito. - A Realidade Espiritual
XIV - Remorsos. - Inspirações - Lembranças, Promessas e Ameaças
XV - Voz do Céu - A Luta do Espírito - Trevas e Luz - Os Propósitos - A Reencarnação - O Derradeiro Chamado - A Separação - Sobre o Vaticano

Segunda Parte
A Gênese da Terra
E a Humanidade Terrestre

Livro I - Gênese da Terra

I - Introdução
II - O Caos - O Primeiro Dia da Gênese
III - O Segundo Dia da Terra
IV - A Terceira Época
V - A Quarta Época - Matéria, Principio Vivificador; Substância Espiritual
VI - O Quinto Dia da Terra. - Gênese Espiritual. A Grande Catástrofe. O Precursor do Homem
VII - O Sexto Dia. - O Homem

Livro II - A Humanidade Terrestre

I - A Humanidade Terrestre Primitiva
II - A Segunda Geração. O Homem-Menino
III - A Terceira Idade do Homem

IV - O Quarto Dia do Homem. - A Imigração Adâmica. Seth. Caim

V - O Quinto Dia. - A Lenda do Dilúvio. - A Iniciação. O Cristo do Oriente

VI - Abraão - Suas Viagens - Sua Política e Seus Planos. - Isaac e Ismael. - Testamento e Morte de Abraão. - Esaú e Jacó. - Sua Educação e Elevação. Os Filhos de Jacó no Egito

VII - Moisés. - Sua Emigração ao Sinai. - A Visão. - Volta Moisés a Cidade

VIII - Os Anciãos de Israel em Presença do Faraó - Plano de Moisés para Libertar seu Povo da Servidão

IX - A Festa dos Hebreus. - A Matança e o Incêndio. - O Pânico dos Egípcios - Projetos de Vingança

X - As Hostes do Faraó. - Surpresa Noturna. - As Margens do Mar Vermelho. - A Buzina de Moisés. - Morte do Rei. - Destruição do Seu Exército

XI - Considerações Históricas e Filosóficas

XII - Índole e Missão do Povo Hebreu - Chega ao Pé do Sinai - Política de Moisés. - Sobe Moisés ao Monte - A Visão - A Tempestade

XIII - Sonho Profético. - As Duas Tábuas - Os Oito Mandamentos

XIV - Moisés e o Sacerdote do Sinai Estabelecem as Bases de um Código Político-Religioso para a Educação do Povo. - Lavram o Decálogo em Duas Tábuas de Pedra. - O Povo Prevarica - Fraqueza de Aarão. - Josué Sobe ao Sinai

XV - Ameaças de Moisés. - O Povo se Arrepende. - O Tabernáculo. - O Sacerdócio na Tribo de Levi. - Instituição dos Juizes

XVI - Os Doze - Os Mistérios - O Código Hebreu - Morte de Moisés - A Conquista de Canaã - Os Juízes e os Reis

XVII - O Sexto Dia do Homem. - A Civilização Romana. - Corrupção Geral. - Necessidade de Renovação nos Sentimentos e Costumes. - Nascimento de Jesus

Prefácio

Jesus Cristo expulsou com a chibata os mercadores do templo; todavia o templo foi novamente invadido, não agora pelos vendedores de pombos, mas sim por aqueles que, intitulando-se herdeiros e continuadores da missão com que veio ao mundo o fundador do cristianismo, fizeram do Evangelho o manancial inesgotável de seu domínio e conquista. Amparando-se numa doutrina que é toda humildade e pobreza, são, porém, altivos e poderosos: invocando a mansidão e abnegação daquele que deu sua vida pela salvação do homem, são perseguidores e egoístas; alardeando serem eles os Cínicos autorizados intérpretes de uma religião puramente espiritual e seus mais fiéis cumpridores, erigiram um culto rico de exterioridades e cerimônias que seduz os sentidos sem, no entanto, melhorar as condições morais dos homens.

A culpa, não obstante, não lhes pertence exclusivamente; porque não são os representantes de uma instituição os que a fazem surgir e a sustentam, mas sim os vícios ou as virtudes das gerações humanas em suas respectivas épocas. A humanidade tem sempre as instituições que merece. Um povo bronco e ignorante não pode ser senão um povo despótica e fanaticamente dirigido ou governado: Para a emancipação, tanto do corpo como do espírito, deve preceder necessariamente a cultura da vontade e do juízo. Se quiser que uma sociedade seja livre em suas manifestações políticas

e religiosas torna-se imperioso educá-la dentro da virtude e combater sua ignorância.

Não lancemos, pois, em ninguém toda a culpa dos nossos erros e misérias religiosos, dos absurdos aceitos como verdades definitivas, das sofisticações e abusos de que vimos sendo vitimas em nome do Evangelho: culpemos, isto sim, ao atraso moral e intelectual de nossos antepassados, que tornaram possíveis e mesmo fáceis àqueles erros e misérias, assim como aquelas sofisticações e abusos; que por isto não se entenda que devamos declarar livres de toda responsabilidade aqueles que, transformados em mestres e doutores da sociedade humana, astutamente exploram sua ignorância em benefício próprio e, ao mesmo tempo, empregam todos os meios para conservá-la em perpétuo cativeiro.

Os vícios e a ignorância dos homens deram vida às instituições absorventes e depressivas; porém, logo os representantes daquelas instituições fomentaram a ignorância e alimentaram os vícios, para tornar eterno seu domínio sobre os homens. Somente assim, através da imposição e servidão do entendimento, pôde subsistir durante séculos e séculos como cristã, uma instituição cujos procedimentos e máximas constituem a mais cabal antítese dos atos e máximas de Cristo.

E este erro subsistirá, muito embora aqueles que o conheceram e interiormente o reprovam, o sancionem exteriormente com a sua hipócrita aquiescência; muito embora a covardia seja a regra de conduta dos que julgam imparcialmente; muito embora se anteponham ao triunfo da verdade a conveniência e o interesse; muito embora a justiça não tenha senão amantes platônicos que a confessam em sua

alma e a negam com suas palavras ou com seu vergonhoso silêncio. Se todos os que conhecem a mentira tivessem o digno valor, a nobre integridade de denunciá-la, seus apóstolos perderiam a imerecida confiança de que gozam entre os ignorantes e fanáticos, e a emancipação das consciências seria outra daquelas conquistas do progresso, indubitavelmente a de mais fecundos e transcendentais resultados.

Este livro foi escrito com um protesto contra a fraude religiosa de uns, dos mercadores do templo, e a covardia ou a dissimulação de outros, daqueles que se apercebem da fraude e não obstante não proferem sequer uma palavra para condená-la publicamente, convertendo-se desta maneira em seus encobridores e cúmplices. Dedicamo-lo a todos os homens de juízo íntegro que anseiam pelo estabelecimento da razão como soberana das manifestações do espírito; a todos os corações generosos que buscam na liberdade, na santa liberdade, a dignificação e prósperos destinos dos povos; às consciências honradas que sentem por toda exploração indigna a maior repugnância; aos apóstolos da fraternidade universal, aos inimigos das trevas, aos sedentos de justiça; numa palavra a todos os homens de boa vontade, de sacrifício e abnegação pelo progresso.

Nossa bandeira é o racionalismo cristão. Içamos esta bandeira com a publicação de ROMA E O EVANGELHO, obra que mereceu do público acolhida das mais favoráveis e do clero católico a mais honrosa condenação, e ela continua a tremular com a publicação de NICODEMOS, escrito sob o mesmo ponto de vista e igual critério religioso de ROMA E O EVANGELHO. Somos racionalistas, porque a razão é o atributo da natureza humana pela qual somos feitos à

semelhança da inteligência universal; e somos cristãos, porque nos ensinamentos de Jesus temos bebido a fonte perene da salvação das almas e a mais perfeita concordância entre suas máximas e as da razão independente.

O cristianismo não é Pedro no primeiro século da Igreja, nem muito menos Vítor no segundo século, nem Marcelino no terceiro, nem Sirício no quarto, nem Leão no quinto, nem João II no sexto, nem Sabiniano no sétimo, nem Estevão IV no oitavo, nem Nicolau I, nem João VIII, nem Formoso, nem Bonifácio VI, nem Estevão VII, nem Cristóvão I, nem Sérgio, nem João XXII, nem Alexandre VI. O cristianismo é o sermão da montanha, é a humildade, é o perdão, é a justiça, é o sacrifício pelo próximo, é o sublime episódio da cruz, é Jesus Cristo estendendo seus braços cheios de amor a toda a humanidade, redimida pela adoração e fraternidade universal. O cristianismo não é um homem, senão uma idéia; não é a hierarquia, senão a igualdade espiritual, que depõe de suas cátedras aos soberbos e exalta os humildes. O cristianismo é o Verbo divino revelado, é a moral eterna, é o ideal perfeito da caridade, é a redenção pelos atos e sentimentos, é a lei do progresso, que a humanidade inteira haverá de realizar na conquista da celestial Jerusalém. É dessa maneira que entendemos nós o cristianismo.

Encontraremos em nossa frente todos os traficantes religiosos, os que converteram o templo em casa de comércio, os levitas, os fariseus, os açambarcadores das coisas santas, os que ostentam possuir, como deuses, a verdade infalível, e serem eles os únicos depositários da terra. Encontraremos ainda pela frente a igreja oficial com todo o seu imenso poder ainda incontrastável. Combatemos seus erros e seus abusos: seus ministros difamam nossas

doutrinas, as doutrinas de nossa escola, caluniando-as e perseguindo-nos até à morte. As condições da luta lhes são as mais favoráveis; não obstante, sem qualquer sombra de dúvida a sua derrota é certa, porque a sua razão consiste na força, mas os tempos do triunfo da justiça já se aproximam.

Como racionalistas, vimos batalhar contra os opressores da razão humana e pela liberdade do pensamento: como cristãos vimos denunciar os vícios de que padece o cristianismo oficial e a sua impotência em saciar a sede dos espíritos e regenerar as sociedades.

CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SÔBRE O CRISTIANISMO

I

A Igreja Docente

Temos em mãos um extrato do discurso pronunciado por Montero Rios no ato de posse do cargo de reitor da Instituição Livre do Ensino ao inaugurar-se o curso correspondente ao ano de 1877 a 1878.

Sempre que uma voz autorizada se deixa ouvir para ilustrar a opinião referente às questões que direta ou indiretamente se relacionam ao problema religioso exposto no Evangelho, e contudo sem resultado após dezenove séculos, escutamo-la som vivo interesse e não deixamos escapar nenhuma de suas notas, com a esperança de nela

encontrar um eco as mais eternas verdades que veio anunciar ao mundo o cristianismo. Por isto recorremos avidamente aos parágrafos de tal extrato e fixamos toda a nossa atenção nos fragmentos do discurso nele reproduzidos, os únicos pelos quais podemos formar um juízo próprio tangente à oração inaugural do reputado canonista.

O ensino laico, de onde partem seus direitos e quais os seus limites: tal foi à tese desenvolvida em seu discurso pelo reitor da universidade livre, tema importantíssimo e oportuno nestes tempos, em que a escola ultramontana pretende para a Igreja o monopólio da educação não apenas religiosa, mas também científica e artística. O insigne orador estuda com critério todo liberal a questão e censura as aspirações absorventes dessa escola que, jactando-se de representar e possuir a verdadeira tradição católica, trabalha para tornar a Igreja solidária com suas usurpações e erros, nela inoculando os seus mais desordenados apetites de domínio e o seu ódio às conquistas do progresso.

Não seguiremos o Senhor Montero Rios em todos os seus raciocínios nem é nosso objetivo estender-nos em considerações mais ou menos oportunas acerca dos diferentes extremos que desenvolve em seu discurso. Tomamos da pena com a intenção de nos cingirmos a um único ponto no qual diferem por completo as nossas idéias e as suas.

Trata-se de determinar a quem compete à educação religiosa do homem dentro da sociedade e resolve a questão nos seguintes termos:

"Tem a Igreja pleno direito para presidir e dirigir a preparação do homem no que diz respeito à religião. A ela e somente a ela incumbe o ensino das verdades divinas e a sua

penetração na alma humana a fim de fazer do indivíduo um perfeito cristão. E a Igreja que, através de seus ministros deve instruir os povos dentro da doutrina evangélica e educá-los na prática das virtudes".

Não seremos nós que vamos negar à Igreja esse pleno direito que lhe atribui o Senhor Montero Rios; todavia é preciso deixar bem claro o significado dessas palavras. Que entende por igreja neste caso o reitor da Instituição Livre de Ensino? Entende a assembléia universal de todos os seres inteligentes e livres que conhecem, amam e praticam a justiça? Se assim é, nada temos a opor à doutrina exposta no parágrafo que acabamos de compilar. O ministério do culto e o ensino da fé são atributos e deveres indeclináveis das almas, de todas as que formam parte, por ,justiça, da congregação, da Igreja universal. Todos, cada um em sua esfera e segundo sua elevação, temos o direito e o dever de prestar a Deus a homenagem de nosso amor e gratidão em espírito e em verdade, e a todos nós incumbe o ensino das verdades e a sua penetração na alma do próximo e na medida de nossa capacidade. Não é isto de sentido comum? Se acreditarmos possuir os meios que conduzem à felicidade, poderíamos deixar de mostrá-los aos demais? Uma das obras de misericórdia é ensinar ao que não sabe: o que conhece, pois, ou presume conhecer as verdades divinas, que são as mais importantes, não poderá escusar-se, seja quem for, de ensiná-las àqueles que, em seu conceito, as ignoram.

Mas se, como tememos, o Senhor Montero Rios entende por Igreja, no caso concreto de que ora nos ocupamos, o corpo sacerdotal, a hierarquia eclesiástica, de maneira nenhuma podemos concordar em que somente a ela incumbe o ensino das verdades religiosas. Estas teorias podem estar

conforme aos cânones que se quiser. Porém, antes do direito canônico surgem o direito natural, a justiça e o bom sentido. Jesus não pertenceu jamais ao sacerdócio oficial; e, não obstante, não apenas ensinou as verdades divinas que transformaram o mundo, mas também foi buscar fora do sacerdócio os continuadores de seu sublime ministério.

Seus sacerdotes foram homens do povo, pais de família, que se sentiram chamados para a prédica do Evangelho. Não meditou sobre isto o Senhor Montero Rios? Não viu ele na eleição dos apóstolos que, para Jesus, o verdadeiro sacerdócio depende não da lei, mas sim da bondade do sentimento e das obras? Por que não vai Jesus ao templo buscar entre os sacerdotes de Moisés os que haviam de sucedê-lo na pregação da Boa Nova? Porventura não formavam aqueles o corpo sacerdotal estabelecido tradicionalmente sobre a revelação? Não convém esquecer isto: o corpo docente da nova Igreja não o constituiu Jesus Cristo com sacerdotes oficiais, mas sim com homens de vocação pertencentes ao comum do povo, odiados e perseguidos pelos ministros do culto. Assim como a Igreja universal é formada por todos os espíritos amantes da justiça, a Igreja docente é composta por todos os que se sentem com a aptidão necessária, cada um em sua esfera, para o ensino e prédica das verdades religiosas.

Havíamos sempre acreditado que o ex-reitor da Instituição Livre de Ensino tivesse um conceito mais elevado, mais racional e filosófico do corpo docente da Igreja, e da própria Igreja, do que aquele que manifestou em seu discurso inaugural. Sua Igreja é a pequena dos neocatólicos, egoísta e exclusivista dos intransigentes, edificada sobre o dogma, não sobre a liberdade, a ciência e a

justiça. Não são as virtudes e o saber os títulos que exige o Senhor Montero Rios ao corpo docente que deverá ter a seu cargo o altíssimo magistério da moral, a difusão e a direção do ensino religioso; são antes de tudo o formalismo, o hábito e a posição das mãos.

Não compreendemos como o Senhor Montero Rios, com as teorias religiosas que acaricia, possa ser partidário das mais nobres manifestações da liberdade individual. Se somente aos ministros do culto cabe o ensino das verdades divinas e sua penetração na alma humana, a jurisdição do sacerdote invade-o todo, o templo, a escola, o lar, a imprensa e o livro. Não poderá o professor contribuir para a educação do sentimento religioso de seus discípulos, nem o pai de família implantar no entendimento e no coração de seus filhos as crenças em que vive, nem o intelectual combater as superstições e erros que se aclimataram e propagaram ao sabor da ignorância geral. Declara-os todos incapazes o eminente canonista, deixando assim relegada a planos inferiores a liberdade de consciência, de ensino e de imprensa.

Quandoque bonus dormitat Homerus: não dormia; dormia profundamente o reitor da universidade livre ao relegar à Igreja oficial o monopólio exclusivo do ensino religioso.

Em vão procura o Senhor Montero Rios conciliar o inconciliável, os dogmas da razão com os da Igreja ultramontana. Suas inclinações políticas o levam à liberdade; seus ressaibos religiosos o levam à intolerância. É um desses indivíduos contraditórios, próprias das épocas de transição, que participam do passado e do futuro; aspiram fundir novas idéias em antigos moldes; têm um pé solidamente firmado na

tradição e outro no caminho do progresso: são formas de inconseqüências viventes, de textos plenos de contradição, de onde surgem argumentos favoráveis tanto ao apóstolo do novíssimo direito como ao defensor do caduco direito tradicional.

Com o direito político do Senhor Montero Rios se extingue a tradição; com o seu direito canônico se extingue a liberdade. Com a liberdade dos cultos, com a liberdade de ensino, com a liberdade de propaganda por meio da imprensa, com as liberdades e direitos individuais que constituem o credo político da escola em que o Senhor Montero Rios milita, se destrói o magistério exclusivo da Igreja oficial no ensino das verdades divinas: com o magistério exclusivo da Igreja no ensino religioso, faz desmoronar e derruba todo o edifício das liberdades democráticas.

São dois caminhos totalmente diferentes a seguir: ou negar à Igreja oficial o monopólio das consciências ou negar ao povo o direito de emancipar-se fora da jurisdição da Igreja. Não cabem aqui meias medidas. Se exclusivamente à Igreja pertence o magistério das verdades divinas, a ela, somente a ela incumbirá definir estas verdades e fixar os limites à jurisdição e alcance das mesmas. E assim sendo, que títulos poderia ostentar a sociedade civil para defender sua existência diante da Igreja? Não será este o único poder legítimo a declarar que os princípios de bom governo são de transcendência religiosa? Não poderá reivindicar a suprema direção da política, e com ela o direito de outorgar ou tirar aos príncipes a investidura dos Estados?

Eis aonde viemos parar com o direito canônico do Senhor Montem Rios. Compreende-o bem a escola

ultramontana, e exatamente por compreendê-lo, convém com o ex-reitor da universidade livre em que a educação religiosa é de exclusiva competência do sacerdócio oficial.

Este é o alicerce, no entender do Senhor Montero Rios e de nossos ultramontanos, sabre o qual edificou Jesus Cristo a sua Igreja. Dessa forma não permanece de pé nenhuma liberdade individual nem coletiva, mas apenas a grande, a imensa, a monstruosa liberdade da coletividade ultramontana.

Felizmente, o ecletismo religioso do ilustre canonista possui bem poucos admiradores e partidários na Europa entre os elementos verdadeiramente liberais. Está plenamente demonstrado que não pode haver concordância possível entre os dogmas neocatólicos e as aspirações de liberdade e progresso, tornando-se inevitável uma guerra franca de extermínio se o progresso tiver que se realizar sem encontrar obstáculos. As grandes verdades subsistirão, porque são eternas e imutáveis; porém desaparecerão, varridas pelo sopro benéfico da liberdade, estas pequenas igrejas às quais atribui o Senhor Montero Rios uma influência onipotente. Prevalecerá o cristianismo, o legítimo catolicismo com seus dogmas universais; porém às expensas dessa grande quantidade de seitas exclusivistas que disputam entre si, mais do que a conquista do céu, a posse da Terra.

E qual será o corpo docente da Igreja na nova era cristã? Forma-lo-ão acaso nossos mestres de ignorância, como os denominava Voltaire, esses mestres que educaram nossos pais e avós no ódio a toda santa liberdade, a toda idéia de regeneração social, a toda conquista luminosa do entendimento humano?

Já dissemos e tornamos a repeti-lo: o ministério do culto e o ensino da fé são atributos e deveres indeclináveis das almas. Todos, cada qual em sua esfera, podemos e devemos ser instrumentos de ensino das verdades divinas. O verdadeiro apostolado consiste em ensinar a virtude e a verdade com a palavra e o exemplo; por conseguinte, o homem mais ilustrado e virtuoso será, dentro da Igreja universal cristã, o primeiro dos apóstolos e o melhor dos mestres.

II

A Crise Religiosa

Seguiu-se à oração inaugural do Senhor Montero Rios, como reitor da Instituição Livre de Ensino, a do Senhor Moreno Nieto como presidente do Ateneu de Madrid: magnífica jóia literária plena de erudição, salpicada de profundos conceitos, engalanada com aquelas elegâncias de estilo e de linguagem com que costumam cativar a atenção da platéia os mestres da palavra. Ela veio acrescentar ao já vivo interesse com que a consciência pública se entrega ao estudo daquela que podemos chamar a questão das questões, porque encerra este pavoroso problema que traz inquietos todos os ânimos e em cuja solução se agitam todos os povos cristãos tanto do novo como do velho continente. A questão religiosa é a esfinge de todos os séculos desde o momento em que Jesus rompeu com suas palavras os moldes das antigas crenças; mas, a julgar pelo afã com que a razão

humana, sedenta de verdades, se lança em nossos dias na pista de toda investigação luminosa, motivos assaz fundados há para acreditarmos que não passará muito tempo sem que se dissipem as nuvens de trevas morais em que se sente asfixiar a humanidade. Assistimos à agonia de uma instituição humana que haviam julgado divina e eterna a ignorância e o fanatismo, aos últimos momentos de ume fé que tenta resistir ás aspirações do progresso e à batalha decisiva entre a filosofia e o dogma; não queremos assistir como expectadores passivos a este movimento transcendental a esta evolução palingenésica, cuja última etapa será o estabelecimento de um mundo novo banhado por um sol mais esplendoroso, animado de um espírito mais puro, percorrendo caminhos que levam a ideais mais harmônicos. Sente-se já cruzar as rajadas violentas que varrem os inseguros restas de fé: constituem o prelúdio da tempestade que acumularam pelo espaço de mais de dezesseis séculos, os ventos da intolerância e do erro.

Estará destinada a desaparecer dos domínios da razão e da consciência a religião cristã? Se deve desaparecer, que religião ocupará seu lugar? Ou haverá um renascimento religioso cristão? Examinemos as causas que nos trouxeram a esta situação, e relatemos os trâmites e os momentos dessa história cuja última etapa, da maneira como se mostra na hora presente, é quase um desvio completo dos objetivos cristãos.

Este o tema escolhido pelo Senhor Moreno Nieto na solene inauguração das cátedras do Ateneu. Quem não percebe a importância deste tema: Indagar as causas da atual crise religiosa é submeter ao verectito da razão, ao exame analítico da critica, as causas da visível decadência daquela

fé que transformou a face do mundo inaugurando a civilização em que vivem ainda todos os países cultos; é também expor à terrível prova as crenças mesmas, de cuja eficácia, se levar em conta o estado moral dos nossos tempos, lícito será duvidar. O século XIX é essencialmente crítico: pergunta, estuda, analisa; tudo submete à razão; sente os efeitos e quer investigar as causas; vê as causas e empenha-se em descobrir ou adivinhar os efeitos. Oh! Quão plausível é esta nobre atividade do entendimento humano! Não revela que o mundo está sedento de verdades? Que condena os erros de uma civilização defeituosa, legado de nossos crédulos antepassados? Eis porque pergunta, estuda e analisa: esta legitima atividade racional distingue nossa época e eleva sua cultura a um nível muito acima das épocas passadas.

As causas cia situação presente, do quarto minguante da fé cristã no horizonte dos povos, partem, no entender do Senhor Moreno Nieto, de todo o movimento dessa época que começa por volta do século XV, em que o espírito humano, já não concordando com os antigos ideais dogmaticamente impostos, se sente inclinado a buscar uma concepção nova, filha de sua própria e livre razão, construindo uma sociedade e realizando uma vida totalmente diferente, em harmonia com as novas aspirações.

O primeiro sopro deste vento abrasador, que com o decorrer do tempo convertia em áridos desertos os deleitosos vergéis da Igreja, é a reforma protestante, que, a pretexto de purificar e vivificar o cristianismo, e proclamando a independência de toda consciência individual, o comoveu profundamente. Sua virtude revolucionária havia de franquear o caminho a novos conceitos religiosos e

filosóficos e por fim apartar os povos europeus da antiga ordem, do regime tradicional.

Logo a seguir amanheceu o Renascimento, tão pouco conforme ao espírito cristão, como se não fosse senão à volta, em certo modo, aos costumes e gostos sensualistas da civilização pagã. A Europa voltou os olhos ao ideal clássico que os bárbaros haviam afogado em torrentes de sangue romano e se apaixonou por uma civilização alegre, expansiva, livre, que lhe permitia extasiar-se na contemplação da beleza exterior e gozar os prazeres do mundo. Caiu em desuso o misticismo religioso e esqueceu-se a severidade e a pureza do cristianismo primitivo.

Por sua vez, o espírito científico começava a manifestar-se. Estudando a Natureza e seus fenômenos e leis, selecionava os materiais de um mundo desconhecido, porém vivo, positivo, real, muito diferente do puramente imaginário idealizado pela Teologia e Filosofia escolástica. Surge Copérnico arrancando a Terra do centro do universo, desbaratando com um sopro toda a maquinaria do universo teológico. Colombo, Vasco da Gama e tantos outros numerosos intrépidos navegantes descobrem continentes e famílias humanas no oceano, colocando em situação embaraçosa a tradição bíblica de Adão e Eva como progenitores únicos de toda a linhagem dos homens. Fácil é de se imaginar a carranca, a santa ira dos teólogos, a cada descobrimento que vinha engrandecer as esferas da ciência. Juntamente com o movimento científico ia-se realizando, embora tímida e lentamente, o movimento filosófico. A princípio, tanto a Filosofia especulativa como as Ciências Naturais quiseram conviver em estreita harmonia com o dogma, e mesmo insurgir-se como seus mais fervorosos

defensores; porém esta fraternal aliança havia de ser pouco estável, pois as ciências amam a luz enquanto que o dogma lhe dá as costas. A razão se emancipou da autoridade e o dogmatismo cristão forçosamente passo, para o campo oponente. A impiedade voltairiana e o racionalismo alemão minavam profundamente as crenças.

Tais são, no conceito do Senhor Moreno Nieto, as causas da crise religiosa que se iniciou nos fins do século passado e continua cada dia mais profunda: e o que é mais grave é que não consegue vislumbrar uma volta próxima da Filosofia à fé cristã o douto presidente do Ateneu; à fé cristã dos sacramentos, das formas, das indulgências, dos mistérios, dos milagres, dos dogmas, da divindade de Jesus Cristo.

Ao chegar a este ponto de seu discurso, não é o Senhor Moreno Nieto um frio pensador do século em que vivemos; é Jeremias chorando sobre os escombros da Jerusalém cristã. Os caminhos de Sião estão de luto, pois ninguém vai às solenidades; todas as suas portas destruídas, seus sacerdotes gemendo, suas donzelas desalinhadas, e a cidade oprimida de amargura. (1)

(1) Lamentações de Jeremias, I. 4.

Porém, são em realidade os fatos ligeiramente apontados as causas da crise que torna em nossos dias desassossegadas as consciências? Não teria sido mais lógico e mais imparcialmente crítico, antes de incluir entre aquelas causas a Reforma e o Renascimento, esquadrilhar as origens destes dois grandes eventos e demonstrar que não havia dado motivo e nem tomado parte nos mesmos o cristianismo?

Por que o espírito humano ia em busca, dentro do mesmo cristianismo, de um novo conceito religioso? Não pretendia a Reforma que a Igreja oficial se havia desviado do ensino

apostólico, desvio que já muitos séculos antes dera margem ao mais terrível dos cismas, à separação da igreja do Oriente? E Renascimento foi outra coisa senão um protesto vivo contra o ascetismo Claustral, Contra a rigidez e fanatismo de uma civilização cujo belo ideai era o menosprezo das comodidades da vida, o sacrifício dos mais doces sentimentos, o celibato, o isolamento contemplativo em cela solitária, a anulação da vida propriamente humana? O cristianismo naquela época parecia não pensar em outra coisa senão em levantar exércitos de frades, e a Europa, que recusava converter-se num imenso convento, volveram os olhos à civilização clássica e, por uma espécie de legítima reação, buscou na alegria, no prazer, na beleza exterior, o ideal que serviu de contrapeso ao misticismo reinante.

E por que as ciências todas, tanto as naturais como as sociais, se desenvolvem e vivem em oposição aos ensinos da Igreja e levam a razão por rumos diferentes dos rumos ortodoxos? Essa flagrante antinomia, essa lamentável contradição, esse vale intransponível que isola o dogma, enquanto as ciências e a Filosofia se emancipam e abrem ao espírito vastíssimos horizontes, não podei iam ser indícios de que não foram integralmente meditados como deviam, os ensinamentos da Igreja oficial; de que esta houvesse procedido antes com alguma ligeireza proclamando a priori, como verdades indubitáveis, conclusões que necessariamente haviam de pugnar mais adiante com as conclusões da ciência? Isto é o que deveria ter investigado em seu discurso o Senhor Moreno Nieto: deixar bem claro se a responsabilidade desse divórcio havia de pesar inteiramente sobre as ciências, ou se o haviam provocado intemperanças e imprevisões de dogmas inadmissíveis. Afiguram-se nos que

o Senhor Moreno Nieto confunde lastimavelmente as coisas, tomando por motivos da enfermidade aquilo que não eram senão sintomas. E dizemos sintomas, aceitando por um momento que haja tal enfermidade, isto é, colocando-nos sob o ponto de vista do Senhor Moreno Nieto. Ao nosso modo de ver, o movimento filosófico de que se trata é uma evolução necessária do entendimento humano, uma fase mais perfeita de sua atividade e poder, uma declaração de guerra ao dogma oficialmente imposto, incompatível com o progresso e as aspirações do século, para substituí-lo por outras crenças em harmonia com as novas luzes que derramou sobre o mundo a inteligência universal.

Seja como for o que não cabe duvidar é que realmente aparecem divorciadas a fé e a Filosofia, mas assim como o presidente do Ateneu culpa a ciência desta separação, que diz ter-se apartado das correntes cristãs, nós culpamos aqueles que desviaram o cristianismo de suas linhas primitivas, das correntes racionais de sua origem, segundo as quais, jamais o movimento científico teria criado obstáculos formais à sua Civilizadora influência. Não foram a Reforma e o Renascimento, nem tampouco o espírito científico e filosófico com seus novos ideais foram os motivos da perturbação, da crise religiosa em que nos encontramos. A crítica do Senhor Moreno Nieto padece de manifesta parcialidade, conto se tivesse resolvido antecipadamente absolver a Igreja e condenar a Filosofia; pois se assim não fosse, ao mesmo tempo em que fazia a História da Filosofia, teria feito a História da Igreja, a fim de que a opinião pública julgasse tendo em vista os méritos do processo.

Não somente a Filosofia mas também o sentimento humano se foi desviando dos derrotistas ortodoxos; e consta

que o desvio do sentimento foi que provocou principalmente a atual crise religiosa. A Igreja oficial riu dos filósofos e dos sábios e muitas vezes obrigou-os a calar-se para que não escandalizassem os fiéis, enquanto reinava com ilimitado poder nos Corações; se hoje se lamenta amargamente, se indizível ansiedade a agita, se chama em seu auxílio à intervenção dos poderes do céu e da terra para enfrentar a tempestade que vê surgir no horizonte e sem forças para resistir é porque reconhece que lhe falta o incontrastável apoio das consciências, aquele entusiasmo fervoroso dos povos em que sempre havia consistido a sua pujança. E por que se separou da ortodoxia o sentimento, por que se extinguiu aquele amor, por que a obediência cega transformou-se em rebeldia, por que do entusiasmo se passou a glacial indiferença? Pelas mesmas causas que forçaram a ciência a emigrar do campo da fé. Tarde ou prematuramente o sentimento acaba por inclinar-se do lado da ciência; e se o vemos alimentar-se de superstições e ilusões é somente enquanto o entendimento as considera realidades.

O Senhor Moreno Nieto deixou intacta a questão que desenvolve no princípio de seu discurso. Promete remontar-se às origens, às causas, a gênesis, por assim dizer, da atual crise religiosa; porém, não chega ao prometido, cingindo-se a explicar o êxodo do espírito cientifico, sua emancipação da servidão do dogma, não sabemos se para ir em busca da verdade, ou voltar arrependido à escravidão primeira. Oh! o tema era espinhoso e o presidente do Ateneu terá julgado que não era necessário lastimar-se removendo os espinhos. Removamo-los nós, pois que estamos acostumados a penetrar nesse gênero de questões, sem temores nem

complacências e sem temer os reiterados golpes com que o farisaísmo nos atinge como castigo pela rude sinceridade que inspira nossos escritos. (1)

(1) Como castigo por haver publicado o livro Roma e o Evangelho e por causa das doutrinas religiosas que sustentamos na Revista Mensal de Ciências e Moral Cristã que, sob nossa direção e com o título de O Bom Sentido, saiu publicada na cidade de Lérida fomos destituídos do cargo de segundo professor da Escola Normal da mencionada cidade.

Por que os caminhos de Sião estão de luto? Por que ninguém mais vai às suas solenidades? Por que a ciência e o sentimento se afastam cada dia mais da Igreja? Por que o espírito humano aspira mover-se por suas próprias virtudes e substituir com novos ideais os antigos? Em suma: Quais são as causas que nos trouxeram a presente situação, à saudável crise religiosa que atravessamos e cujo término aguardam com temor os que não sabem ou não querem compreender que essas crises são necessárias para a purificação do ambiente moral que a humanidade respira?

Preciso é fechar os olhos, para não ver que uma daquelas causas, a principal sem dúvida, foi o afã dogmatista que se apoderou da Igreja desde que o cristianismo começou a perder seu primitivo caráter de religião puramente espiritual para confundir-se com o número das religiões positivas. Cristo havia reunido todos os seus ensinamentos em Deus, pai, e na alma humana imperecível, filha de Deus; na adoração em espírito e em verdade e no amor ao próximo, que é o sentimento de confraternidade entre as almas. Muito embora a consciência humana jamais se tivesse rebelado contra estes princípios racionais, proclamados por Jesus e superioras aos profetas e à lei, a Igreja, a oficial, a hierárquica, julgou-os ou pareceu julgá-los insuficientes para a salvação e entendeu de multiplicar os mandamentos e promulgar dogma sobre dogma. A ciência e o sentimento

que nada viam de censurável no primitivo ideal cristão, tiveram infelizmente muito que combater e censurar nas sucessivas adições.

Meu reino não é deste mundo, havia dito Jesus, condenando com estas palavras, por tantos séculos esquecidas, toda a intromissão do poder espiritual nos negócios temporais. E não obstante foram aparecendo desde o princípio como que germes de mundanos apetites na hierarquia eclesiástica, cujas ambições não podiam alimentar-se senão ultrapassando os limites do reino espiritual ele Jesus Cristo. Se aqueles apetites aumentaram, se aquelas ambições se contentaram com outra coisa que não fosse o domínio da Terra, sabem-no bem todos aqueles que têm algum conhecimento da História da Igreja. O poder eclesiástico invadiu os domamos do poder civil, fazendo-se superior a este último no governo dos povos e o vigário de Cristo empunhou, além das chaves e do bastão do pescador, o cetro e a espada dos Césares. No entanto, a consciência humana se refugiava em si mesma e o espírito filosófico reunia meios de destruir o que o erro e a ambição edificavam.

Não voltemos as nossas vistas àquelas tumultuosas eleições em que a proclamação do Pontífice custa torrentes de sangue; tampouco àquelas outras em que a simonia e a corrupção, no dizer dos historiadores, desempenham o principal papel, não falemos também de eleições duplas e tríplices em que os agraciados se disputa a mão armada o triunfo definitivo. Recordaremos as veleidades políticas dos pontífices reis, suas alianças defensivas e ofensivas, sua participação nas guerras? Será necessário dizermos que todas estas coisas tiveram sobre as consciências uma grande

influência, predispondo-as a sacudir um jugo que se torna cada vez mais pesado?

Vieram às guerras religiosas a os espíritos íntegros angustiosamente perguntavam; Será possível que a religião arme o braço do homem contra o homem, do irmão contra o irmão, de um povo contra outro povo? Pode o sentimento de caridade compactuar com o derramamento de sangue? É concebível que Deus possa comprazer-se em que seu nome seja invocado nos momentos mais árduos da disputa, quando o ódio ferve nas entranhas de desumanos combatentes? Será a guerra outra coisa senão o fratricídio organizado? Não mandou Jesus que Pedro embainhasse a espada? Não haveria religião onde não haja paz?...E as guerras religiosas aumentavam o vazio em torno da ortodoxia.

Deus é espírito e quer que os que a adoram, o adorem em espírito e verdade; esta é a adoração evangélica e a única que a Filosofia e a consciência humana podem reconhecer como fundamento da verdade em religião. A adoração externa e o formalismo não procedem do cristianismo, pois são vulneráveis e transitórios. Estabelecer como essenciais para a salvação das almas os gestos e cerimônias exteriores é, ao mesmo tempo, corrigir e alterar o Evangelho, expor o dogma às agressões do bom sentido e ao desvio do sentimento. Dizia Paulo que a circuncisão da carne nada era, mas que a circuncisão do espírito é tudo; não obstante, alcançamos tais tempos, bem o sabe o Senhor Moreno Nieto, em que a circuncisão da carne constitui o mandamento mais importante do código religioso. Passemos por alto o fausto dos ministros do culto, tão terminantemente condenado por Jesus, que proibia aos seus Apóstolos possuir duas túnicas, possuir dinheiro, carregar provisões e que não teve em sua

morte onde reclinar a cabeça: não ressuscitemos aquela máxima pela qual se preceitua dar graciosamente o que graciosamente se recebe, para aplicá-lo ao apostolado de nosso século e comparar um cristianismo com outro. Há necessidade de mencionar estes contrastes, se os tem presente todo aquele que sabe ler; se qualquer pessoa medianantente instruída ignora que muito contribuíram para a decadência da fé?

E a intolerância religiosa, sancionou-a porventura Jesus com a palavra ou com os atos? Servia-se do braço secular, dos homens de armas, para obrigar as multidões a segui-lo? Fez derramar sequer uma grita de sangue alheio por sua causa, ou verteu generosamente a sua pela salvação de todos? Incendiou ou mandou acender alguma fogueira para destruir as heresias tirando a vida aos hereges? Não; nada disso fez Jesus; o cristianismo é precisamente todo o contrário: a liberdade, a caridade, o amor, o perdão, as obras da misericórdia. Nada de ódios, nada de vinganças, nada de tormentos. E o espírito filosófico e a consciência humana afastaram-se com horror daquele outro espírito que, intitulando-se cristão, havia instituído o tormento corporal e as fogueiras da fé para convencer aos desventurados que se permitissem manifestar alguma dúvida com respeito aos axiomas da Igreja.

Estas, exatamente estas, as causas verdadeiras a que se deve a presente crise religiosa, uma das mais transcendentais que registrará a História da humanidade terrestre. Pecado grande cometeu Jerusalém; por isto foi feita instável todos os que a glorificavam a desprezarão, porque verão sua ignomínia. (1)

(1) Lamentações de Jeremias I. 8.

Como culpar a Filosofia, como culpar a consciência submetida ao crisol depurador do Santo Oficio? Seríamos sequer homens? Eram-no acaso aqueles seres degradados que denunciavam ante a Inquisição os seus amigos, os seus familiares, talvez o pai, a mãe, a esposa, por uma suspeita de heresia? Oh! e aqueles tempos são evocados como os do apogeu da Igreja, como a época mais esplendorosa da fé! Por que o Senhor Moreno Nieto, nada disso mencionou no Ateneu, em seu discurso inaugural?

Apesar de tudo, nós não tememos que desapareça dos domínios da razão e da consciência a religião cristã; cremos, ao contrário, que prevalecerá sobre todos os cultos, porque é a única religião do dever e da fraternidade universal. Diga o que quiser o Senhor Moreno Nieto, o movimento que se leva a cabo aos nossos olhos não é um desvio completo do divino cristão; é antes um desvio das absurdas crenças acrescentadas depois de Jesus ao cristianismo puro. A indiferença e a incredulidade de hoje constituem a ponte entre as crenças dogmáticas do passado e as crenças racionais do porvir, que a ciência fecundará com seus eflúvios benéficos. Não é ela luminosa irradiação dessa inteligência suprema que palpita em todas as harmonias do universo, em todas as leis naturais? Fortalecerá a tempestade: o movimento das ondas varrerá a coberta da nave de Cristo; será necessário arrojar o pesado lastro do erro, do orgulho, das superstições, do mercantilismo religioso, da hipocrisia, da intolerância; porém a calma se restabelecerá, e a nave singrará vitoriosa e ligeira as ásperas águas do oceano (2).

(2) O Senhor Moreno Nieto, como o Senhor Montero Rios pertencem a essa escola conhecida pelo nome de catolicismo liberal, que pretende em vão aliar o catolicismo histórico ao espírito moderno. Os católicos liberais perseguem algo

impossível, para não dizer absurdo pois, para a realização de tão monstruosa aliança, o catolicismo haveria de renunciar a quase todos os seus dogmas e deixar de significar o que sempre significou. Com seu ecletismo não logram senão fazerem-se suspeitos aos liberais e repulsivos aos genuínos católicos históricos, que são os ultramontanos.

III

A Onda Cresce

Não se ganhou Zamora em uma hora, e não é obra de alguns anos derrubar com a palavra uma instituição que conta muitos séculos de existência. Para as grandes demolições se requer, além do perseverante martelar de inumeráveis inteligentes operários, a lenta porém segura ação do tempo, desse grande demolidor, que tudo desgasta e pulveriza, salvo aquilo que jamais foi instituído e que é, por isso mesmo, indestrutível e imortal.

Sabemos isto e em sã consciência não alimentamos a ilusão de presenciar em um brevíssimo prazo como submerge e desaparece definitivamente a formidável igreja ultramontana, nem edificamos castelos de pura fantasia acreditando numa imediata renovação do sentimento religioso. O ultramontanismo está irrevogavelmente condenado por sua corrupção, por suas infâmias, por seus erros, pela odiosidade que seus obscuros objetivos despertam, a sucumbir envolvido pelo progresso em sua majestosa corrente; mas ainda dispõe de elementos e forças, não já para recobrar sua onipotência perdida, mas sim para resistir e perturbar. Um novo símbolo, submetido primeiro ao grande concílio ecumênico das ciências e da razão, virá preencher o vazio que na consciência humana terão deixado

os velhos erros, os caducos dogmas, as superstições herdadas; porém ainda a indiferença e o ascetismo, densas névoas da razão e do sentimento surgidas dos antigos caudais religiosos interceptarão por algum tempo a luz da nova fé.

Haveremos, pois, de renunciar ao legítimo desejo de assistir em nosso século ao desaparecimento do despotismo teocrático, verdugo das consciências, filho espúreos do cristianismo, e à doce, à consoladora esperança de saudar a primavera de uma civilização expansiva, harmônica, fundada na liberdade, na justiça, na fraternidade humana; à fé racional que emana da contemplação científica do universo e que nos impele a dobrar os joelhos e beijar a mão de Deus na infalibilidade de suas leis, na magnificência de suas obras? Não, certamente.

Quase todo o trabalho de demolição já está feito: o cimento do catolicismo convencional da escola ultramontana está totalmente minado e com um supremo esforço da parte dos amantes da verdade a torre babilônica pode cair reduzida a escombros, sobre os quais abrirá profundos sulcos o arado da civilização, da fecunda civilização filha da Filosofia e da consciência livre. Desde Orígenes e Sírio até Fócio, desde Fócio até Lutero, desde Lutero até a Enciclopédia Francesa, desde a Enciclopédia até o racionalismo de nossos dias, o pseudocristianismo, mescla informe de religião, de Filosofia e de política, teve sempre pela frente ilustres gênios para combatê-lo e abalar seu tenebroso domínio. Foi à perpétua cruzada da razão centra a perpétua opressão do pensamento. E a onda que varrerá e sepultará nos abismos a frota ultramontana, foi crescendo com os séculos, cumulada de

maldições e engrossada com o sangue de milhares e milhares de vítimas e mártires.

O século XIX parece estar designado pela Providência para consumar-se nele a grande ruína de todo um sistema religioso que teve sua razão na ignorância e atraso moral das idades passadas. Não é esta uma afirmação gratuita, expressão infundada de um desejo; é o anúncio de um acontecimento de cuja proximidade nenhuma consciência duvida. Que aconteceu com aquele poder incontrastável da seita ultramontana, aquela sua decisiva influência na política dos estados, aquele seu despótico domínio nos costumes, aquela sita indiscutível infalibilidade na declaração do dogma? Apenas permanece do mesmo um pálido reflexo; e em breve, a julgar pelo encadeamento e a lógica dos acontecimentos, somente ficará sua memória, para maldizê-la, como o maior de todos os crimes históricos, como a de uma grande miséria social, espécie de asquerosa lepra moral que contagiou todas as consciências, submetendo-as, ou em angustioso desespero ou em vergonha servidão. O ultramontismo será, no futuro, a raça judia da nova civilização; povo transumante que, levando á frente o estigma da reprovação, do desprezo universal, em vão esperará a vinda do Messias restaurador de sua infalibilidade e antigo poderio. Houve um tempo em que sua força era superior à dos imperadores e reis; em que seu espírito era o único que informava os costumes; em que seus dogmas determinavam à Filosofia e todas as ciências a pauta de seus desenvolvimentos; hoje vive de esmola, da proteção interessada dos governos, sem a qual a ciência destruiria o dogma e a consciência humana o jugo teocrático. A onda de Indignação dos povos cresce ameaçadora; se a nave

ultramontana flutua ainda sobre as águas, é porque a rebocam os poderes públicos, que não julgam ainda oportunos deixá-la abandonada a si mesma, a mercê da tormenta.

A igreja ultramontana em nossos dias é uma instituição anacrônica; é o quietismo religioso em meio ao movimento, do vapor, da eletricidade; é o firmamento teológico de cristal pretendendo recobrar a perdida possessão do céu, arrebatado que foi por milhões de mundos descobertos pela ciência, inimiga terrível da Teologia dogmática. Porém o vapor e a eletricidade do pensamento emancipado triunfarão sobre a inércia religiosa e os mundos e as humanidades se apoderarão do universo apesar da lenda adâmica e da minguada criação teológica. Quem não deixa de sorrir quando ouve assegurar com circunspeção teológica que Deus entregou a certos homens a posse da Providência, ele cujas mãos afirmaram ter recebido diretamente as chaves do céu e dos abismos. A quem podem persuadir com a indigesta, a irracional geringonça de que para ver com clareza as coisas espirituais são necessárias fechar os olhos do espírito? Medite-se no que o ultramontanismo perdeu nos últimos trinta anos, sua atual notória decadência, a importância de seus reveses políticos, o descrédito em que vão caindo os seus ensinamentos, a frieza com que a consciência pública acolhe, sejam suas impotentes ameaças, sejam suas ridículas promessas, tenha-se também em conta que o bom sentido dos povos o assinala como causador das discórdias civis e das agitações incessantes que turvam a paz dos estados, entorpecendo a marcha ordenada do progresso; e compreender-se-á que com o que resta do século a tempo de sobra para que possamos presenciar os últimos momentos de

seu império. Presentemente vive-se muito apressadamente a julgar pela rapidez com que os acontecimentos se sucedem, cada lastro vale por um século.

Oh! igreja ultramontana, dos dogmas absurdos, ela intolerância feroz, do comércio sacrílego! Ainda alimentas a soberba pretensão de jungir uma vez mais as sociedades ao julgo de erros? Tua sede de domínio e de riquezas é inextinguível; porém o mundo te conheceu, e o dia de teu poder declina rapidamente. Erigiste teu trono sabre a ignorância; mas a ignorância foi vencida pelos fachos de luz que a ciência irradia: a razão humana toma posse de si mesma, envergonhando-se de seu longo cativeiro.

Como se pergunta maravilhada como pude dar crédito à palavra desses homens que, pregando a pobreza, se fazem ricos; recomendando a humildade, são orgulhosos; pregando amor e paz, avivam os ódios e as guerras; ostentando-se fiéis discípulos de Jesus, constituem a contradição viva da moral evangélica. Eles querem nivelar com fé cega o abismo que os separa do cristianismo; mas este abismo torna-se cada dia mais profundo, e já não ha ignorância nem fanatismo que bastem para preenchê-lo. Transferem-se em massa os fanáticos para o campo dos céticos, uma vez que os homens pensadores se agrupam para derrubar os ídolos, para denunciar as fraudes, para opor aos dogmas da Teologia os da Natureza da razão, que hão de ser os fundamentos da Igreja universal.

Soou a hora de romper os moldes das amigas aberrações, substituindo-as com os que a Filosofia e as ciências nos vêm proporcionando. Acentua-se nesse sentido uma evolução que não pode passar despercebida por pouco que se estenda o movimento intelectual e moral de nossa época. No seio das

famílias, nas tertúlias, nos círculos ilustrados, nos ateneus científicos, onde quer que se reúnam pessoas estudiosas e se comuniquem suas idéias e observações, para fazer eco, seja dos grandes ensinamentos da História como das necessidades e aspirações humanas; em todas as partes, como se invisível espírito associara em um mesmo pensamento todas as inteligências, a atual crise religiosa é um dos temas preferidos e que provoca as mais freqüentes e disputadas discusões. A imprensa de todos os matizes, esse novo poder das modernas sociedades, órgão da opinião, barômetro da cultura e do progresso, chama por sua vez a juízo a fé e a tradição, e refletindo fielmente o estado dos ânimos certifica a necessidade de uma renovação nas crenças, que venha pôr termo ao imoral tráfego das mercancias espirituais. Milhares de livros entregues à voracidade do livre exame, nos quais se elucidam todos os problemas da Filosofia religiosa, avivam nas almas o desejo de estudar a Natureza para nela encontrar a chave do destinos humanos. Confiemos nesse movimento regenerador, nessa agitação incessante dos espíritos. A inércia é a enfermidade e a morte; o movimento é a saúde e a vida. Assistimos a gênesis de uma transformação moral que há de ser o ponto de partida de uma nova civilização. Quem não se admira ao considerar as modificações realizadas neste século?

Quem pode duvidar que atravessamos um período de rápida transição? Quem não prevê que a humanidade vai semear em um mundo novo, nutrir-se com outros alimentos, acariciar outras idéias, fundar outras instituições, Substituir por outros mais perfeitos os velhos organismos sociais? Sorriamos com a esperança de que em breve o racionalismo

cristão iluminará todo o mundo e da igreja ultramontana não ficará pedra sobre pedra.

IV

A Seiva do Cristianismo

1

A República Romana, ferida de morte sob o domínio de Júlio César, o vencedor de Pompeu, acabava de sucumbir afogada entre os braços vigorosos de Augusto, o vencedor dos republicanos Bruto e Cássio e dos triúnviros Lépido e Marco Antônio. A nação soberana, que havia massacrado com o carro de seus triunfos e imposto seu jugo a todos os povos da Terra, prostrava-se por sua vez como humilde escrava aos pés de um macebo, submisso, ao que parece, às mais leves insinuações do Senado. Uma modificação radical se operava na organização política do grande povo, e sobre as velhas instituições de uma república tirana e invasora se erigia um império robusto e varonil desde seus primeiros dias de Júlio César, com sua espada, havia feito de todo o antigo continente uma só província, cuja metrópole era Roma e Augusto pacificará com sua moderação e gênio organizador os países conquistados, inaugurando nos mesmos um período de bem estar e prosperidade que seus sucessores não saberão continuar.

Porém, semelhante modificação de instituições políticas, se bem que essencial na forma, não alterava na base a maneira de ser daqueles povos. Levantara-se um edifício novo sobre alicerces gastos. Era um enxerto jovem e pujante em um tronco vetusto e carcomido. O mundo necessitava de algo mais do que uma mera transformação na organização dos poderes públicos, porque o mal que o minava e corroia não estava tanto na superfície como no sangue, como nas entranhas daquela geração corrompida e depravada. Em vão o jovem Império recolherá do lodo a autoridade prostituída, em vão cerceará os direitos e foros populares e as cabeças turbulentas: em vão também levará aos mais remotos climas suas aguerridas legiões para que o estrondo das armas faça olvidar a liberdade perdida e o prestígio apregoe aos quatro ventos a glória da orgulhosa Roma: tudo isso em vão; porque a grande família humana tinha o coração gangrenado e o Império continuava as tradições e os vícios sociais que vinham desde há muito ferindo os sentimentos, os hábitos e as cremas.

As civilizações romanas, imperfeitas desde seu nascimento e princípio, e corruptora depois, à medida que alargava suas fronteiras conquistando cada dia novos paises, precipitavam com a lepra de seus vícios a decadência da antiga sociedade. Era uma civilização ruidosa pelo fragor dos combates, brilhante pela eloqüência de seus oradores, e pelo fausto de seus cidadãos, dominadora pelo direito do mais forte e sensual pelo epicurismo, com portas abertas a um politeísmo brutal.

A imoralidade e a dissolução reinavam no Olimpio entre os deuses, senhores, libertos e escravos. Cada apetite possuía um altar e cada paixão um templo; e se um resquício de

pudor erguia altares a uma divindade protetora das virtudes, os profanava a corrupção geral ou então permaneciam esquecidos e solitários. O fanatismo oferecia holocaustos humanos nos templos e as donzelas e as matronas divertiam-se nos circos vendo a arena tingida com o sangue do gladiador ou com os restos ainda com vida de algum miserável escravo, entregue à voracidade dos leões e ao bárbaro gozo popular.

E que princípio regenerador podia a antiga sociedade opor a essas causas dissolventes, a essas enfermidades morais que paralisavam suas forças e aceleravam sua decomposição e morte? Havia em suas entranhas algum germe, latente ainda, com a virtude necessária para restabelecer e reforçar as aptidões morais daquelas gerações; ardia em sua mente alguma idéia salvadora entre tantas aberrações que a aviltavam e perturbavam; existia um povo virgem em meio à prostituição, crente em meio ao ceticismo e fanatismo, virtuoso no centro do relaxamento universal dos costumes, forte e robusto no seio de uma sociedade impotente e decrépita, povo de onde pudesse arrancar o princípio de uma nova era de luz, de prosperidade e de glória?

Além, na Ásia, berço da humanidade histórica, e na sua parte ocidental, na Palestina, vivia um povo que, apesar de estar submetido ao jugo dos Césares, se regia e governava por leis próprias, tendo sabido preservar seus hábitos e crenças da influência invasora que a capital do mundo exercia sobre todas as nações até onde alcançavam seu poder. Aquele povo era o judeu, com seus costumes, com suas tradições, com sua Teologia, com seu templo, com seu Deus, em uma palavra, cara sua civilização especial de

quinze séculos, refratário por completo à civilização pagã, que ameaçava absorvê-lo. Ora na prosperidade, ora na desgraça; triunfante hoje, subjugado amanhã; tiranizado pelos egípcios, humilhado pelos madianitas e filisteus, levado de cá para acolá na servidão, oprimido pelos babilônios, assírios, caldeus, persas e gregos; havia demonstrado ao mundo que, se podia ser vencido e encarcerado, possuía uma firmeza inquebrantável de caráter, em cuja virtude via transcorrer os séculos na servidão, conservando suas tradições c esperanças, sem se descompor com os rigores do desterro nem confundir-se jamais com os seus dominadores.

Será, pois, a civilização hebraica chamada a triunfar sobre as nações: o rito mosaico, a seiva regeneradora das sociedades; e o povo judeu, o povo típico da Terra para a renovação moral dos demais? Não certamente. Ainda que baseada na unidade de Deus, e por conseguinte superior às práticas politeístas dos outros povos, a civilização hebraica é, como a romana, a civilização do fausto, da conquista, do ódio, da servidão e da voluptuosidade. Jeová é o Júpiter tonante dos pagãos e o Deus dos exércitos de Israel é Marte da teogonia grega. Os holocaustos humanos aplacavam as iras do Deus da casa ele Judá, da mestra forma que detinha a força das deidades do Olimpo. O povo judeu, na longa e trabalhosa série de suas invasões e conquistas, havia tratado com ferocidade os vencidos, apagando da face da Terra nações inteiras com o ferro e o fogo, exterminando com seu furor não somente os soldados inimigos como seus anciãos, crianças e mulheres. Dirigido por seus juízes, acaudilhado por seus reis e impelido por seus sacerdotes, que pregavam a matança e extermínio como deveres iniludíveis e sagrados,

julgava-se o instrumento das divinas vinganças e o eleito de Deus para subjugar a Terra e possuí-la. Cessou de invadir e exterminar quando se tornou débil e seus inimigos se tornaram poderosos.

Á chegada do Império, o povo judeu não era senão o esqueleto de um gigante e sofria a sorte das nações que entraram no ultimo e crítico período de sua humilhação e decadência. Sua importância social e política era nula; e se ainda subsistia como nação até certo ponto independente, devia-o não à virilidade de sua organização mas sim à liberdade ou ao orgulho dos Césares, que gostavam de ter reis como vassalos e nações como províncias. Apenas compaixões inspiram os descendentes de Jacob: seu poderio ficou reduzido a uma vergonhosa impotência. Nem suas leis nem suas crenças irradiam fora dos estreitos limites da Judéia. Povo saído do nada, volta rapidamente ao nada, depois de esgotada sua fecunda atividade e cumprida sua providencial missão.

Não. Não é tampouco a civilização hebraica a que pode tomar a causa das correntes humanas, que vertiginosamente se precipitam nos abismos da indiferença, do ódio, da hipocrisia e da iniqüidade. O povo judeu é, como o povo romano, um povo degenerado, flutuante. Aparentemente rígido observador de suas tradições religiosas, mas na realidade carecido de fé e apegado à sensualidade e ao egoísmo. Belicoso nos tempos de pujança, já que não pode disputar aos romanos suas conquistas, esgota suas próprias forças em estéreis querelas de caráter religioso acerca do sentido das Escrituras, promovendo cismas e seitas que aumentam pouco a pouco sua debilidade interior. Trabalhado pelo farisaísmo, cujos numerosos prosélitos faziam consistir,

como os modernos ultramontanos, toda a perfeição espiritual em vãs exterioridades ao mesmo tempo em que continua julgando-se o eleito entre os povos, utiliza a religião para cobrir suas abominações. Como há de poder este povo servir de partida à regeneração do mundo, exausto como se acha de todo germe de virilidade e de virtude?

Não esperemos tampouco que venha de outras civilizações e dos mais longínquos confins o primeiro impulso regenerador, A África, em sua vasta extensão não sujeita à espada do Império, se agita dentro da obscuridade e da barbárie; se esparsos clarões de civilização brilham na Ásia, perdem-se sob a espessa bruma que erguem o fatalismo e a ignorância. A América dormirá ainda um sonho de quinze séculos até que nasça o gênio chamado a arrancá-la dos segredos do oceano. Estará, pois, a humanidade condenada à ruína, por sua corrupção?

Os povos desaparecem, as sociedades se fundem, as civilizações têm sua ascensão e seu ocaso; porém a humanidade subsiste perpetuamente, entregue à lei das transformações, que constituem o crisol de sua depuração e de seus necessários desenvolvimentos. Das ruínas de um povo, dos resíduos de uma sociedade, das cinzas de uma civilização, surge uma nova civilização, uma nova sociedade ou um outro povo, com toda a virtualidade necessária para o cumprimento dos mais atraentes fins. O gênero humano, no primeiro período de sua existência terrena, teve que levar, como a larva, uma vida de instinto grosseiro e material, para converter-se, chefiando ao segundo período, em simples crisálida, afogado por suas paixões e limitado no cárcere de sua ignorância e na miserável servidão de seus vícios. Porém a obscura crisálida se converterá por sua vez em lépida

borboleta e, libertada de seu asfixiante casulo, elevará seu vôo a regiões da liberdade e de luz, ganhando em formosura e felicidade em cada uma de suas fases.

A humanidade, no momento histórico do nascimento do Império, havia chegado ao último período da segunda de suas essenciais metamorfoses. Aprisionada no grosseiro casulo de suas leviandades, ilhas de sua ignorância e orgulho, tem necessidade de ar e luz; ar para a renovação de suas forças e luz para que possa conhecer seus funestos extravios. Ainda não terão sabido os homens aprender que pelo caminho das invasões chegam à escravidão; espreitam-se traidoramente com o objetivo de se usurparem uns aos outros os direitos mais sagrados. Ainda não compreenderam que a comunidade de origem os faz a todos iguais por natureza; lutam para se destruírem, raça contra raça, seita contra seita, povo contra povo, como se o destino do homem sobre a Terra fosse devorar ou ser devorado e a humanidade uma horrível confusão de vítimas e de verdugos. Ainda não pressentiram as branduras do amor, nem adivinharam que todos, sem exceção de um só, são irmãos; o egoísmo e o prazer constituem a balança das ações individuais e dos movimentos coletivos. Para adivinhar os puros gozos da fraternidade universal; para conhecer a grande justiça da igualdade dos direitos, e para aprender que a liberdade é a saúde do corpo e a vida do espírito, falta um raio ele sol que com a pureza de seu brilho e a suavidade de seu calor desperte os entendimentos e fecunde os corações. Rompa as trevas o sol benéfico da verdade e do sentimento para que a obscura ninfa despregue suas asas, ditosamente transformada em alegre e ativa borboleta.

Adoradores de divindades obscenas e brutais, derramai no fogo sagrado de vossos altares os últimos grãos do nauseabundo incenso: discípulos de Epicuro, apurai em lúbricas orgias as borras da moral do prazer: fariseus hipócritas, esmerai bem o manto de vossas exterioridades para seduzir o povo c explorá-lo um dia mais nas suas crenças religiosas: escribas, doutores, levitas, acrescentai a derradeira interpretação ao sentido da Escritura, para que se levante uma seita a mais, um novo motivo de discórdia e divisão no seio da sociedade judaica: apressai-vos todos a corromper e a perturbar, porque vai soar a hora em que a humanidade sacudirá o jugo de vossas falsas práticas e de ensinamentos corruptos. É mister que a linhagem humana se salve, e se salvará, porque o necessário irrevogavelmente sucede, A humanidade é filha de Deus e Deus não permitirá, em seu onipotente amor, a perdição de sua filha. Descerá do céu a verdade que abrirá a porta do entendimento humano e a brandura do amor suavizará a dureza do sentimento.

Querendo Augusto conhecer o número de homens submetidos a sua autoridade no Império e nas províncias tributarias, mandara fazer um recenseamento geral. Em cumprimento ao edito imperial, um homem e uma mulher, com características de modesta condição, caminhavam em direção da cidade de Belém a fim de serem recenseados; mas antes de chegarem ao término de sua viagem sobrevieram à mulher as dores do parto e numa humilde choça, sem nenhum auxílio senão o de seu esposo e sem outro amparo que o de Deus, deu à luz a um belo menino. Uma estrela, precursora da regeneração da linhagem humana, brilhou naquele instante pelos lados do Oriente.

Acabava de nascer o predestinado dos tempos, o redentor dos homens, Jesus Cristo.

2

Trinta anos permaneceu Jesus oculto antes de dar inicio à santa pregação de uma doutrina nova, que haveria de derrubar os altares dos antigos deuses para substituí-los por outro altar, não feito de mármores e de madeiras raras, mas sim de sentimento puro e espiritual. Filho de pais humildes, de pobres artesãos, que necessitavam do fruto de seu trabalho manual para uma subsistência honrada, com eles compartia as fadigas de um ofício obscuro, enquanto o vastíssimo plano de modificar radicalmente a face do mundo e salvar a humanidade da dissolução e da ignorância, que pesam sobre ela como uma espessa lousa, ia amadurecendo. Naqueles esquecidos rincões de Nazaré germinava a semente da regeneração humana, e de lá havia de brilhar a faísca destinada a produzir um incêndio purificador universal sobre todos os povos da Terra.

A luz das sagradas lâmpadas que ardiam junto aos altares das divindades helênicas, que eram as divindades do colossal. império dos Césares romanos, começava a vacilar e a empalidecer ante o brilho cada vez mais intenso de outra luz mais poderosa, a do entendimento, a ela razão humana que se emancipava pouco a pouco das espessas brumas do fatalismo e do terror.

Enquanto os ídolos se comoviam em seus gastos assentos ao choque da Filosofia invasora, e o farisaísmo judaico pugnava inutilmente para sustentar-se e prevalecer sobre as

ruínas da tradição mosaica, todas as crenças soçobravam no turbulento mar das paixões ilimitadas, do utilitarismo, da dissolução e dos vícios da época. Derretia-se a civilização antiga; desmoronava-se a velha sociedade sem estrépito e sem glória, como um edifício em ruínas que vai caindo lentamente, roído pela ação demolidora dos séculos.

Vazias as consciências, exaustos os corações de virtudes e de fé, a religião não era outra coisa senão um conjunto aparatoso de formas artificiais com o que procurava dissimular a carência quase absoluta de moral. Cinco séculos antes, já haviam notado este vazio e entrevisto os meios de preenchê-lo para o bem da humanidade o ilustre Sócrates, filósofo grego que exerceu notável influência em todos os filósofos e escolas filosóficas moralistas posteriores. Ele e seu discípulo Platão, conhecedores profundas dos males de seu tempo, vendo que a religião era algo mais do que o tributo de adoração da criatura ao Criador: era máscara hipócrita com a qual se pretendia encobrir a corrupção e o sensualismo. Quiseram eles pois, espiritualizar as crenças, fazendo da alma humana o princípio e o objeto de toda a Filosofia e da Divindade o fim de toda a aspiração humana. Mas o terreno não estava preparado para receber a semente salvadora. Ainda havia a humanidade de chafurdar-se por longo tempo no seio de suas leviandades e na imundícia de seus grosseiros deleites, para que se fizesse mais sensível à necessidade da regeneração e os povos abrissem seus ouvidos à verdade e seus olhos à luz. Sócrates foi obrigado a beber cicuta em desagravo às absurdas crenças dominantes e Platão esperou em vão a aurora do novo dia.

Ao chegar Jesus Cristo, o amado não estava em condições de oferecer frutos da verdade, mas sim de receber

a semente. Por esta razão todas as crenças vacilaram e a confusão religiosa agitava os ânimos inquietos, que haviam de volver-se facilmente na direção de onde quer que venha um raio de sol que iluminasse os desertos da consciência.

Tropeçaria a nova idéia com obstáculos aparentemente insuperáveis; suscitaria tempestades de perseguição e de ira; teria que constantemente travar batalhas contra as tradições, contra os costumes, contra os interesses seculares criados à sombra de antigos princípios; porém, conto sobre aqueles interesses, costumes e tradições esta a necessidade de conservação, e todas as sociedades a sentem, e ainda por ela, providencial ou instintivamente, sacrificam qualquer outra necessidade, chegaria no ultimo dia o momento em que a nova idéia triunfante de todos os seus inimigos, se apoderasse dos entendimentos mais refratárias a inovações e ao progresso.

Não se ocultava à claríssima inteligência de Jesus, que veio a Terra em cumprimento das profecias para redimir com sua doutrina a humanidade desgarrada, o estado moral das sociedades de seu tempo. Desde seu obscuro retiro de Nazaré seguia o movimento do mundo e cheio de amor por seus irmãos chorava em silêncio as veleidades dos homens; no entanto, não quis aventurar por precipitação ou leviandade o resultado da grande obra cuja primeira e fundamental pedra havia de colocar com seus divinos ensinamentos. Nada menos de trinta anos levou para meditar e preparar-se para a luta, como se tivesse querido manifestar que todas as forças que ao espírito e ao corpo presta a idade viril haviam de lhe ser necessárias.

Soou por fim a hora marcada nos supremos conselhos para a reabilitação dos homens. Sai Jesus de Nazaré, isto é,

da obscuridade, do silêncio, da meditação, do sossego e dos afetos do lar, para entregar-se inteiramente ao ministério da palavra, ao ensino público da doutrina redentora, ao desenvolvimento prático do plano divino que há de transformar o mundo, à agitação e aos perigos que traz consigo a luta franca da verdade contra o terror, ao sacrifício de si próprio em altares de amor pelos demais e pela salvação de todos. Cruzará o cenário da vida pública como um meteoro fugaz, despercebida pela quase totalidade dos homens de seu tempo: algumas pessoas do povo, poucos em número, adivinhando sua missão, o crerão Profeta e o chamarão Messias; os sábios do século e os céticos o confundirão com os doidos e visionários, dignando-se lhe conceder apenas um olhar de compaixão depreciativa; os sacerdotes o tomarão como instrumento de Belzebu e todos aqueles condenados pela severidade de suas doutrinas o chamarão de impostor, mago, corruptor dos costumes e das antigas crenças e agente sedioso dos inimigos de César. Não logrará agrupar em redor de si, para a divulgação da boa nova, senão uma dezena de criaturas do povo, pobres e humildes como ele, sem nome, sem instrução, sem influência; e ainda, dos doze, o maior e mais dedicado o negará três vezes, outro o venderá aos sacerdotes, seus mortais inimigos, e todos se dispersarão ao sopro da perseguição, deixando-o abandonado no dia da tormenta. Mas não importa. Nada disso escapara à previsão de Jesus: ele sabe quão ineficazes hão de ser por ora sua abnegação e sacrifícios; que nem mesmo os seus o conhecerão e o receberão; que seus ensinamentos provocarão as iras da hipocrisia e do orgulho; que o vaidosa povo o saudará hoje como salvador, para levar-lhe amanhã a ignomínia da cruz;

tampouco ignora que existe a época da sementeira e a época da colheita, e para tornar fecunda a semente da nova fé teria que regá-la com seu próprio sangue

Eis porque, desde sua saída de Nazaré, nem uma só vez seus lábios deixam transparecer o mais leve sorriso. Seu semblante e suas palavras revelam continuamente a tristeza que existia em seu coração. A nuvem de seu rosto se dissipa apenas quando seu espírito venturosamente arrebatado se desprende da terra para ir ao encontro do céu, de onde, dominando os tempos e vislumbrando o futuro, conta às gerações e os séculos, e vê a árvore da vida fazendo grata c salvadora sombra sobre todos os povos, confundidos em um só pela adoração e pelo amor. Nestas horas de inefável e divino êxtase, em que o sentimento o toma por completo, sua alma salta rapidamente as distâncias que o separam daquela feliz idade, término remoto de seus presentes desejos, em que nem no monte nem em Jerusalém se adore ao Pai, senão com a adoração verdadeira do espírito, e reinem entre os homens a fraternidade e a virtude. Que significam para Jesus naqueles momentos as amarguras de sua vida?

Gloriosas recordações de uma abnegação heróica, harmônicos ecos de uma existência toda consagrada ao amor, e doces memórias de um passado de redenção e de sacrifício, plácidos aromas de uma flor em cujo cálice bebeu a humanidade o delicioso néctar da vida. Porém, se durante estes parêntesis de arrebatamento e de profecia se vislumbra em seu rosto e brilham em seu olhar a felicidade e o triunfo, novamente as lágrimas empanam o brilho de seus olhos e a tristeza turva a sua face divina, quando de novo volta a desconsoladora realidade que o rodeia, prevê as dificuldades com que sua doutrina terá de lutar e os muitos séculos e

gerações que haverão ele se suceder antes que chegue a época da ceifa e a humanidade se aposse, por seus méritos, da venturosa Terra Prometida.

De sorte que a reformadora missão a que consagrou Jesus todas as forças vivas de seu espírito nos três anos de ensino público do Evangelho, que foram os últimos de sua vida, termina com um ato de incomparável abnegação, consumado no segredo de sua vontade, no santuário de sua alma, na arca selada de suas celestiais concepções e na puríssima fonte de seus sentimentos de amor.

Porque, saber que toda a energia de suas palavras e ele seus desejos haveria de ir de encontro ao ridículo, à hipocrisia, ao ceticismo e à ignorância; saber que haveria de ser a mofa e o alvo das iras daqueles mesmos a quem se propunha regenerar e salvar; e, não obstante, vencer tudo, ridículo, mofas, perseguição e martírio, para que em tempos ainda remotos frutificasse a semente evangélica e pudesse a humanidade sair do Egito de sua cegueira e de suas misérias. Isto é abnegação e tão grande, que só é possível conceber-se em quem, como Jesus, se esquecesse por completo de si mesmo para apenas lembrar-se da felicidade dos demais. A abnegação é o primeiro princípio da semente cristã: nos parágrafos sucessivos a veremos alimentar-se do amor e deitar profundas raízes pela: virtude do sacrifício, três palavras que, como os três atributos, se completam e reciprocamente se explicam, constituindo jantas e separadamente a seiva do cristianismo primitivo, a única que possui a virtude necessária para que a árvore erga majestosamente sua copa sobre o firmamento e cubra Sob sua esplendida ramagem todos os povos da Terra.

3

Em cumprimento das profecias, e para preparar a abolição de uma prática repugnante da lei e predispor os ânimos á aceitação da moral evangélica, apareceu, antes de Jesus, João, filho de Zacarias, batizando com a água e pregando o arrependimento ao povo. Havia, assim, de deixar sem efeito a antiga lei em todos aqueles preceitos filhos da grosseria e da ignorância dos tempos, e João mostrava com este propósito ns caminhos, apagando suavemente com a água do Jordão a mancha da circuncisão, que era, por assim dizer, a igreja de Moisés. O mesmo Jesus, deixando-se batizar, autorizou a nova cerimônia e desde aquele instante a imoral circuncisão ficou abolida e reconhecido o batismo como o selo próprio da Igreja que vinha estabelecer-se sobre o alicerce dos ensinamentos de Cristo.

Porém o batismo da água do Precursor não era senão uma figura do batismo de redenção, resumo do Evangelho.

"Eu em verdade batizo com a água, dizia João; mas outro virá que o fará no Espírito Santo e com fogo", isto é, em virtude e em amor. (1) João, com o batismo do corpo por meio da água, abolia uma prática vergonhosa; e Jesus, com o batismo espiritual, vinha substituir as exterioridades do culto mosaico com o verdadeiro culto do coração, com a adoração íntima do espírito, despida totalmente da vaidade e da hipocrisia. Já era tempo: todos os custos da Terra tinham a tendência de mistificar a consciência e a moral, a fim de perpetuar a ignorância, embrutecer a humanidade, matar o escasso sentimento religioso que germinava lentamente nos

corações dos povos. Urgia abolir as cerimônias e realçar a religião; destruir o fanatismo e dar uma base firme às crenças; apagar os gestos exteriores que materializavam a adoração, e ensinar às gentes que não é a ostentação cheia de aparatos a homenagem grata ao Criador, mas sim o exercido constante da virtude e da prática do bem. Eis porque não veremos Jesus pregando o culto mosaico, nem estabelecendo outro novo: cuidava pouco das fórmulas externas, e se às vezes delas lançava mão era para fazer ressaltar a sua insuficiência e a necessidade da religião verdadeiramente espiritual. Ouçamo-lo no admirável Sermão da Montanha, que foi como a semeadura de todas as suas posteriores prédicas, e teremos confirmado esta verdade.

(1) Mateus III, 2.

É espírito em seu todo, assim como sentimento e coração: nada de sacrifícios, nada de oferendas, nada de demonstrações externas. Jesus não exige para alcançar a perfeição cristã, outro sacrifício senão aquele do orgulho e das más paixões, outra demonstração visível que a da justiça das obras. Como é visível à irradiação de cada uma de suas palavras da inspiração divina? Quão bela, quão doce, quão espiritual é a religião que brota de seus lábios! Ao ler o sermão das Bem-Aventuranças, parece-nos ver Jesus sobre o monte, estendendo seus braços, querendo abraçar toda a humanidade regenerada. Desde então domina com seu olhar profético o presente e o futuro dos povos: mede os tempos; lê a história das gerações; ouve o forte ruído dos combates, obra da ambição, do fanatismo e do ódio; penetra nos palácios dos poderosos; vê as suntuosas basílicas, nas quais o povo juntou seus tesouros, o gênio seus desejos e a arte suas belezas e suas formas; vislumbra a grande família

humana dividida em raças, em igrejas, em sociedades inimigas umas das outras; e descendo por último aos indivíduos, observa seus caminhos, descobre suas misérias e suas virtudes, e exclama:

Bem-aventurados os pobres de espírito: os que não põem seus sentidos nas riquezas da terra; os que são pobres com resignação, ou ricos com humildade; os que se consideram como administradores, em benefício de seus irmãos, dos bens que em suas mãos colocou a Providência; os que se julgam com severidade e se confessam pobres de virtudes na presença de Deus: porque deles é o reino dos céus.

Sem-aventurados os mansos: os que não dão guarida em seu ânimo às sugestões da ira; os que sofrem com paciência os golpes da injustiça; os que tratam com doçura e amor mesmo os seus próprios inimigos: porque eles possuirão a Terra.

Bem-aventurados os que choram: os que derramam lagrimas por suas próprias faltas e pelos desvios alheios, e imploram contritos e humilhados o perdão: porque eles serão consolados.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça: aqueles que buscam com ardor a justificação de seu espírito na reforma de seus costumes, e suspiram por ver desterrados da Terra o dolo e a iniqüidade: porque eles serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos: aqueles que esquecem as ofensas recebidas, perdoando cordialmente seus irmãos: aqueles que compartilham a dor e o infortúnio alheios, sentindo-os como próprias e procurando aliviá-los na medida de :suas forças: porque eles alcançarão de Deus a misericórdia que tiveram dos homens.

Bem-aventurados os limpos de coração: aqueles que abrigam em sua alma a sensibilidade e pureza de sentimento da inocente criança, não dando jamais guarida à falsidade, ao orgulho ou ao egoísmo: porque eles verão a Deus.

Bem-aventurados os pacíficos: os que procuram, mesmo com os maiores sacrifícios, conservar a paz interior de sua consciência pelo escrupuloso cumprimento do dever e a harmonia entre seus irmãos por meio do bom conselho: porque estes serão chamados.

Bem-aventurados os que padecem por causa da justiça: àqueles que são injustamente vexados, caluniados e oprimidos e sofrem com paciência os insultos e perseguições de que são vítimas pela causa da justiça de suas obras; porque deles será o reino dos céus. (1)

(1) Mateus, v.

Assim começa Jesus falando ao povo no incomparável Sermão da Montanha, com aquela eloqüência popular, ingênua, cheia de naturalidade e de graça, que constitui o caráter de suas prédicas. Suas palavras constituem o novo ensinamento religioso, em cuja sombra podem abrigar-se todos os homens, tidas as nações, tidas as igrejas da Terra, que buscam sinceramente Deus pelo caminho do sentimento da virtude e do dever. São a seiva regeneradora do mundo; a nova idéia que há de transformar as sociedades; a forma do princípio e do sentimento do amor e da justiça, que há de suavizar as asperezas e manchas da consciência; a singela linguagem da religião do espírito, que há de substituir os cultos cheios de hipocrisia e soberbia; o belíssimo ideal da perfeição, ao qual devem dirigir-se, para chegar à felicidade, as aspirações dos homens. Para Jesus, toda a religião se fundamenta na doçura do sentimento, na gosto do bem, nas

harmonias da consciência, na prática da justiça e do amor. Seu código religioso é a bondade da alma e a moral em exercício. Não é a adoração exterior o vínculo místico, a homenagem, a força misteriosa que nos eleva até as altura divinas, mas sim o culto íntimo da alma sancionado pela virtude das obras. Jesus promete bem-aventurança, não ao circunciso, não obstante se haver ele submetido à circuncisão mosaica, nem ao batizado na água, não obstante ter ele recebido também o batismo no Jordão, nem ao que jejua, nem ao que se abstém de comer certos pratos em determinados dias, nem ao que doa valiosos bens à igreja em sufrágio de sua alma: a quem Jesus chama de bem-aventurados são os mansos, os que choram, os pacíficos, os misericordiosos, os puros de coração; em ultima palavra, os que sentem os estímulos do bem e constantemente: o praticara respeita todas as formas, tidas as cerimônias racionais, porém não prescreve nenhuma como essencial para a perfeição e merecimento do espírito. Nesta parte foi Jesus tão explícito, que não deixou à ignorância lugar para a duvida, nem à malícia espaço para interpretações arbitrárias ou interessadas. È certo que à malícia nunca falta espaço para torcer o sentido dos conceitos que aos seus propósitos se opõem; porém isto não quer dizer que basta ler o -Evangelho para confundir aqueles que, talvez com objetivos mundanos, pretendem mistificar o cristianismo, fazendo do mesmo uma religião plena de cerimônias. O Sermão da Montanha será em todos os tempos um testemunho que inutilmente tentarão desvirtuar ou fazer servir aos seus propósitos.

Quereis formas, quereis exterioridades, quereis oferendas? Muito a propósito: o Evangelho não as condena,

e podeis fazê-las sem contrariar os ensinamentos de Cristo; mas apresentadas apenas como figuras do culto verdadeiramente espiritual e como incentivo da adoração interior, e não como condições essenciais para a salvação das almas; porque neste caso estarão em flagrante contradição com os ensinamentos do Enviado. Porventura pronuncia o Mestre uma só palavra de recompensa para os que tenham efetuado as práticas exteriores do culto? Lembra-se sequer deles ao chamar os justos à sua direita, isto é, à felicidade imortal? "Porque destes de comer ao faminto, e de beber ao sedento, e ao peregrino hospedastes, e vestistes o desnudo, e visitantes o enfermo e o encarcerado vinde, abençoados de meu Pai", disse Jesus. (1) É importante não esquecer, muito ao contrário deve-se ter muito em conta este especial caráter de que parece revestido o cristianismo em suas origens e que o distingue de todas as demais religiões conhecidas, pelo majestoso selo de universalidade que lhe imprime.

(1) Mateus, XXV.

Jesus Cristo levanta uma bandeira em cuja sombra podem agrupar-se todos os homens, mesmo aqueles a quem não chegou a radiante luz do Evangelho. A seiva da doutrina redentora está destinada a dar vida a todos os ramos da árvore da humanidade. O Filho do homem não chama bem-aventurado nem coloca à sua direita ao que se intitula católico, judeu, cristão ou ateu, mas sim àquele em cujo coração germinou a semente da virtude e em cujas obras resplandecem a justiça e o amor. E não poderia ser de outra maneira. Não seria senão uma monstruosa blasfêmia supor que Deus absolve ou condena por motivos puramente acidentais, independentes por tudo da liberdade individual? É por acaso livre e voluntário o ato de nascer neste ou em

outro país, nesta ou em outra igreja? E se não o é, em que fundamento de justiça se apoiaria o prêmio ou o castigo do judeu ou do maometano por exemplo, simplesmente pelo fato de ser maometano ou judeu? Indubitavelmente em nenhum; e por esta razão, ninguém é interrogado no tribunal da justiça infalível por sua filiação religiosa, mas sim pela filiação de suas obras e sentimentos.

Alguns exclusivistas interessados pretendem que isto é igualar todas as religiões e rebaixar o cristianismo ao nível das demais.

Quão parca é a idéia que fazem do cristianismo! Melhor, como exploram a ignorância de uns, a boa fé dos outros e a aquiescência cega ou maliciosa de todos! Somos nós, que tomamos e aceitamos o cristianismo tal como Jesus o pregou, os que o rebaixamos ao nível das outras religiões; ou aqueles que, despojando-o da universalidade, que é seu caráter ou cunho peculiar, o diminuem até torná-lo não uma religião, mas sim um culto, não a igreja universal, mas sim um miserável templo de pedra onde apenas cabem umas poucas dezenas de sectários? O catolicismo oficial, o maometanismo e o judaísmo são cultos intuídos pelos homens, e dentro dos mesmo cabem apenas os católicos, os maometanos ou os judeus: o cristianismo é a religião eterna, instituída por Deus desde o principio dos tempos, e nele cabem todos os homens de boa vontade, seja qual for seu nome, sua pátria ou o culto a que por circunstâncias acidentais pertençam. Por isto disse Jesus (1) que virão muitos do Oriente e do Ocidente, e se sentarão com Abraão, Isaac e Jacob no reino dos céus.

(1) Mateus, VIII, 11.

4

O Sermão da Montanha é todo constituído de espírito democrático: é a expressão mais pura da igualdade, derramando-se como bálsamo consolador sobre todos os deserdados, sobre todas os aflitos e oprimidos e a condenação mais categórica de todas as tiranias e todos os privilégios. A palingenesia cristã aparece em sua origem rompendo as cadeias do escravo, e devolvendo ao homem, com sua liberdade, os foros inalienáveis de sua dignidade humana, espezinhados e escarnecidos desde o nascimento das primeiras sociedades, em prejuízo dos fracos e humildes. Os que tinham os olhos cravados na terra ele seus suores, de suas penas e de suas lágrimas, erguem-nos ao céu das promessas de Cristo; e aqueles que os haviam posto no céu de seu orgulho, baixam confusos a cabeça e os cravam na terra de sua leviandade e misérias. Ouviu-se uma voz que modulou as esquecidas harmonias e despertou as consciências, suave para uns como o ameno sopro da brisa, mas terrível para outros como o ameaçador vento da tempestade. Jesus não vai buscar a divina inspiração sob a arcada e majestosa abóbada do templo. Para ali se dirige simplesmente para confundir os doutores e sábios ou para expulsar os mercadores. Mas para levar a palavra de Deus e mostrar às pessoas as sendas da vida, o templo de sua preferência é o universo, a abóbada o firmamento, a cátedra a montanha e o altar o coração do humilde povo, que o ouve absorto e com o coração alegre. Quanta coisa há para ser meditada em tudo isto! Quantas reflexões, quantas inquietudes, quantos comentários, quantos tristes

pressentimentos não surgem na mente e no corarão ao retroceder até o berço do cristianismo para estudá-lo em seus desenvolvimentos posteriores!

Dezenove séculos de luz e trevas, de virtudes e vícios, de verdades e erros, nos separam de Jesus e do monte da Galiléia, onde ele começou a derramar os tesouros de amor, de sabedoria e de fé, que lhe confiara a paternal solicitude de seu Pai e de nosso Pai, de seu Deus e de nosso Deus. Se quisermos voltar ao Evangelho, que é o cristianismo original, necessário será que bebamos as cristalinas pérolas da revelação divina no manancial regenerador dos lábios de Jesus. A quem melhor do que Cristo podemos voltar os olhos para inquirir a sanção das crenças cristãs? Os sagrados ecos de sua prédica deslizam ainda pelas vertentes do monte da Galiléia.

Após mostrar ao povo, nas Bem-aventuranças, o puríssimo ideal da perfeição do espírito, continua instruindo-o nas verdades morais ou religiosas indispensáveis para obter a salvação. Não basta, disse o Mestre, o preceito que se acha na lei antiga: Não matarás? Dias eu vos digo que todo aquele que se afastar com seu irmão, dele abusar, ou injuriá-lo com a palavra, não verá o Reino de Deus, até que haja reparado a falta e tenha devolvido ao irmão o sentimento de amor que deve reinar entre os homens. Portanto, se fores oferecer tua oferenda no altar e ali recordares que alguma inimizade te separa do próximo, deixa a oferenda e corre a reconciliar-te com ele; pois, a melhor das oferendas na presença para o Pai é o abraço fraternal que provém do perdão ou da reparação tias ofensas. Não esperes para reparar ou perdoar as injúrias; pois, se, desgraçadamente para ti, a morte te surpreender nos caminhos do ódio ou da má vontade, teu castigo será terrível

e tão duradouro como teu iníquo sentimento e suas abomináveis conseqüências. Aos antigos lhes foi dito por Moisés: olho por olho e dente por dente: mas eu vos digo que isto não é a perfeição nem o dever. O dever consiste em apagar do entendimento a memória do agravo e a perfeição em amar os nossos inimigos, fazer bem aos que nos aborrecem e rogar por aqueles que nos perseguem e nos caluniam. Dai ao que pede e ao que vos pede emprestado não volteis as costas. Não ponhais os olhos em uma mulher para cobiçai-la, pois todo aquele que a cobiçou torpemente cometeu já em seu coração o adultério e feriu a lei de caridade atentando contra o desejo à pureza, que é o mais precioso, predicado do amor. Até hoje vos foi dito: Não perjurarás ao Senhor teus juramentos: porém vos dito que de nenhum modo deveis jurar, nem pelo céu, nem pela Terra, nem por nada que existe acima ou abaixo; que vosso pronunciamento seja sim, sim, não, não: pois tudo que disso excede, é o princípio da desconfiança ou da má fé. Aquele que quebrar algum destes mandamentos ou ensinar a quebrá-los, será chamado menor no reino dos céus e será chamado grande aquele que os cumprir e ensinar. (1)

(1) Leia-se o cap. V do Evangelista.

Assim se ia realizando o que o Batista havia predito de Jesus: que batizaria as pessoas, não na água, mas sim em espírito e fogo, em virtudes e em amor. Suas palavras são o sol dos entendimentos e o Jordão das almas: iluminam a inteligência e fecundam o coração sobre a justiça estéril e egoísta dos antigos, baseada no olho por olho e dente por dente de Moisés, ergue-se à justiça expansiva e generosa da caridade baseada no perdão das ofensas; e sobre as ritos, as exterioridades e as cerimônias dos hebreus, a religião do

sentimento e das obras, a humanidade, a ingenuidade, a pureza e o amor. Todas as suas máximas as endereçava Jesus Cristo a fazer da humanidade uma única família, sem exceção de povos, de raças nem cultos, exigindo como únicos títulos necessários para a ela pertencer à bondade das ações. Por isso o cristianismo se eleva muito acima de todos os cultos conhecidos porque é o único culto verdadeiramente do espírito: por isto é chamado de universal porque ampara e cobre todos os homens, todos os homens de boa vontade; por esta razão rechaçarão ou mistificarão a palavra de Cristo os sacerdotes de todos os tempos, pois designava um lugar muito secundário às oferendas e fazia depender o sacerdócio da palavra e do exemplo.

Os sacerdotes não perdoarão a Jesus o Sermão da Montanha, que lhes arrebatava o monopólio da adoração, desde o instante que a adoração deixava de ser uma cerimônia aparatosa, em que necessariamente deviam intervir e a retirava para o solitário altar da consciência.

Não o perdoarão por haver revelado ao ignorante povo que a adoração mais agradável a Deus não é aquela que se faz à vista das aglomerações, na praça ou no templo, como o faziam os fariseus e os hipócritas (1), mas sim a que se eleva, secretamente no aposento mais retirado do lar, sóbria de palavras e ricas de sentimento. Nem o perdoarão tampouco haver ensinado que cada pessoa pode alcançar por si própria, sem mediação alheia, as graças espirituais, e que não basta intitular-se profeta ou ministro da palavra para sê-lo em realidade. (2) Como haviam de perdoar-lhe este divino atrevimento, eles, tão zelosos guardiões das práticas externas, tão exigentes no cumprimento dos ritos e cerimônias do culto, tão credenciados em sua oficiosa

mediação entre a criatura e o Criador, tão enamorados de sua intervenção nos negócios espirituais, origem de sua poderosa influência nos negócios do mundo!

(1) Leia-se o cap. VI, do citado Evangelista.

(2) Leia-se o cap. VII, vv. 7 a 11 e 21 a 23.

Sublevarão as turbas e pedirão com elas a morte do inocente.

Jesus Cristo despojou o sacerdócio do caráter oficial de que era revestido desde os tempos de Moisés e, estendendo-o a todas as classes sociais, como missão individual, compatível com o exercício de qualquer outro ministério ou profissão, arrebatou-o ao monopólio de uma classe privilegiada. O verdadeiro, o legítimo sacerdote será aquele que difundir a luz do Evangelho com sua palavra, e a prática de suas virtudes com seu exemplo digno de imitação e aplauso, sejam quais forem seu estado e condições sociais. De onde toma o Mestre seus discípulos, seus apóstolos, seus sacerdotes?

Do templo, porventura, onde exerce completa jurisdição o sacerdócio oficial? Da tribo de Levi? Da legislatura? Não, por certo: prescinde da lei: esquece a tribo a que Moisés dedicava o serviço do altar; deixa no templo os sacerdotes oficiais, que, segundo S. Jerônimo, faziam no mesmo um tráfico vergonhoso e elege seus apóstolos dentre o povo, entre as classes mais humildes, entre os pais de família, entre os profanos à ciência teológica, que tanta confusão havia introduzido nas consciências e tanta divisão nos ânimos. Unicamente a pregação e a bondade das obras imprimirão já o caráter sacerdotal.

Virão dias tristes, de confusão e opróbrio, em que o orgulho e os interesses mundanos, envernizados de cristianismo e prevalecendo-se da ignorância comum, se

introduzirão no ensino das máximas sãs de Cristo para adulterá-las e explorá-las. Já o profetizara o Messias no mesmo Sermão da Montanha, ao recomendar ao povo que se resguardasse dos falsos profetas, mansas ovelhas em aparência, mas na realidade lobos devoradores. (1)

(I) Mateus, VII, 15.

Estes falsos profetas são aqueles a quem Jesus mais adiante chama (2) de alvos sepulcros, formosos e limpos por fora, mas cheios de corrupção e podridão por dentro. Virão os tempos, e se levantará sobre os fundamentos do cristianismo primitivo o ultramontanismo, que usurpará para si mesmo o título de cristão, se grande pelo número de seus adeptos, pequeno pelos seus objetivos e orgulhoso egoísmo: porém a solidez do alicerce não salvará da ruína a obra falsamente edificada. A base subsistirá eternamente, mas o resto do edifício tombará ao solo com ruidoso estrépito. Porque cairão às chuvas, crescerão os rios, soprarão os vento que indo de encontro às frágeis obras dos homens, as arrastarão em sua corrente, e serão apagadas da memória dos séculos.

(2) Mateus, XXIII, 27.

5

Insistiremos ainda no estudo da instituição do sacerdócio cristão, pela eficaz influência que o sacerdote estava chamado a exercer na direção do movimento reformador ditosamente iniciado por Jesus. Para que a seiva do cristianismo, a moral do Evangelho, pudesse circular pelo tronco e chegar até às mais afastadas ramas da árvore da

humanidade, tornava-se necessária uma força impulsora constante, um apostolado que fiel guardião da palavra e do testamento do mestre, chamasse os homens à luz em toda a sucessão dos tempos, até chegar ao reinado do espírito, ao triunfo completo sobre as paixões que dividem uns dos outros os membros da grande família humana, ao estabelecer a Igreja universal sobre os escombros de todas as pequenas igrejas estabelecidas na ignorância e no orgulho. Esta empresa era de tal magnitude, que haviam de se suceder milhares de gerações antes que vencesse todas as dificuldades que se acumulariam aos seus passos. Dezenove séculos são transcorridos desde que veio a terra a Boa Nova, e no entanto, em que estado se acha a redenção da humanidade terrestre? Não saiu ainda, poderemos dizer, do primeiro dia de sua gênesis. É preciso que os cristãos se emancipem de velhas preocupações e se elevem sobre a atmosfera do presente, que nos estreite e nos abriga, volvam vez por outra os olhos à contemplação do passado, ao cristianismo original, que há de ser a sanção do nosso cristianismo; da mesma maneira como o avisado navegante que singra em direção ao austro dirige seus olhos várias vezes ao sententrião a fim de não se desviar do meridiano que haverá de conduzi-lo ao término de sua viagem. Que seja o Evangelho a estrela polar do céu de nossas almas, a bússola de nossa fé nos tempestuosos mares da vida. Por que motivo o fogo sagrado das crenças cristãs está a ponto de extinguir-se? Por que em todos os corações se erigem altares ao sórdido positivismo sobre as cinzas do sentimento religioso? Ai! Invocamos Jesus, e não conhecemos seu Evangelho; nos denominamos cristãos e raros são entre nós aqueles que se dão ao trabalho de estudar os ensinamentos de

Cristo. Por esta razão achamo-nos sem forças para resistir aos assaltos da impiedade. Esquecendo-nos de que o trânsito do homem pela Terra é um combate, menosprezamos aqueles meios de defesa sem os quais é inevitável a derrota. A fé cega que recebemos da tradição, sucedem as vacilações da dúvida, à dúvida segue a indiferença, á indiferença o sensualismo e ao sensualismo a negação, e tudo por não termos edificado nossa primeira fé sobre o racional e sólido fundamento da comparação e do estudo. Já vimos que o Mestre não toma seus discípulos, seus apóstolos, seus sacerdotes, sejam do templo ou da lei, nem da tribo consagrada desde Moisés ao serviço do altar: pouca confiança lhe podia merecer para o magistério das máximas evangélicas, que eram máximas de liberdade, aquele sacerdócio oficial que fanatizava o povo para lançá-lo como uma fera sedenta de sangue contra o primeiro que ousasse levantar a voz contra a opressão teocrática estabelecida ao amparo do antigo Tabernáculo o fundador da nova igreja, da grande igreja que há de ter por templo o universo, não se satisfaz com o sacerdote moldado no padrão da tradição e da letra, egoísta, intransigente, amante das exterioridades do culto e dado ao ócio e ao regalo: o sacerdote de sua predileção é o laborioso filho do povo, o homem virtuoso e simples que sabe fazer o sacrifício de seu conforto em altares da redenção de todos, o varão justo, bondoso, tolerante, inimigo da suntuosidade e da hierarquia, que edifica com a unção da palavra e da santidade do exemplo. A estes chama para formar seu apostolado; a estes convoca para enviá-los, a fim de que não ignorem as condições e os deveres que o cumprimento da missão sacerdotal leva consigo, lhes fala e os instrui nestes termos: "Ide e pregai, dizendo: Que é

chegado o reino dos céus: que a salvação veio do Alto e que a verdade brilha esplendorosa para todos os entendimentos. Curai os enfermos: fortificai com a reveladora seiva do Evangelho esses espíritos que desfalecem e adoecem por causa dos vícios e erros religiosos que se agitam e asfixiam suas crenças vacilantes. Ressuscitai os mortos: devolverei á vida da fé essas almas que pereceram por falta de alimento e que renegaram seu Pai e seu Deus porque viram impor-se a iniqüidade e a fraude onde deviam tomar assento à justiça e a verdade. Limpai os leprosos: purificai, circuncidai com circuncisão da alma as consciências minadas pela sensualidade e egoísmo, e afugentai demônios, os ídolos da paixão e do desenfreio, em cuja honra erigiu altares à concupiscência humana e cujo culto podereis arrancar dos corações, inoculando nos mesmos o puríssimo e vivificante espírito da caridade, da esperança e da fé. O que de graça recebestes, de graça dareis: a vós que foram dadas a grau e a revelação, não para que monopolizeis em utilidade própria estes dons, mas sim para que os façais frutificar em benefício da humanidade, filha de Deus, como administradores que sois de bens que não tendes ganho, e dos quais deveis fazer com que todos os vossos irmãos deles participem. (1)

(1) Mateus X, 7 e 8.

"Não possuireis ouro, nem prata, nem dinheiro, nem levareis alforje, nem bastão, nem tereis duas túnicas; porque aquele que tem seus sentidos postos nas riquezas, nas comodidades e no fausto, dá evidente mostra de que não é a salvação do próximo o móvel de seus desejos. O sacerdócio é vocação e não promoção, abnegação e não sensualidade, simplicidade e não ostentação, sacrifício e não preponderância. O sacerdócio termina justamente onde

começam a preponderância, a ostentação, a sensualidade e o comércio. Aquele que ama o ouro ou a prata, não é sacerdote; aquele que vende em troca de bens temporais os da alma, não é sacerdote; aquele que não sabe fazer sacrifício de suas comodidades terrenas sempre que se ofereçam a seus olhos a desnudez e a fome, ou insulta com sua abundância a miséria dos filhos do povo a quem recomenda o desprezo das coisas da vida, não é sacerdote modelado no Evangelho e nutrido com a seiva dos ensinamentos de Cristo.

Digno é o trabalhador de seu alimento, e também o ministro da palavra; porem este ministério é delegado pela Providência e o mesmo é profanado quando aquele que pretende exercê-lo confia mais na eficácia dos bens terrenos do que na fraternal solicitude da Providência. (1)

(1) Mateus, X, 9 e 10.

"Não sete vezes mas sim até setenta vezes sete perdoareis a vossos irmãos. Se eles forem devedores, também o sois vós, pois sois homens como os demais. Tendes o dever de perdoar e não o direito de julgar e condenar. Sobre vós e todos os homens, um está estabelecido como juiz a justiça, nas mãos de Deus, não vossas, pecadoras e falíveis. Por isto o reino dos céus é comparado a um rei, que quis ajustar contas com seus servos, o qual, havendo perdoado a um de seus devedores dez mil talentos, o entregou depois ao cárcere e á tortura por não se haver compadecido de outro que lhe devia cem dinheiros. O mesmo fará também convosco o Pai celestial, se não perdoardes de vossos corações. O que pronunciar palavras de maldição, de ira ou de vingança não e sacerdote; é o merecedor do tormento até que pague o último ceitil. (2)

(2) Mateus, XVIII, 21 e seguintes.

Sabeis que os príncipes dos povos avassalam seus súditos e que os grandes oprimem os fracos e os humildes? Não será assim entre vós. Entre vós, aquele que quiser ser o maior será vosso criado, e o que pretender ser o primeiro será o último.

No sacerdócio não cabem preeminências nem hierarquias: as distinções e privilégios nascerão da sabedoria e se arraigarão nas repúblicas ao calor das concupiscências humanas: mas a milícia espiritual, o sacerdócio cristão, há de ser um exemplo perpétuo de igualdade, humildade e abnegação, donde os poderes da Terra aprendam constantemente a reformar e melhorar suas instituições até alcançar dentro das mesmas a perfeição cristã, que há de ser o triunfo da igualdade e por conseguinte a morte das distinções hierárquicas. O Filho do Homem não veio para estabelecer a hierarquia, mas sim para suprimi-la na ordem espiritual, e a dar sua vida em redenção e em holocausto. (3)

(3) Mateus XX, 25 e seguintes.

"Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio. (4)

(4) João, XX, 19.

Eu recebi do Pai a altíssima investidura do sacerdócio, a divina missão de redimir com a predicação e com o exemplo das virtudes a pobre humanidade terrestre, que vaga perdida nas encruzilhadas, o caminho reto da perfeição e do progresso: missão gloriosa e santa, porém plena de fadigas, perseguições, ingratidões e perigos. Subirei a meu Pai, e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus, (1) e a vós outorgo a continuação do celestial ministério para cujo estabelecimento desci das moradas da felicidade imortal e tomei corpo entre os homens da Terra. Transmito-vos minha potestade, meu encargo sacerdotal; mas com a condição de que sereis, como eu, o caminho, a verdade e a vida das almas. Nisto consiste o

sacerdócio: na predicação e no exemplo; na humildade e no amor; na abnegação e no sacrifício. Quem não seguir estas minhas pegadas e se apartar de meus caminhos, não é, não pode ser sacerdote da Igreja que eu vim estabelecer. Ide, pois, e ensinai a todos batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, isto é, ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos mandei (2), e de cuja observância depende o verdadeiro batismo do espírito, o batismo essencial para a purificação e salvação".

(1) João, XX, 17.

(2) Veja-se a nota 10, do Padre Scio, no cap. XX de S. João.

Nestes termos institui Jesus o sacerdotal ministério, o corpo docente chamado a continuar a obra da redenção através dos ensinamentos evangélicos. O retrato do sacerdote cristão foi feito com a mão do Mestre, com a mão do fundador do cristianismo. Colocados neste retrato os olhos do entendimento, estudemos o sacerdócio do nosso século, e meditemos. Não soou ainda para os cristãos o momento de meditar?

6

Oh! divino livro! Oh! Evangelho de Jesus! Só em tuas inspiradas palavras respira o espírito a doce paz, a fé benfazeja, a esperança consoladora que pode sustentá-lo e alentá-lo em meio às amarguras e flutuações da vida. A vida humana é uma perpétua e renhida luta entre os opostos elementos através dos quais se elabora a consciência individual, e a consciência, a alma, o espírito, uma semente, um princípio divino, um germe, filho da Sabedoria ainda não

criada, sujeito a uma série indefinida de transformações, a uma depuração eterna. Arrasta-se trabalhosamente pela terra em seus princípios a larva espiritual, e da terra não pode erguer-se e sobre ela trabalha seu casulo durante muito tempo para ressuscitar de sua morte aparente em estado de miserável verme. Quem contará os séculos de sua primeira formação da primeira fase de sua eterna vida? Quem medirá a enorme distância que separa do obscuro nascimento da lagarta sua luminosa ressurreição em nítida mariposa? Quem conseguiu abarcar com seu olhar a sucessão dos dias desde as primeiras densíssimas trevas até os lampejos da luz.

Nesta brava peleja, neste perpétuo choque de instintos, de tendências, de paixões, de sentimentos, de juízos encontrados, a cada nova investida sente o homem fraquejar sua fé, que é a promessa de uma felicidade que se perde de vista, e sua razão, que é a bússola de sua fé. Lá vai a nave! Lá vai o espírito do homem! A que inexploradas praias o arrojará o furor da tempestade? Dele apodera-se com freqüência a vertigem do tenebroso, do insondável, do incompreensível, da morte, da dúvida, da negação, que é a vertigem da tempestade, que é o delírio do nada; e então já não pergunta aos ventos, já não distingue o horizonte; fecha os olhos e se entrega de corpo e alma à agitação que o rodeia, crendo que naquela agitação tenha nascido, que o torvelinho que o afoga o tenha gerado e que o mesmo torvelinho voltará a confundir-se! Horrível desfalecimento! Só um vivíssimo raio de sol pode torná-lo à realidade: à esperança, à fé, à vitória, pela resistência e pelo trabalho.

Este claríssimo raio de luz brilha nos olhos de todas as gerações, de todas as idades, de todas as seitas, de todos os ramos da grande família humana universal, na essência pura

de suas tradições, na profundeza de suas crenças, no espírito e nas profecias apocalípticas de seus livros sagrados, que são o Sancta Sanctorum de sua fé, e brilha nos nossos, nos dos povos regenerados pela seiva do cristianismo, no código moral dos ensinamentos de Jesus, compilados por alguns de seus discípulos que os recolheram de seus lábios ou que os beberam puros das nascentes tradições. A este código temos que voltar nosso olhar nos momentos de terrível dúvida, de vertigem infernal, de desfalecimento, de desespero, e em seus preceitos e máximas beberemos sempre o consolo, a força e a alegria.

Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos (1) os que cem vezes sucumbistes às sugestões impuras do egoísmo e da carne; os que vos sentis arrastados na impetuosa corrente dos gozos enganadores, da corrupção e do orgulho; os que levais vossas túnicas manchadas no sangue que destilam os ferozes instintos do ódio e da vingança: os que exalais com vosso fétido alento o odor da podridão da alma: os que perdestes a fé que regenera, a fé cale salva, a fé que transpõe montanhas; os que vos sentis enervados com o bem, os que duvidais de tudo e tudo negais; os que vos fartais da matéria e vos credes condenados a perecer em uma de suas transformações; os que vos Sentis travados para o bem, os que não conseguis descobrir a harmonia inteligente e o amor providencial na marcha da sucessão e nos destinos dos seres; os que desfaleceis nas contradições aparentes da vida e lançais na face do céu uma sarcástica, uma ímpia gargalhada. Vinde, vinde a mim todos e eu vos aliviarei, eu mudarei vossa imundície em curo, vossa enfermidade em saúde, vosso ceticismo em fé, vosso desespero em esperança. Tomai meu jugo sobre vós e

aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e nesta mansidão e nesta humildade encontrareis o repouso de vossas almas: porque meu jugo é suave e meu fardo é leve.

(1) Mateus, XXVIII, 19 e 20.

Sim, suavíssimo é o jugo do Evangelho. Jesus, que é o caminho (1) pelo exemplo de suas virtudes, a verdade, pela divina origem de suas palavras, e a vida, pela fecundidade regeneradora de sua moral, deseja misericórdia e não sacrifício (2). Não exige de seus discípulos mortificações e sofrimentos estéreis, exterioridades que a nada conduzem, esquecimento dos afetos e das relações sociais, separação egoísta do mundo para entregar-se a uma contemplação mística constante; nada disso entra nas prescrições de seu código, que não respiram aridez e melancolia, mas sim alegria e expansão, a alegria da pureza e a expansão da simplicidade e da bondade em meio às condições da vida propriamente humana. Tão suave é o jugo, tão fácil o cumprimento de seus preceitos, que os reduz todos ao amor a Deus e ao próximo (3), fazendo depender deste duplo amor, deste exclusivo mandamento de caridade, toda a lei de regeneração e todas as profecias. Baseados nisso, dizemos e não nos cansaremos de repeti-lo, que Jesus não veio para estabelecer um culto em que tivessem de continuar como essenciais às práticas exteriores, mas sim o culto ela verdade, o culto do sentimento. Também não veio para fundar uma religião, mas sim fazer compreender que a religião das religiões, aquela que abrasa e funde todas em uma, é a pratica da moral, alicerçada no amor a Deus e às criaturas. Tudo o que é amor, amor da alma puro e desinteressado, é religião, é cristianismo, é religião universal, estabelecida desde os princípios dos tempos e explicada por Jesus, eterna

como a subordinação da criatura inteligente e livre á causa criadora, á Inteligência soberana. E Tudo o que não é amor, nem do amor procede, nem ao amor se dirige, ainda que religião se chame, não é religião, ainda quando de cristianismo se intitule, não é cristianismo: poderá ser e será indubitavelmente algo filho da convenção, da ignorância ou da malícia dos homens, rito, cerimônia, culto externo; porém cristianismo, porém religião, jamais. O cristianismo, a religião, é o culto espiritual, a adoração íntima, o amor, a fraternidade estreitando em uma só família os homens de todos os povos, de todas as raças, de todas as gerações que se sucedem na possessão do mundo. Que vos ameis uns aos outros, nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, disse Jesus (1).

(1) João, XIV,6.
(2) Mateus, XII 7.
(3) Mateus, XXII, 37 a 40.

VII

Jesus, na elevação imaculada de seu espírito, não tão somente sonda e conhece os vícios e os erros de sua época, mas vai muito mais além: rasga com sua profética palavra o véu que oculta os arcanos do porvir, em cujos horizontes descobre nuvens ameaçadoras, obscuras, infladas do vento dos egoísmos humanos. Que será de seus ensinamentos, de seu testamento, da luz que, para a saúde dos filhos dos homens, trouxe das alturas, onde resplandecia entre os bustos com a glória de suas virtudes? Será o Evangelho fielmente transmitido e lealmente explicado com amor às gerações

vindouras, ou cairá em mãos de mercadores que dele se servirão em benefício de sua desbragada sede de domínio e de riqueza pessoal? Há momentos na vida de Jesus em que sua previsão dos eventos futuros é tão clara, tal é o vigor do colorido com que os apresenta e a minuciosidade nos perfis e detalhes, que não é possível confundi-los com outros acontecimentos e outras épocas. Ouçamo-lo no capitulo XXIII do evangelista Mateus, e o veremos profetizando com toda a precisão os acontecimentos religiosos e condenando com toda a energia de sua alma os erros e mistificações do cristianismo oficial de nossos tempos.

Na cadeira de Moisés, disse Jesus, sentar-se-ão os Escribas e os Fariseus, os que, julgando-se mais sábios que os demais, monopolizam a interpretação da Lei, e os que aparentando hipocritamente mais virtudes se arrogam uma jurisdição espiritual que não possuem, o direito de julgar a outros homens e dirigir as consciências. Não irriteis, pois, sua soberbia; observai e praticai tudo o que vos disserem, se não quer provocar seus anátemas; mas não procedais segundo as suas obras; porque dizem mas não praticam, e não consente no vulgo dos homens o que neles é comum. Atam fardos pesados e difíceis de suportar, observâncias arbitrárias, inspiradas em seus objetivos de domínio e de lucros, e os colocam sobre os ombros dos homens, protestando que são mandamentos iniludíveis da Lei e eles porém, nem com o dedo querem erguer os fardos que com tanta solicitude atam sobre os demais. Sua religião é pura hipocrisia: fazem todas as suas obras para serem vistos pelos homens e amam os primeiros lugares nas ceias e as primeiras cadeiras nas sinagogas, querem ser saudados nas praças e

chamados de mestres, isto é, intérpretes da palavra revelada (I).

(1) Mateus, XXIII, 1 a 7.

Mas vós, continua Jesus, dirigindo aos apóstolos, não queirais ser chamados de mestres, pretendendo que vossas decisões sejam oráculos infalíveis; porque um só é o vosso Mestre, e vós todos sois irmãos todos igualmente falíveis e fracos, como criaturas imperfeitas, expostas à sedução da concupiscência e ao erro. E a ninguém na Terra chameis vosso Pai, investindo-o de um sacerdócio superior aos demais; porque um só é vosso Pai que está nos céus, e ele não reconhece entre os homens outra superioridade que não seja aquela que nasce da observância humilde das virtudes. Aquele que entre vós se julga maior, digno ou ,justificado e com o direito de julgar e fazer prevalecer seu juízo, será vosso servo ante o juízo infalível quando soar a hora da purificação do sentimento e da reparação das obras. Porque o que a si mesmo se exaltar será humilhado e o que a si mesmo se humilhar será exaltado (1)

(1) Mateus. XXIII, 8 a 12.

Considerando o significado e a transcendência destas doutrinas, seladas com a autoridade de Jesus, o grande Pontífice da Religião Cristã, já não nos maravilha que durante séculos se tenha proibido ao povo sua leitura. São tão luminosos seus ensinamentos e tão instrutivas as comparações que desperta! Como havia de ser interessante que o vulgo dos homens, a plebe indouta, comentasse estes e outros delicados pontos, e comparasse os tempos, graduasse a observância dos preceitos de humildade e fraternidade universal dados por Jesus Cristo a seus discípulos? Vais sensato, para legitimar as inovações e fragilidades do presente, seria arquivar as prescrições do passado; fechar

com forte cadeado a proibição do livro da Escritura, aberto somente aos iniciados da proveitosa arte da hermenêutica sagrada, de cujas acomodatícias regras podia tirar grande partido para levar a interpretação às correntes de sus conveniências.

Porém há no Evangelho passagens em abundância, onde não bastam todos os equilíbrios e habilidades da hermenêutica para torcer seu sentido reto e acomodá-lo às conveniências e interesses das seitas que tomaram a revelação por instrumento de sua preponderância no mundo. Pôde isto acontecer sem risco quando a leitura dos Livros Sagrados era monopolizada por uma classe, precisamente por aquela que podia ter interesse em ocultar ou mistificar certas verdades reveladas; mas agora que a afeição ao estudo dos problemas religiosos se propaga: que o pensamento voa nas asas de sua natural liberdade recentemente conquistada; que são muitos os que desconfiam da autoridade e reivindicam o direito de julgar e crer por conta própria; que as proibições do Index avivam o desejo de conhecer as obras condenadas, muitas talvez injustamente, à execração pública; só poderia a hermenêutica com seus recursos e sofismas desfazer o sentido das passagens evangélicas se não houvesse pessoas ilustradas e resolvidas que, conhecendo o disfarce, o denunciem e chamem sobre o mesmo, as suspeitas dos crédulos.

Como dissimular, por exemplo, que as proféticas palavras de Jesus que reproduzimos e comentamos se acomodam perfeitamente à nossa época? Nelas não se condenam de uma maneira terminante atos concretos de hipocrisia e orgulho que todos presenciamos, diariamente? Não passam erguidos à nossa vista escribas e fariseus que,

como os da lei antiga, atam para os demais, fardos difíceis de carregar, mas que eles não tocam nem com seu dedo? Não fazem eles suas obras para serem vistos pelos homens? Não amam os primeiros lugares nas ceias, as primeiras cadeiras nas sinagogas, não querem ser saudados nas praças e tidos como mestres e pais infalíveis, superiores aos outros homens em matéria de costumes e de ciência espiritual?

Desejam-se provas mais concretas de que nossos dias são os da profecia de Jesus?

Mas, ai de vós; - prossegue o evangelista Mateus no capítulo XXIII - ai de vós. Escribas e Fariseus hipócritas! que, multiplicando os mandamentos e atando cargas pesadas, fechais o reino dos céus diante dos homens: pois nem vós entrais, pela malícia de vossos corações, nem deixais entrar os que entrariam, porque lhes tornais mais difícil e insuportável à virtude. Ai de vós, Escribas e Fariseus hipócritas! que devorais as casas das viúvas sob pretexto de prolongadas orações; que explorais a piedade alheia, atribuindo à oração paga uma eficácia que não possui, e assim vos enriqueceis com os despojos da credulidade e do temor: por isso sofrereis mais rigoroso juízo.

Ai de vós, Escribas e Fariseus hipócritas! que dizimais a hortelã, o cedro e o cominho: que exigis com o maior rigor e cumprimento das coisas que atendam aos vossos interesses, como as formas externas do culto, e deixais de lado as coisas mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé. condutores cegos, que coais um mosquito, afetando muito escrúpulo dos atos de pouquíssima importância que não procedem de perversidade do coração, e engolis um camelo, fechando os olhos às grandes iniqüidades e abusos, contanto que afetem exteriormente a religiosidade e devoção. Ai de

vós, Escribas e Fariseus hipócritas! que limpais o exterior do copo e do prato; que vos preocupais em grande estilo em aparecer como os mais zelosos cumpridores da hei, mas por dentro estais cheios de rapina e imundícia, de orgulho c leviandades. Semelhantes sois aos sepulcros caiados, exteriormente formosos, mas por dentro cheios de ossos de mortos e de toda imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e iniqüidade. (1) Depois de lidas estas passagens evangélicas, não olhemos ao nosso redor. Como o Profeta chorou sobre as ruínas de Jerusalém que derramou o sangue do justo, nos também choramos sobre as ruínas da Jerusalém cristã, mal dissimulada entre os fumos do incenso. A primeira crucificou o Homem; a segunda mata a idéia. Porém a idéia, como Jesus, ressuscitará no terceiro dia, porque leva em si a virtude, o germe, à seiva da ressurreição; porque o sol e a lua se obscurecem e as estrelas caem do céu; porque se ouve já dos quatro ventos as trombetas dos anjos do Senhor alertando os homens para o grande juízo em que a verdade há de sair triunfante do erro; porque o véu do firmamento se rasga, e a humanidade, auxiliada pela revelação e pela ciência, descobre do outro lado novos firmamentos e terras até hoje ignoradas, onde mora a justiça, céus e terras que majestosamente surgem no infinito, como que dizendo à humanidade atônita: A terra é o teu presente; os mundos que brilham sobre tua cabeça, teu porvir, tuas esperanças; o cumprimento do ideal cristão, a força que te levará de praia em praia, de mundo em mundo, de céu em céu, viajando sempre em mares mais tranqüilos, respirando ares mais puros, visitando climas mais venturosos e marchando eternamente para Deus.

(1) Mateus, XXIII, 13 a 28.

Dissermos e demonstramos que a abnegação é o primeiro princípio da semente cristã, e dissemos também que nos parágrafos seguintes veríamos nos ensinamentos evangélicos o amor e o sacrifício constituindo juntamente com a abnegação a seiva, o pensamento completo de grande revolução moral iniciada por Jesus. Sim é no desprendimento próprio, no amor a Deus e às criaturas e no sacrifício pelo bem do próximo que está todo o mistério da redenção humana. Esta é a tese que vimos desenvolvendo, embora não com a amplitude que se poderia dar a este gênero de estudos, mas com os principais. pontos que bastam para demonstrar que o cristianismo, religião puríssima da alma, não é o catolicismo oficial, seita que se nutre e vive de ostentação e de cerimônias.

Que é o cristianismo? Dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César; é o desinteresse, é a adoração elevada no lugar mais recôndito do lar, é a persuasão pelo amor e sacrifício, é a igualdade de todos os homens, é a redenção pelas obras, é o culto do coração, é a abnegação dos ministros da palavra, é a falibilidade da criatura e a infalibilidade de Deus, é, em suma, Deus reinando sobre as almas e a beneficência nos costumes.

Que é o neocatolicismo? a política do domínio clerical, ou o César aos pés do sacerdote: é o dízimo, é a primicia, é a bula da composição, é a oração retribuída, é a imposição religiosa sobre o homem desde que nasce até depois de

morto, é o despotismo sobre o entendimento e o coração, é a morte cia liberdade humana, é a elevação de um homem ao trono do mesmo Deus, é o céu para o rico e o purgatório para o pobre, é a salvação pelo temor e não pela virtude, é o culto farisaico das formas, é em uma palavra, o mercantilismo no templo e o domínio da tribo de Levi sobre todo o povo de Israel.

E, não obstante, a escola católica proclama ser a única que possui o testamento de Cristo. O pior é, mio que ela o diga, mas sim que haja quem o creia. Porque, na realidade, tais são a ignorância e o fanatismo de nossos tempos, que uma grande parte do povo que se intitula cristão ou piamente na infalibilidade daquela escola.

Por esta razão torna-se necessário que as verdades evangélicas cheguem ao conhecimento do povo. A ocasião é oportuna, porque as hostes ultramontanas lutam a peito descoberto e tiraram a máscara que cobria seus propósitos.

Aspiram elas a dominação universal e não o ocultam; querem impor a inquisição ao pensamento; buscam nos trâmites da política a anulação dos direitos mais sagrados da personalidade humana provocando com a maior impudência sangrentas guerras civis, satisfazendo a ambição de qualquer pretendente desalmado que os admitam em seus conluios. Rebelam-se contra os poderes constituídos; empregam suas riquezas, que deveriam distribuir entre os pobres, em pólvora e fuzis, e embora as tenham recebido dos governos, servem-se dessas armas para derrubar estes mesmos governos. Acaso não foi isto que ocorreu na Espanha há Poucos anos atraís? Quem se esqueceu dos curas de Santa Cruz e de Flix, e tantos outros clérigos que abandonaram sua paróquia, o cuidado de suas ovelhas para dedicar-se inteiramente aos

azares da guerra? Qual povo não chora as conseqüências dessa cruzada imortal, que a título de guerra santa semeou a discórdia entre os filhos de um mesmo solo, o luto nas famílias e a miséria nos lares?

Se estas palavras encerram gravíssimas acusações, não é nossa a culpa, mas sim daqueles que de erro em erro e da mistificação em mistificação acabaram por levar o cristianismo ao mercado, dele fazendo comércio como se fosse o produto de uma indústria. Hipócritas, guias de cegos, sepulcros caiados, assim chamava Jesus aos Fariseus de sua época. Longe de escusá-los e dissimular suas injustiças, as denunciava em público para que todos fugissem deles como se foge de uma raça de víboras. São bastante fatais as conseqüências de toda exploração ou fraude de caráter religioso, para que a sofram em silêncio os corações que batem com impulsos de um generoso sentimento.

Perdoemos todos, porque todos nós ternos necessidade ele perdão; porém sem nus esquecermos dos ensinamentos históricos do presente, assim como das experiências do passado, para utilizá-las com oportunidade e não nos deixarmos prender nas redes que lançam sobre os homens os inimigos do progresso.

Aos que nos falem de cristianismo, provemo-los na pedra de toque do Evangelho; pois assim nos será fácil distinguir se busca nossa salvação ou seu negócio. Que significa a proibição que por tanto tempo pesou sobre a leitura dos Livros Sagrados? Obedecia, porventura, ao temor de que suas máximas fossem erroneamente interpretadas pelo povo? Todavia não nos esqueçamos de que Jesus as pregava ás multidões e no princípio da Igreja eram lidas ao povo com freqüência; e isto acontecia naqueles tempos em que havia

apóstolos e mártires, apóstolos que imitavam o Mestre dentro da mansidão, humildade, pobreza, tolerância, e mártires que ofereciam sua vida em testemunho de sua fé! Quanto mudaram os costumes, os homens e as crenças!

Esperemos...Não foi em vão que veio para a redenção da humanidade terrestre um mensageiro do Altíssimo. Não foi em vão o sarcasmo dos escribas e fariseus, cuja preponderância temporal recebia, com a palavra de Jesus, um violento estremecimento. Não foi em vão que ameaçou de ruína imediata o templo de pedra e barro, figura da adoração exterior, que há de ser substituída pela adoração íntima da alma, cujo templo não pode ser outro que a imensidão do espaço. Alguns séculos de ofuscamento e trevas constituem algo mais do que um parêntesis obscuro na inesgotável história das gerações, algo mais do que um dia nebuloso na eterna sucessão das idades. Os princípios que constituem a seiva do cristianismo, a abnegação, o amor e o sacrifício, conservam ainda sua fecunda virtude. A árvore está enferma, porém não morta. Cairão logo as vegetações parasitas que entorpecem seu crescimento ordenado e absorvem seu viço, e então recobrará seu vigor e à sua sombra benfazeja virão resguardar-se das tempestades da vida, um após outro, todos os pobres viajores da Terra.

V

O Espiritismo

1

Para aplaudir ou condenar com justiça uma doutrina religiosa ou uma teoria filosófica, é necessário conhecê-la e, para conhecê-la, estudá-la com severa imparcialidade, sacrificando todo espírito sectário e todo orgulho de escola na investigação da verdade que se busca. Com freqüência, sucede o contrário, isto é, que se aplaude ou se condena a priori, sem prévio conhecimento, porque os juízos humanos são filtros, na maioria das vezes, da paixão ou do interesse; porém neste caso não é a verdade o que se busca, mas sim a satisfação maligna de algum apetite ignóbil; não é o estímulo do saber o que nos move, mas sim o de nossa conveniência pessoal.

Deveriam os homens não esquecer que as mais preclaras conquistas do engenho e da consciência, cientificas e religiosas, foram, quando da sua aparição, qualificadas de utopias, aberrações e heresias, não só pelo vulgo receoso e ignorante mas também pelas pessoas ilustradas; o que não impediu que, com o decorrer do tempo, fossem aquelas heresias aceitas como dogmas, as aberrações como verdades transcendentais e as utopias como grandes progressos consumados. Tivera-se isto presente e os homens seriam mais brandos ao lançar anátemas contra idéias e doutrinas que não se deram ao trabalho de estudar. As apoteoses póstumas com que a humanidade tem honrado a memória de muitos inovadores, depreciados e perseguidos em seu tempo, deveriam fazer-nos precavidos em nossos juízos, não esquecendo que toda inovação, antes de ser de domínio geral, foi patrimônio de um só.

O senso comum é tão mutável e tão cheio de veleidades, que não devemos de nenhuma forma considerá-lo como

critério de verdade, muito menos tomá-lo como ponto de partida em nossas investigações filosóficas. E, mais que o resultado das convicções gerais, a manifestação das inclinações mentais de cada século, filhas das circunstâncias e acomodadas á educação e ao grau relativo de cultura. A investigação cientifica, em seus princípios, sempre teve no sentido comum um detrator e um inimigo encarniçado. Este fato, que, visto superficialmente parece inexplicável, é lógico e natural; porquanto o senso comum tem seu nascimento no senso individual e vai se formando com a lentidão dos séculos.

Toda idéia, toda doutrina nova, por mais útil e regeneradora que seja, vem abalar interesses profundamente arraigados e destruir outras idéias, outras doutrinas, intimamente relacionadas com aqueles interesses. Disso resulta que, quanto mais radical seja a transformação que a nova idéia traz, mais tenazes os progressos da civilização, se os homens soubessem sacrificar seu interesse particular em benefício da felicidade comum! Infelizmente sucede exatamente o contrário: o egoísmo é o rei dos corações e os homens antepõem sempre ao bem comum a conveniência individual.

Por que Sócrates, o fundador, por assim dizer, da Filosofia moral, foi condenado a beber cicuta; por que Jesus, o fundador da religião do espírito, sofreu quatro séculos depois a morte no infame madeiro; por que Galileu, o que trouxe ás ciências astronômicas um novo e mais seguro caminho teve que se retratar ante o Tribunal da Fé, de verdades que mais tarde haviam de ser aceitas por todo mundo? A razão é óbvia: os sofistas gregos, os sacerdotes judeus, os inquisidores romanos, compreenderam que a nova

doutrina atentava contra a sua preponderância e seus interesses e então se propuseram afogá-la em seu nascimento, afogando a voz dos apóstolos. E no entanto o senso comum não se rebelou contra tamanha iniqüidade, porque, fundado no erro e no fanatismo religioso, condenava sem escrúpulo os atrevidos inovadores.

Fácil será ao leitor conhecer que não estão fora de propósito estas considerações. Apesar do muito que a humanidade tem progredido, ainda se condena sem ouvir e se julga sem conhecimento de causa. O orgulho científico, a ignorância e a interesse exercem ainda influência poderosíssima nos juízos dos homens e arrastam o senso comum na tortuosa corrente do erro.

Quem ainda não ouviu condenar o Espiritismo? Quem não se julgou mestre para decidir ex-cátedra que o Espiritismo é uma aberração, uma enfermidade do entendimento, uma grande farsa ou uma insigne velhacaria?

Pela mesma razão que nos propusemos a discorrer sobre Espiritismo, julgamos oportuno chamar antes a atenção acerca das contradições em que o senso comum costuma cair quando se trata de uma idéia nova que vem pôr em dúvida a legitimidade de certos direitos, baseados na imemorial aceitação de outras idéias que a humanidade nem havia pensado discutir.

Os homens, de maneira geral, são intolerantes em matéria religiosa: uns por fanatismo, outros por conveniência, muitíssimos por ignorância, e um número não pequeno por sistemática oposição a tudo aquilo que tende a emancipar riu domínio da matéria corpórea as funções racionais. Todas estas intolerâncias, além do orgulho científico, que é a intolerância desdenhosa daquele que se

presume conhecedor dos infinitos ramos da infinita árvore das ciências; todas estas intolerâncias se deram as mãos para afogar o cristianismo espírita em seu nascimento. Tão perguntaram de onde procedia e muito menos para onde se encaminhava.

O fanatismo, a ignorância, o interesse, jamais perguntam pelos títulos que possam legitimar uma conquista qualquer do entendimento humano; a oposição sistemática, sem levar em conta o cuidado ao examinar estes títulos, os declara falsa; o orgulho científico os exige, mas, uma vez colocados ao alcance de suas vistas, volta-lhes as costas com desdém, fechado no manto de suas vaidosas pretensões.

Podemos classificar os impugnadores a priori do Espiritismo em espiritualistas, materialistas e céticos. Sigamo-los em seus juízos, e veremos que, se souberam dar-se a mão para lhe fazer encarniçada guerra, andam muito pouco concordes na maneira de julgá-lo. De que provém esta discordância de pareceres a respeito de uma doutrina que tem princípios fixos e se apóia em fatos tangíveis submetidos á observação de todo o mundo?

Entre os espiritualistas, uns opinam que o Espiritismo nasceu nas lojas maçônicas, como resultado do ódio á Igreja que se intitula católica, e ao clero.

Outros, que é uma espécie de protestantismo vergonhoso, auxiliar das igrejas dissidentes na obra de combater a instituição papal. Estes decidem com suposta autoridade que os espiritistas são ateus, materialistas disfarçados para mais facilmente seduzir os incautos. Aqueles, que o Espiritismo não é senão a continuação da revelação diabólica, um plano infernal tramado nos concílios do principio das trevas para a condenação das almas. Não se olvide que os que atribuem ao

diabo os fatos e doutrinas do espiritismo são precisamente aqueles que ao diabo devem sua prosperidade pessoal e seu domínio sobre a terra. Quanta ingratidão!

E enquanto estes senhores andam as voltas com sua majestade satânica, com o protestantismo, e com as lojas, os materialistas asseguram formalmente que o Espiritismo é uma alucinação ou uma loucura, e os céticos uma audaciosa fraude. Se tivéssemos que dar crédito aos materialistas, concluiríamos que há atualmente milhares de pessoas cujos sentidos e inteligência, excitados por uma causa desconhecida, imaginam ver o que não existe. sendo justo temer que o mundo se transforme em breve num imenso manicômio. E se a razão está do lado dos céticos, quem não temerá pelo faturo elas sociedades, considerando quão perniciosos efeitos, quanta perturbação nos ânimos hão de produzir a má fé, a prestidigitação. empregadas como meio educativo e exercidas por multidões de pessoas entre as quais as de costumes inatacáveis c de consolidada reputação científica?

Estas contradições em que incorrem uns e outros, esta discordância de opiniões no que se refere aos fins a que obedece ao Cristianismo Espírita, faz com que se suspeite de pronto que seus detratores ou não o estudaram ou tem o deliberado propósito de alienar a atenção do público. A injustiça com que tratam o Espiritismo faz presumir esta ultima alternativa. Fábulas ridículas, contos inverossímeis, imputações caluniosas, nada se perdoa com o fim de desprestigiá-lo na consciência das pessoas honrarias. Os escribas e os fariseus, que com as doutrinas do Espiritismo vêem sita influência temporal e seu comércio em perigo, insurgem as turbas contra os apóstolos da nova idéia e

pedem para estes, César e mordaças, já que não é possível pedir cruzes.

Os saduceus, como que pressentindo que o sensualismo há de receber das crenças racionais espíritas uma ferida incurável, unem-se aos fariseus para combater o inimigo comum. Todos se juntam em seu egoísmo, no positivismo utilitário e pouco lhes importam a verdade e o interesse geral quando se trata de suas particulares conveniências.

Que é Espiritismo? Quais são seus princípios como filosofia?

Quais as crenças religiosas que daqueles princípios se derivam?

Está a sua moral em contradição com a moral evangélica?

Fomenta as preocupações e o fanatismo ou os destrói?

Qual é a razão de ser do Espiritismo no atual momento histórico?

Quais seus fins, qual o belo ideal de suas aspirações?

Eis aqui uma série de temas, cuja importância não necessitamos encarecer e cujo estudo submetemos à ilustração do leitor. Persuadidos de que o Cristianismo Espírita só necessita ser sinceramente abraçado, não pedimos pela graça, mas sim pela justiça. Ouvir antes de julgar e julgar depois com imparcialidade. A História será severa com todos aqueles que, obedecendo a motivos bastardos, tenham retardado um só instante o triunfo de uma idéia salvadora.

Que é o Espiritismo? Um sistema filosófico que estabelece, como o espiritualismo, além da existência de Deus, Ser de natureza incompreensível, a de seres distintos dos corpos e de uma ordem superior, nos quais residem, num grau mais ou menos adiantado de desenvolvimento, a inteligência, à vontade e o sentimento: estes seres, imortais por sua natureza, são os mesmos que animam os organismos humanos, dos quais se separam quando a morte do corpo sobrevém. Admite também a solidariedade universal de tais seres dentro da Criação e afirma que podem pôr-se e se põem em comunicação uns com outros por meios conhecidos às vezes, e às vezes desconhecidos, porém sempre naturais. Deus, inteligência suprema, causa de todos os seres e fonte de toda realidade, a criatura racional, inteligência relativa, perfectível, emanação de Deus; atração recíproca, pelo amor, dos seres inteligentes, espirituais; eis aqui os princípios capitais da Filosofia Espiritista, dos quais são derivações lógicas todas as doutrinas que sustenta.

O Espiritismo, pois, está edificado sobre a existência de Deus e dos espíritos e sobre a comunicação recíproca dos seres espirituais. Para julgar a solidez do edifício torna-se conveniente examinar em primeiro lugar a solidez dos alicerces; pois, se estes forem falsos, a obra carecerá de estabilidade e virei ao solo facilmente.

Deus é a verdade fundamental, porque é a única verdade absoluta: sem ela não há Filosofia possível. A Filosofia é o conhecimento das coisas através de causas e de seus efeitos e claro é que faltando uma verdade fundamental, uma causa primeira, não seria possível se referir às causas secundárias e a Filosofia haveria de girar necessariamente num círculo vicioso, explicando os efeitos por outros efeitos, e estes por

outros, até chegar a um efeito sem causa. É a matéria esta verdade fundamental, esta causa primeira? Não, por certo; a matéria sugue suas incessantes evoluções fatalmente impelidas por uma força, que não pode ser uma propriedade sua porque é regida por ela. Do mesmo modo que não é uma propriedade da folha da árvore o sopro que a põe em movimento, assim tampouco é uma propriedade dos átomos o sopro que os aproxima ou separa. É a força aquela verdade fundamental? A força obedece por sua vez a leis matemáticas, às quais não pode de maneira nenhuma se subtrair e estas leis, sabiamente concebidas e infalivelmente ordenadas, acusam a realidade de uma inteligência suprema: esta e não outra pode ser e há de ser a verdade fundamental de toda Filosofia.

A existência de Deus não é uma verdade exclusivamente metafísica, pois que pertence também, de certo modo, ao domínio da ciência experimental. Como conhecemos a existência do fluido eletro-galvânico pelo estudo dos fenômenos que se produzem com o auxílio da pilha de Volta, assim sabemos que Deus existe, pelo estudo e análise dos seres. Há, por ventura, no universo uma partícula, uma molécula, um, átomo que não circule obedecendo a uma força com inteligência dirigida, a um plano sabiamente pré-ordenado? E se na análise dos seres não encontramos um só no qual não exista uma atividade matemática, inteligente, podemos racionalmente duvidar de que existe um poder, uma virtualidade inteligente universal que preside ao comprimento das leis naturais, e que é a alma, e espírito da Criação?

Porém a observação nos ensina que além da substancia inteligente universal, da alma da natureza, existem

infinidades de individualizações de outra substância, inteligente também, com aptidões limitadas, emanação da Inteligência suprema, individualizações que se manifestam na Terra por meio de organismos, aos quais animam, como anima o universo à inteligência infinita.

E do mesmo modo que não se perde na Criação nem se aniquila um só dos átomos materiais, tampouco haverá de perder-se um só dos átomos inteligentes, os espíritos. Não há razão plausível fundada na Natureza para que, sendo eternas as unidades atômicas, deixem de sê-lo as unidades espirituais.

O que a experiência ensina é que umas e outras evoluem constantemente, entregues à lei das transformações, que é a lei eterna do progresso. Cada um tem em si mesmo a evidência da existência do espírito; porém os materialistas afirmam que a causa do espírito é a matéria; que as funções do espírito não são outra coisa senão resultados fatais de propriedades da matéria, convenientemente disposta. De maneira que os átomos, sem ser inteligente nem com inteligência dirigidos, se combinam de sorte que chegam a produzir o pensamento. Argumenta-se-á que semelhantes combinações procedem de uma lei, e que esta lei é propriedade da matéria. Muito bem; mas neste caso concluiremos que a matéria, carecendo de vontade e de pensamento, está possuída de uma lei sapientíssima e infalível, em virtude da qual combina e elabora seus inconscientes elementos e produz a consciência. Deseja-se algo mais ilógico, mais anticientífico, mais descabelado, mais absurdo?

E se tanto as sábias leis universais como as manifestações inteligentes individuais não podem ser

propriedades da matéria, mas sim efeitos de causas inteligentes, resulta que há uma Inteligência Universal animando a Criação, e multidão inumerável de inteligências relativas ou limitadas, individualizações de uma substância ativa, diferente da matéria: Deus e os espíritos.

Nisto concordam todas as escolas espiritualistas, seja qual for sua comunhão religiosa; porém o Espiritismo acrescenta algo mais, e este algo é o cavalo de batalha, a linha que divide em dois campos aos que milham sob uma bandeira comum. Esta linha divisória é a comunicação espiritual. Dizem os espíritas. Pasto que as almas vivem depois da decomposição dos organismos que animaram na terra, compreende-se sem dificuldade que podem aproximar-se de nós e ainda nos comunicar por uns ou por outros meios seus desejos e pensamentos. Porventura romper-se-ão todos os laços espirituais com a decomposição do corpo? Não deixam os espíritos na Terra afetos, simpatias, seres amados, que hão de exercer sobre eles uma atração irresistível? Não irão em busca desses seres que tanto amaram e com quem dividiram as alegrias e as penas? E se lhes oferece ocasião de lhes manifestar sua proximidade ou fazer-lhes sensível sua presença, não experimentarão nisso um vivo prazer, uma satisfação inefável?

E que os espíritos não são livres, replicam uns: seu destino é definitivo depois da morte: ou o céu com os seus gozos eternos, ou o inferno com suas chamas inextinguíveis. Pergunta-se: ele onde tomaram certos espiritualistas este céu e este inferno localizados em que as almas hão de permanecer eternamente confinadas? Quão grosseira, quão pobre concepção tem formado do espírito aqueles que fazem depender de um lugar os deleites e os sofrimentos morais!

Qualquer que seja a fonte onde tenham bebido semelhante conceito tocante ao destino dos seres espirituais, suas afirmações pugnam com a sã razão e não resistem ao mais ligeiro exame da crítica. O que o bom sentido ensina neste ponto é que tanto a felicidade como o sofrimento dependem da harmonia ou do equilíbrio moral dos espíritos, de conformidade com seu estado relativo, e que estes levam em si mesmos, independentemente da região do espaço em que se encontrem, o inferno de seus remorsos se feriram as leis da consciência, ou o céu de seus gozos derramaram o bem a mancheias. O céu da Filosofia é a inefável satisfação que experimenta o justo pelas bênçãos que o seguem, pelos amores que o acompanham, pela contemplação das belezas que o rodeiam, pela liberdade de que goza, pela esperanças de um futuro ainda mais venturoso dentro do livre cumprimento de seus deveres; e o inferno, a aterradora recordação dos crimes, o eco das maldições, a obscuridade, o isolamento, a necessidade de recomeçar a prova e reparar as injustiças, a convicção de ter-se separado do caminho que conduz à posse da felicidade e do amor.

A comunicação entre as almas dos que morreram e os homens é impossível, replicam outros: entre o espiritual e o corpóreo não se concebe meio de relação. Não se concebe meio de relação! Poderá desconhecer-se o meio, porém a experiência demonstra que a relação existe; que a substância espiritual age sobre a matéria corpórea. Não vemos nas leis universais a atividade incessante do Espírito supremo agindo sobre a natureza sensível? Não se serve dos órgãos do corpo para suas manifestações o espírito do homem? É, por conseguinte, infundada sob todas as luzes, a teoria que nega aos espíritos a faculdade de revelar-se aos homens, supondo

que não possa haver laço de relação entre o mundo espiritual e c corpóreo.

Aos espiritualistas que aceitam como autoridade indiscutível as Sagradas Escrituras recomendamos a leitura do capitulo V de Tobias, capitulo IV de Job, XLVI do Eclesiástico, VIII, XX, XXX, e XXXVII de Isaias, XXX de Jeremias II de Ezequiel, VIII, IX e X de Daniel, II de Joel, XI de São Lucas, VI, X, XI, XVI dos Atos dos Apóstolos, II - de São Paulo aos Filipenses, as Epístolas e o Apocalipse de João, e em todos eles além de outros mil que poderíamos citar encontrarão provas as mais cabais da realidade da comunicação espiritual, tal como o Espiritismo a entende. E, se além do testemunho das Escrituras quiséssemos acrescentar o testemunho humano, citaríamos livros às centenas, nos quais encontramos a realidade do fato e dezenas de periódicos que o atestam com autoridade de um enorme número de pessoas pertencentes a todas as classes e categorias sociais. Demonstrada a possibilidade da comunicação entre ambos os mundos, o espiritual e o corpóreo, o testemunho humano e o dos historiadores sagrados têm uma força incontrastável.

De maneira que os princípios fundamentais da doutrina espírita vêm a público através de debates das idéias sancionadas pela observação, pela autoridade humana, pelo testemunho religioso, pela crítica filosófica. A isto se deve o fato de militarem nas fileiras do Espiritismo, cada dia mais numerosas e compactas, homens eminentíssimo, de esclarecida reputação científica, verdadeiros faróis da humanidade, procedentes de diferentes igrejas, formados em diferentes escolas, espalhados por todos os povos cultos. Já começam a se persuadir os detratores interessados da nova

idéia, da ineficácia de seus esforços em querer apagar a esplendorosa luz que começa a brilhar sobre o obscuro fundo dos erros passados. Chega a seu fim a infância dos povos e com ela a tirania dos que prosperam ás expensas do progresso.

3

Cremos haver demonstrado que os princípios fundamentais da doutrina espiritista vêm ao público através dos debates das idéias sancionadas pela observação, pela autoridade humana, pelo testemunho religioso e pela crítica científica, constituindo um corpo de Filosofia digno de profundo estudo. Acrescentamos agora que o Espiritismo, além da Filosofia, é também religião, e poderíamos ainda acrescentar tratar-se de uma única religião natural e racional. Somente ele explica satisfatoriamente, sem violar o bom senso nem ferir o sentimento, os destinos da criatura e suas relações com o supremo Autor do universo.

Mas que não se creia, quando afirmamos que o Espiritismo é religião, que entendemos como tal o culto externo, esse conjunto de cerimônias e fórmulas aparatosas com que as religiões chamadas positivas procuram sustentar a fé, excitando a imaginação de seus adeptos. Ao nosso modo de ver. as cerimônias exteriores do culto organizadas ou regulamentadas pelas respectivas igrejas não são, não podem ser indispensáveis para o progresso espiritual e muito menos, por conseguinte, da verdadeira religião. Claramente o dá a entender São Paulo, em sua segunda epístola aos

Romanos, quando diz que não é judeu o que o é manifestamente, nem circuncisão a que se faz na carne, e que é judeu circunciso aquele que o é no interior de sua alma: doutrina elevada, justa, racional, que explica com toda perfeição a necessidade do sentimento religioso e a superfluidade das formas. E preciso não esquecer que a religião é de origem divina e os cultos, instituições humanas; eterna e imutável a primeira, mutáveis e perecíveis as segundas.

Podem as exterioridades satisfazer os homens em suas relações sociais, porque seus olhos não podem sondar os corações alheios; porém Deus, que penetra no intimo de nosso ser, só pode ser satisfeito com a adoração espiritual.

Nós entendemos por religião o culto íntimo da alma, a sentimento de adoração que vai da criatura ao Criador, a observância das leis que presidem ao movimento espiritual, à inefável economia moral do universo. Nesta religião a templo é o espaço sem limites, o altar o coração da criatura, o sacerdote o homem, e a Igreja a formam todas as famílias humanas existentes na imensidade dos céus. Veste sentido o Espiritismo é religião; porque ensina que Deus é o centro de todas as perfeições e harmonias e mostra aos homens o caminho da perfeição e felicidade pelo cumprimento do dever. Crê em Deus, na liberdade humana, na sobrevivência do espírito, e na responsabilidade individual efetiva pelos sentimentos e pelas obras voluntárias.

Para o Espiritismo, religião e moral constituem uma mesma coisa, porque só o cumprimento do dever nos pode aproximar de Deus, da felicidade e a moral, a ciência, do dever. Qual será o homem verdadeiramente religioso?

Aquele que age com justiça: aquele que ergue no fundo de sua alma um altar ao Pai do universo e levando em conta a comunidade de origem das criaturas racionais, considerando todos os homens como seus irmãos. Disso se deduz que o Espiritismo é a religião cristã em sua pureza original, sem formas exteriores e sem mercantilismo, tendo por coligo único a moral do Evangelho. Jesus Cristo não fez indispensável nenhum culto para a salvação das almas, mas sim a fez depender do amor ao Criador e à criatura.

Porque, pois, se faz tão rude guerra ao Espiritismo sob o ponto de vista religioso e se procura insurgir contra ele a consciência dos povos? Não o apresentam como um conjunto de máximas absurdas e imorais e de práticas diabólicas? Não lançam aos seus adeptos os mais terríveis anátemas? Isso sucede de fato, e ainda iriam mais longe as coisas, se a Igreja não tivesse, segundo a expressão de um escritor católico romano, as mãos amarradas. (1)

(1) "A Fé católica e o Espiritismo" do Dr. Niceto Alonso Perujo.

Por que foi caluniado, escarnecido e crucificado Jesus? Por que os sacerdotes insuflaram contra ele as turbas Por que o ódio sacerdotal até o extremo de preferir a morte do filho de Maria à morte de Barrabás? A religião naqueles tempos não era outra coisa senão comércio e hipocrisia; e Jesus veio para desmascarar os hipócritas e desbaratar do templo os mercadores. A religião era a oração na sinagoga e em praça pública. E Jesus veio para condenar as exterioridades, recomendando a oração que se faz a Deus no recôndito dos lares. A religião era o templo de pedra. E Jesus veio para substituí-lo pelo templo do sentimento. Em resumo, a religião falava aos sentidos pela vaidade das cerimônias; e

Jesus fazia caso omisso das cerimônias, dando toda importância à bondade e às obras do espírito.

Vejamos agora o que o Espiritismo faz, e talvez não será difícil conjeturar os motivos da encarniçada guerra que lhe declararam os descendentes daqueles fariseus que crucificaram Cristo. Em primeiro lugar, proclama a ilegitimidade do sacerdócio que não se baseia na prática das virtudes e na pregação da verdade; apenas isto é suficiente para que se apresentem à luta as hostes ultramontanos. Recusa aos homens o direito de absolver ou condenar, fazendo depender a redenção, da bondade de suas obras. Não crê na eficácia da oração paga, neta que o dinheiro possa influir na sorte das almas. A única infalibilidade que reconhece é a de Deus e só a Deus presta homenagem de adoração, rechaçando, por conseguinte, o culto dos semideuses tão em uso em todas as religiões positivas, sem excetuar a católica romana.

Considera dentro do cristianismo e herdeiros das promessas de Jesus aqueles que adoram Deus e praticam a caridade, seja qual for sua filiação religiosa, ou mesmo que não pertençam a nenhuma igreja conhecida. E, por último, combate sem tréguas nem descanso à seita ultramontana, a maior e mais nociva praga da época, que fez do cristianismo o cadinho de suas misérias, do culto um esplêndido mercado e do sacerdócio um oficio lucrativo e um elemento de resistência contrário ao progresso e à emancipação dos povos.

O Espiritismo é a pregação do Evangelho de Jesus: por isto os escribas e fariseus do século concitam contra ele as turbas e clamam aos ouvidos de (César: Crucificatur!... Crucificatur!

4

Dentro do Espiritismo, a religião consiste na moral e somente na moral; porque a moral é o cumprimento do dever e somente por este cumprimento pode o homem aproximar-se de sua felicidade e de Deus. Por isto a religião há de firmar-se nestas três grandes afirmações, nestes três princípios fundamentais: Deus, alma imortal e livre, prêmios e castigos espirituais em justa proporção dos merecimentos; porque sem a aceitarão destas -fundamentais verdades, faltará à moral a base e a vida humana, ainda em seus mais nobres exercidos, cairá por inteiro sob a ,jurisdição da mecânica.

Convém distinguir entre o Espiritismo prático e o teórico, religião um, e a filosofia outro. O primeiro é a moral em ação; a segunda investiga os fundamentos da moral O Espiritismo prático realiza este progresso. Pelo teórico chegamos ao conhecimento de que uma inteligência infinita governa o todo, de que somos eternamente perfectíveis e portanto imortais, de que nosso porvir será fruto de nossas obras presentes; e pelo prático adoramos Deus e amamos nossos semelhantes, cultivando dessa maneira a felicidade de nosso espírito.

Não cabe dúvida de que a prática se avantaja em muito à teoria sob o ponto de vista do proveito individual: porém é a teoria que destruirá os antigos erros e difundirá pela convicção as crenças que erguerão o novo templo.

O Espiritismo, como religião, vem explicado e sancionado nestas palavras de Jesus: "Crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. E ai; ora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade:" (1)

(1) João, IV, 21 e 23.

Nos primeiros séculos das civilizações, os povos têm necessidade de materializar a adoração, a fim de que penetrem pelos olhos do corpo as primeiras noções da Divindade, já que os da alma estão fechados a tudo que não seja concupiscência e egoísmo. Um altar de pedras colocado no cimo do monte e mais adiante um templo artisticamente construído na cidade, podem ser considerados como altar e templo dignos da Majestosa Sabedoria na qual, segundo expressão de São Paulo, existimos, nos movemos e vivemos de modo nenhum: o altar simboliza o sacrifício e o único sacrifício aos divinos olhos agradável é o de nossos brutais apetites: o templo simboliza a elevação do sentimento, o incenso de nossa gratidão, e o Ser supremo têm direito a que as criaturas cantem sua glória desde todos os pontos da Terra e desde todos os globos do espaço. Para esta adoração em espírito e em verdade o altar não pode ser outro que o coração do homem, nem há outro templo digno de tanta grandeza, que o universo em toda a sua inefável imensidade.

Isto expressou Jesus e isto é o Espiritismo no seu aspecto religioso.

Sim, isto diz a escola é o Espiritismo, apesar de quanto em contrário clerical, que vive dos altares de pedra. A eles se agarra como o avaro a seu dinheiro, como o náufrago à única tábua que flutuar sobre as águas. Porém o mundo marcha, disse Pelletan com gráfica expressão, e os ultramontanos não

poderão deter a marcha do mundo. Seu conceito religioso, cada dia mais estreito e egoísta, torna pequeno o altar, o templo e mesmo Deus.

Sua adoração é uma idolatria mal dissimulada; seu objetivo o domínio universal. Impotentes para a discussão, conseguem êxito apenas na opressão das consciências. Empunham o fuzil do faccioso ou o bastão do romeiro, conforme convenha a seus planos a violência ou a hipocrisia. Ah! os ultramontanos não constituem uma escola, muito menos unta igreja; formam, isto sim, uma falange internacional perturbadora, belicosa, inimiga da ordem pública baseada no direito, na justiça, na liberdade e cultura dos povos. O conceito religioso do Espiritismo é a adoração em espírito e verdade, tal como o entendia e pregava Jesus, nosso mestre. Necessitaremos demonstra-1o?

O Espiritismo é o Sermão da Montanha e o amor a Deus e ao próximo, soma de todas as pregações de Jesus. Desafiamos os detratores do Espiritismo que nos assinalem um único ponto em que o mesmo possa diferir da doutrina de redenção tão sabiamente exposta nas bem-aventuranças e no capitulo XXII de São Mateus. E toda vez que nossos mais apaixonados adversários são os ultramontanos, vejamos se é a sua moral ou a nossa que do Evangelho se aparta. Assim, vamos colocar ambas face a face, tomando como ponto de comparação a moral do cristianismo. Os ultramontanos de hoje são os fariseus da época de Augusto. Alardeiam ser o mais escrupuloso cumpridor da lei e não se cansam de cantar seus próprios merecimentos e virtudes. Possuem dois céus, um na terra para si e outro, não sabemos onde, para os demais. Seu reino é deste mundo, riquezas, comodidades, deleites, consideração e fausto: o espiritual é reservado para

as ovelhas obedientes, para os cândidos que os reconhecem como guias infalíveis das almas. Sua moral lhes permite preparar, incendiar e alimentar fogueiras onde ardam com antecipado inferno vítimas humanas, guerras desoladoras que lançamos povos ao desespero e à miséria. Têm maldição e anátemas para o que prega a fraternidade universal c sentimentos de tolerância e perdão para os incendiários e assassinos, quando o assassinato se denomina fuzilamento de liberais e o incêndio recai sobre povos que não abriram suas portas às hordas ultramontanos. Leiam-se seus órgãos de imprensa: não teve uma palavra, uma só palavra de censura contra os perpetradores dos crimes consumados em Igusquiza, em Igualada, Cuenca, em Olot, e ensurdecem o céu e a terra com seus clamores, e ai daquele que se atreve a duvidar de seu dízimo, nu dificultar alguma de suas romarias, cuja piedade aparente serve de máscara a nefandos propósitos, a planos liberticidas e criminosos.

A eles cabem perfeitamente as palavras de Jesus: Este povo com os lábios me honra: mas seu coração está longe de mim. Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens. (1) Nisto se distinguem os ultramontanos e se avantajam a todos os cultos desfolhados da árvore do cristianismo: multiplicaram os mandamentos até desnaturalizar por completo a moral do Evangelho. O Evangelho está edificado sobre o amor, a humildade e o perdão; e a moral ultramontana sobre o temor, o egoísmo, o orgulho e o anátema: o primeiro estabelece como a lei de perfeição a prática da caridade; o ultramontanismo, antepõem as cerimônias externas.

(1) Mateus XV, 8 e 9.

Jesus disse: “Coloca no seu lugar a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão (1); os ultramontanos, pelo contrário, asseguram que não só é lícito, senão obrigatório, desembainhar a espada em favor ou em dano dos príncipes do mundo, segundo convenha aos interesses da seita”.

(1) Mateus, XXVI, 52

"E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro será servo de todos" (2) diz o Evangelho; mas os ultramontanos, fazendo caso omisso deste ensinamento, estabeleceram primeiros, segundos e terceiros. "De graça recebestes, de graça daí: Não possuais ouro nem prata, nem cobre em vossos cintos" (3): a isto responderam nossos fariseus colocando um preço em todos os serviços espirituais e acumulando-os à vista de todos. Amaldiçoam todos os que ousam revelar ao povo sua avareza e seus abusos puníveis, esquecendo-se das máximas evangélicas que Jesus prescreveu: perdoar as ofensas até setenta vezes sete. (4)

(2) Marcos, X, 44
(3) Mateus X, 8 e 9
(4) Mateus XVIII, 21 e 22

E estes, estes são os que se escandalizam com o Espiritismo, como se escandalizavam com as verdades que derramava Jesus aos escribas e fariseus. Do Mestre disseram que era um impostor e que agia pelo poder de Belzebu, príncipe dos demônios (5): não é, pois, de admirar que digam o mesmo dos apóstolos da Boa Nova os fariseus e escribas dos nossos tempos. Se reproduzirem os mesmos efeitos, é porque as causas são as mesmas. O Espiritismo, como Jesus, condena as exterioridades (6), e aplaude a adoração em espírito e verdade; recomenda, como Jesus, a adoração a portas fechadas e em segredo, como muito superior à

adoração pública nas sinagogas (7); faz depender, como Jesus, toda a lei e os profetas, do amor a Deus e ao próximo (8); promete, como Jesus, a salvação e a felicidade, não aos cumpridores de fórmulas, mas sim aos que praticarem as obras de misericórdia. Porque destes de comer ao faminto e de beber ao sedento, e ao peregrino hospedastes e ao nu vestistes, e visitaste, o enfermo e o encarcerado, vinde benditos do meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde a fundarão do mundo (9).

(5) Mateus, XII, 24.
(6) Mateus, VI, e seguintes.
(7) Mateus, VII, 6 e seguintes.
(8) Mateus, XXII, 37, 39 e 40.
(9) Mateus, XXV, 34 e seguintes.

Este, e nenhum outro, é o conceito religioso-moral do Espiritismo, exatamente conforme a moral evangélica, apesar de quanto propalam os que fingem não conhecê-lo para que tenham ocasião de caluniá-lo.

Porém, é apenas isso o Espiritismo? Certamente que não, como o catolicismo não é apenas dogma. O Espiritismo é religião e é a filosofia e no presente parágrafo o estudamos unicamente em seu aspecto religioso, a fim de ressaltar a injustiça com que o tratam os doutores do catolicismo oficial.

Quem não ouviu qualificarem de monstruoso, de infernal engenho, a moral espírita? Que consciência menos avisada não se sentiu ainda presa de pavor, ao ouvir que, do fundo das iniqüidades do século, acaba de surgir uma seita estreitamente unida por meio de tenebrosos pactos com o mesmíssimo diabo para exterminar a Igreja? Que fanático não terá visto em sonhos o espectro do Espiritismo apresentando-se como fantasma descarnado envolto em serpentes e vomitando fogo? E preciso que os mais timoratos

se persuadam de que aspecto religioso do Espiritismo nada tem de iníquo e horripilante; que a sua moral é a mesma do Evangelho; que não vem destruir a religião, mas sim combater o tráfico religioso.

5

Vimos que o Espiritismo, sob o ponto de vista religioso, não é senão a adoração em espírito e verdade, assim como o sentimento e a prática do amor: precisamente o contrário do ultramontanismo, dessa escola corrompida e corruptora que, antepondo aos mandamentos de Deus seus próprios mandamentos, faz depender a perfeição espiritual da observação de certas fórmulas e cerimônias exteriores que em nada modifica nem melhora as condições internas do indivíduo. Explicada esta questão, da qual nos ocupamos mais detalhadamente a fim de desvanecer certas preocupações, certas injuriosas imputações jesuiticamente propaladas, passemos a estudar o Espiritismo em seu aspeto filosófico, propondo-nos demonstrar que, se como religião e moral é o Evangelho e a caridade, é como Filosofia a única solução racional dos mais árduos problemas providencialmente entregues à investigação dos homens para seus indefinidos progressos.

As crenças religiosas se acham no Espiritismo tão intimamente entrelaçadas com as conclusões filosóficas, que com dificuldade poderá fixar-se entre umas e outras uma linha perfeitamente divisória. As soluções filosóficas, pondo sob nossos olhos as grandezas do universo, nos levam a

admirar a esplendorosa sabedoria que. anima todos os seres, e por conseguinte a erigir em nosso coração um altar a essa mesma sabedoria inescrutável, vida de nossa vida, alma de nossa alma; e fazendo-nos compreender a comunidade de nossa origem espiritual, despertam em nós meigos sentimentos de benevolência, prólogo dessa fraternidade que há de reinar um dia entre os homens. E como todas as investigações científicas vêm confirmar por fim a verdade religiosa fundamental, Deus, agente absoluto, substância universal vivificante, alma da Natureza, podemos nesse sentido dizer que a Filosofia é a teoria da religião. As principais afirmações filosóficas da escola espiritista, além de Deus, da alma humana imortal e responsável, e da comunicação recíproca dos seres espirituais, de que já nos ocupamos, são a pluralidade dos mundos habitados, a pluralidade das existências da alma e o progresso indefinido dos espíritos por meio de recompensas ou castigos em harmonia com os merecimentos ou com as infrações voluntárias da lei. Não falta quem, com o objetivo de despojar do Espiritismo sua importância, o acuse de ter-se apropriado de idéias e doutrinas que não são suas, penetrando, por assim dizer, em campos pertencentes a diferentes igrejas e a diferentes sistemas filosóficos; mas, à parte de que as verdades, tanto religiosas como cientificas, não são patrimônio exclusivo deste ou daquele indivíduo, desta ou daquela coletividade, como não o são o oxigênio que respiramos e a luz em cujo seio vivemos, Iode isto se considerar como uma acusação formal? Foi, porventura, o Evangelho algo mais que um corpo de doutrina formado com as verdades morais pressentidas por eminentes filósofos anteriores a Jesus. Que é a Filosofia senão a ciência de todos

os povos e de todos os séculos, edificada lenta e sucessivamente em suas partes por todas as escolas que tiveram alguma participação nas conquistas que vêm aumentando e enriquecendo os domínios do entendimento humano? O Espiritismo inspirou-se nos mais eminentes filósofos e nos mais distintos moralistas e, unindo ao melhor destes e daqueles os ensinamentos da revelação, formou seu código moral e sua Filosofia, Filosofia a mais luminosa para explicar o sapientíssimo plano da Criação, e código moral mais perfeito para que a humanidade marche sem tropeços pela via de seus eternos destinos.

Deus não fez nem pôde fazer senão o mais belo, o melhor e o mais justo: aquela Filosofia e aquelas morais, cujas soluções estejam mais conformes com a idéia que temos da beleza, da bondade e justiça, serão as que mais se aproximam da verdade da Natureza, cujos segredos não podemos descobrir senão pouco a pouco e com perseverantes esforços. E então: pode-se conceber algo mais belo que a imensidade povoada de rutilantes estrelas e de mundos plenos de inteligência e vida, à maneira de notas harmônicas do progresso, à maneira de estações de etapa, onde as criaturas racionais deixem o descanso de suas fadigas e os meios necessários para continuar sita eterna ascensão em direção a uma felicidade sempre crescente? Pode-se idealizar algo mais belo, justo e consolador que a substância espiritual humana persistindo eternamente em suas individualizações, purificando-se e aperfeiçoando-se de organismo em organismo, de mundo em mundo, de século em século, e avançando pelos méritos de sua liberdade, perseguindo sempre um progresso cujo ideal é para cada ser inteligente e livre a plena posse de si mesmo e dos tesouros

esplendidamente derramados no universo pelo amor divino, pela sabedoria infalível?

Onde está Deus, super criador da beleza, da bondade e justiça, puríssima essência da verdade, manancial inesgotável da sabedoria, única sanção da liberdade humana, dos atos do entendimento, da moralidade das obras? Porventura, no conceito materialista, que arrebatando à inteligência o cetro da criação destrói toda liberdade, cegando dessa maneira os mananciais do belo, do bom e do justo? Porventura no dogma católico com sua trindade bramânica, com seus deuses e semideuses tomados do paganismo, com seus milagres à maneira de soluções de continuidade no plano da sabedoria, com sua predestinação fatal, com suas divinas vinganças e divinas preferências?

Porventura na absorção panteísta, no Nirvana, que promete por toda felicidade um sonho eterno, o aniquilamento de cada um no oceano da vida universal, depois de uma existência de lutas sem causas, sem planos e sem objetivo? Substituamos todas estas teorias incompletas, caprichosas, desconsoladoras, infundadas, com os racionais princípios da Filosofia cristã que resolve satisfatoriamente as grandes questões relativas ao plano da Natureza e aos destinos humanos. Deus é a causa de todos os seres, a substância ativa por si mesma, a inteligência suprema, o amor universal: o espírito do homem é como uma emanação da divina substância, como um farol da inteligência suprema, ser relativo, perfectível por sua liberdade e pelo cumprimento da lei, o mundo visível é a substância passiva, teatro da atividade e caminho de depuração dos espíritos. A vida e a inteligência têm assento e se desenvolvem não somente na Terra, mas também nestes astros que aos milhões

vemos fulgurar no fundo azulado dos céus, povoados todos eles por humanidades irmãs, filhas de Deus, que vão por diferentes vias à conquista de seus ditosos destinos. A vida do espírito é eterna, e cada existência um anel dessa eternidade.

Nascemos derramando lágrimas, e essas lágrimas não podem constituir um protesto contra a justiça de Deus; por conseguinte devemos merecê-las em virtude de infrações da lei cometida em existências anteriores. Deus é nosso pai e nosso juiz e por isso temos que nos sujeitar ao cumprimento da lei; como Pai, não nos pode jamais fechar a porta de seu amor nem nos privar dos meios necessários para nos reabilitar a seus olhos. Que é a vida presente? Um minuto de nossa eternidade; pode um momento de prova ficar nossa sorte...para sempre? Não, não; mil vezes não; porque Deus é juiz, porem discerne com justiça; porque Deus é pai, porém pai amorosíssimo, que não quer a morte, mas sim a redenção e salvação dos filhos de seu amor. Poderá o homem estacionar, poderá retardar o pronunciamento de sua sentença, poderá voluntariamente desviar-se, desobedecendo a voz de sua consciência e cerrando os olhos à luz, poderão sofrer séculos e séculos as conseqüências de sua voluntária cegueira; porém Deus, Deus é o ímã das criaturas, e sua benéfica atração acabará por guiar o homem ao caminho do qual não deveria nunca se ter apartado. A felicidade espiritual consiste na posse do poder, da sabedoria e do amor, atributos que, no sentido absoluto, são próprios exclusivamente da Natureza divina; mas o homem ir-se-á enriquecendo progressivamente com os mesmos, ainda quando sem ultrapassar jamais os limites da sucessão e relação.

Q livre arbítrio é também relativo, como tudo aquilo que possui a criatura em sua natureza finita e imperfeita. Nossa liberdade está de acordo com a elevação de nosso espírito: apenas perceptível nos albores de nossa consciência, vai dilatando sua atividade na medida em que o espírito alarga seus horizontes, resultando dai os diferentes graus de responsabilidade segundo os sucessivos conceitos do dever, Quanto mais puro for o espírito, mais livre o será: e quanto mais livre, mais responsável perante a lei. As condições da vida humana claramente nos manifestam que o dever é mais rígido na idade varonil do que na juventude ou na infância, nos povos civilizados do que nos selvagens, no homem douta e experimentado do que no ignorante. O dever absoluto e a liberdade sem limites somente são compatíveis com a sabedoria infinita: por isso, Deus é lei e o dever absoluto a um mesmo tempo. E não sendo absoluto nosso dever nem ilimitada nossa liberdade, quem poderá com retidão e lógica discorrer sem perverter o sentimento de justiça, deixando de compreender que não nos podemos fazer dignos, por nossas obras, da felicidade suprema, nem credores de perduráveis tormentos?

No cumprimento da lei moral presidem a justiça e a misericórdia; porém sempre a misericórdia antes da justiça. Pela misericórdia saímos do caos, da misteriosa origem da existência dos seres, e chegamos à vida, à luminosa vida do espírito, na qual começamos a vislumbrar Deus e a lei divina do progresso; pela justiça vemo-nos obrigados a agir de conformidade com prescrições da consciência, voz do céu, revelação permanente, mecha acesa pelo Criador no mais íntimo de nosso ser para iluminar o caminho de nossa progressiva perfeição. Pela misericórdia desce sobre a

humanidade o orvalho da inspiração superior, sem a qual impossível lhe seria dar um passo adiante e emancipar-se da impureza e do erro e esta inspiração vem aos homens através dos bons espíritos, em observância ao preceito amoroso de caridade imposto às criaturas inteligentes; pela justiça, a inspiração se levantará contra nós para acusar-nos, aí menosprezamos seus sábios ensinamentos.

Esta é a Filosofia cristã; este o Espiritismo, Esta é a que alguns denominam a loucura do século XIX! Loucura!...Porém, quem são os sensatos? Os indiferentes em matérias filosófico-religiosas, que nem afirmam nem negam, porque não se dão ao trabalho de estudar; que não se preocupam com estas cousas pois não se sentem inclinados a meditar? Os materialistas, que, para não transigir com a idéia de Deus e do espírito imortal, transigem com o absurdo, pretendendo que a consciência é efeito de uma causa inconsciente, que a liberdade é filha de uma lei fatal, que o sentimento procede da insensibilidade, que a inteligência emana de uma lei ininteligente e cega? Os ultramontanos, os fariseus, os mercadores religiosos, que nos falam de um Deus parcial e vingativo, de um espírito infernal criado para torturar eternamente as almas, de uma ,justiça que castiga em filhos inocentes as culpas dos pais até a íntima geração? Sim, estes são os sensatos de nosso século, os redentores da humanidade, os homens de sabedoria.

Oh! santa moral do Evangelho! oh! Filosofia cristã! oh! Espiritismo! Os que te condenam, ou não te conhecem ou te caluniam.

Pretendem alguns, com certas aparências de razão, que ao calor das doutrinas espiritistas tomam corpos fanatismos, mais contrários ao bom sentido filosófico de que a santidade da moral, multidão de perigosas superstições, a cuja generalização estão no dever de oporem-se os verdadeiros amantes do progresso.

Exatamente por sermos amantes do progresso é que combatemos superstições e abusos: que o digam o fanatismo católico e o mercantilismo ultramontano, cuja perniciosa influência procuramos francamente minar e destruir. Guerra ao fanatismo! Guerra à superstição! E é a legenda que tomamos por divisa de nossa propaganda, e não o desmentiremos, seja quando se trate da escola espiritista, seja da seita ultramontana. Sim, guerra à superstição! Seja qual for sua procedência, seu colorido, seu caráter: seu hálito imundo torna putrefato tudo aquilo que toca e é preciso destruí-lo a todo o transe.

É certo, todavia, que do Espiritismo nasçam crenças supersticiosas, dignas de reprovação? Esta questão é para nós de transcendental importância, de primordial interesse; porque a superstição não pode possuir outra paternidade senão a do erro, e nós não defendemos o Espiritismo senão por considerá-lo a verdade filosófico-religiosa de nossos tempos e o mais eficaz demolidor dos fanatismos que nos legou a opressão da Idade Média.

Depois do que deixamos dito estudando o Espiritismo em todos os seus aspectos; depois de haver demonstrado que como religiões é o Evangelho e a caridade e como Filosofia a investigação dos homens, poderíamos bem nos excusar de

entrar em novas considerações, relativas, mais do que à bondade dos princípios, a sua mais ou menos acertada tradução na prática. Não obstante, ainda que neste terreno tenhamos que. seguir nossos detratores, uma vez que já estamos intimamente persuadidos de que os vícios que deploram nada têm que ver com Espiritismo prático, já que se nos oferece ocasião oportuna também de condenar ante a opinião pública certas corruptelas, produtos da ignorância ou jesuiticamente urdidas que se pretendem fazer passar por obras do Espiritismo, com o objetivo de atrair o ódio das pessoas sensatas, urge dizer a verdade, porém toda a verdade, neste assunto vital, sem considerações nem contemplações que redundem em prejuízo da idéia; estabelecer um cordão sanitário, um antemuro que defenda nossas doutrinas de tanta imputação caluniosa como propalam nossos naturais adversários. A escola espiritista não pode, não deve consentir, sem um protesto formal, que continuem por mais tempo a ignorância e a malícia usurpando o nome do Espiritismo para sancionar aberrações, idiotices, fanatismos, fraudes, espetáculos grotescos, que apenas podem provocar o desprezo e o sarcasmo que o verdadeiro Espiritismo, o cristianismo filosófico, condena e condenará sempre com a inflexibilidade de sua moral e a majestade de seus luminosos ensinamentos.

Há certos pseudo-espíritas, que, julgando virtude a ignorância e julgando que o céu é patrimônio dos néscios, olham com aversão os livros e revistas com os quais poderiam ilustrar-se e se compadecem sinceramente dos que se dedicam à leitura e ao estudo. (1)

(1) Não falamos figuradamente.

Toda a sua ciência consiste em duas dezenas de versículos da Bíblia, nem sempre expostos com fidelidade e oportunidade convenientes. Se fosse real a intervenção que dão aos espíritos através de seus atos individuais, estariam agindo antes coma autômatos do que como criaturas dotadas de liberdade: o que pensam, falam e fazem, o fazem, dizem e pensam por inspiração dos espíritos.

Qualificam como imundas, grande quantidade de iguarias e bebidas, o porco, o coelho, a lebre, algumas espécies de moluscos tanto da terra como do mar, principalmente o caracol e a lula e todos os licores e bebidas fermentadas, sem exceção do vinho comum e da cerveja; e procuram não se contaminar com tais alimentos e bebidas, da mesma maneira que não fazem suas refeições entre os gentios, que é como eles denominam os profanos. Reputam de idólatra seja aquele que entra num templo para orar, como ao que tem em sua casa uma imagem qualquer representando algum ilustre benfeitor da humanidade; e ainda alguns levam seu puritanismo até a olhar cola aversão retratos fotográficos. Rechaçam a Medicina como inútil, confiando aos espíritos a cura de todas as enfermidades: sua panacéia universal é a água evangélica ou evangelizada, que preparam por meia da oração, e a aplicam interior e exteriormente. Não há doença nem enfermidade curável que resista à benéfica ação desta água prodigiosa. São geralmente simples, compassivos e benéficos. Costumam reconhecer um superior entre eles, espécie de pai de santo ou profeta, que pode ser um homem de bem ou um consumado velhaco, instrumento quase sempre, em um nutro caso, de jesuíticas influências.

E praticamente impossível dissuadi-los de seu fanatismo e erros, pois subordinam todos os seus juízos à resolução

infalível do pai de santo, que é o órgão do pensamento de todos. (1)

(1) Não há o menor exagero nesta rápida resenha, escrita e baseada em dados recolhidos por nós mesmos e pessoas cola veracidade nos merece total confiança.

Outros há que fazem consistir o Espiritismo na evocação. Como se simplesmente todo o mundo espiritual estivesse submetidos a sua vontade e caprichos, prometem à desconsolada mãe notícias imediatas e autênticas da filha morta, à filha de sua mãe, ao esposo da esposa. Reúnem e celebram suas sessões com aparato teatral e com certa gravidade misteriosa, os chamamentos dos espíritos da mais alta e elevada hierarquia, que recorda a trípode da sacerdotisa de Apolo e a árvore sagrada dos druidas alternam as contorções dos possuídos com aos quais pedem solução de difíceis problemas ou que revelem o futuro. Tratam os espíritos vulgares como de superior a inferior, como de mestre a discípulo, como de confessor a penitente, obrigando-os a manifestar suas inclinações, pensamentos, vícios, virtudes e propósitos. Não pensam em estudos úteis mas apenas em fenômenos. A sessão mais aproveitada é aquela em que abundaram os possuídos e mais freqüentes tenham sido as convulsões epiléticas.

Outros aspiram exercer em sua nova igreja as funções que os sacerdotes católicos exercem na sua. Batizam, casam, enterram, tudo supostamente, com a intervenção de algum médium; e não será estranho, dada sua afeição às práticas sacerdotais, que amanhã introduzam nas suas a confissão auricular. Não hão de lhes faltar versículos da Bíblia em que apoiar estas ou outras ridículas inovações. O abismo das superstições é por demais escorregadios e uma vez colocados os pés nele, mui dificilmente alguém conseguirá deter-se antes de chegar às suas profundezas.

Outros, por último, explorando vantajosamente a ignorância, oferecem-se em espetáculo público disfarçados em médiuns de efeitos físicos, não sendo senão prestidigitadores ou refinados malandros. Seu objetivo é viver às expensas do próximo, e o conseguem fazendo da credulidade ou da curiosidade dos demais o meio de sua sobrevivência. Pouco lhes importa que arranquem sua máscara, contanto que a fraude continue e produza.

Uma vez conhecido o jogo e explorado o público, reúnem seus trastes do ofício e se vão com a mesma música a outras paragens.

Estes são os fanatismos, estas as aberrações que atribuem ao Espiritismo seus apaixonados detratores. Porém o Espiritismo rechaça semelhante paternidade e ainda poderia de volvê-la com justiça em muitos casos: porque e quem senão os inimigos de uma idéia hão de procurar ridicularizá-la e prostituí-la? Alguém desconhece, porventura os maquiavélicos procedimentos do jesuitismo, que se introduz nas lojas para destruir os planos da maçonaria, que se faz revolucionário para desfazer a revolução, que envia seves satélites aos centros espíritas a fim de impeli-los a maiores extravagâncias?

Com que título se cognominam espíritas os que se entregam a práticas que o Espiritismo condena? São teóricos? Não, porque nem conhecem a doutrina da escola, nem se dão ao trabalho de estudá-la. São práticos? Tampouco; porque a prática do Espiritismo é moral cristã e esta moral rechaça suas extravagantes corruptelas. Não basta, para ser espírita, aceitar a existência dos espíritos e a revelação: necessita-se certo bom senso para compreender qual a solidariedade que pode racionalmente admitir-se entre

os espíritos e os homens, além de uma dose não pequena de sentimento para gozar ou sofrer com as alegrias e sofrimentos alheios. O Espiritismo é a ciência, é a revelação, é a caridade; porém aquela ciência humilde que busca Deus e a pura fruição do entendimento dentro das harmonias da Natureza, porém aquela revelação majestosa que fecunda a todos os germes de vida e de virtude latentes no seio das gerações humanas, porém aquelas caridades nobres, expansivas, tolerantes, universais, que se estende a todos os mundos, que abraça todas as humanidades.

Oh! vós, que lançais vossos anátemas contra o Espiritismo, sem conhecê-lo! Se quereis ser justos, não o busqueis nas extravagantes práticas de mal aconselhados ou iludidos, inspirados na ignorância e na malícia. Suas Filosofia a encontrarão em Girano de Bergerac, Delormel, Carlos Bonnet, Dupont de Nemours, Ballanche, Lessing, Constam Savy, de la Codre, de Brotonne... na Pluralidade dos Mundos de Flammarion, na Pluralidade das existências, de Pezzani, em O Mundo marcha de Pelletan, em As verdadeiras transformações de Castelar, nas recentes declarações filosófico-religiosas de Victor Hugo. Sua revelação, filha da ação providencial, progressiva como o entendimento humano, a encontrareis nos grandes ensinamentos dessa moral eterna, cujo desenvolvimento histórico começa com respeito a nós nas fraldas do Sinai. E suas práticas, no honroso trabalho, no exercício das virtudes domésticas e sociais, na beneficência, no perdão das ofensas, no amor, na abnegação, no sacrifício voluntário de tantos benfeitores da humanidade que deram sua liberdade e sua vida em prol da felicidade e emancipação de seus irmãos.

Em que baseia o Espiritismo a necessidade de sua aparição no momento histórico atual? Vejamos. Seus fundamentos religiosos, sua moral, suas crenças essenciais, não são de hoje; a adoração, a revelação e a caridade foram em todos os tempos o meio de aperfeiçoamento e de progresso das gerações humanas. Desde o início dos séculos Deus se revelou na onipotência de suas leis, na harmonia de suas obras, no esplendor de sua providência e também desde o principio O homem conquistou sua felicidade progressiva pela adoração e pelo amor. Sob este ponto de vista o Espiritismo é tão antigo quanto o homem, como a Criação, eterna como o supremo Ser, que de toda eternidade criou seres que o glorifiquem e o louvem, Porém hoje o Espiritismo se apresenta como uma irradiação mais luminosa do divino sol da verdade, necessária aos futuros desenvolvimentos do espírito do homem e só nesta nova fase é que temos de considerá-lo e estudá-lo para dele exigir os títulos que legitimem seu advento na nossa época.

Delineada assim a questão no terreno conveniente, devemos lançar ao nosso redor um olhar e examinar com total imparcialidade se as velhas instituições satisfazem ou não as exigências morais de nosso século: se o testamento religioso de nossos antepassados conserva toda aquela virtude que necessita para desvanecer as dúvidas e dirigir os sentimentos ou se, pelo contrário, é um legado ineficaz, mais com o propósito de turvar as consciências do que de tranqüilizá-las.

Ai! a árvore, a veneranda árvore de nossas seculares tradições religiosas carece por completo daquela pujança com que em outro tempo resistia às mais violentas investidas do erro ao seu amparo não encontra o viajor da Terra nem deliciosa sombra, porque perdeu o brilho e a frondosidade de sua ramagem, nem saboroso fruto, porque deixou de circular através de seus tecidos a seiva fecunda de seus primeiros crescimentos. E uma árvore degenerada, enferma, cujos ramos vai secando um a um a brisa da ciência, sua inimiga natural.

A ciência é intransigente e sem piedade: derruba tudo aquilo que se atravessa em seu caminho com o fim de dificultar sua marcha, e destrói com vigorosa, com incontrastável força tudo o que o erro e a ignorância vêm edificando através das idades, assim como a luz afugenta as trevas onde quer que estabeleça seu império. Quando chamamos a Juízo as crenças herdadas, estas não resistem ao exame, à crítica filosófica da ciência, e a partir de então a tradição tem na ciência seu mais terrível inimigo.

E que aconteceu? O que não podia deixar de acontecer. Os discípulos da ciência aumentam cada dia, ao passo que o número e o cego entusiasmo dos tradicionalistas diminuem ostensivamente. Travam-se grandes batalhas, e em cada uma delas perde a tradição algum de seus baluartes. Aos fanatismos sucede a incredulidade, à fé o ceticismo, ao sentimento religioso o apego aos gozos materiais. O templo, segundo feliz expressão de um sacerdote, notabilíssimo escritor, arde nas suas quatro paredes e ameaça desmoronar e sepultar em suas ruínas fumegantes o sentido moral. Surgem de todos os lados vozes que alardeiam o perigo iminente; mas as que poderiam e deveriam evitá-lo fazendo prudentes

concessões á ciência, se aferram torpemente aos erros em que cimentaram seu poder e com os quais esperam ainda conquistar a soberania do mundo. Não conseguem compreender que o entendimento humano já saiu da infância e busca nas verdades seu alimento espiritual- Acusam a sociedade atual de descrente, sem saber que a acusação recai sobre eles, que são os verdadeiros causadores dos males que lamentam. Pois quem senão eles formam o sentimento religioso e dirigem as consciências.

Não foi o ultramontanismo, escola corrupta, da primitiva tradição cristã, a que educou os povos desde os princípios do século XI até meados do século XIX? Quem culpará com justiça pelos perniciosos efeitos de uma educação exclusivamente sua?

Porém o mal existe: para negar este fato seria necessário fechar os olhos á evidência. Há porventura um coração sadio que não sinta mal-estar em meio à atmosfera moral que se respira sobre a Terra? Há algum entendimento sério que não veja no horizonte social indícios de tempestades ameaçadoras?

O utilitarismo, a hipocrisia e a mentira são a trindade olímpica do século, as deidades exaltadas no céu das aspirações humanas. A ciência despojou do cetro do universo ao Deus dos ultramontanos; e o resultado imediato foi à negação de Deus e o triunfo dos que proclamavam a inutilidade do sentimento religioso.

Ainda são muitos os que aparentam crer, porém pouquíssimos os que realmente crêem: As conveniências sociais influem não pouco em que subsista exteriormente uma fé que os desenganos arrancaram das almas. Ponha-se à prova a religiosidade de todos os que se jactam de

sentimentos religiosos e ver-se-á que a maior parte a venderá por um miserável prato de lentilhas. Seu sensualismo, sua incontida ambição, os ódios que alimentam, os meios de que para enriquecer-se lançam mão, a facilidade com que se entregam á difamação, à calúnia, à perseguição e à vingança, desmentem de uma maneira terminante as crenças de que hipocritamente fazem alarde. E isto que nós ligeiramente apontamos, o insinuam os bispos em suas pastorais, o deploram oradores sagrados em seus sermões e até os escritores ultramontanos, que tanto contribuíram para desmoralizar a sociedade, escrevem sobre o mesmo tema artigos nos periódicos e revistas da seita.

Todavia, semelhante estado de coisas não pode continuar sem gravíssimo perigo, o mal-estar que se sente, devido ao relaxamento dos vínculos sociais, aumenta cada dia, e é sintoma de imediata decomposição. Mas, uma vez conhecida à causa da enfermidade, sua cura não é difícil. Torna-se necessário opor ao ateísmo a afirmação de Deus e ao ceticismo crenças racionais, harmonizando, de uma vez para sempre, os dogmas da fé com as legítimas conclusões da ciência. A ciência não é atéia, mas não pode aceitar deuses caprichosamente imaginados: não é cética, porém rechaça toda crença que não leve a marca da justiça e a sanção das leis naturais. Por isso repele o Deus arbitrário e a fé cega da seita ultramontana. Estas considerações justificam a aparição do Espiritismo na atual momento histórico; porque a Filosofia espiritista é a noção científica de Deus, e o dogma racional da fé.

O ultramontanismo nos leva a todos os erros e abominações da Idade Média; e o Espiritismo, aliando-se à ciência, vem reivindicar as verdades cristãs torpemente

obscurecidas, apontando os receios universais às maquinações da imoralidade ultramontana. Ai das nações, ai da humanidade, se a seita saísse vencedora no combate que sustenta contra o direito moderno, que é o direito da dignidade humana e da civilização dos povos! Porque o que ela pretende é nada menos do que o império da teocracia nos governos, a tirania das consciências, a posse despótica dos corpos e das almas. Seu conceito político é a regra de São Bento, de São Francisco, ou a constituição de Santo Inácio, como constituição dos povos; seu conceito social, cada nação constituindo um imenso cenóbio com seu reverendíssimo padre à cabeça; seu código penal, a inquisição e o in pace. Nada de liberdade, nada de igualdade, nada de caridade recíproca; numa palavra, nada daquilo que nos veio pregar Jesus Cristo com sua palavra e seu exemplo.

Espiritismo, ao mesmo tempo em que reforça com sua Filosofia religiosa-moral, a Ciência em sua decidida luta com o dogma ultramontano, vem agrupar os núcleos dispersos da sociedade cristã para iniciar com eles a igreja do porvir e o renascimento da fé. Esta é sua missão, que saberá cumprir sem outros auxílios que não sejam o racionalismo e a liberdade e esta é a razão de seu advento em nossa época. Seus sacerdotes não são outros senão os homens honrados de todas as escolas que suspiram por uma era de paz, de benevolência mútua, de moralidade nos costumes; seus santos, os benfeitores e os luminares da linhagem humana em todos os tempos. e países; seu Deus, a inteligência universal, onipotente e provedora, vida da vida, alma das almas, princípio fundamental do universo.

Jesus Cristo disse que as portas do inferno não prova prevalecerão contra a Igreja, e o Espiritismo é o

cumprimento da promessa de Cristo. Ele reavivará a fé que os fariseus destruíram com sua hipocrisia e erros. Erguendo uma tocha luminosa o Espiritismo a coloca à vista de todos os entendimentos, a fim ele que os homens vejam com toda a caridade que o Deus de Jesus é o Deus da Filosofia, e sejam por convicção deístas e cristãos. Inoculando nas sociedades a religião do amor, que é a seiva dos ensinamentos evangélicos, o sentimento da tolerância, sem o qual não pode haver progresso nem regeneração possíveis, destruirá o fanatismo tradicional, origem da decadência do sentimento religioso. Os ídolos cairão de seus altos pedestais, e não haverá outro altar senão aquele que construirão em seu coração as criaturas ao Criador, e o incenso será o da adoração intima das almas. Ao amanhecer do próximo século ter-se-ão assentados, mercê da reconciliação da fé com a Ciência, os alicerces do novo edifício, a grande base do cristianismo filosófico.

8

O opróbrio, a calúnia, o insulto, a perseguição, tudo foi empregado e o continua sendo para afogar as aspirações de verdade e de justiça que tomam vulto na consciência humana e que o Espiritismo se encarrega de anunciar. Pelo suposto de que tudo isso se faz quase sempre ad majorem Dei gloriam, pretextando que a nova propaganda vem dirigida por Satanás em Pessoa e que essas aspirações de justiça e de verdade não são senão diabólicas travessuras que têm como

objetivo seduzir os espíritos incautos e arrastá-los ao inferno pela trilhado caminho do erro.

Nós e somente nós possuímos o sagrado fogo da verdade absoluta, clamam os escribas da época: fora de nós, a verdade não é verdade, a virtude não é virtude, a justiça não é justiça. Anátema sobre aquele que pretenda que o entendimento lhe tenha sido dado para julgar! O juízo das coisas a ninguém senão a nós pertence: aos demais somente compete alimentar-se de nossas verdades e observar nossos mandamentos. E na realidade esta servidão intelectual e moral, da razão e da consciência tem prevalecido e formado as crenças e os costumes. Os escribas interpretavam a lei a seu modo e o povo a recebia sem exame, com uma venda nos olhos. Por esta perigosa via chegou-se aos maiores absurdos. Até onde nos levará? perguntaram-se, por fim, muitos ânimos inquietos; quem são estes nossos guias, que não nos permitem enxergar? Acaso a razão que nos outorgou Deus é germe de perdição? Onde está a luz, na servidão ou na liberdade? Nossos guias são deuses ou homens? Podem errar ou são infalíveis? Se a fé que nos impõem é racional, por que então nos proíbem de raciocinar sobre a fé? Que fé é esta que começa exigindo a abdicação do juízo? Por que não havemos de ver o que nos mandam crer? E se nossa razão é um reflexo da eterna razão, e se o universo é o verbo de Deus, e se a ciência, segundo afirmam nossos guias, corrobora com a verdade em seus ensinamentos, não é lógico que apelemos para a razão no estudo da razão eterna e busquemos no universo o pensamento divino e a divina vontade e entreguemos nosso espírito á investigação científica que afirmará cada vez mais nossas crenças?

E estes ânimos inquietos, estes espíritos receosos, estes homens vacilantes na fé, puseram suas mãos na venda de seus olhos. Timidamente a principio; porque lhes vinham à mente todas as ameaças contra os desditosos que se atrevessem a fazer uso dos olhos, e porque recordavam os mil e um castigos, exemplares, providenciais, terríveis, repentinos, por tentativas de independência religiosa, largamente, explicada e detalhada por castigos nos livros de perfeição. Mas depois, como não chovia fogo do céu, nem as tragava a terra em meio a seus anseios de emancipação mental, acabaram por lançar a venda ao chão e riram-se de sua infantil credulidade.

Os cegos de nascença abriram os olhos; entretanto o que sucedeu? Aí estão os exércitos do materialismo e do ateísmo cada dias mais fortes e mais numerosos, aí estão as legiões da fé cada dia mais fracas e mais escassas. Quando os cegos recobraram a visão, não encontrando o Deus que os haviam feito conceber, exclamaram: Deus não existe. E tudo mentira! Só é realidade a matéria que tocamos e a força que põe em movimento a matéria!

Um escritor profundamente religioso e eminentemente sábio disse: "Ai da religião que não se acomode a razão! ai da fé que não seja racional! Sem a conformidade da razão, acabou-se a religião, acabou-se a fé. Chegamos a tal ponto de tenebrosa ignorância, de intelectual abdicação, que deixamos a porta franqueada ao ateísmo."

De sorte que a fé cega é a abertura por onde penetra nas sociedades a dissolução atéia. Convém repeti-lo para que meditem nisso os homens de boa vontade, os que suspirando pelo advento de uma era de fraternidade e de justiça vêem com inquietação as correntes céticas do século. O trânsito da

fé cega ao ateísmo se realiza com apenas um movimento: o abrir dos olhos.

Porém de onde nos veio essa fé, germe de incredulidade? Do cristianismo porventura? Certamente que não: A grande, a universal Igreja Cristã sempre ensinou entre seus eternos dogmas a fé; mas a fé nobre, esplendorosa, racional, em espírito e verdade, ativa, companheira inseparável da liberdade e do amor. Mas, como a corrupção do melhor resulta sempre no pior, assim também a corrupção do cristianismo resultou no ultramontanismo e a corrupção da fé cristã, na fé cena de nossos ultramontanos.

Desgraçadamente são muitos os que confundem a nova seita com a primitiva Igreja e os erros e excessos daquela são comumente imputados às duas.

Convém, pois, e é de suma urgência, conter o movimento de decomposição que se observa e atrair através da razão todos aqueles que por não haverem encontrado justificadas as suas crenças milham nas hostes rebeldes do ateísmo. E necessário desligar a Igreja da seita; a verdade religiosa, das superstições e hipocrisia; a fé cristã, do fanatismo cego. E preciso anunciar ao mundo o cristianismo em sua pureza, os dogmas eternos da Religião Universal; caso contrário, a incredulidade se apoderará de todos os entendimentos e a humanidade mergulhará primeira na mais repugnante sensualidade e depois na mais grosseira barbárie.

Pois bem; o Espiritismo anuncia aos povos esses altíssimos dogmas universais, eternos; a Religião de todos os tempos e lugares; a fé em conformidade com a verdade e por conseguinte com a luz do entendimento humano.

Anuncia que a Igreja é a assembléia de todos os homens virtuosos, de todos os espíritos amantes da justiça. Para

pertencer á Igreja não se necessita outro noviciado que o do sentimento do justo, nem outro gesto exterior que não seja a bondade das obras.

Anuncia que Deus é o Pai de todos os seres inteligentes e livres, a Bondade infinita e a justiça absoluta e que nenhum de seus filhos jamais será excluído de sua providência de amor; mas, para nos acercarmos de que temos que ser justos e bons.

Anuncia que é lei da criação a redenção universal e que a redenção individual depende do uso da liberdade de cada um. São redentores da humanidade os elevados espíritos que com a palavra e o exemplo inoculam nas gerações humanas a amor e a justiça.

Anuncia que o único Templo digno do Criador é a criação. Chegará o dia em que todos sentirão esta verdade e então os homens, ao invés de se reunirem nos templos de pedra, o farão sob a nave do firmamento e das estrelas.

Anuncia que a Revelação na justiça e na verdade é luz que ilumina todo homem que vem ao mundo. Ela é a tocha divina que dissipa as trevas da consciência. Sem a revelação não se concebe o progresso espiritual dos seres.

E como a Terra não é a única morada da vida, do pensamento e da liberdade, nem a humanidade terrestre a humanidade universal, o Espiritismo proclama unidade de origem e de destinos de todas as criaturas racionais disseminadas nos infinitos mundos do espaço.

Proclama que, assim como todos os orbes se transmitem reciprocamente sua luz, as humanidades que habitam os mesmos transmitem os eflúvios de seu pensamento e de sua vontade. Com a luz dos sóis nos chega a inspiração das almas puras. Para elas a liberdade não tem outro limite que o

da onipotência. São os ditosos mensageiros da revelação divina.

Proclama, por último, que a vida sobre a Terra não é senão uma jornada da vida perene dos espíritos. Nosso destino é ascender sempre, através da liberdade e da justiça. Temos que visitar todas as cidades onde temos irmãos, para abraçá-los e estreitar os vínculos fraternais. Por que edificou Deus essas cidades e colocou-as à nossa vista, se não tivéssemos que visitá-las? Para que nos dar irmãos se não devêssemos conhecê-los, amá-los e constituir com eles uma Família?

A constituição dessa família universal, pelo triunfo da verdade, da justiça, da adoração e do amor, é o ideal do Espiritismo, sua suprema aspiração; ainda os erros nos oprimem e ofuscam os entendimentos; ainda prosperam entre nós a ,falsidade, a mentira e o orgulho; ainda há corações que destilam ódio e mãos que destilam sangue; ainda abundam as consciências rebeldes que se desentendem com os benefícios celestiais, filhos ingratos que negam o Pai, de quem a luz, a vida, a liberdade; mas como?

Não viemos das mãos de Deus? Não é nele que vivemos e nos movemos?

Acaso podemos fugir de seu regaço, emancipar-nos sua tutela paterna?

Onde poderemos ir sem que Deus esteja conosco; onde podemos nos esconder de sua bondade?

Oh, Deus, suprema Lei. Causa soberana do mundo, eterna Sabedoria que em tudo penetra, Ser de meu ser, Vida da minha vida, Alma de minha alma! Sei que vim de ti, que estou em ti, e que a ti ascenderei eternamente. Tuas bondades me aperfeiçoarão e não me abandonarás; acendeste

a luz em minha alma e não a apagarás. Enriqueceste-me com a liberdade, para glória tua e felicidade de meu espírito. Gravaste tua lei no mais íntimo de meu ser e essa lei é um suave chamamento, uma irresistível atração, que acaba por vencer todas as resistências humanas. Posso esquecer-me de ti; posso desconhecer-te; posso dentro de minha liberdade deter o movimento ascensional de minha alma; poderei voluntariamente enveredar-me dentro da injustiça, chafurdar-me no lodaçal da iniqüidade, fazendo-me dessa maneira credor por séculos de acerba expiação: porém tu voltarás a chamar-me, pois és meu pai; tu me abrirás caminho por onde possa reparar minhas injustiças e me perdoarás, pois és Deus. E depois que meu espírito se tenha desprendido do erro, quanto minha alma se tiver purificado de todo egoísmo, de toda injustiça, de toda mancha de miséria terrena; então, oh, Deus! receber-me-ás na comunhão dos justos, na vida das almas purificadas, lá onde o sol de uma felicidade sempre crescente não transponha jamais os horizontes.

Isto é que o Espiritismo, o que o Evangelho, o que a eterna Religião me anuncia. Isto é, não obstante, o que uns chamam de extravios da razão e outros, mistérios de iniqüidade. Extravios da razão! Em que consiste, pois, o juízo dos sensatos? Mistério e de iniqüidade! Onde, pois, a justiça dos justos? Contudo, o mundo marcha, as gerações se sucedem e a verdade cedo ou tarde se apodera dos espíritos, por anais obcecados que sejam. O Progresso humano acelera a cada instante sua carreira e suprimindo séculos precipita as soluções de todos os problemas transcendentais surgidos desde o nascimento das civilizações e dos povos. Reinarão um dia sobre a Terra a verdade e a justiça e então, os mesmos que hoje não têm para com o Espiritismo senão os

desdém, maldições e opróbrios, se assombrarão de sua obstinada cegueira e transformarão esse opróbrios em nobreza, em honra essas maldições e em grandeza esses desdém. Somos todos irmãos e uma reconciliação coroada de amor há de pôr fim aos egoísmos que nos dividem para que possamos marchar estreitamente unidos à conquista da felicidade comum.

VI

A Internacional Negra

Na Espanha, na Itália, na França, na Europa, em todo o mundo civilizado e à sombra da legislação de cada povo, vive e se agita uma seita, cujos indivíduos, estreitamente unidos entre si com os vínculos de um pensamento e de um interesse comuns, diametralmente opostos aos interesses e fins da grande família humana, trabalham com incansável atividade para que prevaleçam seus ambiciosos planos em prejuízo das mesmas sociedades de cuja seiva se nutrem e em cujo seio se abrigam para. perturbá-las e oprimi-las. Sua pátria não é o pais em que nascem: sua pátria comum foi Roma e o será enquanto alentar suas concupiscências e desbragada ambição. Nascem em tortos os países e em todos us países são cidadãos para seus objetivos de prosperidade pessoal, mas são estrangeiros para contribuir para a prosperidade geral.

Dizem-se realistas e chegam aos corações dos reis com o punhal de Ravaillac; fazem ostensivo alarde de cega submissão aos papas, mas os papas que se opuseram aos seus desígnios sucumbiram vítimas de horrendos e misteriosos atentados; dizem-se homens de ordem, de paz, de caridade e de justiça, e os surpreendereis conspirando, pregando a resistência às leis e aos poderes quando estes contrariam seus propósitos, ativando as discórdias civis e as guerras internacionais, aconselhando o assassinato e o incêndio, tomando parte nos movimentos populares para despertar com vibrante eloqüência todas as iras e com pérfido conselho todas as paixões brutais. Tudo subordinam à conveniência da seita: seu realismo, seu papismo, seu Deus, de cujos sagrados objetos fazem instrumentos de seu domínio e prepotência. Omnia pro dominatione.

Não os vimos em nossos dias fazendo votos pelo triunfo da Rússia cismática, que lutava contra potências católicas e pelo triunfo da Turquia maometana que lutava contra uma potência cristã? Em todas as partes suas simpatias e sua influência estão sempre à frente da conveniência e do progresso dos povos. Na Itália maldizem a unidade nacional; na Suíça e na Alemanha resistem ao cumprimento das leis; na Bélgica, onde preponderaram por algum tempo no governo, puseram em perigo iminente as mais altas instituições; na França provocam turbulências e golpes de estado. Na Espanha... Ah! quisera o céu que pudéssemos esquecer as últimas calamidades que trouxeram sobre o solo pátrio esses eternos inimigos da civilização e da luz! Porém são bastante recentes e estão na consciência e na memória de todos os espanhóis.

Com suas insensatas pregações acenderam em nome de Deus o estopim da última desastrosa guerra civil, que avermelhou nossos campos com o sangue de militares iludidos e de mártires.

Como se prevalecem do fanatismo e da ignorância das massas! Como as alucinam, as exploram, as despojam e as levam ao matadouro uma vez que isto vá a favor de seus maquiavélicos objetivos! Como sabem educá-las para a escravidão moral e material! Entregai-lhes a educação do povo e ouvireis as multidões gritando: "Queremos grilhões! vivam os grilhões!" É então quando eles asseguram que chegou o reino de Deus sobre a Terra; que a salvação das almas está assegurada; que todas as bênçãos e felicidades descerão sobre os servos agrilhoados. Miseráveis! Em cada lugar um convento e um castelo, em cada castelo uma força e a inquisição como tribunal supremo de justiça, esse é o vosso ideal, lá o sabemos; somente vós podeis reinar sobre cadáveres ou escravos.

Apesar deles e de seus furibundos anátemas, a civilizadora seiva do progresso penetrou nas veias dos organismos sociais. inoculando em seu sangue preciosos germes de renovação e transformação. Porém eles não se civilizaram e não progrediram; não se renovam nem se transformam: são incrustações do passado no presente: reverberações daquela geração de tiranos do pensamento, que dominou sobre uma geração de ilotas durante a longa noite da Idade Média; reproduções fiéis daqueles antigos familiares do Santo Ofício, que em nome da caridade e do amor ao próximo acendiam as fogueiras da fé. Hoje se revoltam irados contra o século, porque em seu transcurso se escreveu o primeiro capítulo da redenção dos escravos e das

consciências. Seu assombro, primeiro, e seu furor logo em seguida, foram superiores a toda ponderação, "Como! - exclamaram - é possível que esses povos estúpidos, abjetos, vil, obra de nossas mãos e de nossas previsões, tenha concebido idéias de dignidade e liberdade e sonhe em romper as estreitas malhas da imensa rede em que o mantemos cativo! Não adormecemos sua alma no fanatismo, para que se acreditasse eternamente escravo; não embrutecemos seu entendimento na ignorância, para torná-lo refratário a toda luz; não flagelamos em todos os tempos seu rosto e suas costas, para que nos considerasse seus senhores naturais? Hipócritas de todos os países, fariseus da religião, tiranos do pensamento, parasitas sociais, nós que possuímos a arte de vender pelo zelo das coisas santas a escória de nossos abomináveis apetites, unamo-nos, formemos uma só face, uma só falange, onipotente, incontrastável, terrível, pronta para cair sobre as falsas hostes do progresso. O mundo foi nosso e deixaremos que nos arrebatem a posse do mundo? Ainda há multidões ignorantes; ainda nos pertence por vaidade e fanatismo à mulher ainda há grandes interesses entrelaçados com os nossos, grandes ambições que se amparam em nossa ambição; ainda podemos levantar exércitos formidáveis que nos reconquistem o esplendor e a pujança de outros tempos! Guerra ao direito moderno em nome da tradição! Guerra à ciência em nome da fé! Guerra à civilização em nome do cristianismo! Guerra à liberdade em nome do Evangelho!"

Estes são os sinistros planos do ULTRAMONTISMO, do JESUITISMO, da INTERNACIONAL NEGRA.

Para realizá-los, as instruções do sinédrio ultramontano partiram em todas as direções. "Primeiro urge contar os

soldados e organizá-los, ocupar depois vantajosas posições para não aventurar o êxito e cair por último com ímpeto irresistível sobre as forças divididas do progresso. Delenda est Carthago? Durante o fragor da peleja, não dar trégua á mão homicida enquanto ficar um só inimigo de pé: depois da luta, organizaremos, da maneira mais legal possível, unções e purificações, para que a força ou fogo termine a obra iniciada pela espada. Todo o que tiver tendências liberais ou racionais deve ser eliminado. Desta maneira é que havemos de recobrar a posse pacífica do mundo, que a liberdade e o racionalismo nos disputam."

E este programa da Internacional Negra vem se desenvolvendo de uns tempos para cá com o maior descaro, à ciência e paciência dos povos e dos governos, sem que talvez se tenha pensado seriamente em evitar suas terríveis conseqüências.

Para o engajamento dos soldados adictos à causa do retrocesso, nada mais a propósito do que as peregrinações e remarias; pois, quem suspeitará que o piedoso bastão do peregrino ou do romeiro poderá amanhã se transformar em fuzil de raivoso partidário? Para a organização das forças, aí estão certos comitês e associações de caráter político, mal encoberto sob um disfarce religioso, encarregados de recrutar e. fanatizar a juventude. Para levantar o espírito dos adeptos, não faltam artigos plenos de insolentes ameaças na imprensa neocatólica, nem discursos incendiários lançados de cátedras, de onde não deveriam pronunciar-se senão palavras de caridade e de perdão.

Falta apenas, - e ainda nesse sentido tem muito adiantado em alguns países a internacional de que falamos, - se apodere de posições estratégicas, com as quais possam ferir

impunemente todos aqueles que não comunguem em sua igreja ou não milhem em suas fileiras. Falta apenas que sua influencia invada as regiões oficiais; que dê aos seus homens participação na administração e governo dos povos. Isto seria n mesmo que acalentar em nosso peito a víbora que nos ferirá mortalmente. Seremos tão estúpidos? Teremos perdido por completo o instinto de conservação e esquecido as mais rudimentares máximas de prudência?

Nós não estamos filiados a nenhuma das parcialidades políticas que dentro e fora cta Espanha lutam por escalar ou conservar o poder: sob este ponto de vista, não pertencemos nem aos vencedores nem aos vencidos. Mas nós milhamos nas legiões que levam erguida a grande, a humanitária, a civilizadora bandeira do progresso, que não é de nenhum partido, mas sim comum a todos os partidos que amam a liberdade, que não é exclusiva de nenhuma nação, mas sim da humanidade inteira, Nós não fazemos oposição a nenhum governo, mas antes, inspirando-nos na submissão evangélica, respeitamos profundamente em todos sua altíssima investidura e proclamamos este respeito como um dos primeiros deveres de todo bom cidadão. Não é por isso, porém, que renunciamos ao direito, inalienável e sagrado, de dar o grito de alarma, quando vemos em perigo qualquer das conquistas do direito moderno, às quais rendemos fervoroso culto. Mas, quando este perigo se aproxima, se não nos permitem gritar, falamos em voz baixa; se não nos permitem falar, assinalamos com o dedo qualquer que seja a ameaça.

É-nos doloroso ver - e aqui começa a respeitosa indicação de um desses perigos que vislumbramos no horizonte social, - é-nos doloroso ver, repetimos, essa imensa rede de conventos que se estende e aumenta em

nosso solo, tão espezinhado e empobrecido em outros tempos de triste recordação por estas mesmas instituições religiosas, que determinam uma época de lamentável decadência no povoamento e na prosperidade da Espanha. É-nos lastimável ver como o jesuitismo, inimigo mortal de todos os avanços que a civilização traz consigo, se introduz em nossas vilas e cidades, de onde foram desalojados pela provisória política do rei D. Carlos III, para ser logo abolido pelo papa Clemente XIV. É-nos lastimável ver como se alimentam no púlpito, considerado pelas multidões como cátedra da verdade, insensatas esperanças da próxima volta a uma completa restauração teocrática, acompanhada dos mais terríveis anátemas contra as instituições que a santa liberdade estabeleceu e o direito moderno sancionou. É-nos lastimável ver os causadores das nossas discórdias civis preparando tranqüilamente, depois de vencidos, e abusando da magnanidade da nação que os tolera, os elementos necessários para nos submeter outra vez aos horrores do passado. E é-nos lastimável, por último, ver como a Internacional Negra propaga livremente seus enganos e suas perniciosas doutrinas, atentatória a tudo o que de mais santo e mais sagrado têm as sociedades modernas; ao mesmo tempo em que os instrumentos ativos de seus tenebrosos planos usam e abusam da palavra e da imprensa para derramar sobre as turbas fanáticas e ignorantes a asquerosa semente de suas iras; a nós partidários da ordem baseada na justiça, os que professamos respeitoso culto ao princípio de autoridade, aos que amamos e defendemos a liberdade de consciência emanada dos ensinamentos evangélicos, apenas a lei nas deixa um pequeno resquício por onde podemos opor propaganda a propaganda, combater esse pernicioso

fanatismo que corrói nosso povo e destrói os mais enobrecidos sentimentos, arrancar ao farisaísmo a máscara da hipocrisia com que dissimula sua sede de medrar e de dominar e denunciar, enfim, aos receios sociais os nefandos fins da seita ultramontana e suas reprováveis maquinações.

Este estado de coisas produz um mal-estar geral, uma penosa inquietude nos ânimos, que só as podem acalmar medidas reparadoras e progressistas, francamente hostis a todo contato clerical de restauração. E não é que se creia possível à eventualidade desta restauração aborrecida. Não; o progresso já está acostumado a vencer seus irreconciliáveis inimigos e os vencerá uma vez mais se necessário for: o que se teme, o que às almas honradas agita e atribula é a perturbação mais ou menos duradoura que poderia trazer aos interesses da civilização o vestígio reacionário produzido por certas esperanças imprudentemente alertadas.

O que se teme é um momento de surpresa, ainda quando seus efeitos tivessem que ser efêmeros, de curtíssima duração; porque a Internacional Negra é implacável, e se lançaria furiosamente sobre as vitimas designadas por seus sangrentos instintos. E preciso não esquecer que os ultramontanos têm a glória de ser descendente daquele povo que ao penetrar numa cidade sitiada não distinguia em seu furor nem a indefesa mulher nem a inocente criança.

Os extremos se tocam. A Internacional Negra e a Internacional Vermelha, ainda que com objetivos opostos, são igualmente temíveis: o triunfo de uma delas seja qual for, por passageiro que fosse, deixaria atrás de si rios de sangue e montanhas de cinzas. Para frustrar seus planos, basta a prudente vigilância dos governos, quando estes são benéficos e justos; mas para destruí-las moralmente e

extirpar suas raízes, necessita-se de algo mais, uma propaganda incessante, um trabalho ininterrupto de instrução popular e principalmente uma terceira internacional, a Internacional Cristã, da qual nos ocuparemos no capítulo seguinte.

VII

A Internacional Cristã

A renovação é a lei da Natureza, e as leis da Natureza infalivelmente se cumprem. Renovam-se os mundos que vagam na incomensurável região do éter; renovam-se as humanidades, os seres que vivem na superfície dos mundos; renovam-se os elementos de vida, os modos de ser das substâncias, as formas dos corpos, as condições dos espíritos. E nesta perene renovação universal, nesta eterna palingenesia dos seres, o substrato, digamo-lo assim, dos que precedem, serve como de levedura dos que seguem, determinando nos mesmos em cada evolução um movimento ascensional em direção ao progresso.

Os mundos novos se formam com os resíduos elaborados pelos velhos; a humanidade atual e o renascimento das gerações humanas primitivas.

A esta contínua metamorfose, a esta lei, que é da criação, não podiam subtrair-se às instituições humanas, mais mutáveis, como filhas da eloqüente vontade do homem, que as portentosas obras da sábia Natureza. Porém, da mesma maneira como nestas, as transições se verificam sem saltos

bruscos, sem abalos violentos, dentro do cumprimento harmônico das leis, toda renovação nas instituições humanas determina solenes e pavorosas crises, terríveis convulsões, sangrentas lutas entre os interesses criados à sombra do passado e os novos direitos que se pretende introduzir.

Nas obras feitas pelos homens sempre se descobrem sinistros vestígios, os vestígios do orgulho e do sórdido egoísmo. Sobrevém uma idéia fecunda, salvadora, com toda a virtualidade necessária para mostrar os caminhos da família humana e regenerar o mundo, e que acontece? Ai do gênio! aí da gigante inteligência que se atreveu concebê-la! uma falange de sábios surgirá com sua autorizada palavra, com suas orgulhosas pretensões cientificas, talvez com seu insultante desprezo, mascara de um sentimento mau que nem a si próprios confessariam sem que sentissem seus rostos rubros de vergonha; e fazendo coro com os sábios virão os negociantes e os fanáticos, prontos para caluniar e perseguir o gênio que ameaça destruir inveteradas fraudes e promulgar um decálogo mais puro. Urge renovar uma instituição decrépita, viciada, perturbadora, anacrônico baluarte de uma ordem de coisas que pugna com as mais nobres aspirações da consciência humana? Ai dos primeiros apóstolos! Sobre eles cairão com ira os que vivem ao redor daquela instituição, confiados na indiferença com que os povos costumam presenciar os primeiros combates que se travam por sua causa: e se a instituição ameaçada é de índole religiosa ou participa de algo do mesmo caráter, a crise é incomparavelmente mais trabalhosa e difícil em virtude do farisaísmo dos traficantes, que é a mentira da virtude, tão generalizada entre os homens e o fanatismo religioso, que é o mais temível de todos os fanatismos.

Em nossos dias assistimos a mais transcendental das renovações que a História registrará, renovação ou transformação filosófica, religiosa e moral, preparada pela Filosofia do último século e fecundada pelo espírito da Revolução Francesa naquilo que teve de grande, de civilizadora, de benéfica.

O riso filosófico de Voltaire, resumindo e afirmando a incredulidade herética dos homens pensadores de todos os séculos, destruiu o dogma e deu à razão o cetro da consciência: a proclamação dos direitos do homem na Assembléia francesa apagou as diferenças sociais estabelecidas na arbitrariedade e na injustiça e, derramando sobre o mundo a luz da dignidade humana, mostrou o verdadeiro ideal do progresso baseado na correlação do direito e do dever.

Entre camadas de sangue se alicerçavam os cimentos da nova fé. As grandes transformações humanas, parecem, hão de vir acompanhadas, como os grandes movimentos geológicos, de terríveis convulsões.

A ironia aparentemente cética de Voltaire era necessária, como a única arma capaz de abrir no muro do fanatismo o orifício por onde penetrasse a razão humana no recinto dos antigos mistérios para dissecá-los e julgá-los.

Seus disparos certeiros tinham como alvo o supranaturalismo, que havia feito da Filosofia cristã uma Teologia fantástica e absurda, e as formas, que havia desnaturalizado o puríssimo conceito religioso acariciado na mente do divino Apóstolo da liberdade e do amor; porém, no fundo do ceticismo voltaireano palpitava o espírito do crente e germinava a semente da religião do porvir, isenta de insustentáveis cerimônias, filha legitima da moral do

Evangelho. Cabe duvidar que Voltaire e a Revolução tenham dado o golpe de graça ao supranaturalismo, emancipando a razão?

É menos certo que o racionalismo toma da moral evangélica as máximas com que elabora seu código de moral social.

A seita ultramontana, encarnação de todos os erros, de todas veleidades e abusos cometidos em nome do cristianismo, compreendeu-o fartamente; grande mistificadora da moral universal, promulgada por Jesus com as palavras:

"Amai-vos uns aos outros." E pela mesma razão compreendeu, sente também que o mundo sacode vergonhoso jugo; eis porque deu o alarma em toda linha e se prepara para desencadear a batalha decisiva, a fim de recobrar aquele onipotente domínio que a fez senhora dos povos. Seus propósitos e planos o definimos no capítulo precedente, com o titulo de "A Internacional Negra": destruir o direito moderno em nome da tradição, a Ciência em nome da fé, a civilização em nome do cristianismo, a liberdade em nome do Evangelho.

Exatamente o que ao ultramontanismo lhe interessa destruir é o que às sociedades lhes convém edificar e assegurar. Não pode haver comunidade de interesses entre o escravo e o amo, entre as vítimas e o verdugo: isto é preciso que se compreenda bem. E da mesma maneira que a sede de domínio agrupou em torno de uma bandeira odiosa, hipócrita, envilecida, todos os que buscam na ignorância e no opróbrio dos demais sua utilidade e vaidade, o amor à liberdade há de agrupar sob outra bandeira, franca, generosa, nobre, pela qual lutaremos, pois a justiça só pode existir

sobre a face da Terra através da elevação do sentimento e da difusão da luz.

A humanidade está enferma, devora-a lentamente a lepra corrosiva da ignorância supersticiosa; mas, afortunadamente, conheceu seu estado, e para recobrar a saúde falta apenas que se lhe mostre o remédio. É indispensável restaurar suas forças morais, que os tiranos do pensamento procuraram aniquilar.

Homens de boa vontade, de consciência honrada, de coração reto e ânimo varonil; vós que deplorais a iniqüidade de uns e a cegueira de outros; vós que conheceis os fariseus, os mercadores do templo e que negociaram às expensas dos humildes e dos simples; vós que condenais essa abominável intolerância anticristã que se pretende restabelecer para nos lançar novamente na sinistra escravidão da Idade Média; vós que estudastes o movimento religioso dos séculos e que vistes a que ponto chegou a falsear-se aquela doutrina de caridade e sacrifício selada com o sangue do civilizador do mundo, ouvi, ouvi nossa voz, que, em sua humanidade, é, não obstante, a expressão de uma necessidade universalmente sentida, o eco de uma aspiração que ferve na consciência dos povos. E preciso arrancar a máscara da hipocrisia; é preciso denunciar as maquinações maquiavélicas daqueles que, prometendo a felicidade celeste, se acomodam e se fartam nos bens terrestres é preciso derrubar os altares de todo ídolo que erigiu a superstição; preciso chamar as coisas por seu nome, sem contemplações egoístas; é preciso levar a instrução a todas as partes, para que em todas as partes se aprenda a discernir o real e o aparente, a virtude e o fingimento, a religião e a fraude religiosa, o sacerdote e o mercenário, os benfeitores da

humanidade e os que não são nem aspiram ser senão seus opressores e seus carrascos. A Internacional Negra, organizada pelo ultramontanismo para recobrar o monopólio das consciências, é necessário opor a força coletiva de todos os homens de bem, amantes da justiça e do progresso, a INTERNACIONAL CRISTÃ, que terá por objetivo precipitar a solução da crise social e religiosa que atravessa o mundo e cooperar para a necessária e inevitável transformação dessas instituições degeneradas que, tendo esgotado sua fecundidade em virtude de nelas terem infiltrado sua seiva corrompida o utilitarismo e o orgulho, já não podem servir senão de estorvo e resistência na marcha desembaraçada dos destinos humanos. Os tempos não podem ser mais oportunos e favoráveis: por uma feliz conjunção de circunstâncias o ultramontanismo já não é mais aquele monstro gigante, aquele terrível dominador de outras épocas. De seu poder e antigo esplendor conserva apenas a pele. E o gigante Golias, porém a quem o Davi da civilização alvejou a cabeça. A Internacional Cristã pode lutar com ele com toda a confiança de vencê-lo.

Ela faz guerra ao direito moderno em nome da tradição, e nós temos que fazê-la à tradição em nome do direito; não à tradição baseada nos eternos princípios de justiça, condição e elemento indispensável de progresso, mas sim á que se alicerça em fatos consumados na força da arbitrariedade e do monopólio, que é a tradição invocada pelo ultramontanismo. Que os povos vejam com toda clareza a enorme diferença que há entre a tradição genuinamente evangélica, de igualdade e amor entre os homens, e a tradição ultramontana de privilégio e anátema. Introduziram-se abusos e corruptelas que objetivam o predomínio de uma casta em

prejuízo dos interesses comuns, materiais e morais; desnaturalizou-se o cristianismo primitivo de maneira que o acidental veio substituir o essencial, a forma e a palavra, o pensamento e o espírito, e urge fazer com que tudo isto seja conhecido e julgado e condenado pelos mesmos de cuja ignorância se prevaleceram os mistificadores para nela cimentar seu comércio. Que é a tradição senão o precioso legado que à posteridade se transmite, para que, estudando nos mesmos as necessidades e os feitos de cada época, sirva de ponto de partida a novos desenvolvimentos sociais, cada dia mais harmônicos e perfeitos? Ponha-se muito em conta que unicamente a tradição divina, concordância perfeita entre os fatos e as leis universais, é a que responde a todas as necessidades e a todos os tempos, devendo por conseguinte ser reputada como elemento eterno de progresso; e que a tradição humana, assim, seja tão apostólica como histórica, tão eclesiástica como doutrinária, só responde a determinados tempos e a necessidades transitórias, devendo ser considerada antes como objeto de estudo para graduar o alcance do movimento e da civilização em suas sucessivas etapas, do que como pauta à qual tenham que se subordinar os destinos da humanidade em seus desenvolvimentos ulteriores. Queremos signiFicar com estas palavras que, enquanto a tradição divina não prescreve jamais, a tradição humana, prescreve, uma vez esgotada sua seiva fecundante: que, enquanto a primeira é foco de luz eterna, a segunda é chama que alumia cada dia menos e finda por apagar-se.

O ultramontanismo faz guerra à Ciência em nome da fé, com a missão da Internacional Cristã é submeter à fé ao veredicto da Ciência, do qual não pode sair senão condenado ao perpétuo afastamento de toda razão sensata. Entenda-se

que não falamos de fé propriamente divina, a qual, radicando-se nos eternos princípios de moral e na concordância harmônica dos fenômenos e soas leis, nada pode temer da investigação filosófica, antes ao contrário, se robustece e afirma com as conquistas do entendimento: falamos dessa outra fé, turva, cega, inimiga do exame, irracional, que os ultramontanos implantaram em seu código político-religioso, e sem a qual jamais teriam podido implantar nas consciências seus erros e nos povos seu despótico domínio: falamos dessa fé contraditória, absurda, que pretendem fazer passar por donativo sobrenatural e que impõem pela violência como se fora natural. Os ultramontanos começam por cegar seus adeptos com o pó sutil da fé para poder vender-lhes logo em seguida seus berloques de alquimia e suas contas de miçanga que fazem passar por jóias de ouro de lei; e são inimigos da claridade, seja porque os cegos que escravizam já não lhes servem, ou porque suas tendas, como as dos traficantes de má fé, necessitam estar obscura. Sejamos, pois, prudentes e enxerguemos claro, nós que desejamos para a humanidade nobres destinos; abramos os olhos dos cegos e registremos em sua companhia, levando a Ciência como lume, as tendas dos traficantes religiosos.

A seita ultramontana faz guerra à civilização em nome do cristianismo, e à Internacional Cristã lhe compete demonstrar que as doutrinas e práticas ultramontanas constituem o pólo oposto da pregação e das práticas recomendadas por Cristo. Oh! esta demonstração é bem simples; não é necessário apelar a grandes recursos: bastará abrir o Evangelho em qualquer de suas páginas e comparar com a mansidão e as repreensões de amor de Jesus o

desenfreado orgulho, a intolerância e o amor dos sectários que pomposamente se gabam de ser os únicos e infalíveis intérpretes de Deus. Em que máxima evangélica se autoriza a guerra e o derramamento de sangue pela fé? De que ensinamentos cristãos se fazem derivar as leis e os príncipes no governo dos povos. De onde estabeleceu Jesus que a água e as mãos erguidas para o céu e os golpes sobre o peito, e as formas externas do culto, e a oração retribuída, fossem condições essenciais de salvação e progresso espiritual Porventura autorizou com seu exemplo ou com seu verbo o fausto e as riquezas dos ministros da palavra? E se nada disso autorizou, como o clericalismo ultramontano, que o autoriza e o pratica, ousa intitular-se fiel depositário e intérprete da revelação cristã e herdeiro da missão de Jesus? Só por unta insigne aberração do entendimento humano, só pela perversão completa do sentido moral e a crassa ignorância das gerações que nos precederam na morada terrestre, pode explicar que passassem despercebidas as inumeráveis mistificações introduzidas c as amputações feitas no símbolo cristão. Homens ele boa vontade, uni-vos à Internacional civilizadora cujo primeiro pontífice é o Cristo e mostrai aos ignorantes com o Evangelho nas mãos, que jamais a seita ultramontana foi nem pôde ser representante do cristianismo em sua nascente pureza.

O ultramontanismo, enfim, faz guerra à liberdade em nome do Evangelho; porém de que Evangelho? Não o de Jesus; porque o Evangelho de Jesus é a sanção mais solene da liberdade, especialmente da liberdade de consciência, que os ultramontanos afogaram em sangue e chamas quando sua maléfica influência formava as leis e governava as repúblicas. O Evangelho ultramontano é o dos fariseus, que

fechavam o reino de Deus diante dos homens e nem eles entravam nem deixavam que entrassem os demais; que devoravam as casas das viúvas fazendo longas orações; que pregavam as coisas insubstanciais, e deixavam de lado as mais importantes da lei, da justiça, da misericórdia e da fé; que faziam do mosquito um caso de consciência e se esqueciam do camelo; que limpavam a parte de fora do corpo e do prato com suas aparatosas cerimônias e os deixavam sujos por dentro, olvidando o espírito da lei; que com sua hipocrisia e leviandades se assemelhavam aos sepulcros caiados, exteriormente formosos e interiormente cheios de imundície e corrupção. Este é o Evangelho em cujo nome pretendem os ultramontanos matar a liberdade, porque a liberdade há de ser o juízo de suas abominações. Por isso aos mandamentos de Deus, que são os da Natureza e da lei, acrescentaram e puseram adiante os seus próprios que são os de seu progresso e conveniência.

Sede egoístas, usurários, ladrões, adúlteros, rebeldes, ateus, desumanos, hipócritas, homicidas; enquanto orais em público, e jejuais e vos abstendes de certas carnes em determinados dias, e falais bem da seita, e assistis às suas cerimônias, os ultramontanos cobrirão todas as vossas faltas com um espesso manto; mas se por desgraça vos julgais dispensados de vos submeter ostensivamente às suas exterioridades, ainda quando adorais a Deus e amais fraternalmente o próximo, sereis no seu dizer filhos do príncipe das trevas e selarão vossa sorte com o estigma dos réprobos, fazendo caso omisso daquilo que pregara Paulo, isto é, da necessidade da circuncisão espiritual e da inutilidade da circuncisão do corpo.

Pois bem; um dos mais importantes deveres da Internacional Cristã será entregar ao juízo dos homens ambos os Evangelhos, o de Jesus e o dos ultramontanos, para que vinguem duvide que, combatendo este último à liberdade, nela combate seu espírito capital, a alma da moral evangélica. Em resumo: o lema da Internacional Cristã será o mesmo que o da civilização, isto é, instruir e moralizar o povo, tirando-o da exploração religiosa de que vem sendo vítima há muito tempo. Não há necessidade de pactos prévios, regulamentos, sociedades secretas, símbolos, mas sim de honradez, amor ao bem e varonil interesse para proclamar a verdade em todas as partes sem contemplações egoístas: pois a ignorância e a superstição não são exterminadas com associações tenebrosas ou com o emprego da força nem os ídolos caem com gritos e ameaças, mas sim levando aos entendimentos e às consciências o espírito do exame, o calor da convicção e o claro discernimento daquilo que é devido não poucas vezes à indolência daqueles que, conhecendo-o, não querem dar-se ao trabalho de manifestar publicamente o seu pensar, esperando que o tempo se encarregará de aclarar as coisas c acelerar o movimento do progresso: estes conservam a tocha secretamente escondida e a humanidade nada tem a lhes agradecer. E preciso que se leve muito em conta também que, se o erro, para subsistir, necessita de exércitos armados de feroz intolerância, a verdade necessita apenas, para desalojá-lo de suas posições, de um único soldado que a proclame com perseverante entusiasmo. Se os dogmas irracionais ou anticristãos da seita ultramontana têm ainda lugar nas crenças do povo, isto se deve a esses espíritos acomodatícios que, apesar de

rechaçados no foro intimo de suas consciências, os respeitam e sancionam publicamente.

A total falta de escrúpulo dos falsários religiosos que deturparam o verdadeiro sentido do cristianismo, que converteram o templo em mercado e a religião em mercadoria, opomos a dignidade e o nobre desígnio dos espíritos honrados e independentes, amantes da justiça, resolvidos a pregá-la como lei única de perfectibilidade, no seio da família, nas ruas e nas praças, nas escolas e ateneus, onde quer que haja uma consciência que possa aproveitar esta saudável doutrina.

Jesus Cristo não veio para fundar uma casa de comércio; veio para reunir as eternas verdades da moral universal que vagavam dispersas mas ausentes nos corações, para com elas formar as Leis da redenção humana, santificadas com seu exemplo e seladas com seu generoso sangue: é dever, pois, da Internacional Cristã instruir o povo dentro daquelas verdades para que, conhecendo-as e meditando-as, caia em si e constate que nem o comércio, nem o orgulho, nem a perseguição, nem o domínio, nem as cerimônias exteriores, e principalmente o que não seja adoração em espírito e verdade e amor ao próximo, é o cristianismo de Jesus. Todo aquele que recebe uma moeda falsa, que a denuncie e a rechace: agir de outra maneira é contribuir para que o povo a tome por ouro ou prata. Aquele que reputa anticristão o mercantilismo religioso, e não obstante o fomenta com seu óbolo, assim como aquele que conceitua insubstânciais as cerimônias da seita ultramontana e não obstante a elas se associa, um e outro são falsificadores da verdade e por conseguinte alimentam a mentira que, sem sua adesão, talvez não subsistisse.

São espíritos medrosos e egoístas, a quem o medo ou a conveniência, ou ambas as coisas ao mesmo tempo, inspiram uma filosofia de transações prejudiciais a si próprios e que miseravelmente se enganam assim como aos demais para cujo engano involuntariamente contribuem

A crise religiosa é um fato de nossos dias; a idéia cristã, depois de uma laboriosa germinação de dezenove séculos no seio da humanidade, está próxima de mostrar-se ao mundo em todo o seu brilho e esplendor, em toda a sua fecundidade c pureza original. Confinada no santuário das almas fiéis ao Evangelho, escarnecida pelos fariseus herdeiros daqueles que crucificaram Jesus, mistificada pelos eternos corruptores do sentimento religioso, perseguido e levada ao calvário e à fogueira, através de seus apóstolos que ousaram condenar a hipocrisia, a corrupção e o engano, teria naufragado mil vezes em tantos e tão grandes tropeços, que não deve haver na história dos grandes movimentos humanos algo superior ao poder e previsões dos homens.

Aquela idéia que a ignorância, o fanatismo, a injustiça e a soberbia quiseram afogar, surge hoje com mais força do que nos primeiros séculos do cristianismo, apossando-se, no mando político, das leis e no mundo moral, das consciências. Que escola política nega ao princípio democrático a virtude necessária para fazer num futuro mais ou menos remoto à felicidade dos estados?

Quem não pressente seu advento no governo dos povos? Quem não tem sede e fome de que a igualdade substitua o privilégio, a liberdade, como expressão do direito, ao monopólio como expressão da força, a fraternidade a esse bastardo apetite de domínio que nos devora, que nos divide, que fomenta os ódios, que inicia as guerras, que aviva e

estimula todos os germes da iniqüidade e da corrupção? É que o cristianismo se impõe como uma necessidade social e moral, política e religiosa; é que o mundo se apercebe de que a cegueira do espírito só conduz ao culto dos ídolos de barro destituídos de sentido; é que a Ciência, filha de Deus, proclama a unidade de origem e destino de todas as criaturas inteligentes, a unidade de moral, a instabilidade e caducidade dos cultos e a eternidade e universalidade da religião sem cerimônias, que reassume todos os seus preceitos no amor e na justiça.

Soldados da Internacional Cristã, homens todos que ao amor e à justiça tributais sincero culto, chegaram os dias em que sereis conhecidos por vossas obras; em que podereis acelerar o advento de vossos ideais, em que os povos necessitam de vossas atividade e conselhos para entrar resolutamente no caminho da regeneração; os dias de lutar em cumprimento de santíssimos deveres. Desfraldai com franqueza e valentia vossa bandeira de dignidade, de emancipação, de civilização, de vida, diante do estandarte de vergonha, escravidão, retrocesso e morte que tremula no cimo das fortalezas do ultramontanismo da Internacional Negra. Se quiserdes, o comércio político-religioso dos ultramontanos findará para sempre: bastará que não entreis em suas tendas, nem com eles vos compromisseis; doe proveis publicamente a falsidade de suas mercadorias e a ilegitimidade de seu trafico; que sejais, enfim, exteriormente aquilo que sois interiormente, agindo e pregando com sinceridade aquilo que conheceis e sentis. Eles julgam que a mulher é sua por vaidade e fanatismo e nela confiam a abjeta restauração de seu domínio; porém a mulher é do homem, quando o homem lhe sabe mostrar dignamente o caminho da

verdade e o esplendor da justiça. A torre, a babel ultramontana estremece: soldados da Internacional Cristã, derrubem-na com o aríete da predicação e a vereis desmoronar-se a vossos pés!

VIII

Nicodemos

Damos por terminados nossas Considerações Críticas sobre o cristianismo, tendo procurado nos deter nas mesmas, o mais breve que podíamos sem faltar à clareza na exposição das idéias uma vez que nosso trabalho não tinha outro alcance senão o de servir de introdução à obra "Nicodemos", objetivo principal deste livro e submeter ao veredicto da opinião pública o mesmo para que pudesse o leitor tomar conhecimento, ainda que incompleto, dos fundamentos racionais em que repousa a crença na revelação espiritual e das doutrinas que constituem o código filosófico da escola espiritista; era de temer um veredicto condenatório, que alcançasse tanto o livro como a escola, justificado até certo ponto no conceito errôneo que geralmente se tem do cristianismo espírita, que é o cristianismo racional ou o racionalismo cristão. Com nossas considerações, o leitor poderá julgar com maior riqueza de antecedentes e datas; e, se bem que não nos constitua surpresa que não hão de faltar no presente litígio juízes apaixonados e severos que apelarão mesmo para a injustiça, conservamos a esperança de que tampouco faltarão espíritos honestos que julguem com

independência e imparcialidade, exclusivamente nos méritos do processo. Trata-se de grandes interesses, cuja legitimidade negamos; de toda uma classe social, influente e poderosa, a quem vimos pedir contas de sua influência e poder; de multidões ignorantes e fanáticas, que têm como honra a escravidão da razão e como pecado o abrir dos olhos à luz: nosso livro será, por conseguinte, arma ele iniqüidade para uns, motivo de escândalo para tantos outros e somente para os que têm sede de justiça e de progresso, livro de regeneração e salvação. Haveremos, por isso, de desanimar e retroceder?

Nossa consciência nos grita: Adiante! e sempre adiante! pois o esplendor da verdade cativa os entendimentos, e ao fim de certo tempo, até os próprios mestres do erro acabarão por proclamá-la.

“Nicodemos”, cujo mérito, não a nós, mas sim ao publico compete julgar, é uma revelação ou uma comunicação espiritual, obtida por meio da escrita no Círculo Cristão Espiritista de Lérida, o mesmo de onde se obtiveram as páginas inspiradas que se lêem na obra "Roma e o Evangelho". Os originais dos quais tomamos literalmente a revelação de Nicodemos, para entregá-la a critica ilustrada, estão cuidadosamente guardados em nosso poder e à disposição de quem quiser consultá-los: escritos automaticamente em presença de várias pessoas por uma dos componentes do Circulo, não aparece nos mesmos nenhuma correção, emenda ou acréscimo. Podem dar testemunho de haver assistido a todas ou parte das sessões durante o curso da revelação e presenciado o ato de recebê-la mais de quarenta pessoas, sendo muitas delas homens pertencentes a diferentes cargos no Estado, dados ao cultivo das letras e das

ciências e de altíssimo grau de instrução. Suscitavam às vezes dúvidas e animadas controvérsias sobre pontos da revelação no ato de recebê-la, mas logo em seguida as dificuldades eram esclarecidas e as dúvidas desvanecidas pelo espírito, sempre com a correção e fluidez de linguagem e a mesma elevação de conceitos que os outros trechos inspirados: o que teria bastado para apagar toda suspeita de preparação anterior por parte do indivíduo que escrevia e servia de instrumento com sua pena ao ser espiritual.

Há primeira parte de sua inspiração, intitulada "Depois da morte", Nicodemos relata suas impressões logo após ter abandonado a vida terrestre, sua última existência; falam de seus temores, esperanças e propósitos; descreve a paisagem dos mundos superiores e inferiores ao nosso e a paisagem do mundo espiritual com as recompensas e expiações correspondentes aos sentimentos e às obras. A segunda parte, que tem por título "Ao redor da Terra", é um resumo da história da criação terrestre, seja no que se refere ao desenvolvimento do globo, como à aparição e progressivas evoluções da humanidade no transcurso dos tempos até a época do advento de Jesus. A esta segunda parte, adicionamos as revelações do evangelista João, referentes ao movimento e vicissitudes da Igreja desde Jesus até nossos dias, fragmento da luminosa revelação que, subscrita por João e Lamennais, veio à luz nas páginas de "Roma e o Evangelho": deixando dessa maneira completa em linhas gerais a história da humanidade terrestre desde o princípio até hoje. Pouco a pouco se irá compreendendo que a revelação não é patrocínio exclusivo da casta sacerdotal, mas sim chuva dos céus que fecundam toda as sementes, todas as aspirações de progresso e que é preciso sujeitar ao direito

comum os bens espirituais, monopolizados e explorados durante séculos e séculos pelos tiranos da consciência humana, que souberam fazer desses bens espirituais à pedra filosofal de seu domínio e de suas conveniências mundanas.

Oh! esse é o Satanismo! essa é a cátedra de Satanás! esse é o Mistério de iniqüidade! clamarão plenos de soberbia e de ira os sacerdotes do erro ao ler as verdades que fazemos chegar aos ouvidos do povo e considerar que constituem uma formidável ameaça à sua influencia e poderio. Não podem acostumar-se à idéia de serem julgados pelas pessoas, homens como os demais, os que devem ao seu falso caráter de semideuses, uma vida prosperam, cheia de deleites e uma influência imerecida. Porém terão de acostumar-se; porque a humanidade os vai conhecendo e se persuadindo de que foi sua vitima e seu joguete. O reinado de Satanás se acaba: seu nome já não assusta ninguém e todos lhe faltam com o respeito, rindo-se em suas próprias barbas.

Quando lemos "O Satanismo" do ex-secretário do pretendente D. Carlos, D. Vicente Manterola, não podemos deixar de admirar o heroísmo do escritor que escreve seriamente sobre um tema, sabendo de antemão que será lido com o sorriso zombeteiro da incredulidade nos lábios. Poder-se-ia quase supor que Manterola escreveu para os que não sabem ler, os únicos entre os quais Satanás conserva ainda certo crédito.

Amamos a liberdade e o progresso pela Ciência e fraternidade entre os homens, e cremos que contribuímos para o êxito de tão santos ideais com a publicação das revelações cuja continuação encontrará o leitor.

(Fim da primeira parte)

NICODEMOS

OU

A IMORTALIDADE E O RENASCIMENTO

PRIMEIRA PARTE

Depois da Morte

I

Assombro Espiritual. - Vanitas Vanitatum

Por que razão venho até vós? Que força desconhecida me impele? Onde estou? Sei que não estou nem no céu nem no inferno Onde está Deus? Que será peito de mim Oh! que estranha e terrível confusão!

Faz poucas semanas que parti (1) do delicioso país cujas costas são banhadas na parte ocidental pelo mar Tirreno e na parte oriental pelo voluptuoso golfo de Veneza, o país das grandes recordações, das grandes ruínas, dos grandes monumentos da arte e também dos maiores e abomináveis crimes. Doma, a imortal cidade das colinas, dos césares, dos

tiranos e dos papas, era a minha morada e o Vaticano o meu lar, entre os que vestem a púrpura e aconselham a Pio. Parti e a púrpura permaneceu junto ao solo e o meu espírito amanheceu desnudo no mundo em que a consciência sai do coração para apresentar-se acusadora diante dos olhos.

(1) Estas linhas foram escritas no dia 2 de maio de 1875.

Mas, por que me dirijo a vós da Terra? Explicai-me este misterioso segredo, se podeis. Nada vi, na minha chegada, daquilo que esperava ver quando parti.

Não vejo Deus e não me encontro no céu; mas não sou atormentado como no purgatório ou no inferno. Não sofro nem gozo: dizei, se o sabeis, que é isto? Teria tampouco Deus esquecido suas ameaças ou não se lembrará de suas promessas? Ah! humanos, quão insignificantes sois! Que distancia daquilo que vejo ao que aprendi e li entre os homens!

Dizei-me porém vós não conseguireis dar uma explicarão pois a Ciência humana é vaidade e a Ciência divina ninguém a conhece, nem mesmo Pio. Deixo-vos, pois não podeis esclarecer minhas dúvidas; não obstante, uma voz que me domina diz que voltarei a ver-nos. No entanto, continuo a me perguntar por estas mesmas coisas e a mesma voz responde: Estudai.

II

Uma Consciência Nua. - No Espaço

Sim, estudai, ontem vo-lo recomendei por inspiração alheia e hoje vo-lo recomendo por inspiração própria. Quão pouco sabem os homens das coisas do espírito! Ao chegar, verifiquei que nada sabia e no entanto tinha entre os homens a reputação de sábio.

Algo, todavia, consegui compreender depois de minha mudança, apesar de vagas e confusas minhas idéias em virtude do choque da realidade, que atinge de uma forma nova, desconhecida, assombrosa, a minha razão. Vi claramente que a Ciência adquirida no orgulho é vã e transitória e também vãos e transitórios os sentimentos gerados no terror e que são apenas estáveis e imortais a Ciência e os sentimentos conquistados pela virtude, que é a posse da verdade. Depois da primeira surpresa, causada pela perda e pela recordação de conhecimentos que eu havia conceituado com Ciência e He sentimentos que havia ,julgado espirituais, pesarosos de minha desnudez inesperada, procurei reconhecer-me e estudar-me. Quem sou, pois? interrogava-me. E estudando-me a mim próprio verifiquei que sou filho de minhas ações voluntárias, embora subordinado à lei universal, lei que sempre está conforme pressinto agora, muito, muito além do olhar do homem, e se me encontro desnudo é porque não soube ou não quis, em minha viagem pela Terra, tecer os únicos trajes que perpetuamente acompanham o espírito na sua eterna circulação. Não conservo do que fui senão aquilo que por sua natureza à alma correspondia, assim como o corpo não conserva senão as substâncias que assimila e o nutrem. Recordo-me e quase não me reconheço. Vesti o meu entendimento e minha consciência com tecidos estranhes ao

espírito e contemplo-me desnudo. Chegou há minha hora e dormindo na Terra, leito de injustiça e orgulho e de miserável egoísmo, despertei em uma nova Terra onde mora e se cumpre à justiça, no mundo dos espíritos que se desprenderam de seus corpos terrestres. Curto foi o meu sonho e muito depressa adivinhei que a morte me havia atingido, arrebatando-me do mundo que acabava de ser teatro de minhas provas e o crisol de minha purificação e progresso,

A primeira coisa que experimentei ao voltar de minha letargia, foi um desvanecimento passageiro, devido sem dúvida, à nova maneira de ser de minha existência espiritual. Despertei uma segunda vez e me senti como aturdido e assombrado ante a magnificência do espetáculo que se desenrolava aos olhos de meu espírito. Tive medo! Sob meus pés abria-se um abismo infinito e sobre minha cabeça idêntico abismo que me circundava e me oprimia. Eu me transportava de um ponto para outro do espaço com uma rapidez vertiginosa e o meu pavor ia aumentando, pois não conseguia ver nenhum outro ser naquele abismo incomensurável, Só inteiramente só ante tão assombrosa magnificência, sem uma única mão que me sustentasse, sem uma voz que me desse alento, julguei-me condenado àquele movimento, àquela vertigem, aquele abismo, à solidão daquele espaço imenso e os meus cabelos se eriçaram e uns movimentos de desespero quebraram todas as minhas forças.

Queria deter meu curso...mas em vão! aumentava a minha celeridade à medida que pretendia ou desejava interrompê-la. Em minha presença se reproduziam todos os atos de minha vida e contemplava sucessivamente como num espelho todas aquelas ações e desejos em que

voluntariamente havia intervindo. Eu não estava em mim e também não estava fora de mim: em mim, desnudo como um resultado; fora de mim vestido com tudo aquilo que me rodeou e serviu para resolver bem ou mal o problema da vida. E ao mesmo tempo um número incomensurável de mundos girava e passava junto a mim, ou melhor, eu é que passava junto a eles, tão rápido como o pensamento.

III

A Terra e a Humanidade Terrestre ante o Espírito

De repente cessou a impetuosidade de minha carreira à vista de um pequeno globo que vagava perdido nos abismos do espaço, pequeníssimo, invisível fragmento do universo infinito. E aquele diminuto átomo me atraía em meio à imensidade e me sentia ir de encontro a ele vagarosamente, mas impelido por uma força desconhecida e ao mesmo tempo atraído por uma misteriosa simpatia,

Cheguei e vi que aquele insignificante globo era a Terra, sim, a orgulhosa Terra, a rainha dos mundos, o jardim das complacências do Altíssimo!... Oh! orgulho dos homens!

Ignoro o tempo que levei em minha viagem ao redor de um torvelinho de brilhantes e majestosos mundos, os quais faziam com que se me apagasse por completamente qualquer lembrança da Terra. Lembro-me apenas e procurarei não esquecer, pois será o ponto de partida de minhas futuras

investigações: é que, retornando a Terra, a vi tão pequena e tão pequeno o homem que a habita, que fiquei envergonhado e cheguei mesmo a temer que Deus pudesse vir a nos esquecer, tal a nossa pequenez.

Acabava de assistir a um espetáculo inimaginável para os homens, por sua inefável grandeza e assombrosa majestade. No curso de minha miserável existência terrena rechacei a idéia de outros mundos habitáveis e habitados por criaturas racionais, pondo orgulhosamente limites à prepotência e condensando toda a glória da Sabedoria na microscópica humanidade que se agita sobre a superfície do planeta. Havia lido alguns dos alemães, franceses e meus compatriotas acerca da realidade de outros mundos e famílias humanas além da nossa humanidade e de nosso mundo; porém reputei aquelas afirmações como loucuras concebidas dentro da soberbia dos homens, sem jamais pensar que a soberbia pudesse estar, isto sim, em meu egoísta exclusivismo. Pois bem: aquelas loucuras são a verdade da Natureza. Tiveram razão àqueles filósofos antigos que pressentiram a verdadeira criação científica, a imensa criação digna do Ser dos seres, e fixaram os primeiros olhares para o descobrimento final da verdade, e razão tinham meus contemporâneos de um e outro lado dos Alpes ao afirmar que a Terra não é senão um ponto da etapa no caminho da peregrinação das almas e o conjunto de seus fugazes moradores uma pequeníssima fração, o átomo, se assim me for permitido expressar, da família universal, expressão a mais sublime, infinita, talvez, do pensamento de Deus.

Ante a rápida e inesperada contemplação, quase inconsciente, das maravilhas universais, senti-me confundido e humilhado. Porque não hei de vos dizer a verdade? linha

presunçosa ciência se referia inteiramente à Tenra e às suas criaturas e agora verifico que esta Terra é uma miserável ilhota, separada do continente da felicidade e da paz, lugar de expiação e de desterro onde não se respiram nem as balsâmicas auras do amor puro, nem sc percebem os suaves conceitos da sabedoria, nem brilham os raios da luz da verdade, nem caem às benéficas chuvas da esperança e da fé. E choro por meu orgulho, e pelo orgulho que contribuí para cimentar entre os desterrados da Terra. E choro por minha Ciência, e pela Ciência que pretende ser absoluta dentro do relativo e da sucessão, não sendo senão ignorância e vaidade. E choro por minha religião e pela religião dos homens que erguem altares ao seu egoísmo, e deificando seus semelhantes se separam cada dia mais da adoração ao Ser supremo. E choro, por último, porque vi de certa forma e até certo ponto a escala divina do progresso e eu, e vós todos da Terra, estamos ainda no principio do principio.

O homem ignora de onde vem e não sabe para onde vai. Seu horizonte visível é tão limitado e circunscrito, que só consegue dele se afastar a altitudes ínfimas e em prazos de tempo mínimos. Presume conhecer seu passado retrocedendo alguns séculos e estudando os seres que o rodeiam e o acompanham em sua presente morada e crê adivinhar seu futuro fixando sua consideração na beleza que seu sentimento concebe, no último término de seus desejos humanos ou no mais afastado e luminoso dos mundos que embelezam seu próximo firmamento. Ai? isto não é senão o presente do homem. Onde está a sua origem? Qual a última palavra de seus destinos futuros? Este é o mistério das criaturas e o segredo de Deus, segredo do qual os homens descobrirão sucessivamente, através do estudo e da virtude,

alguns rasos sem contudo chegar jamais ao fundo na sucessão interminável dos tempos.

Entre o presente do homem e sua origem de um lado e seu destino de outro, há dois abismos aos quais não poderá nunca chegar. De um e outro lado o limite da matéria conhecida; de um e outro lado o desconhecimento, atrevo-me a dizer completo e absoluto, da substância espiritual. É indubitável que o homem, em cada uma de suas evoluções, alarga o horizonte visível de seu espírito; que quanto maiores forem seu aperfeiçoamento e sua pureza, mais dominará e mais esclarecimento obterá pelas vias de seu porvir e de seu passado, mais claro é o seu pressentimento daquilo que será e mais extensa e fiel sua intuição daquilo que foi; porém, daí ao perfeito conhecimento de seu ponto de partida e do término de sua viagem, há a mesma distância, em meu entender, da que do finito ao infinito.

IV

O Despertar das Almas

Quisera descrever-vos com toda fidelidade as misérias e grandezas que presenciou meu espírito em sua rápida e forçada viagem ao redor dos mundos de peregrinação das almas; porém não entendereis minhas palavras e as vossas apenas bastam para a descrição de uma pequeníssima parte e de um limitadíssimo número dos fatos e fenômenos que a

Natureza, que é o verbo de Deus e filha de sua sabedoria, oferece um perpétuo espetáculo aos seres inteligentes. Algo hei de vos dizer, não obstante, ainda que de maneira incompleta, acomodada à vossa expressão e discursos, algo por onde possais adivinhar e pressentir a marcha e o desenvolvimento da humanidade nos misteriosos seios do universo e a atração de amor com que todas os seres de luz são solicitados para a Causa Universal.

Mas devo advertir-vos de que não haveis de considerar minhas palavras senão como leves traços de verdades que, se podeis pressentir, não é conveniente nem justo que saibais. Podeis sabê-las quando chegar à hora de vosso desprendimento e o despertar de vosso sonho; porém as sabereis como eu, para tornar a esquecê-las até que justifiqueis e justifiquemos todos a recordação, através dos méritos contraídos na luta das provas.

Que título nos assiste para recordar na série de nossas almas, que título nos assiste para recordar verdades que a miséria nos permite contemplar, mas cuja posse não é devida nem à nossa virtude nem ao nosso estudo? A alma conserva perpetuamente a ciência e o sentimento que são fruto de sua iniciativa e liberdade, mas não os sentimentos e ciência que vêm, para estimulá-la, da bondade inesgotável de Deus. Meditai bem sobre este ponto, se quereis explicar, de um modo mui satisfatório algumas das leis da suprema justiça ainda não muitas bem compreendidas pelos homens.

Entre o instante que o homem adormece na Terra e o seu despertar no mundo espiritual, a duração desse espaço de tempo é mais ou menos longa segundo as condições e qualidades do espírito e o gênero de morte que ocasionou o desenlace ou separação definitiva. Nesse intervalo de

transição, curto para uns, difícil e laborioso para outros, o espírito perde a consciência de si mesmo por completo ou conserva no máximo umas levíssimas reminiscências espirituais, estados parecidos àquele de quem desperta lentamente ou recobra pouco a pouco o uso dos sentidos, perdido em virtude de um destes acidentes tão comuns entre os seres mortais. Quão temível é o fim dessa transição, o despertar subseqüente ao sonho que vós chamais morte! O frio, a dúvida, o temor, a recordação sucessiva de todas as faltas voluntárias da vida corporal, vão penetrando e ocupando o ânimo, oferecendo ao espírito sua própria imagem em contemplação, imagem nua de todo véu que pudesse ocultar a mais ligeira mancha, a menor deformidade. Que fará o espírito na presença de si mesmo e nada mais do que de si mesmo? Se pretende cerrar os olhos, impossível! porque os olhos do espírito na vida espiritual jamais se fecham.

Se pretende ouvir, em vão! Está só na imensidão e na imensidão como é possível ouvir? Sua imagem, sua acusadora imagem o persegue. A imensidão é um espelho puríssimo e todos seus atos voluntários se reproduzem ali, naquele espelho fiel, para acusá-lo ou consolá-lo. Não, não é possível o esquecimento nem a miserável fuga ao despertar na região das almas: o espírito, na presença de si mesmo, vê-se forçado a contemplar-se, primeiro para se reconhecer e depois para sofrer ou gozar até sua futura prova ou próxima elevação.

V

Em torno do meu cadáver - Os afetos da Terra

Vós desejaríeis uma descrição detalhada de quanto, desde o meu despertar, presenciei e admirei mas eu não vos posso dizer senão aquilo que, sem satisfazer de todo vossa curiosa expectativa nem vos infundir uma certeza invencível das coisas da vida das almas, possa no entanto, com este pequeno relato, despertar vosso entendimento pela dúvida e o estudo e fortalecer a vacilante virtude. Não está tão longe o dia de vossa realidade e certeza.

Então recordareis minhas palavras com complacência se em virtude delas tiverdes realizado algum bem, ou com angustia se não tiver deixado em vosso espírito algum sinal de caridade. Duvidai em tempo, porque a Terra é lugar de expiação e prova pela dúvida e nesta principia o mérito das ações humanas; mas em meio às dúvidas que continuamente vos assaltam para arrefecer os sentimentos do espírito, procurai inspirar vossas obras e juízos na bondade para com as criaturas e na gratidão e adoração ao ser que é a Providência e o Pai do universo.

Ao despertar e me reconhecer, irmão meus, o que primeiramente me revelou a continuação de minha consciência foi à visão do invólucro material dentro do qual havia peregrinado pela Terra. A presença de meu corpo inerte, sem luz, sem movimento, sem vida, e que não obstante recebia honrarias que mesmo em vida não merecia, me causara uma terrível repugnância, uma sensação tão repulsiva, que teria fugido do mesmo não fosse ter-me retido

uma força mais poderosa que minha vontade, isto é, um vínculo que ligava ainda minha alma aqueles restos corrompidos. Ao mesmo tempo me observava a mim mesmo e via-me com assombro dono de outro corpo jovem e lépido, muito parecido na forma àquele do qual acabava de sair.

Tudo era para mim surpresa e estupor. Fechava os olhos e continuava enxergando. Parecia voar e não obstante continuava no mesmo lugar, testemunha de meus pensamentos posteriores. Entravam para ver meu cadáver alguns dos que me haviam manifestado sentimentos de amizade e poucos saíam com o coração oprimido, para não dizer, cheios de temor.

Então conheci o quanto valem os homens e quanta hipocrisia pode esconder-se sob uma aparente devoção religiosa de piedade. Muitos acompanhavam meus restos, porém pouquíssimos seguiam em espírito o companheiro ou o amigo.

E aquela solidão espiritual castigava duramente, embora merecidamente, minhas soberbas pretensões.

Pude, afinal, desprender-me completamente de minhas carnes e deixar a companhia dos que estavam impacientes e desejando que terminassem logo as cerimônias que os obrigava a acompanhar meu corpo. Concedia-se-me a liberdade necessária para sair de lá, e dirigir-me a todos os meus conhecidos e amigos da Terra, a fim de que fizesse reflexões sobre o valor e verdade dos afetos dos homens; e usando daquela liberdade recorri aos lugares cujas amizades e carinhosas manifestações em meu favor me atraíam no curso de minha existência terrestre.

Quantos desenganos, irmãos meus! Como caíram uma a uma ao sopro da realidade sem máscara nem véu as ilusões

de meu orgulho! Então verifiquei que as amizades eram, com raríssimas exceções, a mentira do amor e as simpatias à moeda falsa da caridade e que tudo isso tem principalmente seu assento no mesmo lugar ocupado pelo interesse e pelo egoísmo. Meus amigos o haviam sido mais por apego a si próprios do que pelo bem que a sua amizade pudesse fazer-me. Em tudo isto vi, não obstante, o cumprimento de uma grande lei de justiça: a suma dos amores humanas que refluíam sobre mim, era igual, perfeitamente igual ao amor que eu havia professado pelos demais. E então chorei pelos meus desenganos e pela miséria de meus sentimentos amorosos.

Ansiava partir daqueles lugares acusadores, testemunhas de minha presunção e egoísmo e do egoísmo e presunção de tantos outros. Desejava emancipar-me e fugir daqueles sítios, em que a hipocrisia e a falsidade imperavam nos ânimos e dirigiam os costumes. Via o coração alheio e tinha meu próprio coração ante os olhos do meu espírito: e mesmo sem ignorar que os homens não podiam já ler o segredo de meus sentimentos, a vergonha tomava conta de mim.

Estava só, apenas só com minha consciência! Eu a ninguém via ao meu redor; sentia-me, isto sim, confundido e arrasado, nem mais nem menos; sobre meus erros e impurezas caia o olhar de inumeráveis criaturas inteligentes e puríssimas.

Foge, foge de ti! gritava-me o remorso; porém, ao fugir, a mesmo remorso me reproduzia pela centésima vez o quadro de meus erros.

Mas não estava na lei que aquele tormento fosse eterno. Formou-se pouco a pouco em torno de mim como que uma nuvem tênue, que começando por ser transparente acabou

por deixar-me numa obscuridade quase completa. Esta obscuridade foi de curta duração; talvez não tenha chegado a cinco de vossos minutos. Paulatinamente também se dissolveu e desapareceu a nuvem que me envolvia, vendo-me de novo livre das trevas e envolto agradavelmente na luz do universo.

Porém, oh assombro! Oh, admiração minha! quando me julgava na mais perfeita imobilidade durante aquele intervalo de absoluto isolamento, verifiquei, ao dissolver-se a nuvem, que me encontrava a uma distância incalculável daquele que acabava de ser o lugar de expiação e castigo de meu orgulha e sentimento de egoísmo.

Não apenas me havia alijado sem o sentir de meus amigos e daquelas pessoas de quem em vida recebera manifestações de afeto, mas também a mesma Terra havia desaparecido, sem que pudesse conhecê-la nem adivinhá-la em nenhum dos infinitos pontos luminosos que cintilavam na profundidade e em todas as direções. Então foi quando me senti terror naquela solidão e pela vertiginosa rapidez involuntária viagem. Julgava-me seguro, vos havia dito. condenado àquele movimento, àquela vertigem, aquela impotente solidão!

VI

Mundos Regeneradores - Corpo Espiritual - Harmonias de Luz

Sabeis a velocidade com que anda a luz de vosso sol, desse pequeno astro que aparece a vossos olhos como o pai dos astros? Pois essa velocidade é nada em comparação à que voava eu através dos insondáveis espaços. Não voava, vagava no éter, de uma maneira que não sei explicar nem vós a saberíeis compreender. Transportava-me de um a outro ponto com a medida do pensamento e da vontade, porém de ama vontade inconsciente, fatal. Eu queria, mas não se me ocultava que meu querer era o resultado de uma vontade superior à minha.

Minha atividade, tanto mecânica como moral, não era conseqüência de meu arbítrio espontâneo; era sim, efeito do cumprimento da mais formosa das leis, a lei dos concertos harmônicos da misericórdia de Deus.

Recorri e visitei em primeiro lugar uma série, um sistema de mundos progressivamente mais afortunados do que a Terra, com a qual têm muitos pontos de analogia e semelhança constituindo num mesmo grau um mesmo elo da cadeia dos mundos e do progresso das humanidades.

Estas moradas estão todas à vossa vista, à vossa vista aquela em que habitais.

Seus moradores se diferenciam pouco de vós no que se refere ao organismo e às condições com que nos mesmos a vida se manifesta e as formas de que se revestem. Alguma formosura maior nos corpos e certa perfeição superior nos sentidos os distinguem; porém não há diferença essencial que os diferenciem de vós. Quanto à sua cultura espiritual e desenvolvimento de sua inteligência e sentimento, eu vos direi assim como está que o roubo, a mentira e o crime são apenas conhecidos naquele que ocupa o ponto culminante da

série. Neste último, os homens que entre vós constituem exceção por seu saber e virtudes, formam a imensa maioria, carecendo mesmo de leis escritas e de códigos para o bem-estar dentro do regime social, pois os mesmos não lhes são necessários. A escrita não tem ali outra aplicação senão a cultura das ciências, generalizadas em todas as classes, se é assim que podemos denominar as diferentes e harmoniosas hierarquias naquele mundo estabelecidas.

Não sei se me compreendereis ou se saberei expressar meu pensamento. A cada ascensão meu corpo espiritual se modificava e se transformava, tornando-se diáfano e ganhando em beleza e esplendor; porém estas modificações, longe de comprazer-me e proporcionar bem-estar, constituíam para minha alma motivo de sofrimento e de vergonha; toda aquela beleza exterior correspondia a uma pureza e virtude interiores de que carecia meu espírito, representada pelo remorso e pela lembrança da grande distância que havia entre aquilo que sou e o que poderia ter sido com alguns esforços de adoração e amor. Imaginai o que se passará no intimo de um miserável escravo quando, tendo que chegar à presença de um príncipe da Terra, cobrem seu corpo com tecidos e roupagens estranhos a suas condições e caráter e tereis então uma leve idéia de meu aturdimento. Eu não era escravo por minha pobreza de méritos e virtudes; porém, chamado a visitarem moradas de magnificência e de luz, não me era permitido fazê-lo senão vestido de boda. A roupagem não era adequada, mas era devida simplesmente à infinita bondade do Senhor, que me havia chamado para vislumbrar aquelas suntuosas e maravilhosas harmonias.

A beleza de meu corpo espiritual, da mesma forma que minha confusão e vergonha aumentavam cada vez mais conforme visitava outras moradas mais venturosas, das quais vos falarei se me for permitido, no curso de minhas revelações. Quanto maiores eram a claridade e a formosura de meu corpo, mais contrastava a fealdade das misérias de meu espírito. Bem que teria desejado ocultar a meus olhos e a minha consciência aquele esplendor imerecido emprestado, e aos olhos das bem-aventuradas criaturas que parecia sentir pousado sobre a minha pessoa; mas a minha vontade era vã e não podia velar aquela luz nem me subtrair às justas censuras que suscitava meu passado. n medida que me elevava, mais humilhado e abatido me sentia. Era um desgraçado no seio da felicidade; uma ave que bate suas asas numa região pura e tranqüila, mas levando cravada em suas entranhas uma flecha cruel.

A luz que inunda os montes e planícies dos mundos que ligeiramente descrevi é muito mais pura que a do sol que alegra vossos olhos e faz brotar o consolo e a esperança em vosso ânimo. Ao lado daquela luz, a de vosso mundo é treva, e a dos mundos imediatamente superiores, pálidos crepúsculos precursores da aurora.

Oh, que harmonias, Deus meu, Pai, Rei e Autor da beleza, da harmonia universal! A luz que dá colorido e vivifica os corpos guarda sempre perfeita conformidade e paralelismo com a que emana das almas por reflexo daquela que nasce da virtude do Altíssimo. A de vosso sol corresponde à luz espiritual que a Terra irradia no seio da criação inteligente e a que ilumina as aprazíveis regiões onde habitam os seres que pela virtude resplandecem, guarda encantadora semelhança com a que desprendem o

pensamento e a vontade daqueles ditosos seres. Por isso os espíritos puros chamam a Terra de mundo das trevas e vós com toda propriedade, mundos e espíritos de luz às moradas dos espíritos puros e seus felizes moradores.

Meu Deus, meu Pai e Pai de meus irmãos! Eu vi um formosíssimo clarão de vosso inefável amor. Ouvi hinos de adoração e cânticos de caridade, suaves como o beijo da virtude e doces como o divino fruto que pressinto na mesa celestial dos espíritos perfeitos, que são por seus merecimentos vossos filhos primogênitos.

Ao ver e ouvir aqueles suavíssimos concertos, sofria e sofria de uma maneira imponderável, porque o remorso me lançava ao rosto minhas impurezas e meu egoísmo. Não obstante, graças, meu Deus! graças ainda pelo mesmo remorso que veio despertar meus tardios propósitos! Bem sei que não é minha aquela felicidade vislumbrada e que passarão talvez séculos e séculos antes que minha alma a conquiste; porém sei também que chegará o dia de minha elevação quando serei também admitido à mesa das bodas.

VII

Mundos Venturosos

Perdi de vista os mundos de provas, sendo levado admirar a sábia economia do universo e extasiar-me ante a magnificência da glória do Criador num torvelinho de

esferas celestiais, cujos felizes moradores vivem em recíproca comunicação e inteligência, por meios simples, ainda que para vós inconcebíveis, apesar das enormes distâncias que dividem e separa suas moradas umas das outras, primeira cidade triunfante na extensão das cidades de Deus. Neste momento recordo aquelas visões à maneira de um sonho de felicidade vislumbrada e prometida.

Estas brilhantes habitações da virtude e do amor, estes tranqüilos templos de caridade, iluminados pelos puríssimos eflúvios do sol da Providência, fulgores do entendimento divino, flutuam longe, muito distantes de vosso curioso ou indiferente olhar; pois a potência de vossos olhos está em relação com o poder de vosso espírito e não vos é dado alcançar com a vista até onde podeis aspirar pela eficácia de vossos sentimentos e a virtude de vossas obras.

Lá não são conhecidos nem os perigos e debilidades de uma infância laboriosa, nem a velhice e as enfermidades do corpo, homem nasce envolto num organismo sem complexidades e com uma inteligência e uma consciência varonis, capazes, desde os primeiros instantes, de admirar os sábios portentos do universo e sentir as belezas da virtude e conceber as legítimas aspirações até a perfeição e até Deus através da prática do amor e do estudo constante das maravilhas naturais.

Ditosa criatura, venturoso ser o que mora nas regiões de que vos falo! Nutre seu formosíssimo e transparente corpo de substâncias que seriam inapreciáveis a vossos sentidos e seu espírito, de idéias e sentimentos que não cabem ainda em vosso cérebro ou em vosso coração. Nenhum de vós - falo dos homens da terra - conquistou ao morrer a suma das ciências e sentimentos que possui ao nascer o último, as mais

insignificantes dos seres que vivem e brilham na cidade triunfante dos justos.

Lá a virilidade se mede, não pelo desenvolvimento e idade dos órgãos do corpo, mas sim pela robustez e harmonia do sentimento e pela força e aprimoramento da potência intelectual. E, uma vez alcançada essa poderosa virilidade das aptidões espirituais, não se degeneram jamais, antes pelo contrário adquirem incessantemente maior alcance e esplendor em virtude da incansável diligência com que aquelas ditosas criaturas investigam pelo amor os segredos das leis universais na contemplação e estudo do livro do universo.

Quereis que vos descreva sua felicidade, que vos fale dos puríssimos encantos que constituem o orvalho de suas almas? Falai-me primeiro vós da mais pura das delícias do carinho maternal; contai-me a dosara do primeiro beijo de mãe; recordai-me o celestial solilóquio da criança adormecida, quando seus lábios sorridentes revelam a primeira palavra do mistério de seu espírito.

E se vós nada disso me podeis explicar, porque não o podeis sentir nem compreender, como hei de poder eu, que sou como vás e talvez menos que vós, como hei de poder explicar os gozos daquelas luminosas inteligências, das quais a expressão mais simples é superior a toda a sabedoria dos homens da Terra? Como hei de poder, eu que sou como vós ou mesmo menos que vós, como poderei dar-vos a medida da doçura do sentimento daqueles corações amorosíssimos dos quais o mais pobre, o mais humilde, o mais obscuro lampejo adquire toda a adoração e toda a caridade do mais piedoso amante dos corações humanos da Terra?

Tudo o que posso dizer-vos e não o digo por mim mesmo, é que lá os gozos se alimentam do conhecimento e estudo das leis em cuja virtude se Governa o universo e da observância da lei pela qual o mundo moral deve reger-se para o progresso sucessivo da felicidade dos espíritos. A Ciência e o dever lá constituem os pólos do movimento espiritual das bem-aventuradas regiões de que vos falo.

Porém, que Ciência e que dever! elas, se acham que podeis comparar aquela Ciência com aquela que julgais como tal em vosso mundo e se medirdes aquele dever pelo vosso, por aquilo que chamais dever e cumprimento do dever, eu vos afirmo que vossa idéia ficará tão distante da verdade como a Terra em que morais está do céu, da terra da promissão onde moram para gozar e elevar-se aqueles seres angélicos Vossa Ciência é a primeira letra do alfabeto do saber e vosso dever a primeira faísca luminosa do grande foco, do grande sol dos espíritos, que desde o centro do universo irradia em todos os sentidos sobre a grandiosa criação. Isto vos ensinará que, consistindo a felicidade no conhecimento da lei e no cumprimento do dever, vossos gozos não são senão uma pálida sombra, um remotíssimo bosquejo dos gozos dos justos.

Em sua frente se vê brilhar a majestade da Ciência e em seus olhos a santidade do amor. Eles medem as incomensuráveis distâncias que separam uns dos outros os luminares de seu céu, com mais facilidade e precisão, simplesmente com o grande poder de seu inteligentíssimo olhar, com mais facilidade e precisão, repito, do que vós a profundidade de um de vossos rios ou a elevação de uma montanha. Vós formais sucessivamente os números por adição, pois não cabe em vossa mente a agrupação clara e

distinta de uma dezena de unidades; e eles vêem com toda clareza e distinção os agregados de milhares e milhões. Assim possui uma ordem de idéias superiores a toda concepção dos homens da Terra. Sua linguagem, não menos rica e expressiva do que sintética, não contém uma palavra desnecessária: porém falam com mais freqüência por visão ou transmissão intelectual. Conhecem desde o nascimento e com toda perfeição a escrita em todas as suas manifestações e desenvolvimentos; não obstante jamais a empregam: é um meio de comunicação e ensino grosseiro e primitivo, do qual não tem a menor necessidade. As concepções artísticas, as ciências exatas e a história de seus gloriosos feitos e gerações se transmitem por fidelíssima tradição, auxiliada pela claríssima recordação que cada um conserva de suas existências precedentes.

Lá não é a dúvida, mas sim o desejo e o amor, o móvel das iniciativas individuais e das ações voluntárias. Surpreenderam a natureza, Monte inesgotável de fruições mentais, na realização misteriosa de muitas de suas secretas harmonias e aspiram tirar, através da investigação de novos segredos, motivo de novos gozos. Conseguiram vislumbrar as leis imediatas pelas quais se produzem e realizam quantidade infinita de conceitos naturais que permitem de certo modo entrever a divina economia que preside a criação e desejam conhecer com mais perfeição aquelas leis para elevar-se no estudo de obras superiores que, aclarando mais e mais os horizontes da inteligência, do sentimento e da vida, permitam conjeturar com acerto e ordem a inefável sabedoria do autor da vida, do sentimento e de toda força inteligente, E neste assíduo e proveitoso estudo, à medida que conquistam noções mais claras e profundas do universo e de suas leis,

maior é a sua compreensão do Sumo Legislador e mais profundos seu amor e agradecimentos ao Todo Poderoso.

Lá a adoração e o amor ao próximo não são como entre vós imposições do dever: são convicções e sentimentos inatos, conquistados numa larga série de existências consagradas à depuração e progresso pelo cumprimento, egoísta primeiro e generoso depois, dos deveres naturais. Adora-se o Conhecedor Supremo, porque se conhece e se pressente a sabedoria ele suas obras, sua onipotência e amor, adoram-no por atração e doce arroubamento, pela simpatia e relação que existem entre aqueles três divinos, e como tais, infinitos atributos, e os que por transmissão ou reflexo possui a sempre limitada criatura racional. Como não bendizer e adorar a infinita Perfeição, sabendo, como sabem, que nela residem fundamentalmente o poder, a sabedoria e a bondade, que é o amor, trindade atributiva, causa de todas as perfeições relativas e da qual partem em todas as direções as benéficas influências que alentam, vivificam e levam a felicidade até os mais obscuros confins do universo! Lá o amor ao próximo não é uma abstração, uma bela teoria sem aplicação real na prática; ama-se o irmão como se adora a Deus, em espírito e em verdade. O amor, sem ser interessado, é uma exigência da felicidade própria; e como as doçuras da felicidade são apreciadas em seu justo valor, não há quem possa resistir à sua atração celestial menosprezando as leis que a desenvolvem e fomentam, Ama-se em espírito, porque o amor sobe elas entranhas à mente, diferentemente daquilo que se passa na Terra, onde desce da mente às entranhas. (1)

(1) Entendemos que o amor sobe das entranhas à mente, quando começa por ser puro sentimento e se eleva à complacência ou fruição mental; e que desce da mente às entranhas, quando é sentimento que nasce da conveniência ou do cálculo.

Da mesma forma, ama-se em verdade, porque as obras. e as palavras de amor, diferentemente daquilo a que se está acostumado entre os homens, são o reflexo fiel dos sentimentos do espírito.

Se agora me perguntais se lá se sente ou se pratica o divino preceito de adoração e amor em toda a sua perfeição e pureza, eu vos direi: aquele divino preceito é a fórmula eterna de felicidade pelo dever e do progresso que se há de realizar nas criaturas até a consumação eternamente remota das obras do poder e da vontade de Deus. Lá se adora ao Sumo Bem, em relação com a idéia que se tem de sua magnificência, poder e sabedoria; e ama-se aos seres irmãos em geral, com aquele amor que vós professais aos vossos pais, filhos e irmãos. de sangue. AMAR A DEUS SOBRE TODAS COISAS E AO PRÓXIMO COMO A TI MESMO é o dever absoluto, como emanado de Deus, que se cumprirá e praticará em crescente progresso pelos seres inteligentes relativos dentro do relativo e da sucessão eterna. E o término de uma perfeição que não há de ter fim. E complemento, ou melhor, a idéia absoluta da felicidade, que é a felicidade própria, Deus próprio.

Lá, por último, o trabalho, o estudo e a caridade se exercitam e depuram durante uma vida de grande, enorme duração, figura da eternidade de puros gozos, de celestiais fruições que aguardam o espírito em sua imediata e próxima elevação. O término da vida chega naquelas afortunadas regiões sem violência, dor e sem tristes definhamentos: o ancião sente, ao chegar sua hora, uma espécie de suave e atrativa sonolência e cerra suavemente os olhos ao transpor o horizonte um dos sóis que enviam seus formosos raios e seu calor aquela terra prometida. A morte, que lá não se chama

morte, pois ninguém ignora que se trata do início de uma vida mais feliz, aparece como o mais tranqüilo de vossos sonhos. O espírito parte radiante de amor no momento dos crepúsculos, no ocaso do mais esplendoroso das luminares daquela bem-aventurada estação, ao mesmo tempo em que o corpo se dissolve e desaparece no pó de ouro do ambiente.

VIII

Porta Coeli - Hei de Nascer de Novo!...

Com amargura deixei aqueles afortunados lugares e agindo em mim a mesma força oculta que me vinha dominando desde o instante de minha morte, fui transportado e levado a regiões mais luminosas ainda, aonde meu corpo espiritual ia progressivamente adquirindo uma beleza e um resplendor que me deslumbravam e me aturdiam. Era uma vastíssima extensão, vastíssima dentro do infinito universo, envolta à direita e à esquerda e em todos os sentidos, de fulgurantes estrelas, cuja luz possuía as mais belas nuances de cores, que em mim penetrava como um calor de felicidade espiritual, de inefável bem-aventurança. Percebi que me achava na senda que guia ao ansiado Templo da felicidade imortal, na Cidade Santa, morada e assento perpétuo dos espíritos definitivamente vencedores. Eu buscava seres viventes que desejava envolver na atmosfera de luz de amor que de mim se desprendia, porém estava só?

e a ninguém conseguia comunicar aquele amor, que não era meu, como não eram minhas a luz e a beleza de meu corpo, mas sim reflexo de luz, da beleza e do amor daqueles santos lugares. E isto era para mim remorso e tortura. Uma arrebatadora harmonia acariciava todo o meu ser e em mim se produziam os ecos de mil vozes angélicas, melodias indefiníveis pela sua suavidade, hinos de adoração, de felicidade e amor, música puríssima que suavemente ressoa no atrium da celestial Jerusalém, coros inefáveis com que são recebidos nas portas da cidade os espíritos que cingem o laurel e ostentam a sua direita à palma do triunfo sobre as concupiscências humanas e na medida que meus pés deslizavam através daquela venturosa região, senda das quase divinas fruições e me aproximava do santuário da caridade e do pai, aumentava a formosura dos sóis, eram mais suaves às brisas, mais puros e agradáveis os aromas, e se tornavam mais claros e distintos os sons da música executada pelos filhos prediletos do Altíssimo. Aquilo era uma torrente de harmonias, um oceano de felicidade e de santo amor.

Vi, por fim, bem ao longe, uni grupo de nuvens de neve e ouro, que ocultavam aos meus olhos a porta do sagrado recinto dos mistérios, guardada pela verdade e pela virtude. Como vos descrever a majestade e a beleza daquela visão?

Compreendi que não me era permitido ir mais adiante. Um pressentimento singular, uma indecifrável simpatia atraia para aquela direção os olhos de minha alma. Foi quando ouvi uma voz conhecida, e uni rosto divinamente perfeito apareceu. "JA O SABES - disse-me a majestosa voz: - NINGUÉM PODE ENTRAR NO REINO DE DEUS,

SENÃO AQUELE QUE NÃO NASCER DE NOVO. LEMBRAS-TE DE MINHAS PALAVRAS? Era Jesus.

Caí absorto e deslumbrado no próprio pórtico do templo da felicidade imortal. A fortíssima luz que irradiava o divino semblante do Mestre me havia cevado e em vão pretendera meu espírito ver outra coisa sue não fossem seus erros passados e seus extravios e rebeldias. É preciso nascer outra vez: estas palavras pesavam sobre minha alma e eram ao mesmo tempo seu remorso e sua esperança. Dezoito séculos haviam transcorrido desde que as ouvira dos lábios do Salvador e em espírito me havia rebelado então contra o renascimento, sendo mestre em Israel e mais recentemente sendo mestre nos conselhos infalíveis dos pontífices. A pertinaz rebelião de minhas pretensões orgulhosas e de minha soberbia fez com que me perdesse primeiro em Israel e depois em Roma. Naquela julguei torpemente que os doutores e sábios da Escritura haveriam de ser depois da morte os preferidos e os íntimos do Deus de Judá e da casa de David; nesta eu me havia considerado tão acima do vulgo dos mortais que me julgava com direito de sentar-me com os Apóstolos e Jesus à direita do Pai e ser objeto de admiração das inumeráveis legiões celestiais.

Tornava-se-me indispensável nascer outra vez. Era a terceira vez que ouvia esta frase dos lábios do Salvador (1), e ainda meu espírito resistia, não em acreditá-lo, pois não podia duvidar do fato ante sua repetida evidência, mas sim em aceitá-lo como condição precisa de meu porvir e destino espiritual. O orgulho do saber e do merecimento próprio fora em mim tão poderoso e estava tão profundamente arraigado, que ainda meu espírito se sentia inclinado a rebelar-se uma vez mais contra sua sorte: julgando-se, por um resquício da

passada soberbia, tão difícil de extinguir completamente, de natureza superior ao comum dos filhos dos homens, credor por merecimento próprio a grandes honras e distinções no céu. Se me acerquei de Jesus na época em que ainda estava conosco na Terra, se acompanhei seus restos ao sepulcro, não me movia inspirado na bondade de seus ensinamentos divinos, mas sim por uma orgulhosa curiosidade e um movimento de simpatia pessoal para com aquele que, opondo-se à corrente e às crenças seculares da época, ousava apresentar-se como regenerador do mundo e fundador de uma moral que, embora não fosse novo em todos os seus preceitos e máximo, o era em seu harmonioso conjunto e contrastava com os costumes, com hábitos hipocritamente religiosos, corri as tendências, com a política, com as paixões, com os interesses e o positivismo do século.

(1) A primeira vez que Nicodemos ouviu de Jesus a afirmação do renascimento seria aquela a que se refere São João no capitulo III, e a segunda, quando Nicodemos chegou ao mundo espiritual pouco depois da morte de Jesus.

Hei de nascer de novo!...Esta é a minha sorte; este é o meu destino, como resultado da lei das harmonias que preside tudo, seja dentro da natureza material, seja na esfera do espírito, na lenta elaboração do entendimento e da consciência. Hei de desprender-me e limpar-me do orgulho e das misérias adquiridas e adquirir as virtudes necessárias à felicidade espiritual; e isto, no mesmo lugar de onde recolhi a semente de meu orgulho e onde se desenvolveram os viciosos germes que podia e devia ter combatido e que indubitavelmente teria arrancado de minha alma apenas com a vontade e empregando os meios de que podia dispor. Isto porque, pela mesma lei das harmonias morais, nunca a prova que serve para medir a têmpera espiritual da criatura é superior à resistência que a criatura pode suportar.

Hei de renascer de novo!...Mas ai! que será de mim no próximo renascimento de minha alma na vida do olvido e do combate, assediado de todos aqueles inimigos que não nascerem de outra coisa senão de minha própria concupiscência? Saberei triunfar sobre mim mesmo, já que sou o único obstáculo, o único inimigo da felicidade de minha alma? Se em meu espírito permanecessem escritos os ensinamentos e gravadas as maravilhas das quais fui testemunha, graus à misericórdia, desde que deixei vossa morada; se voltando a vos ver para sofrer e merecer convosco, conservar-se na minha memória e na minha mente a suave e majestosa imagem do Salvador, tal como me falou quando surgiu daquelas nuvens gire ocultam e entrada do reino das criaturas perfeitas, oh! neste caso não duvido de que me bastaria meu próximo renascimento para findar minhas concupiscências e arrancar a raiz de todas as minhas inclinações impudentes, filhas do não cumprimento voluntário da lei natural esculpida pelo Criador na pedra de minha consciência desde o princípio de minha vida racional e 1ivre.

Vias isto não seria justo nem sábio e a sabedoria e a justiça se cumprem em todas as obras que vêm diretamente da lei, que é de toda eternidade o pensamento infalível do Altíssimo. Que seria de minha liberdade, assim como ela minha faculdade de merecer, supondo que, ao retornar à vida de provas e sofrimentos, se conserva nítida memória da vida do espírito e das verdades e prodígios que, por misericordiosa permissão acabo de descobrir e presenciar? Em minha nova existência apenas meu corpo permaneceria entre os homens: o espírito viveria em contínuo

desprendimento, de tosto alheio à vida material, sempre extasiado na meditação de suas recordações celestiais.

Viveria como espírito emancipado entre os homens. Nu entanto, o justo e sábio é que o ser racional conquiste por meio da vida puramente humana entre os homens a emancipação espiritual necessária para viver mais tarde entre os anjos. Bendigamos a Deus em sua justiça e sabedoria, que constituem sempre amor e proteção aos débeis filhos dos homens.

Porém, que será de mim, repito, em meu próximo renascimento, esquecido das misericordiosas lições do presente, da sabedoria e da verdade, dos poucos segredos que me foi permitido presenciar em minha viagem espiritual e entregue ao sabor e riscos de minha ignorância e de meu orgulho? Bastar-me-á renascer outra vez na Terra como viajor ou continuarei retornando a ela através de uma série de renascimentos sucessivos?

Oh, Jesus, minha luz e meu Mestre! Já sei que a lei de meu orgulho é que eu renasça de novo sobre a Terra na qual por orgulho e soberbia deixei as raízes de meu espírito. Já sei que a lei das belezas universais me rechaça em razão da pobreza de virtudes do mundo dos viventes, mas eu vos invoco como mediador do filho pródigo, para que faleis em presença do Pai, que é vosso Par e meu Pai, das misérias e pobreza do mais enfermo de seus filhos.

Falai naquele lugar, naquele majestoso e santo templo, no qual meus erros e debilidades não me permitem entrar, da ovelha que se perde no bosque umbroso do vão saber e da aparente virtude; e talvez conseguisse endereçar seus passos ao redil se o Pastor a estimulasse com chamamentos de castigos. Duas vezes fui príncipe, e em ambas sucumbi:

chegou, pois, o momento em que me despojem de minhas riquezas e do poder, e mostre se sabe .ser pobre e desvalido aquele que não soube ser rico e poderoso.

Bendita seja mil vezes a pobreza; benditos o abandono e a orfandade, se assim consigo romper os grilhões que sujeitam meu espírito a Terra.

IX

Vem... Segue-me! - Os Infernos da dor

Tive que retroceder do umbral da felicidade, de onde me repelia a virtude, que tinha lá sua morada e seus encantos. Não pesava sobre mim uma maldição; porém, preso pela recordação, retornava do caminho de minha elevação impelido por uma força e uma vontade incontrastáveis. Havia ascendido rapidamente pela misericórdia, e descia com maior rapidez pela justiça. Singrava o espaço com a velocidade do pensamento que ia aumentando com o peso de minhas grosserias materiais, deixando atrás de mim todas as maravilhas que me fora concedido admirar e tocando ligeiramente os mundos que havia visitado. Subitamente, uma espantosa comoção, oh! tremo ao recordá-la, transtornou todo o meu ser: havia regressado ao meu ponto de partida- estava de novo na Terra; soube-o, sem vê-la, no abatimento em que se apoderou de minha alma.

Circundava-me uma semi-obscuridade que me impedia distinguir os objetos materiais; porém a luz espiritual brilhava em toda sua plenitude e iluminava os mais recônditos segredos de minha vergonha. Sombrio desalento que tocava os primeiros termos do desespero invadia meu ânimo. Quando sairei deste cárcere, perguntava-me; quando poderei sacudir o jugo que me retém neste lugar de expiação; quando se me abrirão as portas da bem-aventurada região dos espíritos puros? Quantos séculos de séculos me separam do templo do amor, morada dos viventes? Oh.. céus da virtude, inacessíveis às almas covardes que, como eu, foram vencidas sem luta! Chegará, porventura, o dia em que meu espírito, por direito próprio, pelo direito dos espíritos vencedores, atravesse o abismo que de vós me separa e forme nos angélicos coros que perpetuamente entoam cânticos à sabedoria, ao amor e à justiça? Até quando? Oh terra! serás o fruto das obras de meu espírito? Oh desventura a minha! exclamei.

Então uma voz suave como o amor e atraente como a esperança chegou ao meu coração e senti que me dizia: Espírito pusilâmine desconfiado, reanima e prostra-te agradecido ante a bondade e a providência do Altíssimo. Tu viste algo de teu porvir, que é o porvir de todos os homens da Terra e no entanto desfaleces quando constatas quão longo é o caminho que te separa da bem-aventurança: mas, sabes algo de teu passado? Mediste o caminho que já percorreu tua alma? Vem: segue-me."

E fui levado, embora com menor velocidade do que pela primeira vez. Meus olhos enxergavam com facilidade e pude notar que ia me afastando do arquipélago planetário a que pertence a Terra. Sentia-me possuído de uma indisfarçável

tristeza, que aumentava à medida que nos afastávamos da Terra.

Tive vontade de retroceder; mas o invisível, o misterioso sopro, impregnado de tristeza como meu ânimo, me repetia: "segue-me..." e eu seguia.

Por que o sol se ia empalidecendo e se tornando obscuro no espaço? Por que me oprimia o desalento? O estado de meu espírito tinha muitos pontos de semelhança com os de uma pessoa que vai visitar o ossário onde dormem seres de seu afeto. Ou melhor ainda, parecia-me ao mesmo tempo em que embora vivo já havia morrido e que era levado a orar sobre meus próprios e inanimados restos num local tenebrosamente solitário. E o sol havia desaparecido, não no horizonte, mas sim do próprio espaço que eu percorria impelido vez por outra pelo melancólico "segue-me" de meu misterioso guia e companheiro. Para falar como vós e que me entendais, meu coração batia apressadamente e tremiam-me as pernas. Deixai-me um momento com minhas tristes recordações, irmãos meus da Terra: elas constituem de certa forma meu consolo e minha esperança.

"Segue-me" repetia a voz sempre misteriosa e triste e eu seguia através daquela obscura, daquela espantosa solidão. Sentia-me dominado pelo temor como a criança perseguida por tétricas visões. Por último sobreveio uma tênue luz semelhante a um crepúsculo que vai chegando a seu fim. Lentamente ia ficando maior a claridade, porém uma claridade estranha, insuficiente, que, ao invés de alegrar e dar esperanças, oprimia a alma e era portadora de sombrios pressentimentos. Onde vagava o sol que emitia aquela luz fúnebre? E a lua? Eu não distinguia nenhum astro: sem

dúvida, espessas trevas me rodeiam diminuindo a força de minha vista espiritual.

Pouco a pouco se foi dissipando a obscuridade que entorpecia minha vista e abrindo-se a meus pés um novo espaço com esparsas estrelas afastadas umas das outras por enormes distâncias. Em vão busquei a Terra: em vão persegui o sol que brilha sobre os habitantes do planeta. Aquele espaço, aquele universo, se assim posso expressar-me, está fora do universo em que vós afortunadamente viveis. Ocupa seu centro um corpo de luz avermelhada e tênue e ao seu redor e a distâncias relativamente pequenas giram tristemente alguns corpos opacos de diferentes magnitudes. E uma grande fogueira, cujo calor mantém a escassa vida daqueles corpos trêmulos de frio e necessitados de maior luz. E um sistema planetário completo, porém tão triste, que ao contemplá-lo me lembrei da Terra e de seu Sol como uma mansão afortunada. Em breve abordava um daqueles inóspitos mundos e me apoderava do segredo de seus sombrios destinos: era um globo habitado por criaturas racionais, um crisol, um cárcere de expiação dos espíritos que ao nascimento de sua liberdade quebraram violentamente os sábios preceitos da lei. A contemplação daquela ilha de desterro despertou em minha mente recordações de tempos olvidados, que agora se destacavam confusamente do obscuro fundo de meu passado. Pareceu-me haver retrocedido, talvez alguns milhares de anos, no curso de minha existência e que voltavam a se reproduzir às primeiras páginas da história de meu desenvolvimento moral. Nem a natureza do solo, nem a estrutura ou configuração orgânica de seus infelizes habitantes, nem o peso daquela atmosfera, nem a melancolia daquele céu eram

novos para minha alma. E ao fixar-me em meu corpo espiritual, notavelmente transformado desde minha ultima partida da Terra, sua grosseria e fealdade avivaram minhas mais adormecidas recordações, reconhecendo-me tal como havia sido em uma das primeiras fases de minha inteligência e vontade.

Naquele mundo a estrutura do corpo humano difere muito da estrutura dos organismos humanos da Terra. Os órgãos dos sentidos aparecem rudes, torpes e grosseiros, aptos apenas para as grosseiras sensações de que são capazes os atrasados espíritos a quem hão de servir. Uma cabeça redonda, exígua e repugnante, um peito pequeno e disforme, um abdômen grande e abaulado, extremidades úteis apenas para os movimentos ordenados, um só aparelho para a visão, assim como para a audição, ambos muito imperfeitos para seus fins naturais e toscamente formados, eis aí o homem do mundo que unha ante minha contemplação, reavivando as aparadas cinzas de meu passado.

Mundo destinado à expiação de infrações gravíssimas da lei escrita na consciência desde os alvores da vontade racional, apenas oferece um ou outro meio para o gozo, enquanto que abundam os caminhos que levam ao sofrimento. E preciso dobrar a alma que em seus princípios se entrega à ferocidade e se embriaga no crime. Um espírito áspero e feroz reclama um mundo cruel: é a lei das harmonias. Lá a dor não deixa lugar aos cálculos do crime e o espírito se predispõe a receber o jugo da consciência, incomparavelmente mais leve e suave de que os efeitos da violência e do rancor. Lá a vida é antes um incessante mal-estar, um perpétuo sofrimento. (1)

(1) Ao chegar a este ponto da revelação de Nicodemos, iniciou-se entre os membros do Circulo Cristão de Lérida, onde a mesma foi recebida, uma animada

conversação, estendendo-se em comentários referentes às condições do mundo e da humanidade que o espírito acabava de descrever. Julgando que Nicodemos simbolizava naquela humanidade e naquele mundo o passado, o berço, por assim dizer, dos mundos e das humanidades, repugnava-lhes tal símbolo. que vinha destruir as mais racionais hipóteses e as mais justificadas noções cientificas tocante à gênese da Terra e ao homem primitivo. Na revelação de Lamennais, recebida no mesmo Circulo e publicada no livro Roma e o Evangelho, se descreve a grandes Pinceladas o passado do homem terrestre e da Terra e nada do que ali se lê tem analogia com o que narra aqui Nicodemos. Era conveniente fazer estas indicações, para que possa o leitor medir o verdadeiro alcance dos luminosos arrazoados com que o espírito esclarece, na continuação de seu relato, o ponto controvertido pelos componentes do círculo.

Meu relato vos maravilha e vos surpreende: Isto não me admira! Falo-vos de um homem e chamo-o assim, porque se trata já de uma criatura racional e vós vos lembrais unicamente do homem da Terra. Credes haver contradição entre minhas palavras e vossos discursos e entre meus discursos e outros mais autorizados que por inspiração e superior permissão recebestes no curso de vossos estudos!

Mas, falo-vos porventura da Terra e do passado da humanidade terrestre?

Pensais que o primeiro dia da humanidade terrestre é na forma o primeiro dia da humanidade universal? Que sabeis vós e que sei eu, ainda em minha emancipação, do passado das substâncias, tanto daquela que se conhece sob o nome de matéria, como da que constitui a essência do espírito? Porque vos vedes a vós próprios e a matéria e as formas que vos rodeiam, presumis haver adivinhado o passado da matéria e das formas? Notai, ademais, que eu não disse que aquele mundo de sofrimento seja o do passado do homem, mas sim de um homem, daquele que em princípio, notai-o bem, no princípio de sua liberdade, rompe violentamente o pacto estabelecido entre o Supremo Criador e a criatura.

A lei não seria sapientíssima como é, se o prêmio e o castigo das obras não correspondessem ao caráter, condições e natureza do espírito que em virtude de sua liberdade as

realiza. No reinado da violência predominam sobre o espírito a carne e a matéria; e a justiça, para ser justiça, exige que os castigos, assim como os prêmios, recaiam de preferência sobre a carne, que por sua vez os transmite ao espírito, contribuindo para o aperfeiçoamento e desenvolvimento do mesmo.

A responsabilidade moral é nula antes da aparição da liberdade espiritual: talvez não fosse arriscado supor que os sofrimentos do corpo aceleram o nascimento da liberdade de espírito. A principio, esta liberdade acha-se com freqüência coibida, principalmente pela escassez de luz, que impede a alma de vislumbrar o caminho de sua perfeição e progressiva felicidade; e então a responsabilidade completamente nula, é muito escassa, lugar sobre o corpo as contingências criatura, que se acha, podemos dizer, sua infância racional.

Conforme diminui o predomínio da carne e cresce a pujança do espírito, diminui também a responsabilidade física do corpo, que não é senão o cumprimento ela lei harmônica da matéria e da vida, e aumentando a responsabilidade espiritual, que não é senão o cumprimento da lei harmônica da liberdade, que preside nas manifestações do universo inteligente. Está no cumprimento de ambas as leis, que os prêmios e castigos recaiam primeiro sobre o corpo, ou melhor, sobre a substância espiritual por intermédio dos órgãos do corpo, até elevar-se, em virtude de depurações sucessivas, ao espírito, isto é, pelo discernimento e sentimento do bem e do mal, Delas inefáveis fruições de um, ou as torturas e remorsos do outro.

Se cuidadosamente observais o que em vós se passa, vereis confirmado o cumprimento dessa lei: vereis que quanto maior for o atraso do senso moral de uma criatura,

mais redundam em sofrimento da carne seus extravios voluntários. Seu espírito apenas é suscetível de sofrimento através dos órgãos do corpo; sendo esta a razão de justiça que explica porque seu espírito há de receber pelo organismo corporal as desagradáveis conseqüências dos abusos de sua liberdade de arbítrio, ainda que esta liberdade nele se encontre em seu berço, no princípio de suas manifestações espontâneas. Que corretivo haveria na lei, que meios de depuração e progresso para o espírito incapaz ou quase incapaz de remorso, e para tanto, de arrependimento de suas abominações, se não fossem as torturas que pelo caminho da carne avivam e robustecem os germes morais latentes nos segredos da alma? Porém a eterna justiça, que é ao mesmo tempo a eterna misericórdia, tudo previu: os providenciais destinos da matéria hão de cumprir-se e se cumprem com a ajuda da atividade espiritual e o moral, ainda que não recaindo em primeiro e efeitos dos atos da nos primeiros dias de desenvolvimento e sucessivo melhoramento do espírito há de verificar-se e verifica-se com o auxílio da matéria inconsciente. Todo o universo se completa e tudo é necessário, para que seja perfeitíssima em seu conjunto a criação do Altíssimo.

E vos admirareis de que haja mundos como o mundo de que vos falo, onde os espíritos carnais e violentos expiem faltas enormes e se predisponham a receber pela lei da carne a nobilíssima lei do sentimento, que há de ser a base e causa imediata de seus merecimentos, de seu dever e de sua felicidade? Deixemos este lugar de merecida expiação, forja de onde os espíritos pertinazmente rebeldes no primeiro período de sua liberdade recebem a têmpera necessária para iniciar a vida da razão e da sensibilidade da alma. Deixemo-

lo, mas dispostos a rogar por eles ao Príncipe das misericórdias e pelo pronto término de suas grosseiras provações. Quiseram emancipar-se da bondosa tutela da lei e a lei os levou ao cárcere de suas obras e misérias. Porém nem por isso deixam de ser filhos do Pai e da lei e a lei e o Pai os -libertarão um dia do desterro, e abrir-lhes-ão as portas da família e do amor. Não nos esqueçamos de nossos pobres irmãos, hoje envoltos na asfixiante atmosfera do crime e da carne. Expiarão suas abominações; levantar-se-ão e tornarão a cair e voltarão a chorar; mas chegará o dia de amanhã, que será o de sua purificação e o Pai não os repelirá da mesa dos justos, mas sim os receberá com paternal complacência.

X

Um Espírito desafortunado - Mundos Primitivos
Peregrinação das Almas

Fui levado dali depois de presenciar os últimos momentos de uma daquelas infelizes criaturas, Sua vida havia sido curta; os horrores de sua morte, prolongados. O espírito, fortemente agarrado à carne, não pode dela desprender-se sem uma longa e obstinada luta, em que o corpo consome a metade de sua existência e a alma toda a sua atividade mecânica. Efetuou-se, por último, o

desprendimento e o espírito, emancipado, passou junto a mim sem me ver, abatido, convulso e com o horror estampado em seu semblante

Segui-o e juntos visitamos os outros globos daquele pequeno sistema. Todos eles são ilhas de desterro, cárceres de sofrimento. A vista dos tristes episódios que ali se desenrolavam, procurava excitar em meu pobre companheiro a compaixão e o sentimento do bem. Ele não me via, nem ouvia meus pensamentos: não obstante, acendia-se em sua alma uma pequena luz e íamos nos elevando e nos separando daqueles lugares à medida que aumentava a luz de sua adormecida consciência. Chegou um momento em que vi aquela consciência arrependida e derramando lágrimas. "Chora, pobre irmão meu, - disse-lhe abraçando-o: - essas lágrimas são o teu Jordão o rompem as cadeias de tua escravidão. Chora e espera; que as esperanças dos que choram são promessas do Senhor." Sem que me visse e ouvisse, em seu semblante ia surgindo uma satisfação inefável. E os mundos de expiação desapareciam de nossa vista, perdidos nas brumas do ocaso e víamos nascer no oriente uma aurora luminosa, precursora de um sol e de um universo mais risonhos.

Fomos impelidos diretamente a uma estrela longínqua, cujo disco aumentava sensivelmente em virtude da grande velocidade de nossa marcha. Conforme ia diminuindo a distância que dela nos separava, novos corpos estelares e planetários vinham embelezar o firmamento. Estas belezas não alegravam o meu triste companheiro, envolto em negra obscuridade. Envolvia-o uma nuvem de tal natureza, que, ao invés de receber as moléculas luminosas do espaço, as

repelia como se resvalassem sobre uma superfície dura e polida.

Oh! prodígios da sabedoria e da lei! Um mesmo ponto do espaço era para o meu infortunado companheiro de peregrinação o purgatório, mas para mim correspondia, relativamente, ao céu. Enquanto meu espírito se ensolarava na luz consolados do universo e se alimentava do ar da caridade e do cumprimento do dever, ele era presa de horríveis dúvidas e temores, sustentados pelo remorso que começava a revelar-se no fundo de sua alma. Houve, todavia, um instante solene, de felicidade para ele e de estupor para mim: cessou de repente nossa caminhada, e aquela nuvem que o cegava depreendeu-se dele podendo ver-me e admirar por momentos breves a luz em cujas ondas nos movíamos. Julgou que eu era seu deus e me contemplava absorto, entre temeroso pela luz que de mim se desprendia e esperançado pelo benévolo sorriso com que procurava infundir-lhe alento e atraí-lo ao mesmo tempo. Ia por fim prostrar-se a meus pés para beijá-los e adorar-me; mas nesse momento aquela nuvem negra a envolveu novamente e a nossa viagem retomou seu curso interrompido. O ato de adoração do infortunado espírito havia renovado a lembrança de meus erros e recrudescido minhas penas. A estrela para a qual nos dirigíamos estava já próxima. Parecia aos meus olhos, da mesma magnitude de vosso sol e aparentemente da mesma natureza. E o centro de todo um sistema astral. Ao seu redor descrevem suas correspondentes órbitas alguns corpos opacos, mundos cheios de atividade e de vida, exceto dois, que presumi fossem terras ainda em formação e por isso ainda inabitáveis a seres viventes.

Chegamos a um daqueles mundos, morada de criaturas livres, banhado em suas noites pelo pálido fulgor de pequena lua irmã daquela que envia seus raios a Terra. Ostenta em sua superfície, eriçada de montanhas, engalanada de bosques, sulcada de profundos vales e caudalosos rios, mares como os vossos e uma vegetação variada e exuberante. Povoam suas selvas, seus montes e suas ribeiras, animais das mais variadas espécies, muitas das quais desapareceram a muito tempo de vosso solo; em seus mares uma diversidade enorme de peixes, muito parecidos àqueles que vivem nas águas da Terra; e revoam em sua atmosfera e cantam amores nas sombras e nas ramagens pássaros de riquíssimas cores, muitos deles jamais vistos nem ouvidos por vós sobre a superfície terrestre.

Levantam-se de distância em distância imensas espirais de fumo e chamas que sobem das crateras abertas e abundantes lavas mudam os vales limítrofes e as regiões vizinhas. O excesso de calor e atividade não cabe no ínterim do globo e, como seu solo opõe débil resistência em muitos pontos, abrem-se respiradouros necessários através dos quais a matéria busca maior espaço, em suma, geologicamente falando, um mundo com todo o seu vigor e pujança da robusta juventude: a formosura no rosto, a força nos movimentos e o fogo devorador em suas entranhas.

Assim também é o homem que lá vive, fisiologicamente estudado, ou seja através das formas e manifestações com que em seu organismo se revelam a existência e a vida. Seu corpo tem a formosura do vigor, seus movimentos a agilidade e decisão da força; em suas entranhas se oculta tumultuoso c por suas veias circula como rio de lava o fogo devorador dos apetites da carne. A violência c a luxúria

reinam despoticamente nos costumes; pois, nesta primeira fase de sua liberdade, o homem colocou soa vontade a serviço de sua concupiscência. Não acata outra lei nem respeita outro direito, que a lei e o direito da força. Sente vez por outra estímulos de tristeza e ainda acessos de ira contra si próprio, que não são senão sintomas de remorso, avisos inseguros de uma consciência débil; porém recobra os apetites seu domínio, lançando-se de novo pelo caminho da violência, da fornicação e do ódio. E um cavalo endoidecido: quem poderá detê-lo no curso de sua vertigem, de sua fatal carreira?

A mesma terra com seus imponentes cataclismos, com suas tremendas convulsões, se encarrega de dominar aquela natureza indômita e aparentemente indomável.

À violência do homem opôs a lei da violência dos elementos e meios vitais do planeta. Falarão o vento e a tempestade, as inundações e os tremores subterrâneos, o fogo das nuvens e o fogo dos vulcões; numa palavra, falarão a terra e a céu, e com sua terrível voz emudecerá o furor do homem, caindo este confundido, envergonhado de sua impotência, recordando as violências de seu passado criminoso, e temeroso ante as ameaças universais, de seu confuso futuro. Lá as sociedades estão em seu nascimento e os vínculos que aproximam uns de outros os indivíduos para formar pequenas tribos não são geralmente os do amor ao dever, mas sim os da luxúria, do egoísmo, da usurpação e do temor. O homem se une à mulher e a acompanha pela carne; a mãe cuida dos filhos, não tanto por inclinação maternal e carinhosa, mas sim para que os mesmos se tornem no futuro os instrumentos de seu instinto e de seu gozo. Dessa maneira vai-se construindo a família. Os estímulos da luxúria e a

necessidade de conservar as usurpações da violência provocam a agrupação das famílias. A debilidade, o medo, e o desejo de domínio agrupam várias tribos isoladas e dispersas, constituindo juntas o protótipo das sociedades primitivas. O chefe desses primeiros povos sem pátria e sem lar é aquele cujo robusto braço não tem rival entre os seus e os conduz com prazer à matança e ao saque das tribos inimigas.

Tais foram também em seu princípio às sociedades da terra e seus caudilhos; mas daqueles tempos e daqueles acontecimentos não restou memória entre vos; e como as primeiras páginas de vossa história foram escritas pela ignorância. vossa história não é a narração verídica da formação, caráter e vicissitudes das primeiras sociedades terrestres. Dia chegará, não obstante, em que todos conhecerão o passado da humanidade da Terra; porque a revelação c a ciência preencherão o vazio da ignorância e dos séculos e reconstruirão a História.

O Deus do mundo que vos descrevo é aquele que deixa ouvir sua voz pela boca dos vulcões. Os elementos que o homem diviniza a sua maneira são as únicas forças capazes de dobrá-lo e apagar, pelo menos momentaneamente, o fogo de seus ferozes instintos. Ante as grandes convulsões da Natureza é o reais débil e o mais insignificante dos seres: cai de joelhos pedindo misericórdia, esconde-se, fecha os olhos, tapa os ouvidos e treme. Sua covardia é, todavia, uma revelação, isto é, uma revelação eloqüente de sua consciência e liberdade: recorda seus atos de ferocidade e fornicação: adverte que na Natureza há forças muito superiores às suas e teme que as mesmas tenham sido criadas para punir suas leviandades e seus crimes.

Fácil é compreender quão tôsca é a idéia de Deus nesses planetas: entretanto, mais rudimentar ainda é a idéia da alma espiritual. O homem teme a seu Deus, a esse Deus monstruoso, modelo de sua ignorância e da desordem de seus sentimentos e obras; mas não o teme senão com relação ao presente como a um misterioso e gigantesco ser que penetrasse os segredos todos de seu pensamento e pudesse abreviar a seu bel-prazer os dias de sua existência. Todas as suas aspirações e ações vão endereçadas ao presente, que é a sua religião se procurar agradar ao Deus de sua imaginação acomodando algumas vezes seus atos aos preceitos naturais, é com a esperança de que os anos de sua vida sejam dilatados, resolvido a empregá-los na satisfação de seus ódios e de seus apetites libidinosos. Não faltam, entre eles, homens de entendimento e coração, que vêem e conhecem a iniqüidade e derramam lágrimas por ela, esperando com paciência o renascimento de seus irmãos e o reinado da verdade pelo triunfo da virtude.

São espíritos missionários, vindos de esferas superiores como sementes de regeneração cristã, destinados a condenar a perversidade das tendências humanas através de seu exemplo ou de sua palavra e mostrar o caminho da reabilitação e da felicidade das criaturas. Muitos vivem ignorados e confundidos entre as multidões, porém edificando com sua piedade e virtudes as famílias que constituirão o fermento da sociedade do porvir.

Mas também há aqueles que, com sua palavra cheia de ameaças e mistérios, despertam as consciências e convulsionam as tribos. Os efeitos imediatos destes chamamentos são os ódios, as discórdias e as guerras; providenciais e necessários para fazer com que o homem

possa fazer voltar ao caminho a sua vontade extraviada e a sua perturbada razão. A discórdia matará a discórdia, e a guerra matará a guerra; pois, os povos aprenderão temperança nos estragos do ódio e os horrores do sangue lhes inspirarão sentimentos de benevolência e com paixão. Então cairá do alto o puríssimo orvalho do cristianismo, que, vivificando os corações e dando aos entendimentos robustez e beleza, transfigurará a humanidade e as sociedades, sucedendo ao império da matéria e da carne sobre os gozos do espírito o moral e reparador império do espírito sobre a carne e a matéria.

Quanto tempo passará porém, antes que a semente frutifique e seja o pensamento de Cristo o guia das nações daqueles homens, que ainda nem suspeitam da existência de suas próprias almas espirituais e que só vêem Deus através do trovão e do castigo? Primeiro terão que travar conhecimento com a espiritualidade e atributos de Deus, acerca do qual e de sua natureza conceberam as mais absurdas idéias, da espiritualidade e imortalidade da alma, cuja existência ainda não pressentiam. Lutar por séculos e séculos, de geração em geração, com os rudes instintos do egoísmo, primeiro até vencê-lo, para depois arrancá-lo dos costumes e finalmente do coração e do espírito. Os prelúdios mensageiros da aurora do cristianismo amanhecerão ao fixar a humanidade sua consideração no passado e conseqüentemente a geral aceitação da imortalidade espiritual.

Talvez esta longa via assinalada às humanidades para sua depuração e desenvolvimento provoque dúvidas em vossa mente e temor em vossos ânimos.

Por que esta longa, enorme, interminável peregrinação da substância espiritual através dos corpos e suas impurezas para conquistar o triunfo e com ele a felicidade? Por que estes mundos e essas idades de luxúria, de violência e de expiação? Por que não abreviou o Criador com sua sabedoria e onipotência e caminho de prova das almas?

Eu por minha vez pergunto a vós que duvidais e temeis: por que a belíssima mariposa foi antes um asqueroso verme? Não compreendeis nem adivinhais, e eu tampouco, a misteriosa causa; mas, apesar de nossa ignorância, temos o direito de duvidar da onipotência e sabedoria dAquele que pôde e soube transformar o verme em mariposa? Se soube e pôde converter, em virtude de uma lei desde a eternidade estabelecida, as trevas de nossos princípios na luz de nossos últimos períodos de vida sempre mais formosa e refulgente, transformando-nos de larvas em mariposas, haverá motivo racional e justo para duvidar da sabedoria e poder de quem tais milagres de poder e sabedoria trabalhou em benefício de nossa natureza? Ele que pôde e soube estabelecer em sua lei o bem como perpétuo e o mal como transitório, sendo este último um meio para se atingir o bem, não demonstrou, simplesmente através disso, possuir a infinita sabedoria e o infinito poder?

Ademais, havereis de reconhecer comigo que, onde principalmente resplandecem a onipotência e a suma sabedoria do Criador, é na criação da vontade e da liberdade inteligente. E uma vez estabelecida à liberdade das ações humanas pretenderíeis que Deus a coibisse com o fim de apressar a redenção da criatura, manifestando assim que sua sabedoria e poder tiveram limites; tendo dessa forma de reformar a mais excelente de suas leis? E, o que seria, se

assim acontecesse, do mérito de nossos atos e da justiça do Altíssimo? Se invocais sua misericórdia, eu vos replicarei dizendo: não vedes a divina misericórdia mesmo nos mais cruéis sofrimentos dos homens? Na vida do homem, mesmo o mais desafortunado, alternam constantemente as amarguras e os gozos e pode-se até assegurar que não há dor por mais cruel que pareça que não abrigue em seu recôndito alguma semente de consolo. Não invoqueis tampouco a longa duração das idades de prova: o tempo!... significa o tempo algo, porventura, quando medimos por eternidades o passado e o porvir? Quanto mais estudais e meditais as maravilhas naturais que se erguem aos olhos de vossa alma, maior e mais íntima será vossa convicção de que em tudo brilham irmanadas a onipotência, a sabedoria e a misericórdia de Deus.

XI

Continuação dos Mundos Primitivos. - O Crepúsculo da Idéia Cristã - Adeus, Irmãos Meus, Tristes Irmãos Deus!

Foi permitido ao meu companheiro assistir a algumas cenas da vida humana no planeta que ultimamente vos fiz conhecer. A nuvem que o circundava adquiria a intervalos certa transparência e, embora confusamente, via os homens e penetrava as suas intenções ocultas. De suas atitudes e pensamentos inferi que estivera recentemente entre aqueles

homens e compartilhava das vicissitudes da vida naquele solo. Vi escrito isso com toda a clareza na expressão ele sua alma: havia sido um dos caudilhos daquelas tribos ferozes, ainda mais violento e sanguinário que eles próprios. Morrera ansiosamente nas mãos dos inimigos, as próprias mãos tintas de sangue, nos lábios o inumano sorriso da vingança, rodeado ela multidão de vítimas da sua insaciável crueldade.

Continuavam vigorosas em seu espírito as mesmas tendências e paixões da vida corpórea e renasciam com fúria ao presenciar fatos parecidos com os que em outros tempos haviam contribuído para fomentá-las. O desditoso esquecia-se de que só vivia em espírito e tomava parte nos ódios e violências que os seus olhos se manifestavam e consumavam. Em tal estado, procurava eu inspirar-lhe mais suaves e piedosos sentimentos e renovar em sua mente a lembrança amarga do mundo de expiação do qual acabara de sair, mas nem sempre isso bastava pra trazê-lo à senda da regeneração as reminiscências de violentos e luxuriosos hábitos, apagando nele as recordações salutares, absorviam-lhe a atividade da alma e dos sentidos. Vinha então a lei em auxílio do infeliz espírito: de novo a obscuridade o aprisionava, conseguindo as trevas o que não haviam podido os meus conselhos e sadias inspirações. O mísero se recobrava e chorava, à sua maneira prometia melhorar. Oh, eficácia misteriosa da lei! Oh, provida. Sabedoria! As trevas - que são - diríamos - uma imperfeição, um lunar da Natureza, servindo ao aperfeiçoamento espiritual e contribuindo para avivar nas almas a chama puríssima do arrependimento, da virtude e do dever! Extasia-se o espírito em cada uma das harmônicas belezas que descobre estudando Deus no universo e no cumprimento de suas leis.

Deixamos aquela mansão de iniqüidade e fomos transportados em visita aos outros mundos do sistema. Este, na ordem de sua elevação e da elevação intelectual e moral das criaturas que o povoam, precede imediatamente o sistema ao qual a Terra pertence. A última de suas moradas, aquela em que prepondera com mais força os apetites impudentes, é a que acabo de submeter ao vosso estudo, lugar que havia sido de expiação e prova do espírito que, a meu lado e sete me perceber, vislumbrava os pavorosos mistérios reservados pela morte aos desobedientes à voz da consciência. Enquanto subíamos e fixávamos o olhar nos demais mundos ela série, notávamos gradativamente maiores progressos nas humanidades que ali fazem o aprendizado de sua liberdade e faculdades espirituais, A concepção de Deus se vai aclarando: vê-se aparecer medrosa a idéia da alma espiritual; ouvem-se palavras de imortalidade e vida eterna; e no mais avantajado daqueles mundos, do qual se descobre na profundidade do firmamento o vosso sol como se fora diminuto luminar, as noções da alma e do Ser Supremo surgem tão modificadas que dão já lugar ao conhecimento das verdades cristãs e à sua prática, tal como eram conhecidas e praticadas entre vós antes da descida de Jesus. Todos pressentem uma mudança transcendental mas crenças e costumes, alguns mesmo a profetizam e os povos concordam com as palavras e as promessas dos profetas. O solo está preparado para receber a semente e o divino Semeador aguarda o momento mais oportuno para deixá-la cair. Talvez não passe a presente geração antes que as profecias se cumpram e ressoe de um a outro confim a doutrina redentora.

Visitamos rapidamente todos aqueles planetas, exceto os que divisamos a grande distância e que presumi seriam, conforme deixo indicado, terras em formação. Impenetrável aos meus olhares curiosos, densa atmosfera as envolvia. Em cada um dos demais planetas pudemos presenciar algum episódio da vida e adivinhar algum ato do pensamento e da vontade de seus respectivos povoadores.

O estado de meu companheiro tinha muita analogia e semelhança com o do meu espírito na ascensão aos mundos superiores. Primeiro assombro, depois vergonha, logo mais o arrependimento e os bons propósitos, tais eram as sensações e as resoluções que sucessivamente modifica seu animo a cada nova concessão da providência e da misericórdia da lei. Ele via acentuar-se a beleza do seu corpo e se esforçava por despojar-se daquela falsa e acusadora beleza: via os homens e, crendo-se visível aos olhos deles, pugnava por ocultar de todos sua vergonha e confusão: via-me a mim e se prostrava humilhado, pedindo-me misericórdia. Nesses casos, eu teria querido estreitá-lo em amoroso abraço e contar-lhe a história de meus antigos delitos e de minhas presentes misérias, mas uma força superior à minha vontade coibia meus desejos e só me era permitido dirigir-lhe uma palavra e um sorriso em que podiam transparecer ao mesmo tempo a severidade, recordando, e a ternura, prometendo. Nem aquele sorriso nem aquela palavra eram meus: a sua inefável expressão e o respeito que de mim se apoderava bem claro me diziam que eram línguas de fogo da inspiração superior. Ao ver-me sorrindo com aquela majestade e falando com aquele poder, o pobre espírito caía confuso e assombrado, vertendo lágrimas e estendendo-me os braços em atitude suplicante. A seu redor refazia-se a obscuridade e em seu coração o

pungente remorso, anunciador das resoluções de virtude; eu deslizava então junto dele como anjo de conselho e de luz; como um irmão mais velho e carinhoso me confundia com ele em abraço fraternal.

Desde o instante em que meus olhos descobriram além, no limite do firmamento, o astro a cuja volta gira o vosso pequeno planeta, apoderou-se de mim o mesmo impulso superior que me tinha elevado ás regiões da felicidade e abatido até os infernos das criaturas manchadas do extermínio e do sangue de seus irmãos. Como se o vosso sol exercesse sobre mim sua força de atração, sentia minha vontade arrastada ou dirigida para aquele foco de luz, desejoso de volver aos lugares das minhas derradeiras recordações e imediatas esperanças. Parecia-me que a última separação da Terra, a contar do momento em que a voz misteriosa de invisível espírito me levou a visitar as regiões inferiores, datava de pelo menos um século, tão triste havia sido o caminho ultimamente percorrido em castigo do meu orgulho! Não obstante, sabereis o tempo empregado desde o princípio da minha descida até o instante em que a vista do sol tornou a alegrar-me o ânimo, abatido pelas dilacerantes visões dos mundos de sofrimento? Menos de oito dias, sim, oito dias conforme a vossa medição do tempo. De nada serve o tempo no mundo espiritual, a não ser para medir a pequenez e as misérias da terra. Na região dos espíritos, se vos elevais, os séculos representam frações de segundo; se desceis e habitais nas trevas, os segundos serão para vossas almas séculos de obscuridade e isolamento.

Dirigi o último olhar de despedida aos mundos de violência e luxuria, rogando a Deus que apressasse os tempos das pobres criaturas que ali se revolvem no

torvelinho das mais escuras paixões, embrutecidas naquela atmosfera de crassíssima ignorância. Teria querido levar comigo todos aqueles encarcerados, a fim de que viessem respirar na Terra, para a eles a terra de promissão, - o hálito regenerador da virtude e conceber a idéia salvadora da paternal misericórdia do Altíssimo; eram porém de todo irrealizáveis minhas súplicas e desejos: a justiça da lei ali os retém e só pelo cumprimento da lei podem :ser redimidos e libertados. Adeus, irmãos, tristes irmãos meus! Que vosso sol gire com a celeridade do pensamento; que vossas gerações se sucedam com a rapidez de vossos dias; que o cada novo sol nasça em vosso peito uma virtude e a cada geração um libertador que rompa vossas cadeias e vos conduza em legiões inumeráveis à terra de Canaã, para onde neste instante me dirijo. Adeus!...

XII

O Caos das Origens

Ficam para lá os mundos de expiação, páginas errantes da história de meus princípios e dos princípios da história da humanidade terrestre, que mais além se perdem na confusão, na obscuridade, no caos das origens de todas as substâncias, que foram engendradas e nasceram cia eternidade na Causa eterna fundamental do universo. Lá permanecem nossos ascendentes pela carne (1) e a memória de nós mesmos gravada em caracteres que os séculos jamais poderão apagar,

escritos que foram, não no tempo mas no grande livro da imensidade, onde o dedo de Deus imprime os efeitos que do princípio á consumação se realizam. Quedam lá os que vêm depois de nós, os entendimentos embrionários e os corações vazios do sentimento do bem, os de entranhas de fojo, repletos de sujos apetites e de inclinações impudentes.

(1) Cremos que se deve entender por "nossos ascendentes pela carne" as organizações dentro das quais o espírito humano efetua seus primeiros desenvolvimentos.

Por que vêm atrás de nós? Por que não vieram conosco? Que pecados os escondem no negro torpor de que agora começam a despertar? De tudo indagamos as causas e a cada pergunta tropeçamos e caímos, e não nos levantaríamos se a Providência tivesse em mente nosso orgulho e se esquecesse de nós, essa Providência que tudo movimenta e em tudo vive, para tudo vivificar e tudo conservar. Todavia, quem nos revelou que aqueles que vêm atrás de nós e os que vão adiante partiram conosco. Juntos saíram do Egito os hebreus; alguns quedaram às margens das vacilações e das saudades, outros em cada uma das etapas da peregrinação e contam-se os que do Egito chegaram à terra prometida. Por que muitos, muitíssimos hebreus pararam do outro lado do Sinai, vagando ainda em fatigante, em eterna peregrinação pelo deserto. Porque se perderam nas encruzilhadas da leviandade e da indolência, e a noite os surpreendeu na senda dos extravios, e dormiram, e ao despertar levantaram acampamento sem buscar as pegadas dos que caminhavam com os olhos no Oriente. O Senhor a todos enviou seus servos ao amanhecer: uns chegaram à vinha e colheram as uvas; mas outros se sentaram no caminho e o sol os fatigou, e dormiram à sombra de sua preguiça (2).

(2) Do que Nicodemos diz aqui a respeito da criação dos espíritos, parece depreender-se que tal criação foi simultânea, isto é, que todos os espíritos apareceram

ao mesmo tempo na esfera da consciência e da liberdade humana, teoria que não se pode admitir sem tropeçar em graves dificuldades e profundas contradições. Fizeram-se algumas observações nesse sentido por parte dos componentes do Círculo que assistiam ao ato da revelação de Nicodemos e este espírito esclareceu reiteradamente o seu conceito nos termos que o leitor verá a seguir.

Algumas de minhas palavras referentes à aparição simultânea dos espíritos à vida da consciência e da liberdade humana levantaram em vosso ânimo um torvelinho de dúvidas e contradições que desejaríeis ver dispersas e dissipadas ao sopro da inspiração, sob a influência da luz. Considerai, eu vos rogo, a minha pequenez e insignificância nas esferas espirituais. Sou simplesmente um obscuro refletor da luz que a misericórdia de Deus e a caridade de seus bons mensageiros deixam cair sobre o meu ensombrado entendimento para me iluminar e estudar meus irmãos da Terra. Lanço-vos as sementes que em minhas mãos depositam os enviados do Pai de família, sem me atrever a interrogá-los, porque sua magnificência me acanha e me deslumbra; mas as sementes perdem em minhas mãos parte de sua virtude e saem viciadas ao contacto de minha grosseria e impureza: resultando de tudo isto que a revelação, até chegar a vós, não é a expressão fidelíssima do pensamento que brota do manancial da verdade. Se nos conceitos, que por delegação vos transmito, admirais harmonias e belezas, deveis atribuí-las à grandeza e amor da Majestade excelsa, em cujo nome providencialmente vos falo; mas se descobris asperezas e lunares, não percais de vista que é impossível a perfeição absoluta nas obras em que intervém o homem ou o espírito do homem e que somente em Deus reside à sabedoria infalível e a prudência.

Em minhas palavras haveis de considerar, de um lado, a superior inspiração brilhando como puríssimo raio de sabedoria e verdade; de outro, o fruto de minhas observações

espirituais e apreciações próprias, tão expostas à sedução e ao erro. Assim, vereis indubitavelmente nestas revelações a luz alternando com a confusão, a luz de cima e a confusão inseparável de todo aquele que não procede diretamente da origem da luz. Nisso mesmo achareis, porém, motivos de admiração, se souberem considerar que em tal se baseia o mérito das ações e o progresso do espírito do homem. Imaginastes, porventura, que veríeis descer do céu a verdade em sua pureza absoluta, sem meda de contradição, nem sombra, nem obscuridade. Vão vos manifestei desde o princípio que minhas palavras não vos infundiriam uma certeza invencível das coisas da vida espiritual e que minha missão se limitava a inclinar pela duvida e pelo estudo vossos desejos ao sentimento e à prática do bem

Como na moral, há na Ciência princípios absolutos, sobre os quais pode o entendimento humano estabelecer afirmações, e múltiplos pontos sobre os quais só é permitido discorrer por hipóteses ou conjecturas, hipóteses que o tempo vai desvanecendo pela sua falsidade, ou robustecendo e confirmando por estarem cimentadas no indestrutível assento das verdades que o homem está chamado a descobrir, mercê ela atividade sempre crescente de seu espírito. Entre os segredos cujo descobrimento continuará reservado até a consumação, e cujo conhecimento é exclusivo da universal Inteligência, figura indubitavelmente em primeiro plano o que se refere aos princípios e origens de todas as coisas, acerca do qual pode o homem conjeturar, mas não afirmar; acumular suposições mais ou menos aceitáveis e sempre discutíveis, mas não pronunciar a última palavra nem estabelecer proposição que cerre a porta a futuras e mais luminosas investigações.

As origens das coisas serão em todos os tempos e em todos o graus e planos da vida espiritual o "mais além" da Ciência e da perfeição: a última esfera, inacessível, das aptidões espirituais; o degrau superior da escada de Jacó, que ultrapassa as nuvens e os céus e se perde no infinito; o último e supremo anel da cadeia do saber, posto na mão de Deus, cujos anéis intermediários figuram as sucessivas conquistas da Ciência e do aperfeiçoamento espiritual do homem. Iremos eternamente em busca de nossa origem, novas luzes e maior felicidade serão sucessivamente o prêmio de nossas estudiosas ânsias; mas a origem das coisas permanecerá também indefinida, na região da sabedoria eterna, inacessível aos esforços da inteligência dos homens.

A origem de todas as coisas é, diríamos, a chave da onipotência e da sabedoria de Deus: eis porque jamais poderemos remontar a ela; seria o mesmo que surpreender e possuir o segredo e o poder da criação. Fôramos deuses, filhos de Deus; poderosos, filhos da Justiça; puros, filhos da Pureza; bons e compassivos, filhos da Bondade e da Misericórdia: nosso poder, nossa sabedoria, nossa justiça, nossa pureza, nossa bondade e compassividade seriam perpetuamente reflexos de Deus, do Sol de todas as perfeições que desde a origem das criaturas sobre elas irradia, como que lhes comunicando, por seu imenso amor, algo de sua divindade. A criatura racional será sempre a inteligência e o sentimento relativos no seio da inteligência suprema e do sentimento absoluto, gota d'água no oceano infinito de luz que inunda a criação. Quando será dado à gota d'água descobrir sua natureza e origem e penetrar o mistério do oceano em cujas entranhas se agitará e viverá pelos séculos dos séculos?

Eu não podia, portanto, referindo-me à origem e princípio . dos espíritos e à sua aparição histórica, - se assim me é permitido chamá-la-, estabelecer proposições absolutas, como se tivesse descerrado diante de meus olhos o eterno véu das origens. Meu espírito aflito em presença das imperfeições e infortúnios das regiões do crime e da dor, da opressão e violência, desejoso do aperfeiçoamento universal, do progresso e felicidade de todas as criaturas, formulou numa pergunta sua aflição e desejos, exclamando: "Quem nos revelou que aqueles que vêm atrás de nós e os que vão adiante não partiram conosco? (1) Juntos deixaram os hebreus à escravidão; eu não ignorava, porém, que depois dos hebreus partiriam os egípcios, e depois os gregos e mais tarde os romanos, um após outros todos os povos que compartilham a peregrinação sobre a Terra. Tampouco ignorava que o Pai de família envia seus servos à vinha as segundas e terças-feiras, ao amanhecer, ao meio-dia e à tarde. Juntos, inumeráveis dos que vão adiante e dos que vêm atrás saíram juntamente conosco da escravidão espiritual; só esta extensão deveis dar às minhas palavras no tocante ao nascimento dos seres inteligentes e sensíveis à vida de liberdade da alma.

(1) Com esta pergunta, Nicodemos formulava seu desejo de felicidade universal na aparição simultânea de todos os espíritos, sua aflição pela desigualdade dos progressos realizados pelos mesmos.

XIII

Regresso A Terra. - A Gênese do Espírito. - A Realidade Espiritual

Saudei com júbilo o regresso a Terra, pátria de meus imediatos destinos, chamado a buscar entre seus habitantes a família em cujo seio terá de efetuar-se a próxima prova de meu foro espiritual, ela será o berço do meu renascimento, necessário, absolutamente necessário à minha depuração, único meio de preencher o vazio de meu sentimento e conquistar a harmonia, a felicidade de meu ser. Ao pisar outra vez no ambiente do planeta, satisfação e esperança me embargaram o animo, considerando quanto deixara atrás aqueles cárceres de merecida expiação, aquelas moradias da ira, aquelas mansões da ignorância maliciosa e da dor cruel, onde os espíritos, ao primeiro despertar, ensaiam sua livre atividade. Para lá ficaram!... longe, muito longe, na confusão de um passado que não haverá de se reproduzir na eternidade de meus destinos!..Deus meu! como sou feliz, como sou venturoso!

Porque venho, sim, venho do passado, do sofrimento, da carne, da obscuridade, de um caos que bem posso chamar o nada da consciência. Eu sou aquele que, antes de ser em e antes de ser aquele, errava sem luz nem vida, perdido, como gota d'água nas ondulações do oceano, no movimento das substâncias passivas, inconscientes, ignorantes do passado como do presente e do porvir. Eu sou aquele que, antes de ser eu e antes de ser aquele, foi dotado de uma força de vida e de uma centelha de luz, as quais o arrancaram do movimento dos corpos inertes e grosseiros para o precipitar no regaço das substâncias em que se elaboram o princípio de vida e o princípio espiritual. Eu sou aquele que, antes de ser

eu e antes de ser aquele, rodava e se confundia nas transformações das coisas que vivem sem conhecimento de si mesmas, porém obediente à sapientíssima e providencial tendência à conservação, que nelas depositou o Sumo Legislador. Eu sou aquele que, antes de ser eu e antes de ser aquele, recebia os primeiros impulsos do instinto e os primeiros estímulos de uma sensibilidade embrionária, debaixo de uma organização rude e grosseira, ponto de partida de sucessivos e mais aperfeiçoados organismos. Eu sou aquele que antes de ser eu morava no cárcere asqueroso das sensações e apetites da carne, indiferente às maravilhas da natureza e embrutecido na clausura da matéria. Eu sou aquele que viu, pela primeira vez e com a visão da consciência, as coisas do céu e da terra e sobre elas a humanidade, e usufruiu da criação e a desejou apenas para seus gozos, sacrificando os impulsos que, para o bem, lhe surgiram na consciência e lhe acordaram o coração. Eu sou aquele que, ébrio de ira e luxúria, rompeu as tábuas da lei do sentimento no mesmo instante em que as recebeu do Sinai da misericórdia e do amor. E foi arrojado aos lugares inferiores da desolação e do ranger de dentes. E mais uma vez reapareceu, e outra, e mais outra ainda, nas regiões de humilhação e prova, crisol das rebeldias e sanatório para os desregramentos da alma. Por último conheceu a Cristo, confiou em suas promessas e algo vislumbrou da lei e da escala da perfeição espiritual. Sim, eu sou aquele. Como me faz venturoso a história de meu passado! (1)

(1) Nesta magnífica evocação de seu passado, Nicodemos narra os sucessivos desenvolvimentos e fases da substância espiritual até a perfeita individualização e ingresso na esfera humana Pela liberdade, razão e consciência. Resulta das palavras de Nicodemos que tal substância se elabora, evoluciona e se depura através sucessivamente da matéria inorgânica, de tipos intermédios entre o inorgânico e orgânicos, dos organismos vegetais, de dos de transição entre o vegetal e o animal, e

dos organismos animais, dos quais ascende, já individualizada, constituindo o eu racional e livre, à vida da consciência em organismos humanos. O leitor achará esta teoria desenvolvida de maneira muito luminosa na segunda parte da revelação de Nicodemos, que tem como titulo "Ao redor da Terra".

Vós que morais ainda na Terra, vivendo sob o peso e a ilusão da carne, não podeis fazer idéia da profunda mudança que o espírito experimenta ao atravessar o umbral da região das almas. Suas faculdades morais, que são faculdades essenciais, permanecem as mesmas; todavia, desligado dos vínculos grosseiros que na vida de provas o subjugaram e oprimiram, recobra sua liberdade natural, sente e age sem obstáculos que entorpeçam seus juízos e sentimentos. Afigura-se-lhe nos primeiros instantes que suas visões são vôos caprichosos da exaltada fantasia; que os inesperados e desde logo inexplicáveis fenômenos que presencia são puros devaneios da imaginação, quadros da exaltação, sonhos passageiros que se dissiparão sem deixar no ânimo mais que amortecida lembrança; contudo, logo a ilusão se transforma em realidade, os vôos da fantasia em luminosas afirmações do entendimento, as diversões da imaginação e os sonhos em fatos tangíveis sobre que não paira a mais ligeira dúvida; e então o espírito percebe que a morte não é mais que o desenlace de uma prova e o nascimento de outra vida, ou melhor, de outra fase da vida eterna, fruto dos méritos ou responsabilidades contraídas na prova recentemente terminada. Como, em brevíssimo lapso, mudam seus conceitos e desejos!

Se porventura imaginou que o universo inteiro se move somente ao impulso das leis da matéria e que a harmonia nada mais é que o concerto dessas leis, ao mesmo tempo causa e efeito da mecânica celeste universal e dos fenômenos que em todas as esferas se produzem no seio da Natureza

mãe comum, a realidade levará ao seu entendimento uma convicção contrária, relativamente tardia, e terá de reconhecer que as leis da matéria, bem longe de constituírem o código completo, são apenas os primeiros esboços, os primeiros artigos do grande código, do eterno e infinito código das belezas e harmonias da criação e de suas leis.

Se julgou que a felicidade dependia dos impuros gozos sensuais e se queimou incenso nos torpes altares do egoísmo, dos deleites e riquezas, sofrimentos ulteriores e o pungente, o cruel espinho do remorso, evocando passados sonhos e delírios, fa-lo-ão compreender que os ídolos de sua alma eram vaidade, falácia e podridão, mentira do prazer e germe de inumeráveis enfermidades do espírito, talvez incuráveis por séculos e séculos.

Se prendeu o coração às dispersivas coisas da Terra e fixou os sentidos no presente, menosprezando os bens do futuro, verá com certeza que construíra sobre areia e escrevera sobre as águas, e seu porvir será a lembrança e a acusação daquele presente que passou sem proveito para sua alma.

Se em seu insensato orgulho negou o próprio Deus, de cujo poder é pálida manifestação, de cuja sabedoria é um reflexo, de cuja bondade é beneficiário, a grandeza da vida que começa ou continua com a morte o abaterá e confundirá. E, caindo de joelhos, ferido pela luz da consciência, cujos vividos replendores farão mais horríveis às trevas em que se sumiu sua soberba, - Deus meu! - exclamará a cada momento, aniquilado na profundidade da dor,

Julgais estável, perpetuamente estável, alguma das instituições que vedes nascer, elevar-se e enraizar-se sob o firmamento? Vinde aqui, e vossos juízos se desvanecerão

como ao beijo do sol o átomo vaporoso; vereis que toda instituição nasce mortalmente ferida pela lei das modificações e transformações que é o progresso permanente, que perdurável é só o que nunca foi instituído, o que vem da eternidade dos tempos. Supus eterna, sendo mestre em Israel, a palavra de Moisés: apenas despertado nos círculos espirituais, eu a vi desvanecer ao sopro da palavra de Jesus. Julguei eterna, sendo mestre em Roma, a igreja dos papas; todavia, acabo de despertar outra vez e a contemplo já reduzida a escombros sob o grande peso de seus vícios, revelados aos homens, mercê da nova luz que se desprende da palavra do Cristo.

Os que presumem que o nada é o amanhecer do espírito; os que abrigam a néscia esperança de que o tempo há de varrer o pó de suas misérias; os que confiam na eficácia de um arrependimento tardio; os que se prometem escalar o céu encerrado em místico e contemplativo egoísmo, infecundo para o bem, ou entregues à prática herdada de certas exteriorizações que em nada contribuem para a melhoria progressiva das condições da alma; os que orgulhosa ou estupidamente se, atribuem o divino poder de purificar com sua palavra as consciências alheias e os que estabelecem nesse falso poder a purificação das próprias consciências; os que esperam sua redenção e o perdão dos pecados na inesgotável bondade de Deus e nos méritos e sacrifícios dos justos; os que aspiram à felicidade lá de cima sem atos de abnegação e amor para com os que estão cá embaixo; os que imaginam a Grande Causa insensível às insignificâncias humanas, toda embebida na esfera e na direção das grandes leis e traçam o mesmo imediato destino a todas as criaturas racionais, - destino pitoresco e agradável, encantador e

poético de uma viagem à qual se chega pelos mais opostos caminhos; em suma: assim os que suprimem Deus, como os que o fabricam sobre o fundamento de suas paixões e egoísmo; assim os que negam a sobrevivência das almas, como os que forjam uma vida ulterior disposta, não segundo as leis da justiça e da sabedoria, mas em conformidade com os propósitos impuros e os cálculos mesquinhos da malícia, do interesse ou da ignorância, Ah!.. que terrivelmente diversa do que imaginaram hão de ver a realidade de seu presente! Quanto chorarão, uns a indiferença de seus sentimentos, outros os seus merecidos erros, por haverem menosprezado as lições da Natureza, - todos, a maldade do coração, a pobreza de suas obras e a falta ele caridade! Porque aqui todas as máscaras caem e cada um apresenta a consciência descoberta; desaparecem todas as aparências morais que na Terra freqüentemente iludem a constatação de verdadeiras virtudes.

Assim eu, desde que ultimamente a morte me separou de vós, a cada instante que passa vejo-me na necessidade de retificar ou substituir algum dos conceitos acerca da vida futura, formados em minhas existências terrenas. Reputei definida a sorte dos espíritos e definitivo o veredicto imediato da lei; e agora compreendo que vivo na instabilidade, como na viagem pela Terra, que nem se me abriram as portas da mansão eternamente feliz nem se me fecharam as da esperança consolados que venho afagando desde que a idéia e o sentimento do bem me puseram na alma o selo da Divindade. Hoje sei que, mesmo existindo a felicidade absoluta, como existe Deus, - sua causa permanente -, o homem somente a gozará dentro da relação e da sucessão, elevando-se sempre e sempre progredindo, sem

chegar à estabilidade, exclusiva do Ser que subsiste por si mesmo.

Aqui, como entre vós outros, continua operando a lei de purificação e transfiguração. Não sou o mesmo, desde quando deixei a cidade dos pontífices: meus juízos e sentimentos adquiriram mais vigor, modificando e melhorando o estado e as condições de meu espírito. Minha soberba fez me acreditar que, ao morrer, o próprio Jesus e sua bendita mãe desceriam para receber minha alma entre legiões de anjos e coros de espíritos de luz; e despertei no maior isolamento, como triste náufrago que consegue aportar a silenciosa praia de solitária ilha, sem mais amparo que a Natureza desnuda. Nenhum poder celestial, nenhuma das ditosas criaturas que se deleitam em Jesus Cristo veio arrebatar-me da Terra para elevar-me ao céu orgulhosamente esperado. Pobre e nu, sentia-me sujeito àqueles lugares onde, por amor próprio, minha alma deixara presos os sentidos. Mais tarde, saí disse isolamento espiritual, mas somente por um instante, para ver o majestoso semblante do Salvador e lhe ouvir a voz inefável, que me condenava ao renascimento a fim de purificar-me e merecer. Pela segunda vez interrompeu-se a minha solidão; não porém pela companhia de algum dos filhos primogênitos filo Pai, e sim de um miserável filho do pecado, espírito falho de sabedoria e virtudes, provindo dos infernos de dolorosa expiação e condenado a reviver em mundos de sofrimento.

XIV

Remorsos. - Inspirações - Lembranças, Promessas e Ameaças

Junto a mim e próximo de vós está neste momento (1) meu triste companheiro de peregrinação espiritual. De intervalo a intervalo desaparecem de seus olhos as trevas e apenas se atreve a fixá-los na luz imponente que vossas almas irradiam. Infeliz! a felicidade da Terra e a vossa perfeição, - eis o ideal de suas concepções e desejos.

(1) O momento em que se escreviam estas linhas da revelação de Nicodemos.

Chegou comigo a Terra, - o céu segundo acabo de vos dizer, de suas aspirações presentes. Tinha-me seguido sem me ver, atraído indubitavelmente por uma força, um fluido benéfico que emanava de meu corpo espiritual, assim como todo o vosso sistema planetário é atraído por um astro para vós invisível, assim como todos os astros e sistemas, o universo físico e moral, pela força infinita e incompreensível, subsistente no Ser que as criaturas jamais poderão alcançar nem definir.

Eu era o sol - digo-o sem orgulho - daquela consciência adormecida, seu guia e conselheiro, o mestre daquele pobre espírito intumescido no pêlo do sentimento. Aprofundado na pavorosa obscuridade que é seu castigo, surge-lhe à vista em seqüência, destacando-se do fundo negro que o oprime de todos os lados, o quadro sombrio do seu passado criminoso. Cadáveres que o fixam com olhares de ódio e maldição, jorros de sangue que ameaçam afogá-lo formando horrível e nauseabundo lago em torno de sua cabeça; restos humanos mutilados flutuando acusadores sobre a espuma rubra;

formas impudicas oferecendo-lhe prazeres impossíveis, cálice lúbrico que se afasta com violência, como se fora movido por mão iracunda, no instante em que seus lábios, ébrios de infames desejos, vão tocar os bordos enganosos; sentidos queixumes de dor, rugidos de ira, gargalhadas de raiva e de cruel sarcasmo - tal é o quadro espantoso que o remorso e o medo levantam na consciência do antigo caudilho dos mundos de violência e luxúria.

"Aprende, - disse-lhe eu em um dos momentos lúcidos de sua consciência, subseqüentes a esses delírios da imaginação, vertigem do remorso -, aprende, na dolorosa experiência de tuas presentes torturas, as conseqüências da infração dos preceitos naturais, escritos em tua alma pela irão poderosa do Ser desconhecido que preenche os espaços com o fragor do trovão e rasga os horizontes com o raio (1); e aprende também, nas visões de luz e felicidade que por curtos lapsos interrompem e suavizam as amarguras do teu espírito, aprende quão venturoso estado espiritual podias ter granjeado lá embaixo, empregando retamente os meios e aptidões que recebeste para saíres triunfante e purificado da prova.

(1) Aqui fala Nicodemos na Divindade segundo o conceito que dela podia ter o espírito a quem dirigia suas palavras.

"Havia em tua alma todas as forças necessárias para afogar inclinações protérvias e apetites sensuais e a virtualidade correspondente à elevação relativa de teu ânimo para o desenvolvimento de suas tendências ao bem, que deixaste adormecidas e completamente abandonadas. Tua posição e situação na terra que habitaste te abriram vasto campo para que pudessem exercitar-se tanto os bons como os maus princípios. Foste luxurioso sem limites, e a luxúria, os desejos, as visões impudicas são tua lembrança e o

incêndio voraz em que arde tua alma, expiando suas leviandades; foste violento e sanguinário, o sangue e a violência levantam horríveis espectros e pavorosos fantasmas na escuridão que te rodeia. Assim como sentiste e procedeste na Terra, assim recebes na mansão da justiça.

"A vida de rude expiação a que te condenou ultimamente a inflexibilidade da lei foi conseqüência, não da lei em si mas da iniqüidade de tuas obras durante a anterior existência de provas e merecimento. Na lei, que é de sabedoria, de amor e justiça, está escrita a depuração, não porém a expiação, pois esta se acha fora da lei, ou melhor, da vontade da lei; eis porque só padecem os espíritos que se apartaram da lei e para eles rondam no espaço os mundos de sofrimento. São estes, até certo ponto, deformações da criação, manchas da natureza; porém manchas e deformações indispensáveis à consumação da justiça e do progresso e resultantes das manchas e deformações da natureza humana, não dos conceitos da lei. Se na tua penúltima encarnação tivesses praticado a virtude tal como conhecia teu entendimento e nos momentos supremos da liberdade te aconselhava o coração, teu espírito, emancipando-se, teria deixado de lado, sem as abordar, as ilhas da dor, os infernos de padecimento incessante, como se não existissem. A lei é universal e os mundos de expiação somente recebem as criaturas delinqüentes. Aquele que nunca delinqüiu, jamais sofrerá pela força da lei; poderá voluntariamente entregar-se ao sofrimento pela salvação de seus irmãos pequenos; neste caso, não é a lei que o condena, ele mesmo se entrega ao sacrifício.

"Chora, pobre irmão, chora; não te rendas porém ao desespero e ao furor, ,julgando que ficarão eternamente

fechadas as portas da reabilitação e do progresso. O teu presente não é inapelável. Deus, teu pai eterno, olha para ti compassivo e carinhoso. Amanhã verás brilhar o sol, se teus propósitos são de remorso e não de desespero, luxúria ou ira. Queres ser bom, - serás feliz. Se o desejas e atuas conforme teus desejos, serás o que sou hoje, como cheguei a ser, tendo sido antes como tu. Porque hás de saber, irmão, que também vim das terras da iniqüidade e da dor; que o teu é o meu passado e o passado de muitíssimos espíritos incomparavelmente mais puros e felizes do que este que contigo fala e que julgas participar da natureza dos deuses.

" Expiaste teus crimes, oh? irmão -, no mundo inferior de onde vens, e os expias sob o peso da escuridão, da lembrança, das visões, do temor e do remorso nos círculos espirituais, pontos intermediários que enlaçam o passado, o presente e o porvir das criaturas. Emprega tua estada nesses círculos em descobrir os germes ruins que se escondem no teu peito, para desenraizá-los e arrancá-los. Essas regiões são as dos propósitos do espírito experimentado no remorso e na dor, forma os teus com resolução e presteza, desprezando os impulsos dos apetites desordenados e ouvindo a voz acusadora que surge indecisa das profundezas de tua alma, e desta maneira serão abreviadas tuas amarguras; porque o ápice do remorso que precede e acompanha o arrependimento preencherá a medida da justiça, medida que, se assim não procederes, só poderá preencher-se com séculos e séculos de acerba expiação.

"Foste provado, e as inclinações carnais te dominam sem resistência; tua vida foi um parêntese perdido para a elevação e progresso de teu espírito. Causaste danos a teus irmãos, partícipes na prova, e estás irrevogavelmente

obrigado a repará-los; somente depois da reparação poderás reclamar a tua parte na herança dos espíritos ávidos de progresso e justiça. Teus propósitos e arrependimentos podem apressar a dia feliz em que te serão abertas às vias da reparação e da prova, de tua ulterior felicidade.

"E necessário nasceres outra vez. Morarás outra vez entre aquelas tribos luxuriosas, turbulentas e ferozes, cujos sanguinários instintos contribuíste para fomentar. Outra vez serás o caudilho e tua influência sobre os seus sentimentos e costumes será muito superior à que ali exerceste em tua penúltima existência: poderás fazer o bem em muito maior escala do que fizeste e praticaste o mal. Serás o caudilho, não de uma tribo, mas de cem tribos poderosas, submetidas à tua vontade e à tua palavra. Com um olhar, com um gesto lança-las-ás à opressão de todos os povos débeis e estabelecerás sobre os oprimidos uma tirania quase onipotente. Em tuas mãos estarão a destruição e morticínio de teus inimigos e dos inimigos de teu povo. Triunfarás sobre eles e o nome do vencedor ressoará de um confim a outro como o do mais afamado da Terra. Caudilhos notáveis serão teus capitães, príncipes e filhos de príncipes serão contados no número de teus servos. Assim terão tuas más e boas inclinações vasto campo para experimentar seu poder. Não haverá atentado que não possas consumar, nem boa ação que não possas praticar, nem grande empresa que não possas empreender. Do teu arbítrio dependerá correrem rios de sangue ou de água puríssima e salutar, a água regeneradora da civilização dos povos.

"Feliz de ti se em teu renascimento sabes dar ouvidos à voz do dever, que te chamará e avisará continuamente com vivacidade no íntimo de teu espírito. Se escutas seus

conselhos, que serão de um grande espírito invisível, teu protetor e protetor dos povos sobre os quais dominará a lei da tua existência, os homens semearão de flores o caminho de tua glória e teu nome será o emblema de paz nas contendas do mundo. Teu povo te apontará como seu amor, sua glória e seu poder, como juiz e libertador dos povos conquistados. Começará em ti uma série de varões anônimos, aptos a transformar as sociedades impelindo-as e fazendo-as entrar nas correntes do progresso. E quando chegar a hora suprema do julgamento de tuas obras teu espírito voará para os céus e tua memória quedará entre os homens eternamente abençoada.

"Todavia ai de ti ! se, em vez de dobrares tua cerviz ao jugo suave da lei e inclinares teus ouvidos aos severos conselhos da consciência, te rebelares orgulhoso e temerário, dando guarida em tua alma às seduções do egoísmo e aos apetites impudentes, que moverão em teu coração formidável combate às inspirações do bem, aos celestiais impulsos da virtude! Antes valera não teres renascidos! Porque então tua nova vida de prova será tua nova condenação incomparavelmente mais terrível que a primeira, porquanto tua responsabilidade terá aumentado com a liberdade e os meios de praticar o bem, depositados em tuas mãos. Nos momentos críticos da consciência, nos quais a vontade permanece, diríamos, no fiel da balança e o espírito flutua indeciso entre a doce atração da virtude e os violentos estímulos da iniqüidade e do prazer, um suavíssimo sopro, provindo das alturas da misericórdia e da graça, clareará tua mente e penetrará corou fluido benéfico em tuas entranhas e na fonte e base de teus propósitos. Serão esses os instantes supremos de tua vida. Se por tua desgraça

aquele sopro te resvalar pela fronte sem que o entendimento aproveite sua regeneradora influência; se teu coração repelir aquele fluido reparador, deleitando-se, ao contrário, no hálito impuro, na corruptora atração das paixões carnais, terão então fixado voluntariamente teu destino, e aquele que pôde conquistar e cingir os louros dos espíritos animosos cairá confundido no desespero e na execração dos espíritos indolentes, covardes para o bem e desgraçadamente ativos para derramar entre seus irmãos o luto, u ódio e os desejos de vingança, fogo consumidor de todas as sementes de caridade e virtude.

As horas de tua vida se arrastarão fatigadas no insone e cruel remorso. Em teus hediondos festins, o Mane, tecel, fares da consciência, renovando a lembrança de teus crimes, te arrebatarão mesmo os gozos aparentes e afundarão teu ânimo em negra melancolia. A maldição dos homens te perseguirá como sombra implacável, pronta a te cravar o punhal nas entranhas para libertar a humanidade de um monstro. Serás o opróbrio e a escravidão dos meus a glória dos inimigos e a execração de todos. Quando soar para ti o gongo terrível da justiça, teu espírito cairá rápido nos infernos do desespero, roedor eterno das almas contumazes, e teu nome será ignomínia na história dos povos. Do cárcere de tuas obras não sairás até que pagues por todas elas. Recorda tua última existência de expiação e treme. Pensa na misericórdia de Deus, em sua bondade atual para contigo e toma alento para confirmar tuas boas resoluções Atenta para que minhas palavras não se percam em tuas leviandades, irmão: que a lei do Grande Espírito encontre pouso no teu e te ilumine."

Diversidade de afetos e sentimentos, de conceitos e desejos, minhas palavras levantaram o espírito. Alternavam-se-lhe no ânimo, multiplicando os contrastes, o temor e a esperança, a soberba e a simplicidade, o ódio e a mansidão, as seduções do prazer e os impulsos virtuosos. Enchia-se no desespero com as ameaças proféticas. Propunha-se ser benéfico para com os seus, compassivo e generoso para com os povos conquistados; logo, mudados os desejos, aspirava à satisfação das paixões pessoais, ou se comprazia no extermínio de competidores inimigos. Ora brandia furioso a arma homicida e a tocha devastadora, ora se entregava à misericórdia, ao amor, à regeneração alheia. Quadros dissolventes que precipitadamente apareciam e se diluíam, para reaparecer e tornar a evaporar-se, sem que nenhum deixasse marcas profundas em sua vontade solicitada em diversas direções. Flutuava o pobre espírito entre seus hábitos e o desejo de se elevar na escala de perfeição que havia vislumbrado; frágil barquinha humana açoitada por ventos opostos, ora soçobrava e se fundia sob a pesada carga de suas misérias, ora flutuava trêmula sobre as ondas revoltas das paixões, a proa em direção ao farol da virtude, que descobria como única esperança nos extremos confins do horizonte.

XV

Voz do Céu - A Luta do Espírito - Trevas e Luz - Os Propósitos - A Reencarnação - O Derradeiro Chamado - A Separação - Sobre o Vaticano

As minhas exortações inspiradas não lograram de pronto algo mais que produzir a confusão no espírito. Ao terminá-las permaneceu indeciso por momentos, não sabendo se agradecer-me ou odiar-me por elas, até que por fim o amor próprio e as seduções da carne sobrepujaram os sadios apelos do dever. Como menino voluntarioso, que anela escapar ao solícito cuidado do mestre para entregar-se em cheio aos folguedos e desvarios, assim o espírito aguardava impaciente a hora em que, livre da pressão dos meus conselhos e da acusação dos meus olhares, pudesse sem testemunhas alimentar-se de vaidade e grosseiros apetites. Estará o infeliz condenado a desprezar as minhas advertências salutares, - perguntava a mim mesmo - serão vãos, completamente vãos todos os meus esforços e o amor dos inspiradores celestiais? De nada lhe serviram nem a expiação sofrida, nem as promessas, nem as ameaças?

Chegou então até mim, penetrando docemente todo o meu ser, uma voz suavíssima que me disse:

"Nem tuas admoestações, nem a virtude da misericórdia, nem a caridade dos espíritos de luz serão estéreis para a melhoria dessa pobre alma, na qual temes que hão de triunfar os estímulos violentos e brutais. Na lei caminham unidas a justiça e a misericórdia, na vontade de Deus a misericórdia e a justiça. Louvemos a Deus pela misericórdia de sua vontade.

Aquilo que não pôde extrair do espírito a luz de tuas palavras, poderão a lembrança, o remorso e as trevas. Sobrevirão em tropel lembranças após lembranças, trevas

após trevas, e nesta luta das aspirações espirituais com os incentivos grosseiros da concupiscência o espírito consumirá anos e anos, talvez séculos, até que, esgotadas suas forças nas torturas, no desespero, nos gozos de sua fantasia exacerbada, prestará ouvidos às admoestações de sua própria consciência, eco providencial da inspiração do céu. Apresentar-se-ão sucessivamente no espelho de sues alma as ações voluntárias, os pensamentos e sentimentos anteriores, com os males e iniqüidades que deles foram conseqüências; não porém para renovar-lhe no ânimo os horrores do desespero, mas como suave bálsamo que acalmará, suscitando o arrependimento, a dor das feridas. Acontecerá então que a benfazeja luz de tuas palavras, apesar do tempo recordadas uma a uma, abrira seu peito à esperança de redimir-se e elevar-se. Sabendo estar destinado pela lei da providência a ser o caudilho de um povo e o conquistador ele cem povos, desejará com fervor apressar o tempo da prova, resolvido a empregar os grandes meios de que terá de dispor na melhoria própria e na felicidade dos demais.

"O tempo que permanecer nas mansões dos espíritos errantes, que esperam sua reabilitação mediante a prova que a justiça lhes prepara e o amor do Pai lhes suaviza, não será perdido para o progresso de sua alma se souber aproveitar as lições do sofrimento e da misericórdia que alternadamente receberá em cumprimento das harmonias da lei. As mais importantes conquistas, para não dizer todas, a criatura livre realiza no mundo dos espíritos: neste se afirmam os caracteres, se adquirem a ciência e os sentimentos, se desfazem erros e falsas felicidades e se formam resoluções eficazes. A alma que subiu carregada de manchas e crimes ao mundo dos espíritos pode descer ao sofrimento e à prova

com todas as aptidões, todas as forças necessárias para ascender de novo, cingindo o diadema das almas vencedoras. As vidas de sofrimento e de prova justificam a ciência, os sentimentos e virtudes que se conceberam nos círculos espirituais.

"Crês, porventura, que esse pobre espírito tomará corpo no mundo de seus destinos levando consigo todos os erros, leviandades e deformidades presentes? Lembra-te dos longos períodos na vida espiritual e considera que a lei não há de ser para os demais menos flexíveis do que foi para ti. Somos todos filhos do Pai e o Pai mora nas alturas. De Deus vem a centelha de toda luz, vem igualmente para ti e para mim, para todos nós que nos movemos debaixo do excelso trono da inteligência suprema, da amorosa causa universal.

"Antes que este pequenino volte à terra de sua reparação, lutará consigo mesmo, - por quantos dias e anos? - até esgotar toda a sua atual atividade para o mal. Arderá em desejos carnais que não poderá satisfazer e sofrerá tortura pelas desordenadas visões dos seus desejos; todavia, de vez em quando um tênue raio de luz rasgará suas trevas, para que vislumbre algo dos gozos dos espíritos castos. Revolver-se-á no lodo de seus torpes apetites e sofrerá tortura pela impotência de suas paixões; de vez em quando, débil reflexo lhe iluminará o caminho, para que entreveja algo do triunfo gloriosa dos espíritos continentes. Correrá no encalço de seus ódios e desejos de vingança e padecerá tortura pela memória e visões de sangue e de cadáveres; ainda de vez em quando luminosa chispa ferirá seus olhos, para que descubram algo da sorte feliz dos espíritos mansos. Rebelar-se-á contra as profundas trevas de seu cárcere e serão mais horrorosas as trevas; contra suas lembranças e estas serão

mais vivas; contra suas visões, que serão mais fatigantes e freqüentes; contra sua própria consciência, então mais acusadora e cruel; até contra a idéia de Deus, que intentará afastar irado de sua mente, e esta idéia, ao invés de se dissipar, tomará mais corpo e esplendores Contudo, há de chegar o dia, irmão, fica certo; há de chegar o dia em que, consumidas na luta todas as forças e em plena posse das recordações, envergonhado, humilhado, rendido, dobrará a cerviz rebelde ao jugo da consciência e, de joelhos, com toda a energia de sua alma exclamará: "Senhor, pequei diante de tua justiça e ofendi a meus irmãos: eis aqui teu servo que chora arrependido de coração; ordena e obedecerei. Que devo fazer, Deus meu, para apagar o meu passado?"

"Então a inseparável obscuridade, - companheira de todos os seus desejos de iniqüidade e luxúria, inferno de seus pesadelos, visões e sofrimentos-, será menos densa e horrorosa, abrindo caminho aos eflúvios luminosos do perdão, que cairá das alturas da misericórdia como chuva benéfica. As trevas serão menos tenebrosas e a solidão menos solitária. A meia-luz o alentará com a esperança de que a noite não há de ser eterna para ele; que há de raiar o dia, cujo alvorecer começa a distinguir, e verá a face do sol. E a esperança será o calor fecundante dos bons germes ocultos no mistério de seu espírito. Pouco a pouco sentirão as suaves primícias do nascer eles virtude e os prazeres tranqüilos que antecedem, como alvorada feliz, os sentimentos do dever. Estes brotarão em seu coração ao sopro da inexaurível bondade de Deus: subirão ao entendimento para se fortalecerem pela luz e o entendimento os devolverá ao coração, onde deitarão raízes profundas, preparados para dar os frutos de que a alma necessita

alimentar-se para sua depuração e sucessivos desenvolvimentos. à. concepção do dever e de suas imaculadas doçuras seguirá o repúdio dos antigos erros e dissipações, o propósito inquebrantável de caminhar retamente pelas vias esplêndidas do amor.

"Uma vez no terreno das firmes resoluções de virtude, ser-lhe-ão abertas às portas maciças do cárcere. Radiante de ventura pela emancipação das trevas e ufano de sua ansiada liberdade, cairá de joelhos no espaço luminoso, bendizendo agradecido o Deus de seus sentimentos e oferecendo-se submisso a seus desígnios paternais. Visitará os mundos da expiação, porém com aquela tranqüilidade de alma, mescla de satisfação e plácida melancolia, com que um ex-encarcerado contempla de fora as grades de sua morada, a triste morada de outros tempos, fosse espetáculo excitará e aumentará em seu peito a compaixão e o amor pelas infortunadas criaturas que ali gemem até o renascimento e fará esforços por levar-lhes algum alívio nos sofrimentos, algum consolo no seu desespero. Chorará com a dor alheia e estas lágrimas tão santamente derramadas cairão sobre sua própria alma e serão o batismo de seu espírito, porque não há piscina que tanto purifique a própria lepra como a que se enche de lágrimas do amor ao próximo.

"'Recolhidas uma a uma as suas recordações de expiação disseminadas nos mundos de sofrimento, a misericórdia o levará a escolher as de reparação e prova no mundo de violência e de lascívia, penúltimo pouso de seu espírito encarnado. Lerá ali, página por página, a história de seus atos, que lhe ficarão fortemente gravados no coração e na mente para humanidade terrestre formar adiante, em nova existência, a base de suas intuições e o despertar de seus

pressentimentos. Assistir ao combate das paixões e apetites bestiais com as noções da imortalidade e o sentimento, ainda rudimentar, do amor e do dever, e acudirá, mesmo em vão, com sua vontade e seu conselho, a sustentar as almas seduzidas pelos estímulos carnais. Ao presenciar a vitória do mal sobre o bem, dor cruel dilacerará seu ânimo e elevará sentida prece ao Grande Espírito em favor das misérias humanas. A meditação e o estudo de suas lembranças e das experiências atuais fa-lo-ão conhecer como é fácil o predomínio da iniqüidade quando predomina a ignorância.

SEGUNDA PARTE
AO REDOR DA TERRA

LIVRO PRIMEIRO
GÊNESE DA TERRA

I

Introdução

Qual é a história da Terra?

Qual a história da humanidade terrestre, deste pequeno fragmento da humanidade universal, que se arrasta sobre face da Terra?

Vós, que lestes com alguma reflexão a primeira parte de minhas revelações, pudestes vislumbrar e adivinhar algo

acerca do desenvolvimento da Terra até chegar ao momento atual de sua gênese e da humanidade que habita sua superfície, até chegar ao grau de desenvolvimento presente. Porque a Terra deixa seu passado na história dos mundos inferiores e sua humanidade na história das humanidades que se agitam em busca do aperfeiçoamento nos mundos de purificação e prova como o vosso globo sublunar.

A história de um mundo é a história de todos os mundo.

A história de uma humanidade é a história de todas humanidades.

Porque a lei é universal.

Todavia, como vós, pobres moradores da Terra, tendes vossos sentidos postos na história do planeta que habitais, enquanto a mim a lei me sujeita e condena a presenciar e estudar suas miséria e suas glórias, da Terra vos falarei nesta segunda parte, outrossim de sua vacilante humanidade. Na história de vossa morada e do movimento espiritual, em que sois consciente ou inconscientemente arrebatados, achareis toda a sabedoria necessária à emancipação do espírito, que poderá remontar livremente seu vôo às alturas, docemente atraído pela lei da sabedoria eterna.

Sejam estas linhas a introdução aos meus estudos sobre a Terra.

II

O Caos - O Primeiro Dia da Gênese

Houve um tempo em que a Terra não existia a não ser pensamento de Deus. Os seus elementos, entregues à perpétua corrente das transformações, obedeciam ao impulso criador da lei que arranca do caos a matéria informe e a dispõe e elabora para o cumprimento das harmonias e belezas naturais.

Que é o caos, de onde a mão onipotente faz brotar as criações sucessivas? É, porventura, o nada?

O nada, irmãos, é a negação absoluta e Deus, a afirmação absoluta. Se Deus existiu desde a eternidade, a afirmação absoluta excluiu desde a eternidade o nada. O espaço, a imensidade, esteve plena desde o princípio sem princípio da afirmação divina. Nesta afirmação germinaram também desde o princípio as sementes, as origens de todas as coisas.

Deus extrai todos os seres e todas as criações do caos, porém não do nada: toma-os das sementes que procedem dele e coexistiram eternamente com Ele.

E o maior dos absurdos a idéia de Deus rodeado do nada. E a imensidade absolutamente plena e ao mesmo tempo absolutamente vazia. E a afirmação inundando tudo e a negação tudo aniquilando.

Existe algo? Logo, jamais houve o nada. Se o nada existiu em algum tempo, jamais existiria alguma coisa. A afirmação do nada em algum tempo ou em algum ponto da imensidade é a negação de Deus.

Deus existe? Logo, jamais foi o nada, nem no espaço, que é a imensidade, nem no tempo, que é a sucessão.

Mas, que é o caos? E a confusão das substâncias em uma só substância informe, primitiva, mãe de todas as substâncias e de suas modificações e formas?

As substâncias obedecem desde o princípio aos mandamentos da lei divina e estes mandamentos são harmônicos e produzem a harmonia desde a eternidade. A confusão não está nas substâncias filhas dos preceitos da lei, mas em nosso entendimento, que na sua pequenez não acerta em remontar-se às origens das substâncias e da lei que as governa.

Portanto, se caos significa confusão, o caos não está no princípio das substancias e sim no limite do entendimento humano. A matéria informe não é uma realidade senão com respeito ao homem, a cuja vista não chega mais que um curto, curtíssimo número das transformações materiais. A matéria e a forma são inseparáveis e inerentes; porém, ao entendimento do homem escapam as formas da matéria e a própria matéria quando saem do círculo dos fenômenos sujeitos à sua observação.

Como vos disse na primeira parte destas revelações, o horizonte visível do entendimento humano é tão circunscrito que abrange apenas alguns pés no espaço e alguns minutos no tempo. Mas, além desse horizonte, o homem só vê o caos na matéria, e o caos na história das evoluções materiais.

Sem embargo, ali como aqui preside a harmonia nas substâncias e nas leis que desenvolvem seus movimentos e eternas transformações.

Ao caos das substâncias materiais corresponde o caos da substância espiritual, seguindo ambos em perfeito paralelismo, Onde o homem perde de vista a matéria, levanta-se inabordável o caos, a confusão dos elementos e fenômenos materiais; onde o homem perde de vista a história do espírito se levanta inabordável o caos, a confusão do principio espiritual.

O caos, todavia, nem começa no mesmo ponto para todos os entendimentos nem é, por sua natureza, perpetuamente inabordável ou inexplicável. O que para uns ainda é harmonia, para outros é já confusão. Cada dia a luz rouba elementos às caóticas trevas da ignorância.

O caos será sempre o limite do entendimento humano; porém o caos relativo, destinado às conquistas sucessivas da harmonia e da luz. Existem esferas onde o vosso caos é encantadora harmonia e luz radiante: são as esferas espirituais da sabedoria e do amor.

O caos, a confusão não está, portanto, no universo, mas na ignorância das leis que presidem ao movimento universal, à elaboração das substâncias e à sucessão das formas. Os germes luminosos e harmônicos de todos os seres coexistiram eternamente com Deus como irradiações necessárias da Causa Primordial, da força eternamente fecunda e criadora.

Desse caos onde preexistiram e se elaboraram os germes dos seres, surgiram os seres presentes e surgirão os vindouros. Que são todas as substâncias que o entendimento conhece, e o próprio entendimento, o espírito em seus infinitos graus de desenvolvimento? Germes, sempre germes de novas transformações mais puras, de novos estados mais perfeitos.

Em seu estado relativamente primitivo, os elementos que mais além haviam de constituir a Terra moravam e andavam dispersos nessa confusão do vosso entendimento, caos, obscuridade informe para vós; harmoniosa beleza, luz vivíssima para as inteligências soberanas que voam nas regiões onde a sabedoria e o amor têm pousada.

Os elementos da Terra, desde a eternidade, vinham arrastados na corrente de suas combinações e transformações harmônicas. Quem poderá desviar o caminho percorrido pelos elementos terrestres, remontar pelo entendimento ás fontes e princípios de todas as suas evoluções e fases? Só o entendimento que preexistiu a todos os entendimentos e os arrancou do movimento harmônico preestabelecido e engendrado na fecundidade de sua sabedoria; só a causa necessária, o princípio imanente de todas as causas secundárias, de todos os princípios sucessivos.

Para a criatura, o caos, a confusão, as trevas, a dúvida, a ignorância do passado e do porvir; só para Deus a harmonia, a claridade, a luz, a sabedoria, a evidencia.

Os germes da Terra, antes da sua presente formação, vagavam como perdidos no éter, buscando a virtualidade, os princípios vitais de que se haviam desprendido em anteriores estados imediatos. Eram resíduos impotentes, fragmentos gastos e infecundos do universo sideral que iam ao encalço de sua renovação, necessária ao cumprimento dos seus destinos eternos.

O éter é o recipiente dos resíduos siderais e planetários, o laboratório universal de todas as ações e reações das substâncias que enchem os imensos recessos do espaço. Recebe as escórias dos mundos, frias, impotentes, mortas e as devolve transformadas em tesouros de calor, de fecundidade e vida, que restabelecem e enriquecem a admirável economia do organismo universal.

Os germes ou primitivos elementos da Terra, errantes nas planuras do éter, se transformavam e enriqueciam sob a influência desse princípio essencial, restaurador e criador. Atraíam-se uns para os outros em meio de suas evoluções

incessantes, obedecendo à lei das harmonias, que aproxima de incomensuráveis distâncias os corpos destinados a compartilhar o cumprimento de um fim.

O éter é a restauração e depuração dos sedimentos da natureza material; Deus, a suma inteligência, a suprema perfeição, é o éter das almas, o movimento e a vida dos espíritos.

Embora única em seu princípio, à lei é uma para a matéria e outra para o desenvolvimento e o progresso dos espíritos; no entanto, em ambas se reconhece à unidade da origem, por suas íntimas conexões e a semelhança de suas atividades. A lei que engendra o movimento e a união das substâncias inertes tem, como duas fases, atração molecular e a gravitação universal; a lei que engendra o movimento e a união das inteligências é a sabedoria ou o amor. Poder-se-ia dizer que a atração molecular é o amor dos elementos das substâncias inertes tem, como duas fases, atração molecular dos espíritos.

A sabedoria ou o amor: eis duas palavras expressivas para vós, até ontem para mim, de dois conceitos distintos que, sem embargo, se bem meditais, têm idêntico significado. Que é a sabedoria senão a posse das conquistas do amor ao desconhecido e que é o amor senão o descobrimento das leis da felicidade am algumas de suas múltiplas, de suas inesgotáveis manifestações ditosas? Por que Deus é o amor? Porque é a posse absoluta da sabedoria absoluta. Por que é a sabedoria? Porque é a posse absoluta de todas as leis que engendram e expandem o amor. A fórmula da felicidade suprema está na síntese de todas as manifestações amorosas.

Nesse recíproco amor das substâncias materiais, nessa atração molecular, nessa gravitação universal engendrada na sabedoria da substância essencial, rolavam os elementos primitivos da Terra, saturando-se de vida e de atividade no éter. A força em cuja virtude se transportavam e se aproximavam uns dos outros era a mesma que impele e arrasta os mundos em sua eterna e harmoniosa carreira.

Este é o primeiro dia da gênese da Terra, entrevista muito confusamente pela ciência dos homens. Calculais em séculos a duração desse primeiro dia? Contai as partículas moleculares da mais alta de vossas cordilheiras e respondei-me. Mas não; nem assim alcançaríeis medir a duração do primeiro dia da gênese da Terra.

III

O Segundo Dia da Terra

Depois do primeiro dia, contudo, a luz e as trevas estavam mescladas e confundidas nas entranhas do mundo que lentamente surgia do misterioso caos (1), e o tempo ainda não se havia fixado, nem a economia universal estabelecido o firmamento da Terra.

(1) Por essa confusão e mescla de luz e treva parece que se deve entender a obscuridade incompleta e uniforme que devia reinar no interior do planeta. A luz astral, ao atravessar as camadas vaporosas da Terra teria perdido sua intensidade e difundido debilmente no interior como ligeiríssimo crepúsculo.

A luz dos sóis penetrava e fecundava seus envoltórios tênues e vaporosos, cuja mobilidade e flexibilidade a

livravam da influência definitiva de cada um dos gigantescos corpos estelares, dos quais sucessivamente invadia o domínio.

Os seus movimentos eram indecisos e lentos por causa de sua escassa solidez. As suas formas se modificavam e variavam segundo as diferentes influências dos diversos astros que sucessivamente a atraíam. A luz desses sóis enriquecia com seu alento fecundante as sementes de vida que os átomos elementares da Terra haviam absorvido no éter.

A luz e as trevas continuavam confundidas no interior da Terra; porém a lei ia aproximando e agrupando as partículas terrestres fecundadas de vida e saturadas de calor, formando assim como um núcleo central que, no decorrer dos séculos, haveria de atrair e agrupar em redor as partículas esparsas.

Iniciada a formação do núcleo, o movimento da Terra embrionária foi um tanto mais acelerado e uniforme que durante o primeiro dia da criação terrestre.

Rogo-vos que não tomeis minhas palavras como presunçosa expressão da verdade infalível; quem chegará à sua plena posse? Elas são o resultado de estudos incompletos e da relativa elevação do meu entendimento, sujeito ao erro como todos os entendimentos humanos. Vós tendes o vosso; dele vos deveis servir em tudo aquilo que cai sob sua atividade e domínio, como vos deve servir de pedra de toque do sentimento em tudo quanto se refira ao exercício ou caia debaixo da jurisdição de vossa consciência.

Vi alguma coisa; todavia, nas coisas entregues à investigação dos homens, nem o pouco que vi posso dizer-vos. Falar-vos-ei, pois, no que respeita à Ciência como qualquer um de vós, isto é, com a convicção que o trabalho

engendra e com a insegurança própria da natureza humana ao querer definir as vias misteriosas de um passado que escapa e se confunde nas densas nebulosidades do caos. Tudo isso porque as ciências servem também, em meio a seus extravios e erros, de estímulos para despertar o amor à sabedoria, que é a verdadeira ciência do espírito.

Agora que sabeis como vos falo e de que maneira haveis de receber as minhas palavras, prosseguirei no fio de meus estudos concernentes ao desenvolvimento e à formação do planeta no segundo dia de sua criação e evoluções no âmbito do universo.

À medida que o núcleo central terrestre, operando sobre as fugitivas camadas exteriores, as atraía e aumentava em densidade e volume, a luz deixava as trevas no coração da Terra, levando seus raios até às camadas da superfície, que permaneciam independentes até certo limite e alheias aos movimentos e á atividade do núcleo, de cuja jurisdição lutavam por emancipar-se, embora em vão. Retinha-as com a sua poderosa força atrativa, até determinar lenta e sucessivamente a sua aproximação e descida.

Da condensação das substâncias elementares da Terra no núcleo de atração ia surgindo pouco a pouco o movimento circular ou giratório, peculiar a todos os corpos gigantescos que oscilam e reciprocamente se atraem nos desertos do éter. Tal movimento giratório, apenas perceptível a princípio, aumentava em celeridade à medida que ia sendo maior o núcleo do planeta.

O aumento do volume da massa central acrescia a sua força de atração e assimilação sobre as demais substâncias submetidas á atividade do núcleo, destinadas pela lei a entrar na formação do mundo que se ia elaborando

Nessa concentração geral das camadas exteriores, enriquecia-se o núcleo com o calor, a força e a vida das moléculas que lhe traziam o próprio contingente de vida, de força e de calor, recolhido lá na imensidão das regiões etéreas.

O volume do planeta diminuía conforme aumentava n do núcleo, base de sua formação. A luz ia se retirando do centro para a periferia, deixando às trevas o império da condensação central das matérias terrestres.

O novo mundo se formava em virtude de uma concentração ininterrupta de força, vida e calor. A maior quantidade de todas essas propriedades residia no ponto central do núcleo.

Não vos esqueçais de que vos falo não pelo que vi como espírito livre, e sim pelo que adivinho como homem, sujeito às continências do erro e do orgulho científico.

O movimento de concentração de propriedades e forças tinha de continuar sempre mais rápido e vigoroso nas camadas planetárias. Imensos tesouros de calor e de vida necessitava a Terra acumular em seu seio durante a juventude, a fim ele irradiá-los do centro à superfície durante os longos e frios períodos de vetustez.

Por último, depois de séculos e séculos de séculos, as matérias errantes se agruparam ao núcleo e o planeta tornou-se então um corpo esférico relativamente compacto. Entrou nos domínios do Sol e o Sol o sujeitou em seu firmamento para sempre, até a consumação da Terra. Em virtude de seu movimento próprio e de forças contrárias que solicitavam sua massa, verificou-se o desprendimento de uma parte considerável do núcleo e ainda hoje essa porção desagregada acompanha a Terra em sua perpétua trajetória.

Assim foi o segundo dia da gênese da Terra.

IV

A Terceira Época

O planeta ainda se apresentava, entretanto, como um agrupamento uniforme, como uma só substância. Para descobrir nessa confusão de vapores a diversidade na unidade da matéria, teria sido necessário elevar-se até às regiões dos espíritos puros; para descobrir os germes de vida que haveriam de fecundar por séries de séculos as entranhas daquele globo aparentemente infecundas, necessárias teria sido subir e subir até os filhos primogênitos da Sabedoria: necessário teria sido saltar a vala que separa o finito do infinito e confundir à vista da criatura na mesma Sabedoria eterna.

Sem embargo, ali, nas zonas interiores e exteriores do planeta, na unidade de sua substância, germinava e se elaborava a diversidade de formas e manifestações materiais; ali, no seio daquele gigante, na aparência carecedor de atividade vital, palpitavam todos os princípios de vida que haveriam de se manifestar na sucessão dos dias da Terra; e também, presumo, irmãos - escondia-se algo da essência espiritual, rudimentar, grosseira, se assim posso expressar-me, entregue à eterna corrente da purificação e do progresso.

A acumulação de todas as partículas terrestres ao redor do grande núcleo, até confundir-se com ele, comunica ao movimento giratório do planeta toda a força, toda a velocidade com que este haveria de efetuar as suas revoluções diárias; a força absorvente e atrativa do astro central fixara o curso submetido à jurisdição de seu poder.

O calor do núcleo central terrestre, multiplicado pelo que ia lhe comunicando uma após outras as camadas superiores que sucessivamente se lhe aderiam e assimilavam, convertera o interior do planeta em imensa fornalha, oceano de vida e de calor formado de todas as substâncias que vinham da unidade e caminhavam para a diversidade por uma série indefinida de elaborações e transformações.

O coração do planeta sentia-se cada vez mais oprimido, própria causa de sua própria expansão e das sucessivas acumulações das matérias exteriores. Palpitava terrivelmente e era-lhe necessário espaço, mais espaço, para a sua dilatação e equilíbrio.

Estalou a Terra, e desgarraram-se algumas de suas zonas. Imenso rugido saiu de suas entranhas e cataratas de fogo se precipitaram sobre a sua face em todas as direções.

Esse fogo não era porém assolador e mortal: a vida e a fecundidade corriam naqueles rios de matéria incandescente.

O equilíbrio é uma lei universal. O centro do globo começava a devolver às camadas exteriores os tesouros de calor, de fecundidade e vida que delas recebera. O dia em que a restituição se completar, terá terminado a missão da Terra do universo: porque, ao passo que as camadas exteriores vão recebendo o depósito central, elas o restituem ao éter de onde o receberam. O éter ê o laboratório universal

do calor e da vida: dele sai e a ele volta à fecundidade dos mundos que, uns após outros, ocupam as estações do espaço.

Começavam a elevar-se, nas asas do calor e da luz, as particular empapadas de vida e calor que se estendiam sobre a superfície do planeta com tendência a emancipar-se de sua ação; mas a força absorvente do núcleo terrestre e a baixa do calor nas regiões afastadas diminuíam o vigor do seu movimento de expansão e as retinha cativas ao redor da Terra, dependentes de seus movimentos e forma.

Flutuavam no espaço, sem se afastar mais, além da esfera circunscrita pela radioatividade ela Terra, até que, expendida toda a sua virtualidade de expansão e esgotado o calor no intercâmbio de propriedades com as substâncias derramadas no éter, caíam novamente sobre o planeta, transformadas, em busca da virtualidade perdida, contribuindo em seu novo estado a temperar o excesso de calor e fecundidade das zonas terrestres; preparando desse modo o nascimento dos primeiros organismos pela fermentação e elaboração de seus germes ocultos.

Nessa constante evolução e sucessivas transformações das partículas e substâncias terrestres, a camada exterior ia tomando consistência, não porém até o ponto de algumas de suas partes entorpecer ou servir de obstáculos aos transbordamentos do núcleo. Quanto maiores sua resistência e sua espessura, mais facilmente as fendia e destroçava o hálito ardente que subia do interior do globo.

Começavam a aparecer às primeiras colinas e a se estender às sombras pelos primeiros vales. Se os olhos do homem tivessem podido dominar aquela ilha que se agitava em um ponto do arquipélago universal, teriam surpreendido imensos rios improvisados, sem leito fixo, cujas águas

desapareciam rapidamente nas enormes grêtas do córtex terrestre, das quais se elevavam, transformadas em nuvens, até as camadas atmosféricas.

As águas de que vos falo não eram águas no estado em que hoje aparecem na Terra. Mescla informe de diversas substâncias que lentamente se elaboravam para individualizar-se no curso dos séculos e cumprir, cada uma, a sua especial missão na economia da vida do planeta, chamo-as águas por analogia e porque da depuração e individualização de suas substâncias componentes haveria de surgir à água fecundante, que teria tanta importância no desenvolvimento e a conservação da atividade vital.

Passaram-se dez séculos e outros dez séculos, passaram-se cem séculos e outros cem séculos, porque no desenvolvimento das criações os séculos são gotas d'água no oceano da eternidade.

Lentamente, se quiserdes, mas rapidamente aos olhos daqueles seres que medem os séculos como vós o fazeis com os instantes, ia-se verificando a seleção das substâncias que, sem embargo da comunidade de sua origem, estavam pela lei a cooperar insoladamente na expansão de forças e princípios de vida e de luz sobre o planeta.

O desenvolvimento da criação terrestre, como o de todas as sucessivas criações terrestres do universo, era obra de seleção e individualização dos princípios recolhidos na substância etérea pela substância geradora do esqueleto

Os princípios recolhidos por essa substância dos mananciais do éter não eram senão o calor, o fluido elétrico, o princípio de vida e o principio espiritual, os quais haveriam de ser outras tantas fontes inesgotáveis seleções da primeira substância.

As modificações e transformações da substância única e as seleções dos princípios etéreos até chegar a individualizar-se dentro do desenvolvimento da criação terrestre tardariam em realizar-se mais ou menos o tempo que dependesse da sua importância e em conformidade com a elevação relativa de seus futuros destinos.

Aparecerão primeiro as substâncias terrosas e grosseiras em combinação com o calor e progressivamente, do movimenta e evoluções dessas e da força calorífica, nascerão e tomarão corpo novos modos de ser da substância geradora mais depurados e perfeitos. Primeiro, o calor e logo a eletricidade, operando hoje e amanhã sobre as substâncias já individualizadas, despertarão os germes vitais que, começando a evoluir através das grandes massas de matéria inerte, determinarão mais tarde o aparecimento das primeiras manifestações da vida em organismos rudimentares, início de todos os organismos ulteriores. Por último, aparecerá esplendoroso sobre a Terra, em organizações adequadas, o mais puro e delicado dos princípios do éter, o princípio espiritual, elaborando-se e depurando-se, antes de sua perfeita individualização, através de todas as substâncias e organismos, com o auxílio dos demais princípios vindos do planeta, do grande depósito ou sementeira dos mundos.

A individualização das matérias terrestres e dos princípios indispensáveis ao despertar e expansão da vida e do espírita verificava-se em virtude de uma lei de atração e simpatia engendrada na afinidade das próprias substâncias que tendiam a individualizar-se, filhas cia irradiação, podemos dizer, da substancia essencial, primitiva.

Os movimentos do jovem planeta no espaço contribuíam, subida e descida das substâncias em sua superfície a

irradiação do calor, para consolidação de sua crosta, ao tempo que a força de expansão do núcleo levantava em muitos pontos o solo consolidado, determinando a formação das primeiras cordilheiras, que haveriam de sofrer grandes alterações na sucessão das eras.

As ascensões e descidas da Terra a atmosfera e da atmosfera a Terra apressavam a depuração e a individualização das matérias, das quais umas teriam lugar nas regiões atmosféricas, outras na superfície terrestre.

Mercê dessa individualização e dessa depuração incessantes, chegaram os tempos em que todas as partículas terrestres ficaram definitivamente estabelecidas na Terra, abundância de gases e partículas ambientes na atmosfera e a água, já em sua pureza fecundante, ascendendo e descendo em forma de nuvens e de chuvas.

Tal foi o terceiro dia da gênese da Terra.

V

A Quarta Época - Matéria, Principio Vivificador; Substância Espiritual

As erupções do núcleo modificavam e transformavam com freqüência o exterior do globo e as águas, que corriam desordenadas por sua superfície: evaporavam-se, nesse movimento incessante de ação e reação, de dilatação e

condensação e liquefação, o córtex terrestre se esfriava e endurecia, aumentando a sua espessura.

Ao alvorecer o quarto dia do nascimento da Terra, as águas não tinham ainda leito estável. Era necessário que fecundassem todos os germes de vida latentes nas ramadas superiores do novo mundo, camadas continuamente renovadas pela ação invasora das substâncias que constituíam o núcleo.

A força vital das substâncias, próximas a manifestar-se na superfície por meio de rudimentares organizações, ficava a cada momento afogada sob o aparecimento e a renovação das matérias que do grande fervedouro central subiam impetuosas e inundavam a face do vosso planeta. Desse modo variava incessantemente a direção das águas, que circulavam em todos os sentidos, fecundando as sementes de vida que o movimento propulsor do grande núcleo impelia até o exterior.

As abundantes águas despenhavam-se das alturas atmosféricas em chuvas espantosas. Formavam-se rios e estes formavam mares com vertiginosa, com incrível rapidez; com a mesma rapidez se esvaziavam os rios e se volatilizavam os mares.

Outros rios recém-formados pela tempestade vinham precipitar-se sobre os leitos abandonados, novos mares sobre as áreas das águas evaporadas, porque a evaporação dos líquidos e a condensação dos vapores se efetuavam bruscamente e sim interrupção da Terra à atmosfera e da atmosfera a Terra.

Cingia o planeta em toda a sua redondeza densíssima nuvem formada pelos vapores que da sua superfície se elevavam e pelas águas que desciam das regiões superiores.

Em vão os raios do sol forcejavam em descobrir e penetrar o mistério dos surpreendentes movimentos que preparavam o desenvolvimento da vida na mansão terrestre.

Essa preparação ter-se-ia efetuada na obscuridade se as trevas não tivessem tido outro inimigo além do sol; porém a cada instante a escuridão se via turvada na posse da Terra pelo sinistro fulgor do raio, que iluminava todos os horizontes, e pelos reflexos vulcânicos que arrojavam os gigantescos respiradouros do núcleo candente.

Houve tempo em que as águas cobriam toda a Terra, sem que por isso deixassem os vapores de inundar a atmosfera. A luz elétrica fulgurava em todas as direções e do fundo do imenso oceano terrestre viam-se surgir, aqui e ali, enormes colunas de fogo, cujos resplendores resvalavam pela agitada superfície das águas.

Imponente e indescritível espetáculo! Minhas palavras são apenas um esboço incolor, uma pálida expressão da cena formidável que a natureza oferecia no quarto dia da formação do vosso globo. Cataratas de fogo, torvelinhos de vapores, mares que caíam das nuvens com estrondo aterrador, - toda essa confusão observada à luz cintilante de um relâmpago eterno -, podeis imaginar algo parecido com a realidade desse quadro sublime?

As águas terrestres, em seu curso violento, arrastavam, transportavam e depositavam as matérias destinadas a servir de berço às primeiras manifestações da vida orgânica vegetal, cujo germe dormitava no seio de todas essas substâncias que havia arrojado à superfície a força expansiva existente nas entranhas. Destarte, enquanto o córtex exterior esfriava e engrossava em virtude das expansões internas e dos agentes externos, modificava-se a sua constituição como

efeito do contínuo movimento das águas e dos novos sedimentos terrosos que iam se depositando lentamente.

Passaram-se séculos após séculos.

Segui-me, remontai-vos comigo em espírito mais acima da atmosfera da Terra, um pouco mais além da linha divisória que separa dos confins do éter os vapores e os gases ambientes ao redor do planeta.

Formosíssima visão!

Os raios do astro do dia rasgam brechas nas camadas atmosféricas, chegam até os cumes descobertos das montanhas e resvalam sobre a superfície dos mares encrespados. Vistosos repuxos de afogo, que saltam das cavernas subterrâneas, interrompem de distância em distância a monotonia das águas e a unidade da paisagem. As colunas vulcânicas, além de coroar os altos cumes, sobem dos abismos do oceano, à maneira de ilhas fantásticas impelidas para o exterior pela mão de terrível deidade.

Olhai para ambas as extremidades do eixo sobre o qual se move a Terra em seu movimento diário; vedes esse verde tapiz que se estende sobre uma e outra região, principalmente nos pontos elevados, nos picos e mesetas das montanhas solitárias? São as primeiras organizações visíveis da vida: são as primícias da vegetação do planeta.

As sementes dessa vegetação primitiva e rudimentar, como as de todas as sucessivas vegetações ulteriores, vinham virtualmente contidas nas partículas terrestres por força do principio vivificador e do elemento espiritual que haviam absorvido em longa peregrinação pelo éter. Todavia, tanto o princípio vivificador como o elemento espiritual, necessitavam, para as suas indefinidamente múltiplas individualizações, do meio das substâncias materiais, através

das quais e como em perpétuo crisol haveriam de se efetivar suas expansões, suas depurações c progressivos aperfeiçoamentos.

Cada nova criação arrancada pela Onipotência à misteriosa fecundidade do éter determina o princípio de uma perpétua evolução, em que intervirão necessariamente a matéria bruta como meio, o principio vivificador como força e o elemento espiritual como termo e objeto. Sem a matéria a vida seria impossível e sem a vida e a matéria o elemento espiritual careceria perpetuamente de luz. Os três termos sempre se completariam pelos tempos afora, constituindo uma trindade indivisível, - matéria, vida e espírito-, na ordem do desenvolvimento da unidade espiritual.

O primeiro chamamento da lei aos átomos ou elementos cósmicos que se desprenderão do éter para formar, através de séculos, mais uma criação, é o primeiro passo para uma portentosa individualização, tríplice em princípio, porque abrange a matéria, a força vivificada e o elemento espiritual, cujo acervo comum, antes das respectivas individualizações, é o éter.

Depois dessa primeira individualização portentosa, - oh, divino arcano! oh, insondável mistério! - a própria lei obriga a matéria a novas individualizações, que têm seu limite superior no corpo fluídico das inumeráveis individualizações da substância espiritual. (1)

(1) Deve-se inferir do que neste ponto afirma Nicodemos que a lei de depuração, de transfiguração e progresso opera sobre a matéria bruta como sobre as demais substâncias e que o limite das transformações perfectivas dessa matéria está no corpo fluídico espiritual. Na luminosa revelação de João e Lamennais, inserta na obra "Roma e o Evangelho", está exposto o mesmo conceito, desta forma: O limite superior do corpo carnal é o corpo espiritual; O limite do corpo espiritual é o espírito e o limite do espírito é Deus: Veja-se "Roma e o Evangelho", pág. 149, edição de 1874.

Como se transfigura e se purifica a matéria debaixo da ação do princípio vivificador e da substância espiritual? Como opera o princípio vivificador sobre a matéria ao calor da influência do espírito? Como se individualiza, se aperfeiçoa e ascende o espírito através das formas materiais, com a cooperação eficaz do princípio vivificador? Sei que existe essa lei, porém não a conheço nem aspiro a conhecê-la, porque é uma lei primeira e o segredo das leis primeiras reside em Deus. Contentemo-nos, nós criaturas, com o conhecimento dos efeitos dessas leis, que na posse desses efeitos temos o amor do Pai universal e a fonte sempre viva de nossa felicidade.

A matéria, sob a ação eficaz do espírito e da vida, transfigura-se indefinidamente de depuração em depuração. O princípio vivificador é como o sol que ilumina a ação misteriosa e constante do espírito sobre a matéria. E o espírito... ah! que poderei dizer-vos do espírito! Nada; porquanto a natureza da chispa espiritual escapa e sempre escapará aos espíritos. Assim como tampouco sei da natureza da matéria nem da natureza do espírito vivificador, que seguramente provém com c espírito, - direi melhor-, com a substância espiritual, de uma origem, de um nascimento comum.

Presumo, - somente por suposição posso falar-vos que da essência mais pura da matéria que contribui para a formação dos mundos, toma o princípio espiritual à substância fluídica etérea dentro da qual está chamado a quebrar-se em inumeráveis individualizações e a resolver o magno problema de sua felicidade, eternamente ativa e progressiva. Quando a Terra houver irradiado toda a virtualidade fluídica vivificados e a essência puríssima que há de acompanhar

perpetuamente as individualizações espirituais como laço de relação entre o subjetivo e o objetivo, estará cumprida a sua missão, e seus resíduos frios, estéreis, inanimados, voltarão a espraiar-se para entrar de novo no laboratório universal.

Presumo também que nenhuma individualização espiritual se tenha realizado na eternidade sem a colaboração simultânea da matéria, em seus princípios tangíveis, e do princípio vivificador.

Se fosse lícito pressupor que tempo houve em que não existia nem havia existido nenhum mundo, eu me atreveria a afirmar que tampouco existia nem havia existido nenhuma individualização espiritual, fora de Deus, e acrescentaria que não pôde manifestar-se o primeiro espírito criado até depois de se haver manifestado o primeiro mundo, e com ele a força vivificada.

A escada de Jacó, que é a escada da felicidade e do progresso perpétuo, está formada em toda a sua elevação, de substância material e de força de vida e, somente apoiado nessa força e naquela substância, é que o espírito poderá ascender eternamente.

Todavia, assim a matéria, como a vida e o espírito aparecem tão grosseiros, tão rudimentares, no degrau inferior da escada, que é impossível ao espírito humano adivinhar ali o porvir da matéria da vida e da substância espiritual em suas sucessivas expansões. No seu primeiro desenvolvimento vêem-se aparecer como confundidas em uma só substância, que há de constituir o esqueleto, a matéria térrea do mundo em vias de formação.

O que primeiro se manifesta nas criações é a matéria; a esta se segue à força vivificados e por ínfimo o princípio espiritual. A força de vida, apesar de vir germinando desde o

início, não aparece no planeta até o quarto dia de seu desenvolvimento: mostra-se então na florescência vegetal que vimos atapetando as regiões circumpolares, as primeiras onde pôde deitar raízes e tomar lugar na superfície do globo.

De toda essa vegetação primária não tendes conhecimento, porque desapareceu do solo com as condições que a haviam provocado. O movimento vivificador acomoda sempre as organizações que engendra as condições e meios dos elementos materiais nos quais há de ensaiar a sua poderosa atividade.

Enquanto as verdes primícias da ação vivificadas das substâncias materiais desciam das montanhas para os vales e planícies, corriam das zonas polares para as intermédias, mais tarde para a grande região perpetuamente aquecida pelo sol, outra vegetação análoga começava a atapetar as profundezas do oceano, das quais subia lentamente pelas fraldas das cordilheiras submarinas até galgar seus elevados picos e ocupar aqui e acolá a superfície das águas, dando-se assim as mãos, ambas as vegetações, a marítima ou aquática e a terrestre.

Qual a série de progressivas transformações, que teve de passar até alcançar a opulência de seus melhores tempos, imaginai vós mesmos, se vos for possível; quanto a mim, não posso dar-vos em palavras uma idéia exata, nem aproximada. O desenvolvimento se efetuava com lentidão apenas concebível; as reproduções vegetais conservavam tanta semelhança com os tipos imediatamente superiores que se confundiam com eles; sem embargo, depois de algumas dúzias de séculos, a vegetação primitiva fora apagada da Terra e substituída por outra de estabilidade perpétua, da

qual conserva traços marcantemente hereditários a vegetação do vosso século.

As condições atmosféricas do planeta impossibilitavam ainda o aparecimento dos animais em sua acidentada superfície, porém não no fundo dos mares, onde a força ele vida começava a produzir organismos de transição, tipos intermediários nos quais se confundia o animal com o vegetal, tipos de que não resta hoje vestígio no profundo regaço das águas.

Contudo, as mesmas condições que se opunham ao nascimento do animal facilitavam, robusteciam e multiplicava em todas as partes a vegetação terrestre. O tempo chegou em que imenso tapete de gigantesca verdura ocultou a Terra ao olhar do príncipe dos astros (1).

(1) Ao olhar do sol, que é o príncipe dos astros do nosso sistema planetário.

Assim foi o quarto dia da gênese da Terra.

VI

O Quinto Dia da Terra. - Gênese Espiritual. A Grande Catástrofe. O Precursor do Homem

Lá pelos fins da quarta época havia já aparecido, à sombra da luxuriosa vegetação que cobria o solo em todas as direções, a criação animal terrestre, compartilhando da posse do globo e de seus abismos com a criação animal aquática, que a precedera, senhora do segredo dos mares.

Nisso, surge imediatamente forte duvida e ao espírito investigador sucinto de luz ocorre perguntar: de onde proveio o primeiro animal, o primeiro ser organizado no qual se manifestou, além da força vivificadora, a semente da sensibilidade e do instinto, embora de maneira muito rudimentar e imperfeita? É, porventura, o primeiro tipo da animalidade terrestre uma transformação do último e mais elevado indivíduo da criação vegetal?

A vossa dúvida é a mesma que sinto com respeito ao aparecimento dos animais, a mesma pergunta vossa que dirijo também à Ciência que o homem pode conquistar por sua constância no estudo. Não vos falarei, portanto, como mestre; dir-vos-ei algo como discípulo da Ciência, dessa Ciência arisca e rebelde cuja investigação está exposta a tantos extravios e erros, mas que, apesar de tudo, se deixa lentamente e por etapas surpreender em seus segredos, quando a inquirimos com espírito generoso, por puro amor às leis da felicidade universal.

Antes que o mais perfeito dos vegetais projetasse sua sombra sobre a Terra, o reino animal já havia tomado posse dela; disso claramente se depreende que o primeiro indivíduo da criação animal não é uma simples transfiguração do mais perfeito dos vegetais. Também facilmente se concebe que o ulterior desenvolvimento, sempre progressivo, da vegetação não podia ter por objeto a transformação dos vegetais em animais, dado que estes já existiam e não se necessitava, para a sua reprodução e evoluções, da imediata intervenção dos primeiros.

Essas últimas palavras minhas encheram de confusão o vosso entendimento(1) e não estranho à perplexidade. Quem fará luz nesse dificílimo ponto da Ciência? Quanto a mim,

tenho a dizer-vos que estou cego e caminho às tontas. Se algo me atrevo a afirmar, é porque me guiam a mão; porém, mesmo guiado, posso tropeçar e tropeço; posso cair e caio. Essa é a falha de toda revelação transcendental, porque nenhuma procede diretamente da palavra infalível: o meio é sempre um espírito, sujeito a equivocar-se por elevado que seja seu nível e o fim é o homem, de cuja perfeição cada um de vós tem em si mesmo o testemunho.

(1) Essa confusão devia-se a que as palavras de Nicodemos estavam, segundo parece, em contradição com as de Lamennais na revelação citada na nota precedente, mas os subseqüentes esclarecimentos fazem desaparecer a suposta contradição.

E eu não sou um espírito elevado na hierarquia da Ciência e da infalibilidade. Sou um pobre discípulo da luz.

Opinaria eu, talvez, que o primeiro elo da animalidade se liga a um dos últimos da cadeia vegetal, se pudesse suspeitar que num vegetal, por exemplo um dos que ocupam grau destacado na escala, se processava já uma individualização ou seleção espiritual. Adivinho, porém, que a semente espiritual do mais perfeito dos vegetais está muito longe de se ter individualizado e emancipado da grande massa espiritual, - permitam-me -, latente na confusão das substâncias do globo e que, ao perecer o vegetal, volta o princípio que o anima ao depósito comum. O mesmo acontece a respeito da força espiritual das primeiras organizações animais.

Adivinho que todas as plantas, da mais simples à de organização mais complexa e acabada, sem excetuar as que se relacionam com as iniciações animais, não passam de ensaios da substância espiritual; que a perfeita individualização dessa substância tampouco se verifica na extensa sucessão dos animais terrestres, a não ser no seu tipo culminante: no homem,última etapa, última transfiguração

da animalidade e primeiro estágio, primeira manifestação completa de uma série infinita, eternamente progressiva, de individualizações espirituais. Os selos da individualização espiritual são, a meu entender, a luz e a consciência; nada há nos animais, abaixo do homem, que revele a posse de uma luz estável e de uma consciência definida.

Tenho a impressão de que o vegetal e o animal se prestam mútua e imprescindível auxílio na obra transcendental da individualização da substância espiritual que, por injunção da lei, recebem do acervo comum e vão elaborando lentamente. Pela morte do animal como da planta, volta ao seu manancial o princípio que ambos animava, porém elaborado e enriquecido de condições reciprocamente complementares, que põem esse princípio em estado e aptidão de entregar-se a novas elaborações até alcançar no homem a individualização, - seu estágio final. A cada propriedade que esse principio recebe corresponde nova organização em sua elaboração imediata.

Nem o vegetal é uma transformação do mineral, nem o animal uma transformação do vegetal: ambos os organismos são seleções de substâncias modificadas, confundidas ao principio na substância etérea geradora do mundo, desprendida da substância universal.

Todavia, o animal como a planta, uma vez individualizados em seus primeiros organismos, são seres indefinidamente aperfeiçoáveis. Cada indivíduo traz na semente reprodutora condições de progresso, embora tão lento que, para fazer-se ostensivo, necessita do concurso do tempo em longuíssima sucessão de gerações e séculos.

Convém não confundir esses organismos com a força vivificados que os arranca da inércia e com o princípio

espiritual que neles se desenvolve. A organização se transmite por geração, mas tanto a força vivificadora como o princípio espiritual sobem, antes de individualizar-se no homem, do depósito comum.

As primitivas aparições, vegetais como animais, não foram organizações fortuitas, espontâneas, improvisadas; foram o resultado seguro, inevitável, de uma evolução lenta e harmônica, iniciada desde as primeiras atrações moleculares dos elementos do planeta.

Tanto a primeira planta como o primeiro animal que apareceram sobre a Terra nasceram das sementes de outro vegetal imperceptíveis ao homem do planeta se o homem existisse e outros animais preexistentes e análogos a eles; invisíveis naqueles dias primevos.

Desde a aurora do primeiro dia começou a elaboração das organizações vegetais e animais, como a de todas as individualizações que se efetuariam por obra da atividade da lei sobre a confusão das substâncias elementares do mundo que se formava.

O vegetal e o animal, como organismos, são duas individualizações distintas e independentes. Sem embargo, o desenvolvimento do segundo não se teria realizado se antes a Natureza não houvesse assegurado a existência do primeiro; o aparecimento de ambos era necessário às individualizações da substância espiritual e da substância etérea que pela eternidade acompanhará o espírito desprendido ou emancipado da substância espiritual.

A lei opera simultaneamente sobre a substância - mãe dos espíritos e sobre o princípio fluídico que há de constituir o invólucro, inerente e eterno, das individualizações espirituais. No instante supremo de terminar a feliz

individualização do espírito, termina também a do seu fluídico invólucro. Sem o corpo espiritual o espírito viveria eternamente nas trevas, como se, nem mais nem menos, não tivesse conquistado sua independência da substância-mãe.

O corpo espiritual é, como o espírito, incorruptível e eternamente perfectível. Sua perfectibilidade consiste no desenvolvimento, sempre harmônico e progressivo, das propriedades; ou faculdades que possui em semente desde a sua individualização. O corpo espiritual e o espírito constituem uma unidade incorruptível e, como incorruptível, imortal, porque, ao individualizar-se, individualizou-se neles o princípio vivificador para não se separar na sucessão dos séculos; com diferença no que respeita a todos os organismos vegetais e animais inferiores ao humano, nos quais a imortalidade fica destruída com a decomposição, porque o princípio de vida regressa ao depósito comum. No homem, mesmo quando o principio de vida de seu organismo volta também ao depósito para vivificar novos seres, o espírito já está individualizado e possui principio de vida individualizado que nunca mais o abandonará.

Compreender-me-eis melhor explicando-o pior. A ALMA do vegetal e a ALMA do animal MORREM, porque delas se desprende o fluido vivificador: o espírito do homem não morre, porque o princípio da vida não se separa nem pode dele separar-se.

Corpo espiritual, espírito e princípio vivificador, - esta a trindade que não se corromperá nem se decomporá jamais viverá eternamente progredindo e aproximando-se de Deus.

Já vos disse como havereis de considerar as minhas pa lavras: como pontos de mira, como débeis faróis no roteiro das investigações científicas da natureza e sucessão das

expansões da Terra e da humanidade da Terra até chegar à geração de hoje.

*

A poderosa irradiação do princípio vivificador havia engendrado uma esplendorosa, uma gigantesca vegetação. Nascia a planta e era assombrosa a rapidez com que crescia, se ramificava e elevava sua copa a grande altura. Arrastava-se o réptil fazendo farfalhar a folhagem, enquanto na espessura ou balançando-se nos braços do ar as aves deixavam ouvir seus melodiosos acentos.

Dilatado período de paz sucedera às formidáveis agitações dos dois dias precedentes. Bramiam a tempestade e o vento; chuvas torrenciais se desprendiam das nuvens; faiscava o relâmpago e ardentes baforadas subiam da grande fogueira central; tudo, porém, a intervalos cadenciados, à maneira de notas harmônicas do majestoso concerto da criação terrestre.

Contudo, aquela paz estava longe de ser definitiva. Era antes um descanso das forças expansivas do interior da Terra para se precipitarem com maior vigor e vencer todas as resistências que opusessem aos seus furores. Com freqüência ocorria através do córtex do globo como que convulsivo estremecimento, que pressagiava terríveis transtornos e dias de tribulações para os seres vivos. As montanhas eram abaladas em suas bases e as águas dos mares saltavam fora dos seus leitos como levantadas por invisível potência.

Sucederam-se os dias e as ameaças se cumpriram. Ouviu-se horrendo estalo, um imenso trovão, que confundia todos os estalos, todos os trovões, todos os ecos e vozes em

uma só voz e um só eco, transtornando a maneira de ser do córtex do globo e agitando violentamente todas as camadas atmosféricas.

O transtorno foi geral e simultânea sua ação; o que não fez o fogo fê-lo a água, e o que a água e o fogo deixaram em pé foi derrubado pelo impetuoso e ardente sopro da tempestade.

Abriram-se outra vez as cataratas celestes e as águas despencaram em mares sobre a Terra com estrondo pavoroso, voz terrível que, acompanhada da rouca trepidação da nuvem saturada de eletricidade, parecia anunciar o imediato esfacelamento e o fim do débil globo nascente.

Continuava relampagueando e chovendo; tanta foi à água que quase toda a superfície do planeta ficou inundada pelo elemento liquido. Viam-se apenas num ou noutro ponto, sobre as túrgidas ondas, as cristas empinadas das cordilheiras, como pequenas ilhas em meio a um oceano embravecido, como arcas de salvação no naufrágio universal.

Quando as águas, retirando-se das alturas, deixaram descobertos os terrenos inundados, os vegetais e os animais havim sido riscados da superfície da Terra. Um ou outro talvez sobrevivera à espantosa catástrofe, mas as condições de vida haviam sofrido grandes modificações por força da última evolução das substâncias terrestres e os animais e as plantas sobreviventes pereceram uns após outros sob a ação, para eles deletéria, das condições de vida que se manifestaram por causa do grande acontecimento.

O reino vegetal e o reino animal jaziam sepultados sob os escombros; o fogo e a água, correndo em todas as direções. haviam transformado completamente o aspecto exterior do

globo. Um parêntese de silêncio e de morte sucedera ao bulício das aves e dos animais e à exuberante vegetação anterior.

Todavia, era um parêntese, não mais que isso; parêntese necessário, durante o qual todas os germes de vida retomavam suas atividades em si mesmos, para reaparecerem com maior esplendor em organizações mais perfeitas, acomodadas ao meio em que haveriam de desenvolver-se e aperfeiçoar-se.

A catástrofe veio, porque tinha de vir: estava na lei que preside ao movimento da matéria e do princípio vivificador e à depuração da substância espiritual. Essa substância e aquele princípio não podiam então se manifestar e continuar a abra de suas individualizações nos organismos existentes: necessitavam outros mais aperfeiçoados e estes, por sua vez, novas condições e meios para sair da obscuridade para a vida, crescer e reproduzir-se.

Sepultados vegetais e animais debaixo das recentes camadas superpostas à crosta terrestre em conseqüência da última revolução geológica, nem por isso ficaram destruídas suas propriedades fecundantes; pelo contrário, estavam eles chamados a cooperar eficazmente, com a virtualidade de seus eflúvios, para a renovação e reaparição da vida em organizações acomodadas às novas condições vitais.

Paulatinamente vira-se brotar dos escombros da grande ruína tipos de vegetação não conhecidos na época precedente, menos vistoso que os vegetais anteriores mas que havia ganhado em vigor e resistência o que perderam em ufania. Diversidade enorme desses tipos se estendeu e se aclimatou em todas aquelas regiões que a água ia deixando descobertas. Os arbustos e as árvores de espessa e resistente

contextura, forte para lutar anos e mesmo séculos com a destruidora ação do tempo, tomaram posse das continentes recentemente arrancados ao domínio do oceano.

Analogamente aos vegetais, embora mais tarde, reapareceu vantajosamente transformada a criação animal na terra e nos ares. Já não eram, em geral, aves e animais de corpo monstruoso: os novos hóspedes haviam degenerado de seus progenitores quanto ao volume de suas formas, mas apareciam em organizações incomparavelmente mais delicadas e perfeitas e revelando maior desenvolvimento na substância espiritual.

O que caracteriza o período atual da criação é o vigor e a beleza das formas nos organismos vegetais e animais, nestes últimos o aparecimento dos primeiros indícios de uma inteligência rudimentar que gradativamente se afirmava e robustecia. Tremores periódicos e revoluções parciais vinham completar a obra providencial da grande catástrofe e a radical renovação necessária de todos à nova maneira de manifestar-se no globo o princípio de vida e a substância espiritual.

Tipos intermédios ou de transição enlaçavam umas às nutras as espécies vegetais e animais; elos de progresso, elementos que recordavam e prometiam olhando para trás e pressagiando os harmônicos concertos do porvir. Visses tipos transitórios desapareciam uma vez cumprida sua missão providencial, que outra não era senão fazer brotar espécies novas das espécies existentes. Estabelecida uma espécie, não tinha já razão de ser o tipo intermédio que a produzia.

Através de longa série de organizações animais e tipos de transição que sumiram da Terra para não reaparecer em toda

a sucessão das gerações, a substância espiritual ia se enriquecendo das propriedades que determinariam sua individualização e desprendimento. Um instante, um minuto mais da eternidade e eis a levantar-se dentre os animais superiores um tipo de transição, de cujos olhos sai um raio de luz quase pura, de cuja boca se ouve como que um queixume de dor e uma palavra balbuciante. O aparecimento desse tipo se multiplica simultaneamente em diferentes regiões.

Tal foi o quinto dia da gênese da Terra.

VII

O Sexto Dia. - O Homem

A água é mais pura; o ar mais diáfano e tranqüilo; o sol mais brilhante. De vez em quando ruge a Natureza desde as cavernas da Terra e dos abismos do céu; não temais, porém: a natureza esgotou por todo este dia as suas iras perturbadoras.

Passou-se o tempo da tempestade, do fogo e da desolação. Sobre as ruínas a edificação; sobre a aflição, a alegria e a esperança; sobre a morte, a fecundidade e a vida.

Começa a era da vida espiritual na Terra, pequena ilha da imensidade. As aves e os animais saúdam a sua maneira a alvorada do período harmônico da individualização do espírito terrestre. Somos filhos dessa bendita

individualização: juntemos os hinos de nossa gratidão ao hino geral das criaturas da Terra.

A água é mais para; o ar mais diáfano e tranqüilo; o sol mais brilhante. A vegetação se transfigurou no movimento dos séculos. Floresceram as plantas e da esbelta, fecunda e benfazeja ramagem pende o fruto maduro.

A face da Terra está radiante de felicidade, A Natureza veste-se como em festa e sorri.

Do limo da Terra haviam surgido os organismos vegetais e animais e de uma extensa sucessão de lentas e indecisas transformações, cujos termos médios foram sucessivamente arrancados do livro da vida, surgiu o organismo do homem pela influência da individualização do espírito.

O espírito do homem não é a substância espiritual do animal enobrecida: é a individualização da substância espiritual.

O homem já tomou posse do novo planeta, como seu rei e senhor natural.

E o sexto dia da gênese da Terra: é a principio da geração atual. Porque o dia sexto da Terra ainda não chegou ao ocaso, se bem que já estejamos no declinar da tarde e se aproxima o crepúsculo.

Todavia o crepúsculo da tarde de um dia toca o crepúsculo da manhã seguinte, porque os dias da Criação não têm noite. O sol do dia sexto cai rapidamente no seu ocaso, mas em breve amanhece no Oriente o radioso luminar do dia sétimo.

A transformação vem se operando há milhares de séculos e se precipita para o seu termo. Logo começará a nova era.

Vós não percebeis o movimento, porque não conhecestes nem o vegetal nem o animal do amanhecer do sexto dia, nem respirastes aquele ar, nem bebestes aquelas águas.

Ao declinar da tarde, outras as plantas, outros os animais, outro o homem do planeta. O milagre se verificou por uma continuação, não interrompida de suaves transições, só perceptíveis àquele que olha por cima dos séculos.

Esta é a história da Terra até o momento atual de sua gênese, história que, a cada geração, as virtudes e a Ciência auxiliadas pelo espírito de sabedoria que governa o Universo, irão ampliando.

São esses os dias da Terra. Quais são os dias da humanidade terrestre?

Estudemos.

LIVRO SEGUNDO
A HUMANIDADE TERRESTRE

I

A Humanidade Terrestre Primitiva

Reina a harmonia dos elementos sobre a superfície da Terra. Do caos, das trevas, da confusão, brotou a luz; do movimento inconsciente, da inércia, surgiu à liberdade.

A liberdade é a luz da harmonia. Sem a liberdade, a harmonia é um organismo morto, um quadro sem animação. um fato que se consuma na solidão e no vazio do sentimento; é Deus que se contempla em sua obra, na obra da criação dos mundos, sem outro ser inteligente que admita e goze na inefável sabedoria do entendimento eterno.

A liberdade é o homem e o homem já assentou sua planta no continente terrestre, sobre os animais e outros seres engendrados pela atividade das substâncias e pela poderosa fecundidade das sementes.

É o primeiro dia da liberdade e do homem. Adivinha qual seria o estado do miserável que, tendo nascido e vivido na opressão de um cárcere, ganhasse um dia à liberdade e a luz? O sol, o oxigênio, o espaço, o movimento, os horizontes dilatados lhe produziriam vertigens e cairia desfalecido, escravo das novas condições e do novo modo de ser de sua existência.

Assim aconteceu ao homem do primeiro dia. Respirou o oxigênio da alma, a doce, a santa liberdade e caiu aniquilado, porque a sua consciência e o seu entendimento nasciam para a vida e se afogavam na própria atmosfera em que depois haveriam de respirar o vigor e a saúde.

Imagino-o habitando primeiramente as regiões circumpolares de ambos os hemisférios, as únicas que naqueles tempos reuniam condições de vida para os organismos humanos.

Se me fora consentido surpreendê-lo nos misteriosos recônditos de seu berço, vê-lo-ia sem dúvida dormitando, colada ao solo a face ignóbil, oculto na espessura da selva como que fugindo da luz, ou recostado ao tronco de solitária árvore, os olhos semicerrados, esperando indolentemente o

réptil aventureiro que venha aplacar a voracidade de sua fome.

Quando a necessidade é extrema, arrasta-se ou se move preguiçosamente até alcançar a planta ou a fruta próxima que mitiga a violência de seu estômago e volta a deixar-se cair e a dormitar. Uma vez por dia logra vencer a preguiça: dirige-se a passo lento ao arroio ou ao rio mais próximo e, submergindo-se nas águas, aplaca os ardores da sede.

E seu leito a macia folhagem ou a relva densa do bosque. Ao despontar o sol da manhã, a seu modo maldiz o hóspede importuno que dissipa as trevas e devolve á natureza a algazarra e a alegria interrompidas.

Seus semelhantes só lhe merecem um olhar indiferente e os cadáveres humanos um olhar estúpido, porque não consegue ainda explicarem-se os mais simples termos do problema da vida e do mistério da morte. Não suspeita que o destino do homem há de ser a felicidade individual no seio da felicidade dos demais e ama os lugares ocultos e solitários, onde olhares alheios não interrompem seus hábitos de preguiça e de silêncio.

Em certas épocas do ano sente-se aguilhoado pela carne e só então sai de seu relaxamento ordinário desperta nele uma atividade desusada em seu estado habitual e abandona os lugares preferidos para ir a busca da mulher. Amortecida a luxúria, regressa à solidão e a seus hábitos, esquecendo a companheira dos gozos sensuais até voltarem a agitá-lo os ardentes desejos do prazer.

Talvez o progresso de sua inteligência e sentimento receba algum impulso unicamente na época das provocações brutais da carne; só ai consegue emancipar-se um tanto da soporífera indolência.

Não fala: começa a articular alguns sons e isso quando a dor verruma o corpo ou os movimentos da concupiscência ativam o fogo de suas entranhas. Palavras não, apenas rugidos de ira ou arquejos de luxúria põem sua língua em movimento; mas esses arquejos e rugidos não deixam de ser ensaios da ciência da linguagem São, digamos assim, os arautos da inteligência, da consciência e do sentimento humano que terão, no decorrer dos séculos, a sua mais esplendorosa manifestação na palavra.

Seus pensamentos nascem e morrem na solidão sem se referirem nem se associarem. Quando intenta associar as idéias e comparar os conceitos de sua mente para deduzir aroma conseqüência, o pensamento fatiga-lhe a alma, como o movimento fatiga o seu organismo corporal. Sem embargo, nessas fatigantes alternativas se iniciava o raciocínio e se estabeleciam a base e o ponto de partida de todas as futuras investigações e de toda a ulterior sabedoria dos homens.

Nascia o sentimento, porém confundido com a sensação. No queixume da dor ou no alarido da raiva, o ouvido do sábio teria adivinhado o egoísmo inconsciente, primeira evolução do sentimento. A sensação grosseira tem sua concepção nas entranhas; o egoísmo sobre o qual o entendimento irradia a sua luz provém da alma e dela derivam as sucessivas harmonias do coração. O dever e o amor têm sua raiz no egoísmo.

A atividade da visão corporal guardava no homem primitivo perfeita analogia com o alcance da visão de seu espírito. Todas as suas faculdades, tanto as que se referiam à realização dos maravilhosos fenômenos da vida sobre a Terra como as que tinham por objete o aperfeiçoamento e elevação do espírito pelas misteriosas vias do universo

moral, amanheciam em seu organismo e em sua alma em estado embrionário, como germes que as continham em potencial e se haviam de desenvolver progressiva e perpetuamente na eternidade das idades. Estreitos, muito estreitos eram os horizontes terrestres que os olhos humanos descobriam ao redor; estreitas, muito estreitas as distâncias que os olhos da alma humana podiam medir dentro do círculo de suas atividades naturais.

O homem presumia que os seus horizontes terrestres abarcavam o que poderia ocultar-se além do horizonte. Tampouco havia posto por um instante a sua alma nas harmonias da vida.

Giravam-lhe sobre a cabeça os luminares noturnos do firmamento, mas os seus olhos ainda não se haviam aberto à contemplação e grandiosidade do espetáculo. Eram o sol durante o dia e a lua durante as horas da noite únicos astros de que tinha conhecimento.

Porque a virtude dos olhos de seu corpo estava em relação com a virtude de seu olhar espiritual; nem seu espírito podia aspirar a elevar-se, depois da presente fase de sua existência, àqueles mundos que flutuam mais felizes no firmamento da Terra, nem os olhos de seu corpo alimentar-se na formosura daqueles astros que fulguram no espaço para infundir no coração do homem a esperança de outras vidas mais risonhas.

Seu espírito estava destinado a renascer dez vezes sobre a Terra e seu olhar se arrastava pelos solos que haviam de ser dez vezes o berço do renascimento de seu espírito. (1)

(1) Nicodemos fala em sentido figurado, empregando o numero determinado “dez” pelo indeterminado "várias".

Pobre inteligência nascente! Pobre vontade incipiente! Pobre espírito! Acaba de individualizar-se, de sacudir o jugo

de desprender-se do solo; o solo ainda exerce sobre ele poderosíssima influência, como se pretendesse fazê-lo outra vez seu vassalo.

Mais independentes parecem os animais terrestres. As aves elevam mais seu vôo nos ares que seu espírito as aspirações humanas. Por isso quando julga, julga-se em tudo o mais igual aos animais terrestres e sempre inferior às aves, que tanto têm recesso na Terra, como invadem a seu capricho as tênues ondas do espaço.

Nem a alegria nem a dor lhe arrancam lágrimas dos olhos; no máximo, umedecem levemente suas pálpebras. Ainda não brotou de seu coração o manancial do sentimento, que salta pelos olhos em cristalinas torrentes. Um rugido ou um desagradável grito são as manifestações ordinárias de seus sofrimentos ou de suas grosseiras alegrias.

Seu corpo tem mais semelhança com os de alguns animais que com os atuais organismos humanos; do mesmo modo que o organismo das criaturas racionais de hoje tem mais analogia com o corpo do homem primitivo, que com o da criatura racional do futuro, quando esta alcançar o grau de perfeição orgânica possível sobre a Terra.

Em suma: o homem primitivo do planeta, moral e organicamente considerado, era a semente rudimentar, no primeiro período de sua individualização, eternamente progressiva e perfectível, da humanidade terrestre.

E o sol continuava girando em torno da morada do homem e fecundando-a.

II

A Segunda Geração. O Homem-Menino

Nenhum sonho é eterno na criação.

A eternidade não é a inércia: é movimento e vida; depuração e progresso para o corpo e para a alma, para a matéria e para a substancia espiritual.

A Natureza, o universo, vive e se move na sabedoria infinita, de que procede; a sabedoria imprime a todas as obras a lei da inteligência e do progresso.

Os sonhos não são caracteres; são parênteses da vida. Ao sonho segue sempre o despertar.

O homem já sacudiu o pesado sonho de sua estupidez primitiva, da inércia do espírito na primeira jornada de sua emancipação.

Ainda aparece sonolento, impotente para resistir ao domínio da carne, que lhe oprime despoticamente a alma. Todavia, em seu rosto, em seu olhar vê-se delinear, embora vagamente, a inteligência, filha da concepção de Deus; e a inteligência logo reprimirá a carne até submetê-la â sua direção e fazê-la servir ao aperfeiçoamento do espírito.

Humilde é o palácio do rei da mansão terrestre: vive nas cavernas do monte como o urso, ou em guaridas próximas as margens do mar e dos rios.

O rei da criação terrestre, nessa época, não brilhava pela suntuosidade de suas moradias, nem pela riqueza das vestes, pela ostentação aparatosa do seu poder, como haveriam de brilhar mais tarde os reis alçados sobre os povos pelos erros e imperfeições humanas.

As vestes que cobrem o corpo dos homens da segunda geração outras não são que as cortadas pelas mãos da Providência em seu inefável amor às pequeninas criaturas que não sabem discernir entre as obras que têm em mãos.

Credes, porventura, que o homem discerne já as obras de sua destra e de sua mão esquerda? Visse discernimento há de ser o resultado da prática do mal e da consideração de suas perturbadoras conseqüências.

Passará esta segunda geração e passará também a terceira, que será de iniqüidade e opróbrio; só então, no berço da quarta geração, amanhecerá o verdadeiro discernimento na consciência dos homens.

Nem ainda na quarta geração alcançará a consciência humana toda a sua robustez e plenitude. Como seria isso possível, se a plenitude da consciência é o limite da perfeição humana? Passarão todas as gerações da Terra e a própria terra; essas gerações terão tomado posse de outros mundos, de outras ilhas nos esplendorosos arquipélagos da bem-aventurança; ainda a consciência do homem não terá saído da infância, nem chegará jamais à perfeição absoluta, - sua constante aspiração.

A consciência humana começa desde a individualização do homem. Tem princípio, porém nunca chegaria a seu termo. Nasce para viver e progredir eternamente.

A consciência, na soma infinita de suas perfeições, é a consciência universal, - Deus, presidindo o estabelecimento da luz dos seres que vivem na obscuridade e presidindo a conjunção de todas as harmonias naturais, tanto as que se referem à ordem moral como as que concernem à mecânica dos corpos e à vida.

A consciência do homem não é mais que ação da inteligência sobre o sentimento: a sua progressiva perfectibilidade se estriba na ilustração do sentimento pela elevação das faculdades mentais do espírito.

A consciência é sentimento; sem seu calor e luz a consciência continuaria perpetuamente na obscuridade.

Desde o princípio apareceram no homem as sementes da razão e do sentimento, sementes individualizadas, porém nada mais que sementes. Por isso a estupidez caracterizou o homem em seu nascimento e por isso a consciência dormia o sono de sua primeira formação. Era necessário que ação providencial, pelo espetáculo das maravilhas da natureza, fecundasse primeiro a semente da razão e que depois dessa se refletisse sobre a semente do sentimento, fecundando-a por sua vez para que aparecesse a consciência como germe susceptível de incessantes desenvolvimentos na via da perfeição c da felicidade dos espíritos.

A ciência do bem é a ciência do espírito. A sabedoria consiste no claro conhecimento das verdades morais relativas ao grau de elevação da criatura racional e na firme vontade de professá-las: é o discernimento luminoso do justo e do injusto, do verdadeiro e do falso, acompanhado do desejo eficaz de praticar a verdade e a justiça, sempre na medida, pois seria cruel exigir mais da capacidade ou aptidão espiritual,

A ciência que direta ou indiretamente não se refere às verdades morais e versa somente sobre interesses mundanos ligados aos prazeres ela carne, aos gozos materiais da vida da Terra, esta é a ciência do sensualismo e do orgulho, sem reflexo proveitoso sobre o sentimento, sem virtualidade para estimular e dirigir a consciência. Não é a sabedoria da alma

que eleva as aspirações a Deus e à virtude; é a enfatuação da sabedoria, que nos submete à matéria, ao egoísmo, às sensações e falazes gozos dos maus apetites.

Por isso se vêm entre a multidão dos homens, tidos no mundo por sábios, tantos ele sentimento mau e consciência tenebrosa e, entre as maiorias ignorantes, alguns cujo sentimento e consciência brilham com toda a pureza e santidade da perfeição terrestre. E que uns empregam a atividade de seu entendimento na ciência dos gozos materiais relativa exclusivamente à vida sensorial, ao passo que os outros, considerando a vida sensorial um acidente passageiro, dirigem toda a sua energia racial à vida verdadeiramente essencial e livre, a vida do sentimento e da vontade, que é a vida permanente do espírito. A ciência de uns é a vacuidade do entendimento extraviado; a dos outros, flor de suavíssimo aroma, cujo fruto será o cumprimento do dever.

No homem da segunda idade começam a deitar raízes as sementes da razão e do sentimento: essas primeiras raízes são a curiosidade e o temor. O homem é um menino medroso e ávido de novidades nas primeiras épocas da infância inofensiva.

A curiosidade aviva seus desejos e estimula a sua vontade: vai ao encalço da novidade como o menino corre atrás dos brinquedos. Para ele tudo é novo, porque em tudo põe sua fugidia atenção pela primeira vez. O vôo das aves, a corrida dos animais, os suspiros da brisa no arvoredo, o sussurro da cascata, as rochas, as árvores, as águas, os ventos, o sol, as estrelas que durante a noite salpicam o firmamento, tudo, tudo excita a curiosidade e provoca a prazenteira admiração do homem menino. Quer dizer: a

razão vai tomando da Natureza. gradativamente, os elementos convenientes a seus futuros vôos.

Vede o homem do segundo dia, vede-o despertando de sua primitiva estupidez, de seu anterior aturdimento. É a hora em que o brilhante disco do sol se levanta a certa altura no Oriente sobre o cimo de um monte próximo. O homem abre os sonolentos olhos, cerrados pelas trevas noturnas, e os olhos de sua inteligência, cerrados por um eterno torpor, e exclama para sua alma, para o mais secreto de seu espírito: Ó! quão resplandecente deve ser o leito onde o sol se deita!

E impelido pela curiosidade, logra vencer a natural repugnância pelo movimento. Passo a passo, com extrema lentidão, sobe até o cume do monte onde viu levantar-se o luminar diurno e onde supõe estabelecida a base do firmamento, como também o último confim da Terra, em que a morada do homem c o diáfano campo das maravilhas celestes se confundem.

Ali o surpreendem as sombras da noite, embevecido na contemplação da paisagem. Não pôde descobrir no mais elevado do monte o leito de fogo do soí, nem tocar com a mão o horizonte; antes, bem suspeitou que o ponto do qual o astro do dia começava a enviar seus feixes de luminosos raios estava além, nos mais longínquos confins da paisagem; e compreendeu que a extensão da Terra é muito superior ao horizonte reduzido dentro de cujo circulo crera estar encerrado. Já pressupõe haver a seu redor, a distâncias em que sua incipiente imaginação se abisma, outros montes, outros bosques, planuras, rios, aves, animais e ainda talvez outros homens, além dos montes, bosques, planuras, rios, aves, animais e homens que constituem o paraíso de sua

criação, a cuja existência julgara estar até então reduzida à existência universal.

Na manhã seguinte, depois de haver presenciado o nascimento do sol na longínqua cordilheira, regressou do monte à sua morada. Ali referiu a seu modo à mulher e aos filhos, que formavam a sua habitual companhia, os maravilhosos descobrimentos que surpreendera na atrevida ascensão ao monte.

A maior grandeza da criação avivou em seu espírito a idéia de alguns seres potentes ao impulso dos quais a Terra abria suas entranhas para amamentar o homem e os animais, ou gemiam os elementos e se despenhava o fogo das nuvens para destruir o que o gênio do bem edificava.

Que idéia concebeu então o homem relativamente a esses poderes superiores cujas mãos derramavam chuvas benfazejas ou despediam o destruidor relâmpago? Idéia!...Não sei se a chamaria idéia: uma confusão, mescla de admiração, gratidão e temor, foi o que se produziu em seu débil entendimento.

Ouviu a voz do trovão e ocultou-se no mais profundo da caverna em que morava, porque lhe pareceu ter ouvido a tradição do gigante das nuvens: viu as árvores arrancadas pela raiz ao sopro do furacão e ocultou-se também horrorizado, porque julgou que aquilo era o furioso ofego do gigante dos ares: e entreviu o gigante das águas nos bramidos do oceano e o gigante das cavernas nas trepidações subterrâneas e na erupção vulcânica do monte.

Contudo, viu reaparecer o sol depois ela tormenta e caiu de joelhos, com o coração repleto de esperança, apontando com o dedo, à mulher e aos filhos também prostrados, o astro salvador.

Submergia-se o sol no oceano e seu coração era presa de triste obscuridade, como se houvera partido para não voltar o objeto de suas esperanças, de sua veneração e amor. Então, lentamente, ensombrado o rosto pela melancolia e pelo temor, encaminhava-se à sua morada, onde o surpreendia o sono reparador lutando com a doce lembrança do astro de seus desejos.

A sua alegria renascia com o renascer do sol, que o encontrava todas as manhãs desperto e à sua espera. Saltava de gozo como quem recobrava risonha esperança, chamava a mulher, chamava os filhos, e juntos se entregavam aos transportes da felicidade.

Os seus deuses eram o gigante das nuvens, o gigante dos ares, o gigante das águas c o gigante das cavernas; porém sobre todos esses deuses estava em seu coração o deus da fecundidade e da luz, ante o qual caia de joelhos em agradecimento e amor.

Nessas alternativas de curiosidade, de esperança e temores chegou ao declinar da tarde do segundo dia, robustecido o corpo e germinando em sua alma as sementes da razão e do sentimento. Mais um século de desenvolvimento orgânico e espiritual: feneceu a segunda época da humanidade terrestre e apontam no Oriente os albores do terceiro dia.

III

A Terceira Idade do Homem

O homem se contempla a si mesmo: presta atenção nos animais, nas aves e em todas as demais coisas que embelezam a criação terrestre: sente o estímulo, o aguilhão do prazer pela sensualidade;

E exclama:

“Viver é matar a fome e aplacar a sede: viver é o gozo na fornicação e na satisfação dos apetites cuja voracidade sinto nas entranhas”.

“Viver é vencer, é dominar, e ser o rei das coisas da terra”.

"Eu sou superior à planta cujas raízes são seu cativeiro e em cativeiro morre: eu sou superior às aves do céu e às bestas da Terra, que sucumbem às minhas mãos e não sabem se esquivar aos laços da minha astúcia; eu sou superior a todas as coisas que me rodeiam, porque todas estão a meu serviço.

Eu sou, portanto, rei de todas as coisas. Quem me disputará o seu império?

"Vejo na outra parte do monte homens e mulheres; e vi homens e mulheres cruzando a selva e os campos do meu domínio, suas mulheres, sua caça, suas peles e suas tendas; porque eu arranco pela raiz uma árvore com a força do meu braço e as feras, escarmentadas, fogem de mim.

"Eu sou o rei e minha vontade é soberana."

E descendo do monte, à luz do sol penetrou na tenda do homem que habitava no lugar mais próximo, matou-o, apoderou-se de sua mulher e se recostou sobre suas peles.

E exclamou:

"Eu sou o rei e minha vontade é soberana."

Ao pôr do sol passou à outra margem do rio e, caindo de improviso sobre a tenda do homem que ali morava, matou-o, apoderou-se de sua mulher e de suas peles, exclamando: "Eu sou o rei."

Aguardou a noite e cautelosamente seguiu as pegadas do homem da selva, porque o homem da selva era mais poderoso em forças que os outros; introduziu-se sigilosamente durante o seu sono; matou-o, apoderou-se de sua mulher e dormiu o resto da noite sobre as peles de sua tenda, junto à mulher do homem do outro lado do monte, à mulher do homem da outra margem do rio e à mulher do homem da selva.

Durante o sono sonhou que ele era o rei e que sua vontade imperava soberana na Terra.

'Todavia, não despertou desse sonho de dominação e luxúria. Os fracos tinham visto o forte matando o homem do outro lado do monte, o homem da outra margem do rio e o forçudo homem da selva, apoderando-se de suas mulheres, suas peles e suas tendas. Temerosos pela própria sorte e da de suas mulheres e de suas coisas, haviam se encontrado e tramado antes do amanhecer e, caindo com o ímpeto do temor (1) sobre o homem forte que dormia e sonhava, mataram-no durante o sono e se regozijavam sobremaneira.

(1) "Com o ímpeto do temor", isto é, "com o ímpeto de quem está certo da morte se não matar o inimigo".

E fizeram aliança de vida entre eles, e de morte contra os fortes e os inimigos.

Puseram suas tendas nos cumes a fim de descobrirem os propósitos das tribos que não haviam com eles estabelecido aliança de vida e morte c as tendas estavam próximas umas às outras para a defesa e a agressão.

O mais forte chefiou a tribo, porque seu braço violência sobre os que lhe disputavam o prêmio do da força.

Desgalharam ramos das árvores e destes e de pedras agudas e cortantes fizeram instrumentos de guerra e extermínio. Emigravam para fugir da tribo cuja ferocidade temiam, ou para invadir os domínios das tribos cuja debilidade lhes era conhecida.

A freqüência das lutas estimulava seus instintos de ira, de sangue e de vingança. Embriagava-os a vista do sangue e devoravam como feras os inimigos que lhes caía nas mãos.

Assim lutava a mulher como o homem; nas entranhais de ambos ardia o mesmo fogo, a mesma ferocidade.

A violência por causa do egoísmo, do temor e do ódio, e a brutal fornicação assentaram seu horrendo império sobre as primeiras tribos na terceira época do homem.

Oh! se a vossa imaginação tivesse força para retroceder a esses tempos e criar novamente as cenas horríveis tão comum na vida daqueles homens, como cerraríeis, se vos fosse possível, os olhos do espírito, para deles apagar a lembrança e a visão!

A iniqüidade, sem embargo, não era universal. Havia homens, inimigos da fornicação e do sangue, que repreendiam os outros com o exemplo e ainda com palavras, ameaçando-os com as iras do gênio da tempestade e do gigante do trovão, os deuses da idade da força e da carne.

Esses homens eram os justos da Terra, porque seguiam, embora sem ter noção de seus passos, o caminho reto da lei na medida de suas escassa atividade espiritual. Entretanto, justamente porque andavam retamente segundo a luz, logo chegavam ao termo ela viagem. Os dias de sua peregrinação eram curtos, porque os abreviava a ira dos iníquos.

As tribos se acrescem, porque a carne atrai os homens uns aos outros e a iniqüidade os faz débeis, a vingança os entrosa e a usurpação os agrupa.

O irmão com a irmã, o pai com a filha, o filho com a mãe, o homem com o homem. Dentre da tribo a carne; fora, a opressão, o opróbrio e a matança.

O filho é filho da tribo. Só a mãe começa a sentir algum estímulo de sentimento anu roso, mas isso enquanto na primeira infância do filho da tribo.

No homem só dominam a gula, a fornicação e a ferocidade. Pela gula, abre as entranhas do adversário, devora seus membros ainda palpitantes e lhe bebe o sana re ainda quente; pela fornicação, busca a mulher, o homem, o animal imundo que percorre a selva; pela ferocidade, destrói com as mãos, em acesso de ira, o filho da tribo e assalta de noite a tenda do chefe da tribo vizinha com a qual tem estabelecido pacto de amizade.

Vive primeiro dos frutos da terra e dos animais do monte; em seguida a pesca e impõe seu jugo aos animais ferozes, juntando-se em rebanhos que se apascentam ao redor da tribo e com elas passam aos mais remotos climas.

A sua linguagem, filha da necessidade e da luz, é áspera e grosseira como os movimentos do seu inculto coração; o som da palavra, seja qual for o pensamento que expressa, ouve-se sempre à maneira de iracunda ameaça. E o fragor da tormenta da alma, o eco dos ferozes instintos do homem carnal e vingativo.

Dupla capa de trevas, trevas da fornicação e do sangue – Estende-se sobre a miserável humanidade e afoga por enquanto o germe de seu progresso. Os espíritos da pureza e do amor apartam seus olhos da Terra e os dirigem ao céu;

mas não deixam de bendizer a Providência, porque não ignorava que o reinado da iniqüidade e da carne é efêmero; o do espírito e do amor, eternamente duradouro.

A dúvida germina já no entendimento e move as entranhas da criatura, por isso treme e esconde o rosto quando ouvem a terrível palavra de seu Deus no bramido do furacão ou no estridente ronco da nuvem, cujos ecos repetem as depressões das montanhas. Deixai o homem lutando asperamente com a dúvida, vencido aqui e acolá vencedor; ela há de ser o cautério de todas as úlceras da alma.

E com a contínua guerra e a ininterrupta fornicação dos homens, chega ao fim à terceira época da humanidade em sua peregrinação sobre a Terra.

IV

O Quarto Dia do Homem. - A Imigração Adâmica. Seth. Caim

A Providência velava sobre a iniqüidade dos homens da Terra e nos ditames do seu amor resolveu precipitar os tempos da regeneração da pobre humanidade, sem minguar nem coibir a sua atividade voluntária e livre, pelo contrário, enriquecendo-a de luz e emancipando-a da ignorância, que escravizava a vontade do homem naqueles remotos dias de sua infância e de sua primeira juventude.

De todo modo era conveniente abrir-lhe os olhos da alma, para que percebesse o abismo aonde seus pés se dirigiam, iluminando em maior proporção a sua razão e suavizando um tanto as asperezas dos seus sentimentos, que apenas davam o menor indício do que existia no fundo elo seu espírito.

Os frutos amargos da ferocidade e da carne, as mágoas pungentes que o ódio e o temor deixavam embora passageiramente impressas nas entranhas, continham o desbordamento completo das inclinações escusas e afinal a iniqüidade teria matado a iniqüidade e do temor teria surgido o amor; porém o progresso e a depuração elo espírito do homem não obedecem somente aos esforços humanos mas também à cooperação providencial e amorosíssima de Deus. que envia a sua luz das alturas. Das regiões de seu amor o Pai viu a luta fatigante de seus filhos, seus maus caminhos, suas quedas, seus erros, e compadecido em espírito estendeu-lhes a sua mão salvadora, tocou-lhes o coração e o entendimento e os despertou.

Lá na imensidade, nos conchos da Sabedoria eterna, onde a Providência pesa na balança ele seu amor às obras e os pensamentos das criaturas racionais e livres, Deus resolveu exercer sobre os fracos homens da Terra a sua misericórdia, a sua amorosíssima misericórdia, por meio de sua justiça, de um ato de sua santíssima justiça. Sua misericórdia sobre a ignorância, que não discerne; sua justiça sobre os corações cheios de soberba e os entendimentos rebeldes.

Flutua a milhões de léguas do vosso mundo, mas à vossa vista, outro de maior felicidade; um paraíso onde não é conhecida nenhuma das misérias da Terra. Ali, entre os bondosos espíritos elevados pela virtude, moravam outros, -

Adão e Eva, se quiserdes, e sua linhagem - elevados pela luz do seu preclaro entendimento, para que se fizesse neles a prova da misericórdia e se acrisolasse a bondade e o amor de suas entranhas. Pela prova, era-lhes dado purificar-se dos ressaibos e impurezas das concupiscências anteriores e granjearem a posse perpétua do paraíso até os mais venturosos dias de sua futura elevação espiritual. Deles houve os que conquistaram a misericórdia e o paraíso pelas obras de suas mãos e o perfume ele seus sentimentos e estabeleceram ali as tendas de sua peregrinação, sem temor da tempestade que rugia ameaçadora pelo outro lado do monte que deixavam às suas costas. Todavia, houve também os que, na prova, se deixaram vencer pelo egoísmo e pelo orgulho. A luz do seu entendimento, que deviam empregar em registrar e descobrir os perigos da própria pobreza espiritual e estudar a Deus, para bem dizê-lo, nas letras de ouro da criação esculpidas no solo de seus pés e no luminoso firmamento de seu céu, essa luz empregaram em registrar e descobrir os caminhos falazes da sensualidade e dos falsos prazeres da carne, pela opressão da simplicidade e da inocência, em endeusar o próprio entendimento acima da criação e atribuindo-lhe a supremacia que corresponde à Inteligência universal. Não foram mansos e humildes de coração; muito ao contrário, agressivos e inflados de soberba. Oh! como se despenha à criatura racional de rocha em rocha, de precipício em precipício, quando apaga Deus de seu entendimento e substitui seu amor com os desvanecimentos do amor próprio e seu estudo com o estudo dos gozos materiais!

Adão e Eva, e com eles muitos outros de sua geração, todos que haviam tornado estéril, por causa do egoísmo e da

soberba do entendimento, a providencial misericórdia, foram pela justiça expulsos do paraíso e desterrados até a consumarão de seu orgulho e de sua sensualidade. Viram-se obrigados a repassar o monte que nas águas da graça alcançaram, transpor e volver às regiões onde haviam deixado estabelecidas suas tendas. Cairam com ímpeto do paraíso, cujas portas cerrou atrás deles o gênio das recordações, o espírito que segura na destra a espada flamante do cumprimento da lei. Contudo, caíram ostentando no corpo vestígios luminosos de uma beleza perdida e, na fronte, chispa da claridade de seu entendimento e o selo de uma divina promessa, a promessa de uma redenção mais ou menos remota pela humildade do juízo e o amor das entranhas.

Os homens primitivos da Terra se haviam apossado dela em toda a sua redondeza, dos climas boreais ao equador: os homens do paraíso localizaram-se nas regiões do Oriente, para daí derramar-se mais tarde e se apossarem dos quatros ângulos do mundo. Vieram sobre o Oriente porque era o Oriente onde dominava com maiores estragos a violência.

Sucederam-se muitos séculos, e ainda tem ali a violência o seu mais elevado trono.

O Oriente é o berço de todas as civilizações, porque ali nasceram as raças de luz descidas do paraíso; todavia, também foi em todos os tempos o teatro das maiores iniqüidades e das maiores abominações, porque ali foi onde primeiramente se aliaram com a violência a malícia do coração e o entendimento pervertido.

Alguns séculos, e o Oriente se povoou com imigração dos desterrados do paraíso.

- Quem são estes? dizia o homem velho da Terra. São meus filhos e não os conheço. Sou mais forte que eles: meu braço poderia destruí-los sem resistência e, no entanto, olham-me com desprezo. Chegaram por último à região e à tribo e, não obstante, me humilham com o raio de seu olhar e me dão ordens como ao miserável escravo. Quem são estes, que são meus filhos e não os conheço?

- Quem são estas, cuja formosura resplandece sobre a formosura de minhas mulheres e cujo fascinante olhar produz vertigens e desarma o braço iracundo? Vão são minhas filhas? Porém, se são minhas filhas, por que sorriem de meus furores, por que se burlam de minha altivez, por que são tão formosas?

- Oh! sim; são meus filhos e não os conheço: odeio-os. São minhas filhas e sinto nas entranhas, com o gelo de seu desdém, o fogo de seus olhares.

Os homens da imigração invadem uma região do Oriente e chegam até às lindes da onde hoje está a áfrica.

Eles e os primeiros povoadores da Terra formam duas famílias, duas raças que se repelem com força e que se repelirão até que se fundam em uma só raça, uma família, imagem da fraternidade universal.

Ao passo que avançam os filhos da nova geração, retrocedem os homens primitivos. Lentamente desaparecem os segundos das zonas de que sc apossam os primeiros, como sc uma força superior impulsionasse a separação. Os homens velhos correm para o meio-dia e com preferência para o Ocidente; são os homens das selvas e das montanhas. Parece que se consideram impotentes para resistir à invasão e ao esbulho e recuam ante o inimigo para concentrar forças

e começar depois a reconquista de suas tendas e a restauração de seu poder.

No entanto, os filhos de Adão e Eva se estendem pelas planuras, pelas margens dos rios e pelos climas temperados.

Trabalham, além da pedra a da madeira, o ferro que extraem das entranhas da Terra. Destroem as tendas de troncos e ramos, edificam sobre pedra e madeira as primeiras cidades toscas que os olhos humanos viram.

Tecem túnicas e fabricam com elas o ornamento de seus corpos.

Temem e abominam os homens das selvas. Por isso, constroem com o ferro instrumentos de opressão e morte e levantam portas e diques ao redor de suas cidades.

Ao seu impulso erguem-se as civilizações mais antigas da Terra. Ao lado dos ásperos costumes da tribo, dos modos bárbaros e grosseira linguagem do homem da montanha, nascem às relações sociais da cidade, as maneiras estudadas, a dissimilação e os idiomas acomodados às novas necessidades que a diferença no modo de ser das famílias leva atrás de si como seqüelas. Quando os homens se juntam para viver em sociedade e não os acompanham a pureza de sentimentos nem a justiça dos desejos, expandem-se e requintam-se rapidamente as artes que conduzem a dissimulação, porque os homens necessitam praticar as regas da hipocrisia a fim de que não se veja o egoísmo de suas miras e seja possível a sociedade.

A esse objetivo convinha o enriquecimento da linguagem; e a linguagem se enriqueceu de todos aqueles volteios necessários para velar oportunamente o pensamento.

Credes que hoje, com todos os seus decantados progressos, poderia existir na Terra a sociedade, sem

hipocrisia e a dissimulação, sem a mentira nos costumes e na Língua se cada qual se visse forçado a manifestar a verdade de seus sentimentos e propósitos?

Sim, existiria, porém não sem que primeiro se desse uma grande depuração humana, um grande cataclismo no seio das sociedades terrestres; não sem que primeiro a metade dos homens levantasse pendão de extermínio contra a outra metade; não sem que primeiro o sangue corresse em rios e formasse lagos; não sem que primeiro se regenerassem os corações no Jordão de suas lágrimas e se purificassem as consciências no fogo das grandes dores, na piscina das resoluções de justiça tomadas em presença daquelas formidáveis catástrofes que ferem a quantos sobrevivem.

A sociedade edificada sobre a verdade, por conseguinte sobre o amor, existirá na Terra; porém antes sucederão essas coisas. Se estas acontecem de golpe, a transformação será rápida: sobre as ruínas fumegantes se levantará a nova cidade, jovens, exuberante de seiva e de virtude, que crescerá como que edificada pelo espírito de Deus e encherá a Terra. Se acontecem-se com lentidão, com a lentidão das obras dos homens lenta será também a transformação e a cidade nova se edificará sobre a velha, casa por casa, torre por torre à medida que os bamboleantes monumentos, que as carcomidas instituições desmoronarem. Assistimos todavia aos estertores do sexto dia do homem e da morada do homem; o passar de um dia a outro vai sempre precedido de um juízo, de um veredicto e de uma separação necessária: tudo aquilo que exige uma rápida sucessão de acontecimentos, um brusco desequilíbrio, a partir do qual se contam as gerações e os dias e se edifica a nova civilização.

E depois dessas coisas sabeis o que restará das vossas instituições atuais, de vossas leis e governos, de vossa civilização? O que resta das primeiras civilizações do Oriente; da antiqüíssima civilização do Egito; dos medos e dos persas, dos helenos e romanos? O que resta de todas as civilizações mortas, porque cumpriram a necessidade que lhes deu vida: o cadáver.

A presente geração, apesar de viver na dissimulação e hipocrisia, sente afogar-se na atmosfera de corrupção que respira e busca uma corrente de ar puro que, restaurando as suas forças, refresque suas esperanças murchas. Vive na mentira, porém sente-se ávida de verdade; opera o egoísmo, o positivismo individualista, mas a intima inspiração de sua alma é a regeneração de todos pela justiça e o amor; entrega-se aos gozos sibariticos do sensualismo, que são como a fosforescência da felicidade; mas no fastio, na degeneração, acha o resultado da embriaguez dos sentidos e, se envergonhado de si mesmo, volve como o náufrago os olhos em todas as direções e implora a Terra e aos céus outra felicidade mais pura, mais estável, outros gozos que não deixem no coração marcas de dor, lagrimam de desconsolo, espinhos de remorso e de vergonha. Perdida corre a humanidade dos tempos presente!... Encontrará a luz de seus caminhos?

A geração de hoje produz o mal, mas deseja o bem e o desejo do bem a salvará

Não assim o homem do quarto dia.

O homem da imaginação, o Adão bíblico, depois da queda, contempla-se formoso, forte e inteligente; contempla a mulher, bela, com a beleza da paixão e do deleite, e exclama:

- A vida é o amor, a voluptuosidade, o domínio, a posse da Terra; é o descobrimento dos segredos da Natureza para o aumento do bem-estar e a multiplicação dos gozos; é o prolongamento da juventude, a robustez e vigor do corpo para o prazer, a satisfação de apetites e desejos: esta é a vida. -Amemos, pois, e juntemo-nos para ser forte; gozemos e dominemos.

E vem o culto das paixões, a guerra de raça contra raça, de povo contra povo, de região contra região, de uma parte da grande família humana, filha de Deus, contra outra, não menos filha do amor e da sabedoria do Ser que do alto olha compassivo os extravios de seus filhos. Entre os homens primitivos cia Terra, a brutalidade, a arrogância, o ódio; entre os homens da imaginação, o requinte nos prazeres, ciência dos gozos, a dissimulação, o apego às riquezas, a aspiração insensata de domínio. O Deus dos primeiros ruge no furação e fulmina sua ira no relâmpago; o dos estrangeiros vindos do paraíso se humaniza e cede a todos os apetites, a todas as concupiscências, até oferecer-se a seus adoradores em formas agradáveis, em todas as que melhor possam atiçar as paixões sensuais.

Nem todos os filhos da imigração meditam e praticam a iniqüidade desvie o princípio e em seqüência; alguns voltaram ao caminho da lei, do qual se tinham apartado em sua morada anterior e ganham, pela justiça de suas obras e humildade de sentimento, a felicidade perdida por seu egoísmo e orgulho.

Seth é o símbolo alegórico dos desterrados que reivindicam pela virtude o direito de voltar à pátria perdida, deixando definitivamente as praias inóspitas do desterro. Caim, ao contrário, simboliza a multidão de espíritos para os

quais a luz que irradiam ilumina somente os tortuosos caminhos de sua corrupção e os castelos de sua soberba. Ambos, Seth e Caim, não foram nesses tempos duas personalidades reais; foram os símbolos dos dois ramos em que se bifurcou a árvore da geração adâmica, o menor elevando-se até o céu, o outro torcendo-se para a Terra para nela apoiar-se.

Entretanto, no curso dos tempos, os descendentes dos homens simbolizados em Seth tomaram da linhagem de Caim a corrupção dos costumes. A iniqüidade das paixões e a soberba do coração encheram as partes do globo habitadas pelas raças estrangeiras.

Misturam-se com os homens primitivos sob o manto de amizade e proteção; a proteção foi tirania e a amizade crudelíssimo sarcasmo. Não tereis visto esse mesmo iníquo proceder em vossos dias, quando o mundo antigo, abrindo caminho através dos mares do Ocidente, deixou-se cair sobre as terras pressupostas e redescobertas no outro lado do Atlântico. Não acontece ainda o mesmo à vossa vista no dia de hoje?

Tudo porém se realiza providencialmente. A injustiça dos invasores do velho continente no novo encontrou o castigo, ao mesmo tempo em que com suas luzes iluminava os horizontes de um povo que se arrastava nas trevas da barbárie. Assim também o homem primitivo: sob a opressão e tirania dos estrangeiros do paraíso achou a luz que haveria de guiá-lo à verdadeira liberdade.

A inteligência do homem dilatava cada dia seus confins, mas era a inteligência ela corrupção e o mal se assenhoreava do mundo. Eram necessárias terríveis ameaças para deter as gerações no caminho de sua embriaguez. Por sorte, ainda

havia na Terra elementos suficientes para a ameaça e o castigo. As paixões inflamaram discórdias e guerras devastadoras; os tremores terrestres inundavam de água e fogo as regiões mais povoadas e fecundas. Povos inteiros sucumbiam e a notícia da espantosa inundação correu boa parte da Terra.

Tal foi o dia quarto da história da humanidade terrestre.

V

O Quinto Dia. - A Lenda do Dilúvio. - A Iniciação. O Cristo do Oriente

Essas são os ultimas inundações gerais da Terra até hoje e para sempre (1).

(1) As inundações de que se fala no final do capitulo anterior.

Estenderam-se principalmente pelo ocidente da Ásia, norte da África e o oriente da região hoje conhecida por Europa. Territórios inteiros com seus povoados e cidades ficaram sepultados debaixo das águas. O aspecto geral do globo sofreu notáveis transformações, que deixaram sinais indeléveis, mercê dos quais poderá a Ciência humana retificar grandes erros alimentados pelo egoísmo e causados pela ignorância da história do planeta e das gerações que sucessivamente o povoaram.

Desses tempos e desses acontecimentos nasceram às tradições de alguns povos concernentes a uma inundação

universal. Tribos inteiras se afogaram, mas as águas não lograram invadir a décima parte dos continentes descobertos.

Uma dessas tradições foi a dos caldeus, comum também á dos fenícios, porque nestes povos foi onde o flagelo causou mais vitimas e mais terríveis estragos.

Contava-se que ali, em remotíssimos tempos, uma invasão de águas arrancadas do leito dos mares pela vontade dos deuses e aglomeradas nas nuvens do firmamento mudara o orbe e riscara do livro da vida as corrompidas gerações humanas. Só muito reduzido numero de justos, que encontraram salvação em uma tábua providencialmente enviada pelos emissários do Deus supremo, haviam sobrevivido e foram os pais das nações. Os poetas cantavam a tradicional lenda e assim passava de geração a geração, de povo a povo, embelezada pelo mistério do tempo e pelos rasgos peculiares da imaginação de cada povo.

A lenda, que tinha fundo de verdade, correu por grande parte da Ásia e algumas regiões da África e da Europa, se bem cada país a transformasse acomodando-a ao seu caráter e, podemos dizer, à sua especial literatura. Mais adiante, das tradições egípcias tomou-a o historiador hebreu e a escreveu como símbolo na história da geração e vicissitudes de seu povo.

Em conseqüência das revoluções físicas do globo veio a revolução moral das consciências, pela estreita solidariedade que reina entre todas as forças do universo, mercê da qual umas reagem sobre as outras e reciprocamente se completam, obedecendo à lei dos movimentos harmônicos.

A memória e as conseqüências do castigo infundiram na mente dos povos a idéia do merecimento pela infração da lei e vira-se brotar, aqui e ali, espíritos em missão que atiravam

ao rosto dos homens os seus passados erros e as suas abominações presentes.

Considerando-se, em seu isolamento, sem forças para derribar os altares erigidos aos deuses da concupiscência, levantaram sobre esses prostituídos altares um trono ao Deus: Máximo, à Deidade Onipotente, preparando desse modo os tempos em que o Pai dos deuses arrojaria do Olimpo as imagens vis, os mitos impudicos das leviandades humanos, Uma vez convertidos em tributários do Deus da verdade, os deuses da mentira, o tempo e o progresso se encarregaram de os despojar por completo de sua jurisdição usurpada e corruptora influência.

A idéia cristã começava a ser o mistério dos sábios e o desejo dos espíritos fortes. Por isso os sábios se reúnem na obscuridade e se iniciam em seus pressentimentos; por isso os fortes levantam a cerviz e medem com olhos irados a resistência das cadeias que oprimem os fracos.

No segredo de sua iniciação escrevem os sábios livros da regeneração, que dão ao povo como recebidos do Deus Máximo, e no convencimento do seu poder meditam os fortes o momento ele libertar o oprimido.

A fraude dos sábios é a prudência do irmão maior, que toma o nome do pai de família para evitar os extravios dos irmãos pequeninos. Em verdade, são inspirações da Sabedoria os livros de regeneração e virtude.

No entanto, continuam as usurpações, as guerras e a luxuria; a opressão e a escravidão dos homens primitivos. A inteligência sensual e corrompida avassala a ignorância e fá-la servir os seus próprios desígnios.

Estendem-se o culto idólatra das paixões ao Ocidente e Meio-dia, nas terras que se chamam Europa e África;

enquanto nas ilhas e continentes nesse tempo não descobertos brilhava ainda a tranqüila adoração da segunda época do homem, ou dormia este o sono pesado de sua estupidez primitiva, a iniciação se propagava e deitava fundas raízes nas regiões orientais da Ásia.

Ali a iniciação se robustece de um pressentimento fecundíssimo, capaz de por si só levantar uma civilização robusta: pressentimento da imortalidade ela alma. Todavia esta fecunda idéia não entra no domínio do vulgo senão depois de alguns séculos, porque os iniciados, adivinhando que poderia perturbar ao invés de levar a luz aos espíritos, guardam-na selada no mistério.

Prossegue aqui e ali a luta ele invasão e opressão da parte de uns, e de resistência e fera vingança da parte de outros, entre os homens de Adão e os descendentes dos velhos povoadores: luta necessária e regeneradora, porque o ódio e a crueldade das tribos selvagens servem à expiação dos moradores da cidade, à cultura e superior inteligência desses ao despertar e ao progresso das condições morais das raças primitivas.

Uns são contrapeso e complemento dos outros dentro da harmonia espiritual do universo. É a iniqüidade brutal dos sentidos à frente da iniqüidade cética e positivista do espírito. A primeira se assenhora do mundo e escraviza; a segunda arrasa as cidades e se alimenta ele sangue.

Contudo, em resultado definitivo a vitória, e sempre ela inteligência sobre a força e, por conseguinte, das cidades sobre as tribos. Os filhos de Tubalcaim não bastam para fundir o ferro que se necessita para forjar as cadeias com que oprimem aos fortes.

Que importa, porém, a escravidão do corpo, se ela é o princípio da emancipação e independência do espírito? Debaixo das cadeias geme o homem primitivo, mas sua alma aprende a voar nas asas da esperança.

Essa luta de raças e aspirações opostas servem grandemente para preparar o fim que presidiu na criação da Terra e na imigração forçada dos espíritos de luz que pela luz haviam delinqüido; a fusão, em uma só família, de todos os povos, realizada pelo trabalho e pelo amor depois da expiação da iniqüidade e da depuração das almas.

As primeiras tendências a essa fusão universal vieram amanhecer nas regiões mais orientais do globo; como se o sol dos espíritos devesse seguir o mesmo curso do astro que fecunda com os eflúvios de luz a redondeza do planeta.

A iniciação havia nascido no Ocidente da Ásia, mas se estendeu para o Oriente, onde deitou novas e mais profundas raízes. De lá vieram os iniciados e daqui os mestres e doutores da regeneradora iniciação religiosa. Eram os primeiros, filhos avantajados dos homens do paraíso e um ou outro dos povoadores originais da Terra; mas os segundos, espíritos de missão para impelir a humanidade terrestre ao cumprimento de seus futuros destinos.

Os iniciados conceberam a idéia do Deus do bem ao lado do Deus do mal, compartilhando ambos a criação e a direção do mundo e de seus sucessos, e a idéia da imortalidade da alma no seio de Deus, na absorção divina. Os mestres ensinaram a unidade do Grande Princípio e a persistência eterna das almas em si mesmas e em Deus; falaram cia felicidade e origem comum das criaturas, da redenção pelas obras, da preexistência espiritual como sanção da pós-existência, dos anjos e dos demônios.

Entre os mestres houve doutores; entre os doutores, messias, e entre os messias, primeiro o Cristo. A Boa Nova do Deus Pai e dos homens filhos de Deus foi pregada por Cristo, nos confins do nascimento do sol.

O Cristo pôs sobre sua cabeça as doutrinas dos mestres e dos messias e as simbolizou em uma só palavra CARIDADE, ponto de partida e termo das virtudes humanas e da revelação, orvalho do céu que desce das conselhos de Deus.

O Cristo fugiu da iniqüidade dos seus ao ocidente do tempo, que formavam as multidões; mas a semente da Boa Nova caiu ao solo disposta a germinar um dia em virtude dos trabalhos oportunamente ordenados pelo previdente e sapientíssimo pai de família.

Todavia, quem ao sair da escuridão não maldiz a rutilante luz do sol? Por isso maldisseram o Cristo os cegos de seu tempo, que formaram as multidões; mas a semente da Boa Nova caiu ao solo, disposta a germinar dos trabalhos oportunamente ordenados sapientíssimo pai de família.

O Cristo fugiu da iniqüidade dos seus, ao ocidente dos seus a oeste do Oriente, onde estabeleceu alguns como mestres de seu Evangelho, voltou ao Oriente e ali ofereceu a vida ao ódio e a ignorância. Morreu para dar virtude à semente e exemplo de virtudes aos mestres do povo.

Sua vinda e pregação eram necessárias: haviam de preparar a vinda e a pregação do Cristo da Galileia, porque os homens tomariam a testamento do primeiro e fariam retos os caminhos do segundo.

Os mestres se apoderaram das doutrinas do Cristo para a redenção das almas, mas fizeram sua a redenção e levantaram sobre ela um sacerdócio de conveniência e de

raças. Poder-se-ia dizer que haviam recolhido a túnica do grande Mártir e sobre ela deitado sorte, iniciando a época de preponderância e domínio pelo tempo.

O Cristo libertara os espíritos, salvando-os da absorção no seio da Divindade; mas us sacerdotes os condenaram de novo a essa absorção, que é a morte da eternidade das almas. O mesmo fizeram os sacerdotes de todos os tempos para impor despoticamente sua influência e interesse, tomando como meio os exageros do fanatismo, que asfixiam o coração e a mente.

Sem embargo, a palavra do Enviado não haveria de ser estéril nem para as gerações de seu tempo, nem para as que se iriam sucedendo. A boa semente penetrou em algumas consciências retas chamadas a transmiti-las aos homens de boa vontade. A árvore, exteriormente seca desde o seu aparecimento, haveria de brotar mais tarde em virtude da riqueza de sua benfazeja seiva e cobrir com sua soberba ramagem toda a redondeza da Terra.

Os sacerdotes do Oriente quiseram açambarcar a luz que haviam recebido e retê-la em seus domínios; mas a luz penetrou as trevas e salvou os obstáculos amontoados no egoísmo e no interesse. Atravessou o centro das regiões asiáticas, chegou até à Pérsia e à Caldéia, e seus resplendores ainda alumiaram os egípcios, que os refletiram transformados de religião em filosofia aos confins da Grécia, mais tarde mãe da cultura do mundo (1).

(1) Pelo Cristo de que se fala em parágrafos precedentes, entendemos o Crisma das Escrituras e tradições bramânicas.

Abraão - Suas Viagens - Sua Política e Seus Planos. - Isaac e Ismael. - Testamento e Morte de Abraão. - Esaú e Jacó. - Sua Educação e Elevação. Os Filhos de Jacó no Egito

O Cristo é o primeiro personagem verdadeiramente histórico das Escrituras indianas, assim como Abraão é o primeiro personagem verdadeiramente histórico das Escrituras hebraicas.

Antes do Cristo dos orientais e antes do Abraão dos hebreus, a iniciação e a alegoria.

Um foi o fundador da civilização-mãe, o outro pôs a primeira pedra na obra da formação e civilização de um povo, filho dos homens primitivos da Terra.

O Cristo estabeleceu sua doutrina chamando as porta, do entendimento e do coração as gerações humanas, preparando desse modo à emancipação dos povos, pelo amor, e o consolo dos oprimidos, pela esperança. Abraão inaugurou a organização da força dos fracos, para resistir aos fortes e sacudir o jugo da opressão e a injustiça. Um era a voz do cumprimento da lei, o outro o protesto dos homens desamparados.

Abraão, descendente de um dos chefes das tribos que moravam nas selvas e às margens dos rios, apartados de todo comércio com as cidades, contra as quais sustentavam contínua guerra de emancipação e resistência, herdara de seus avós todos os ultrajes recebidos e a indignação que despertam nos peitos generosos o opróbrio e a injustiça. Vivia entre os seus inimigos como se tivesse esquecido as

injúrias do passado e confundido suas aspirações e gostos com as aspirações e gostos dos homens das cidades; em realidade, porém, habitava entre eles para estudá-los em seus costumes íntimos e aproveitar seus ensinamentos assim como suas debilidades, em benefício, dos servos. Para triunfar do inimigo, é preciso conhecer os meios com que haverá de lutar e seus pontos vulneráveis.

Deixou a cidade em que viveram seus pais e avós e grande parte das riquezas por eles acumuladas à força de engenho e trabalho, Haviam-no precedido, a seu mando, sua mulher e seus servos e as servas de sua mulher e o acompanharam aqueles cujo coração soube granjear,

Peregrinou com os seus pelo deserto em direção entre Ocidente e Meio-dia, agrupando simultaneamente a seu redor todos os homens que derramavam lágrimas de injustiça.

Consigo levou também a iniciação das crenças dos sábios, entre os quais Abraão era contado.

Onde Abraão? - perguntavam os chefes da cidade-, onde o primogênito dos nossos inimigos? E deitaram língua na peregrinação de Abraão, mas debalde, porque espíritos de justiça e de bondade dirigiam suas resoluções e encaminhavam seus passos em segredo.

No entanto, Abraão, oculto na obscuridade, envia seus emissários às selvas e se entende com os primeiros das tribos errantes. E as fogueiras dos oprimidos alumiam durante a noite as cristas dos montes e acendem no peito dos escravos risonhas esperanças.

E o chefe de todos, porque é o mais animoso, o mais sábio e o mais autêntico. Formam circulo ao seu redor os que guiaram as tribos e dobram a cerviz a seus conselhos.

Ele os adestra no emprego da astúcia, porque seus inimigos das cidades são os mais astutos entre as gerações dos homens, como que vieram de cima envoltos na luz de sua inteligência pervertida.

Esse é um princípio de um principio de um povo que mais tarde será mestre de muitos povos.

Chegou Abraão aos confins do Ponto, visitando os desterrados que se localizaram nas margens orientais e meridionais do grande golfo, que hoje é chamado Mar Negro e separa Ásia da Europa. Ali anunciou a palavra de esperança e continuou sua peregrinação aos desertos do Meio-dia até chegar ao golfo que divide a Ásia da África.

Ainda não deteve os seus passos. Os inimigos eram poderosos ao extremo e era-lhe necessário concentrar todas as forças. Procura o Mar Vermelho, desce à região do Egito e toca a buzina aos ouvidos dos que perguntam quem há de ser seu redentor e seu chefe.

Os caldeus já não se dão conta do fugitivo de Ur. Julgam-no morto ou incapaz de resistência, muito menos para invasão das cidades.

Todavia Abraão, uma vez posto em contacto com os irmãos, os servos das terras visitadas, volve seus passos até o Ponto, onde o esperavam prontos a levantar a cabeça contra a opressão os chefes dessas tribos.

Tomou-as sob a direção de sua astúcia e esperou. Dormiam as cidades em seu poder e em seus vícios; quando não suspeitavam a tempestade, rugiu o trovão e os habitantes de algumas cidades, com seus capitães, foram passados a fio de espada. A fama se propagou até a Caldéia e os caldeus se lembraram do fugitivo de Ur.

Ao mesmo tempo brilharam por toda parte chispa de incêndio, porque por toda parte haviam Abraão deixado algo da semente de seu pensamento.

Entre os mais animosos dos chefes dos servos meios Isaac e Ismael, filhos do capitão dos chefes.

Contudo, Ismael fugiu para longínquas terras em ao Meio-dia, por causa de rixas e desentendimentos domésticos e porque haveria de dar o grito de guerra entre os homens das selvas meridionais, que só a faziam aos ferozes das montanhas.

Isaac caiu nas mãos dos homens das cidades. Para salvar a sua vida e resgatá-lo, teve Abraão de depor as armas e devolver às cidades seus primeiros limites, adiando assim muito a contragosto o momento da emancipação de sua raça.

A fim de que não resultassem vãos os sacrifícios feitos, nem infecundo o sangue tão prodigamente derramado, consagrou-se a obter pela paz o que não havia conseguido pela guerra: a organização e a cultura das tribos e a dispô-las para as eventualidades do futuro.

Tomou o sentimento religioso por base da civilização que se propunha levantar e a circuncisão como selo dos filhos de seu povo.

Falou-lhes de que o Senhor Deus de todas as gentes lhe tinha aparecido em sonhos, por um de seus emissários celestiais, prometendo-lhe que seu povo seria poderoso entre os povos da Terra se fechasse os ouvidos às sugestões iníquas e os abrisse à justiça; que cairia porém em longas e duras servidões, se os fechasse à justiça e os abrisse à iniqüidade e à abominação dos ídolos, como os filhos das cidades.

Proibiu-lhes, com ameaças do Alto, misturarem-se aos idólatras e não permitiu a seu filho tomar mulher nem dos caldeus, nem dos persas, nem dos egípcios, só entre donzelas de seu povo.

Ensinou-lhes os mandamentos da justiça, novos para as tribos, e a adoração ao Senhor Deus e o sacrifício.

Como não podia desconhecer as aspirações materializadas, os desejos grosseiros e carnais dos homens de seu povo, falou-lhes do Deus do trovão e da vingança, de uma longa e próspera vida para os fiéis observadores da lei da consciência e de terríveis castigos neste mundo para os transgressores amantes do mal alheio e dos deleites pessoais. Da alma imortal e da transmigração do espírito falou com Isaac, seu filho, e com os mais doutos entre os que eram reputados sábios. Na mente e no coração daquela gente, a morte do corpo era o mesmo que a morte do espírito. Criam em Deus, em um Deus feito à sua semelhança, superior em sabedoria e poder; porém não suspeitavam ainda da possibilidade de uma recompensa ou de uma expiação ulteriores à vida.

Abraão baixou ao sepulcro, deixando a iniciação religiosa por testamento, posta a primeira pedra na obra de emancipação e dignificação do povo primitivo da Terra.

Legou seu testamento a Isaac e morreu em paz, dando encomendando seu espírito ao Senhor.

Isaac continuou as últimas tradições do pai. Ensinou aos seus o cultivo da terra e com o seu bom exemplo a justiça. Amarguraram sua existência antagonismos de família, produzidos pela inveja de seus filhos Esaú e Jacó, que só terminaram com o desaparecimento de Esaú, o qual fugiu para terras longínquas por causa das carinhosas preferências

de sua mãe por Jacó. Este foi instruído pelo pai na iniciação religiosa e na educação do povo cujos modestos destinos iria dirigir.

Morto Isaac, pretendeu Esaú reivindicarem seus direitos ao patriarcado do povo. Era animoso e não lhe faltaram partidários. Todavia, o ter chamado em sua ajuda os estrangeiros privou-o do apóio dos seus, que o abandonaram à própria sorte; vencido e humilhado Esaú, ficou Jacó na posse pacífica da cobiçada chefia.

Os antagonismos hereditários continuaram entre seus filhos, que foram doze varões e Diná. Um ultraje consumado na pessoa de Diná foi pretexto, para os filhos de Jacó, da destruirão de um povo.

O Patriarca teve de se separar do menor de seus filhos, a fim de subtraí-lo ao ódio dos demais irmãos, que haviam surpreendido com invejosa desconfiança as carinhosas preferências com que o pai o distinguia. Enviou-o ao Egito, onde o fez instruir na iniciação e nas tradições orientais, como também nas ciências profanas, que há esse tempo tinham no Egito o mais elevado destaque.

José, - que este era o menor dos filhos de Jacó -, bebeu nas fontes egípcias toda a sabedoria da época em tal grau que, mesmo entre os mestres, era julgado o primeiro. Seu saber e suas virtudes o levaram à confiança do Rei, que nele depositou pouco menos que todo o peso da governança do Estado.

Enviou notícias de sua ascensão ao velho pai e o chamou para perto dele, bem como os irmãos, para que compartilhassem da providencial prosperidade.

Veio Jacó ao Egito e falou ao ouvido de José, dos segredos do governo e das tradições que herdara de seu pai

Isaac e de seu avô Abraão no tocante aos destinos de seu povo.

Vieram também Judá e Benjamim e os outros filhos de Jacó com suas mulheres e filhos e todos os servos, que eram em grande número, e todos os rebanhos que possuíam, que eram muitos.

Todavia, a fim de que os hebreus não despertassem receios nos homens da cidade, dispôs José, com a anuência do Rei, que toda a tribo, salvo o patriarca Jacó, acampasse fora dos muros, na terra mais a Oriente, conhecida por terra de Gósen.

Desde então José concentrou o pensamento, recorrendo em suas dúvidas a Jacó, para o acerto na direção das coisas do Egito, correspondendo à confiança do Rei e à educação política e moral do povo hebreu, sem a qual não lhe seria possível altear-se nem sobre os egípcios nem sobre qualquer dos povos da Terra.

O ministério de José na corte egípcia durou tanto quanto a vida de seu régio protetor. Pôde assim fomentar longamente os interesses de sua raça e chamar a seu lado os irmãos para lhes dar parte nos projetos de engrandecimento das tribos.

Morreu Jacó, deixando a Judá e a José o testamento de Abraão e Isaac; morreu depois o Rei, protetor de José e dos hebreus. Seu sucessor, receoso da proliferação das tribos, despojou José das insígnias do poder e chamou à cidade os homens de Gósen para vigiá-los e oprimi-los.

Entraram na cidade como servos, e José e seus irmãos foram apontados aos homens de armas como perigosos para a paz e a tranqüilidade dos egípcios. Não se atreveu o Rei a ordenar a prisão e a morte de José e Judá porque muitos

egípcios se lembraram da justiça de José no longo tempo em que regeu os destinos do Egito.

José morreu de velhice, deixando aos seus filhos e aos filhos de Judá, que era o primogênito, embora não o maior dos irmãos, o testamento secreto de Abraão, de Isaac e de Jacó.

Morto José, em quem os egípcios sempre respeitaram a sabedoria e a justiça, rompeu-se o laço de união entre os egípcios e os hebreus; o Rei pôde oprimir estes últimos sem despertar indignação nem as murmurações de seu povo.

Ele via aumentar no Egito, dia a dia, a casa de Jacó e não considerava impossível que os hebreus impusessem aos egípcios, em tempo não muito remoto, as suas força e vontade. Sabia que, chefiados por Abraão, se haviam levantado em armas contra as cidades e suspeitava da existência de um testamento de guerra e emancipação, filhos entre os chefes das tribos.

Abandonou por isso os hebreus à injustiça dos egípcios e os chefes dos hebreus à vigilância e ação dos homens de armas do Egito.

Leis especiais, progressivamente mais rigorosas, diferentes das sábias leis comuns do Egito, regeram desde então os filhos de Israel; leis inspiradas pelo temor, que é o mais injusto dos conselheiros das ações humanas.

Proibiu-lhes, primeiramente, dedicarem-se ao estudo das ciências, pertencerem à milícia e ao sacerdócio e exercerem o ensino e cargos da administração ou do governo do país.

A seguir, foram-lhes congelados os bens imóveis; tornaram-nos legalmente incapazes de possuí-los no futuro e foram declaradas coisas do Estado, sobre as quais podia o governo operar impunemente, sem responsabilidades.

Outrossim, os filhos dos hebreus, desde o nascimento, não ficavam sob o domínio paterno mas debaixo da jurisdição, nesse ponto onímoda, dos delegados do poder.

Em uma palavra, houve no Egito dois povos: um, senhor; o outro, escravo, na mais aflitiva e infamante escravidão. Qual não seria a indignação dos fortes que trabalhavam em segredo a fim de libertar de tanta humilhação à casa de Israel!

De tempos em tempos essa indignação sublevava os ânimos e o escravo intentava quebrar os ferros do insuportável cativeiro; derramava-se então o sangue de centenas de míseros hebreus e forjava-se mais um grilhão para os oprimir.

Era o israelita um povo tão apegado aos instintos materiais e grosseiros e não teria tido virtude para levantar uma civilização fecunda, se antes não se tivesse desprendido de suas escórias no crisol do infortúnio.

Era porém um povo vigoroso em toda a força fecundante do princípio de vida e se multiplicava e crescia rapidamente em meio aos rigores a que o sujeitava o cruel despotismo dos reis do Egito. E o número cada dia maior dos oprimidos aumentava os temores e a crueldade do opressor.

VII

Moisés. - Sua Emigração ao Sinai. - A Visão. - Volta Moisés a Cidade

Haviam transcorrido bem perto de quatro séculos desde o estabelecimento da casa e tribo de Jacó na terra egípcia de Gósen.

Da família de Levi saiu um precioso rebento, um menino que por sua singular formosura encontrou graça no palácio dos reis. Havia-o salvo da brutalidade dos editos a filha do príncipe, que possuía todo o amor de seus pais e sob os generosos auspícios da nobilíssima donzela foi o menino recebido na casa do Rei e entregue à educação dos sacerdotes e dos sábios da corte.

Chamaram-no Moisés, e os homens de armas dobravam os joelhos em sua presença, como em presença da real princesa filha do Faraó dos egípcios.

Crescia o menino em formosura e discrição e no amor aos filhos de Levi, José e Judá, aos filhos de todos os que o eram de Jacó e que haviam descido ao Egito nos dias cia elevação de José.

O favor real não o cegou nem teve poder de fazê-lo olvidar seu nascimento e a vergonhosa humilhação de seus irmãos. Transpassavam-lhe a alma os opróbrios de que eram alvo e as perseguições de que eram vítimas freqüentemente.

Quem libertará da injustiça os filhos de meu pai Jacó? Onde está a indignação dos fortes, o braço que há de quebrar as cadeias vergonhosas?

Isso perguntava o filho de Levi ao ouvido dos que choravam, pois que resolvera abandonar os prazeres dos palácios reais onde morava e oferecer seu braço aos vingadores de Israel.

Pôde averiguar que os que não choravam e meditavam eram os descendentes de Judá e os primogênitos dos

descendentes de José, os quais se reuniam em segredo, contavam e recontavam os homens de Rubem, de Simeão, de Judá, de Levi e das demais casas saídas de Abraão.

Então Moisés seguiu de noite os passos dos descendentes de Judá e de José e, tendo-os surpreendido em seus conluios censurou-os, dizendo: Porque vos arreceais de mim? Esqueces que sou filho de Jacó vosso pai?. Julgais talvez, porque como na mesa do Faraó, que sou egípcio?

Ouvindo isso, os primogênitos de José e de Judá reconheceram a alma de Moisés e puseram a seus olhos o testamento de liberdade das tribos transmitido desde Abraão.

Deliberaram juntos acerca do testamento; contaram os filhos de Israel que moravam dentro e fora da cidade; calcularam o número dos egípcios que podiam manejar a espada e resolveram que os dias do testamento de Jacó estavam pertos.

Ai dos opressores! exclamaram, e, sussurrando um ao ouvido do outro a palavra da senha, retiraram-se animados para seus lares.

Ao sair da reunião, observou Moisés que um dos homens de armas do Faraó seguia sigilosamente suas pegadas. Temeroso de que houvesse surpreendido o segredo dos hebreus, caiu de ímpeto sobre o homem de armas e fechou sua boca para sempre.

Não voltou entretanto à presença do rei. Para salvar a vida, que era necessária aos seus, e aguardar a hora da libertação das tribos, fugiu da cidade para o Sinai; ali permaneceu oculto na tenda de um sacerdote egípcio, que oferecia sacrifício aos deuses implorando a abundância e a prosperidade para os moradores da região.

Grato à piedade do sacerdote, o filho de Levi tomou por mulher uma de suas filhas e jurou-lhe ainda que, no dia da glorificação das tribos, seria contado entre os descendentes de Levi e entre os sacerdotes de Israel.

*

Moisés, que era rapazote quando fugiu da cidade, capital dos egípcios, viveu no monte em companhia do sacerdote até alcançar a plenitude da virilidade e da prudência e experiência que lhe seriam necessárias na empresa e que estava destinado. Gemiam no entanto os hebreus sob o látego dos imperiosos egípcios e só os mais idosos e os chefes inconfidentes possuíam a chave dos planos secretos de Moisés

Aarão, seu irmão, era quem recebia as palavras de sua boca e as repetia ao ouvido de Judá e de José e o próprio Aarão retinha em sua mente o pensamento dos mais idosos e dos chefes, levando-o ao ouvido de Moisés no Sinai.

Dessarte, estava Moisés no monte para livrar sua alma das armadilhas dos exploradores, e estava na cidade para conhecer os planos e as obras dos inimigos de seu povo.

Morreu o rei e foi elevado ao trono dos Faraós um seu irmão, que abominava mais que todos os seus predecessores os filhos de Jacó, contra os quais fez editos de feroz perseguição no princípio de seu reinado, revelando o intento de extinguir na Terra o nome e a descendência de Israel.

Foi então que os anciãos dos hebreus rasgaram as suas túnicas e os chefes das tribos ergueram o braço em presença de Aarão e lhe disseram: Vai a teu irmão, que vive no Sinai

em casa do sacerdote da região, e lhe dirás: Isto viram meus olhos.

Foi Aarão e disse o que vira e ouvira. Moisés compreendeu que eram chegados os dias do testamento de Abraão.

Todavia, andava ele pensativo e temeroso, porque não acertava o caminho por onde chegar à cidade e libertarem os seus, julgava que sua vida cairia nos laços dos egípcios e vacilava.

Prostrou-se de joelhos e, inclinando a fronte, exclamava: Senhor! Senhor! Deus de meus pais Abraão, Isaac e Jacó! onde acharei a salvação dos meus irmãos que gemem? Luz, Senhor, Senhor!

E dos mananciais da luz veio à luz, porque Moisés viu visão de espírito e ouviu em sua alma o pensamento do espírito, que lhe dizia:

Não temas, Moisés, não temas, porque escrito está que os soberbos hão de ser humilhados e os perseguidores perseguidos, e a cada qual segundo suas mãos. Fecha os olhos e desce à cidade; que os inimigos do teu povo têm olhos e não verão, têm ouvidos, mas não ouvirão. Vai à cidade, congrega os chefes e os anciãos e lhes dirás: Isto disse o espírito que cobre com suas asas as tendas dos filhos de Jacó: Que a justiça seja vossa medida, porquanto, se fordes justo, Deus estará convosco em toda a casa de Israel. Os dias chegaram e o que tiver a semente na mão deixe de semear, o que tiver começado a edificar sua tenda deixe o escopro e o martelo. Os egípcios dormem, porque não foram justos convosco e, antes que despertem, vossa liberdade estará em vossas mãos e justo que se alegrem os que gemem, respirem os que se afogam. Mas, aí dos egípcios no dia de

hoje, porque oprimiram! Mas, ai dos hebreus no dia que virá, se não é a justiça a sua medida! Hoje Egito, amanhã Israel: esta é a lei, até a consumação da iniqüidade do mundo".

Moisés voltou a si e, vendo ainda em sua presença o irmão Aarão, mandou que ele o precedesse e avisasse de sua próxima chegada os chefes para que o aguardassem prevenidos à hora do sono da cidade; antes de deixar o monte, queria prosternar-se e orar pela sorte das tribos e dar o ósculo de amor e paz a sua mulher e filhos e ao sacerdote egípcio, pai de sua mulher.

Fez assim; e quando as sombras começavam a subir as encostas da montanha desceu Moisés do Sinai, trilhando caminhos ignorados em direção à cidade.

VIII

Os Anciãos de Israel em Presença do Faraó - Plano de Moisés para Libertar seu Povo da Servidão

Que se passa na cidade dos Faraós? Porventura o Rei teria anulado os editos de opressão que pesavam sobre os homens da casa de Jacó? Vêem-se os israelitas discorrendo livremente pelas ruas e praças, desenhada nos lábios a alegria e nos olhos a esperança do coração.

Deixaram se ser servos os descendentes de Abraão? Os trabalhos públicos desertos, o látego dos dominadores

ocioso, nenhum homem de armas vigiando os passos dos estrangeiros. Será, porventura, que as duas raças se fundiram em uma só, que os dois povos esqueceram sua história para formar um só povo?

Não; tudo se resume em que os anciãos hebreus chegaram à presença do Rei e lhe disseram:

"Senhor, poderoso entre os senhores e poderosos da terra. Paz e glória para ti e para teus filhos. Nós, os filhos de Judá e de José, que o foram de Jacó, que o foi de Isaac, que o foi de Abraão, vimos a ti e te desejamos longos anos de vida e de reinado, para que faças prósperos os povos e as linhagens que a mão de Deus colocou sob teu cetro. Nós e nossos avós viemos há séculos do Oriente e ao teu amparo e ao de teus augustos progenitores devemos a vida de hoje e no tempo de José nossa glória. Permite, ó Rei, que nos juntemos um dia os filhos de Israel em memória da vinda ao Egito dos netos de Abraão, nossos pais. Se tu, ó Rei, nos dás licença, comemoraremos com a alegria do coração no rosto aquela vinda, que pôs nossa linhagem a serviço e debaixo da paternal tutela dos piedosos reis que te precederam e a nós, teus fiéis servidores, sob a justiça de teu cetro, e esta festa será perpétua cada ano até a consumação, entre nós, teus servos, e entre nossos filhos, servos dos teus filhos. Estende teu cetro, - ó dos príncipes o mais justo e poderoso! - para outorgar a teus servidores a mercê que te pedem e que só de tua mão podem alcançar. Que o Deus do Egito e o de Judá aumentem a tua glória sobre todos os teus inimigos, multipliquem os dias de teu reinado e prosperem os dias de tua vida."

O Rei ouviu benignamente os anciãos, crendo que Israel aceitava com júbilo a opressão e os trabalhos e porque

ignorava que Moisés tinha descido á cidade e movido a língua dos emissários hebreus. Um espírito de perdição removera o seu orgulho e pusera-lhe espesso véu diante dos olhos, a fim de que não suspeitasse dos anciãos, nem refletisse que os fracos injustamente oprimidos mantinham freqüentemente pela astúcia o que não poderiam de nenhum modo obter. Como os hebreus haveriam de submeter-se com espírito pacífico e resignado aos duros trabalhos da escravidão que pesava sobre a sua linhagem, num tempo em que os únicos impulsos das ações eram o egoísmo e a carne, em uma época em que o espírito do amor e a resignação cristã ainda não haviam descido do céu ao entendimento e ao coração dos habitantes da Terra. O Rei, em sua ilusão, não adivinhou que a doçura dos anciãos de Jacó era a astúcia do fraco para emancipar-se do forte e, já caindo no pérfido laço, falou-lhes nestes termos:

"Eu, o Senhor das regiões do Egito, aos anciãos do povo de Abraão, que vive sob a vontade de minha lei. Ouvi. Vossas palavras acham graça em meu coração, porque vejo que sois fieis a meu cetro, como o foram ao de meti predecessor José, que administrou a governança dos reinos, Jacó, seu pai, e Judá, seu irmão. Desde hoje e para sempre vos faço livres do edito pelo qual vos era proibido possuir, e assim o ordeno, para que se cumpra, aos capitães e mordomos da cidade e das províncias de meus estados. Assim vos serão levantados todos os editos que exorbitem a lei comum do Eito, em recompensa da vossa fidelidade. Sedes leais em vossa alma à glória do Faraó e vos aproximareis dele e vos ouvirá, como no dia de hoje. Elegei, os anciãos de Israel, o dia: pois está em vossas mãos; reunir-vos-eis e comemorareis a vinda de Jacó: a nenhum egípcio

será permitido perturbar o regozijo dos hebreus, porque será alvo da minha ira. Ide dizer aos vossos o que ouvia e sede leais servidores."

Foram os anciãos a Moisés com palavras do Rei. Então o filho de Levi marcou o dia, que seria o décimo depois da audiência concedida pelo Rei aos anciãos, pois era necessário preparar as cousas e dispor os ânimos para o bom edito dos planos dos hebreus. Combinou com os chefes, que deviam transmitir o plano aos primogênitos das famílias hebréias na cidade e aos homens de Israel que habitavam fora, no monte, fugindo dos egípcios ou apascentando gado nas terras de Gósen.

*

Este foi o conluio entre Moisés e os chefes da casa de Jacó no dia em que resolveram a execução do testamento de Abraão, depois de ouvidas as promessas do Faraó dos egípcios.

A véspera e antevéspera do dia fixado os hebreus poderiam aos egípcios vasos e jóias de ouro e prata para celebrar com grande ostentação a vinda de seus ancestrais às regiões do Egito. Esses vasos e jóias serviriam para se ressarcirem de alguma parte das usurpações de que haviam sido vítimas.

Na véspera, à noite, reunir-se-iam cinco famílias israelitas em uma só família e ali juntas comeriam fraternalmente a carne de um cordeiro, com o sangue do qual respingariam as portas dos hebreus. Os anciãos chamariam ao lugar mais retirado da casa os cabeças de famílias e lhes

manifestariam secretamente, longe das crianças e das mulheres, o pensamento dos chefes.

Desses, alguns cuidariam de chegar aos filhos de Jacó que viviam fora da cidade em tendas, para avisá-los de que no dia fixado, ao amanhecer, aguardassem, ocultos aos olhos dos egípcios, fora da porta oriental, levando debaixo das túnicas armas com que pudessem defender-se e atacar, porquanto deveriam ser-lhes necessárias.

Ao amanhecer do dia prefixado, as famílias israelitas se reuniram em grupo como na véspera e, guiadas pelos anciãos, se dirigiriam dos quatro pontos da cidade, cantando hinos de júbilo, até à porta oriental e depois em direção ao setentrião do grande golfo. Os varões, no entanto, deveriam permanecer ocultos em suas casas, armados, aguardando o sinal dos chefes.

Era lícito conjeturar que grande parte do povo egípcio e mesmo muitos homens de armas e capitães seguiriam os passos de Israel, atraídos pela novidade do acontecimento e fiados na confiança do Rei. Já fora e a alguma distância da cidade, sairiam os hebreus ocultos e, arrojando-se com ímpeto sobre eles lhes cortariam a retirada e os perseguiriam de morte.

Então um emissário israelita voaria à cidade, à casa dos chefes, e lhes diria: "O Deus de Jacó seja em ajuda de seu povo." Ouvindo isso, sairiam os chefes com Moisés de seu esconderijo, espalhando-se pelas ruas; dariam fortes golpes nas portas assinaladas com sangue do cordeiro e, seguidos pelos varões, incendiariam a cidade para distrair as forcas dos egípcios e exterminariam os que se opusessem à sua passagem até se unirem ao povo

IX

A Festa dos Hebreus. - A Matança e o Incêndio. - O Pânico dos Egípcios - Projetos de Vingança

Essas foram às pragas do Egito no tempo da saída dos hebreus: o incêndio e a matança.

Porque todas as coisas aconteceram tais anunciados como havia anunciado Moisés no acerto com os chefes.

A manifesta benevolência do Rei foi semente de confiança nos egípcios e apagou-lhes no ânimo qualquer motivo de receios. Emprestaram sem dificuldade os seus vasos e jóias, crendo assim agradar ao faraó e desejosos de presenciar as festas ordenadas pelos anciãos de Israel.

Chegaram o dia décimo e os grupos de famílias hebréias, conforme o plano de Moisés e dos chefes, saíram de suas tendas precedidas dos anciãos, entoando alegres hinos, de glória para o Egito e de agradecimento por parte dos servos. Todo o povo egípcio seguia os passos dos grupos, regozijando-se com a novidade do espetáculo.

Dirigiram-se os grupos para a porta oriental e saíram da cidade. Julgando que os mancebos e as donzelas israelitas chegariam a uma eminência próxima com o fito de prolongar o regozijo de seus cânticos, os egípcios seguiram-nos. As ruas da cidade estavam quase desertas, só um ou outro homem de armas encarregado da vigilância ordinária interrompia aquela silenciosa solidão.

De improviso, espantoso clamor ouve-se ao longe, ao oriente, para onde saíra o povo hebreu. Os mancebos israelitas tinham arrojado os instrumentos e aparatos de regozijo públicos e caído de surpresa sobre a multidão curiosa e desprevenida. O pânico se apodera dos egípcios, que em debandada sc dirigem à cidade; porém hebreus armados, em grandes número, os envolvem e neles fazem formidável estrago. Os que conseguem salvar a vida e refugiar-se no recinto da cidade espalham por ela o alarme e o pavor. No meio deles também penetram emissários de Israel, que buscam os chefes escondidos e Moisés, dizendo-lhes: "O Deus de Jacó seja em ajuda ele seu povo."

Os clarins do Faraó chamam os homens de armas com estridente som. Reúnem-se aos capitães e o Faraó em pessoa se põe à frente respirando vingança, e os guia ao lugar da catástrofe, resolvido a exterminar até o último dos filhos e filhas de Judá. Mas por que logo empalidece e vacila? Viu levantarem-se de vários pontos gigantescas colunas e chamas como que arrojadas ao céu pelas bocas de inúmeros vulcões e não sabe se correr em perseguição dos malditos servos ou acudir primeiro a sufocar o elemento voraz que ameaça reduzir a cinzas a pérola do Egito, a antiga corte dos poderosos Faraós. Se fora da cidade cairiam vítimas da traidora cilada dos hebreus, em maior número cairiam dentro do seu recinto, invadido em todas as direções pelas chamas. Eis porque o Rei vacila à frente de sua hoste no mesmo momento em que, ébrio de coragem e sedento de sangue, ameaçava de morte os seus soldados que deixassem com vida um que fosse dos filhos de Israel.

Afinal, tomou o partido de socorrer primeiro a cidade. Mordendo os lábios ensangüentados na ira impotente,

distribuiu as suas hostes em grupos de cem homens para que se dirigissem aos pontos invadidos e se auxiliassem uns aos outros se necessário fosse, ficando com parte ele seus soldados e muitos egípcios do povo em reserva, no centro da cidade, para enviar reforços aonde maior importância tivessem o perigo.

Sobre esses grupos separadamente caia a gente de Moisés, os varões hebreus que permaneceram ocultos esperando a voz de seus capitães. A eles se juntaram também os irmãos de fora e os mancebos da festa, que acabavam de entrar na cidade perseguindo as multidões fugitivas. Essa brusca e inesperada acometida desconcertou por complete os egípcios, que não atinaram já com a defesa e buscaram a salvação na fina. Pareciam-lhes, as pequenas legiões inimigas, exércitos numerosos. Imaginavam que todas as nações se haviam aliado em favor de Israel e que os exércitos de todo o mundo estavam de acordo para a destruição dos egípcios. Tal era o pânico que os soldados do Rei, arrojando as armas, deixaram os hebreus donos do que foi campo, não de batalha, mas de medo e mortandade. O próprio Faraó com alguns dos seus, abandonado por suas hostes, com as quais teria podido aniquilar o inimigo, teve de retirar-se e encerrar-se em seus palácios. No entanto, a multidão hebréia caminhava em direção ao Mar Vermelho, elevando ao Deus de Judá cânticos e preces pelo triunfo de Moisés e pelo extermínio das poderosas hostes do Faraó.

Dessarte, e não de outra, pela astúcia, pelas armadilhas, pela malícia do coração, sacodem os fracos o jugo opressor dos soberbos. Israel foi o instrumento de justiça sobre a casa do Egito, que violentou e transgrediu por longos séculos a lei escrita na consciência tios povos; quem será o instrumento

de justiça sobre a iniqüidade de Israel. O espírito que cobre com as asas a casa de Jacó derramou lágrimas da alma ao presenciar a sanha dos hebreus na tímida mulher e na inocente criança e o gênio das justiças gravou no livro cia memória uma data e uma ameaça junto ao nome de Israel.

As chamas continuaram devorando a cidade dos Faraós, a orgulhosa: Mênfis. Paga bem caro por ter servido de morada à iniqüidade e de trono à tirania! Os homens de Moisés percorrem todo o dia as suas ruas desoladas brandindo na destra a arma homicida e na esquerda a tocha incendiária. Afinal, chega à noite, e só então é que os desumanos descendentes de Abraão dão tréguas à sua fúria destruidora e, envoltos nas sombras noturnas, se encaminham ao acampamento do seu povo.

Não a superioridade dos hebreus, mas a surpresa e o pânico tinham sido a causa da destruição parcial de Mênfis e do extermínio dos egípcios. Temerária foi à empresa acometida por Israel, tão temerária que tocava os limites do impossível, do absurdo. O povo egípcio por si só, sem o auxílio do numeroso exército que guarnecia a cidade, poderia ter aniquilado os servos. Quando, porém, um indivíduo ou um povo tende a sofrer o castigo de seus crimes e se perder, não Deus, suas próprias paixões o cegam para que não acerte ver os caminhos de sua segura salvação.

Assim aconteceu aos egípcios. Haviam abusado da fraqueza tios estrangeiros, haviam-nos oprimido e carregado de humilhantes e insuportáveis trabalhos; em suma, haviam cometido contra eles toda espécie de usurpações e injustiças e era preciso que fossem expiados os delitos e reparados os males. Por isso o orgulho pusera denso véu sobre os olhos do Rei, por isso crera nas adulações dos anciãos julgando-as

merecidas e por isso o pânico fez o que não teria podido fazer a força dos homens e chefes de Moisés.

Todavia, uma vez os israelitas fora da cidade e acalmado o fracasso do primeiro dia, voltou à razão a exercer o seu império natural no entendimento do Rei, em seus capitães e soldados e no povo. Lembraram-se da véspera e cobriram o rosto de vergonha. O medo rebentara as cadeias dos escravos, de escravos que por mais de quatro séculos haviam vivido na humilhação e na impotência. Parecia-lhes um sonho todo o acontecimento da véspera; porém, as chamas, as ruínas, os estragos e os cadáveres ensangüentados os chamavam a realidade e incendiavam de ira os seus ânimos. Era necessário apagar a sua vergonha e aplacar a sua vingança com todo o sangue do povo fugitivo.

Reuniram o Rei em conselho os capitães, os sacerdotes e os sábios da corte. Opinaram os primeiros que convinha perseguir sem perda de tempo os hebreus, na certeza de que não oporiam resistência formal, dada a confusão que neles teria produzido o inesperado do ataque e o acompanhamento dos anciãos, mulheres e crianças. Os sacerdotes não vacilaram em afirmar que o Deus poderoso do Egito faria pesar a sua mão sobre Moisés e os seus, acrescentando que em sonhos haviam visto os campos encharcados do sangue dos infiéis, sinal evidente da proteção dos deuses e da vitória segura do Egito. Os sábios, porém, que nunca acreditam no céu dos sacerdotes, nem nas veleidades e preferências divinas, opinaram não ser prudente expor a sorte do povo egípcio à surpresa e duvidoso desalento do inimigo e à intervenção imediata dos deuses, cujos arcanos não é dado aos homens penetrar, Que os hebreus eram um povo fugitivo, mas um povo fugitivo vencedor, que luta não com o

fito de conquistar e sim com deliberado propósito de fugir. Que dispunham de toda espécie de armas defensivas e ofensivas, adquiridas na véspera à custa do pânico dos egípcios e que, empolgados pela recente vitória e pelo temor de perder suas mulheres e riquezas, fariam sem dúvida prodígios de bravura. Que o mais sensato era reunir todos os recursos necessários em armas e soldados para tema vitória certa, esperando que o tempo e o cansaço desfibrariam um tanto as forças do inimigo.

No entanto o Rei, ao invés de ouvir os conselhos da prudência, ouviu a voz da ira e do orgulho. Aparentando, serra embargo, que não afrontava os sábios, manifestou na presença deles que três vezes nasceria o sol no Oriente e outras tantas desapareceriam no Poente antes que saísse da cidade o exército em perseguição de Israel, enviando-se nesse ínterim exploradores em seu encalço que vigiassem os seus propósitos. Os sábios inclinaram respeitosamente a cabeça e se retiraram; foram-se os sacerdotes ao templo para impetrar o auxílio dos deuses, oferecendo cruentos sacrifícios, e os capitães continuaram em conselho com o Rei, combinando os meios mais eficazes de vencer e aniquilar os hebreus.

Publicaram-se editos reais convocando todos os varões que pudessem manejar uma arma; apontaram-se todas as coisas para o ataque e foram enviados freqüentes emissários a explorar cautelosamente o acampamento israelita. Por seu lado, tampouco dormia Moisés; seus espiões, que agiam entre os capitães e sacerdotes no conselho do Rei, informaram dos planos belicosos que se tramavam contra ele e seu povo. E enquanto o Faraó se rodeava dos homens experientes nas artes cta guerra, preparando a destruição dos

netos de José, dia e noite rodeava-se Moisés dos chefes e dos anciãos, meditando e preparando atrevido e decisivo golpe de mão sobre os egípcios, que os deixasse sem forças para intentar novas perseguições.

X

As Hostes do Faraó. - Surpresa Noturna. - As Margens do Mar Vermelho. - A Buzina de Moisés. - Morte do Rei. - Destruição do Seu Exército.

Amanheceu o dia quarto e, pela mesma porta por onde dias antes saíra o povo hebreu, saiu em seu encalço o exército dos egípcios. Além dos homens de armas do exército permanente, compreendia elementos das regiões vizinhas, em virtude dos editos reais. Mais de duzentos mil soldados, sem contar a cavalaria e o grande número de carros de armas destinados a semear o espanto e, a matança. A frente ia o Rei com os mais esclarecidos capitães, tomando nota dos hebreus e combinando propósitos e planos para a derrota e extermínio destes.

Até à tarde do terceiro dia, - o sétimo da saída ele Israel -, o exército do Faraó não avistou os hebreus. Estavam estas acampadas à margem setentrional do Mar Vermelho, partes dentro de um povoado ali existente, partes nas suas imediações, em tendas, para abrigar-se do sol. A noite se aproximava e o Rei, a conselho dos capitães, resolveu

aguardar o amanhecer para cair com todas as suas forças sobre Israel.

Contudo, ai dos egípcios! muitos deles não veriam o nascer do próximo dia. No mais escuro da noite, um grande clamor, uma gritaria infernal se levantou de suas tendas, arrancando bruscamente o Rei do seu sono. Os hebreus haviam surpreendido o avanço egípcio e penetrado no coração do acampamento até a tenda real chefiados por Josué, enquanto Moisés com parte de sua gente feria pela retaguarda, isto é, do lado de Mênfis e outro pelo Meio-dia, pois que Moisés havia dividido em três o seu improvisado exército. Quem poderia pintar a confusão dos primeiros no acampamento egípcio? em o Rei nem os seus capitães acertavam dar ordens, nem soldados obedece-las, enquanto os israelitas os apunhalavam ferozmente. Quando o Faraó, pelejando com o valor do leão e a ferocidade do tigre, conseguiu reorganizar as suas hostes, havia sucumbido à fina flor do exército.

Chegou porém a hora do aparecimento do sol, em que variou em favor dos egípcios o aspecto das coisas. Estava o exército do Faraó em grande parte formado de verdadeiros soldados, familiarizados com as armas e as batalhas, e se a surpresa pôde a princípio semear nele a confusão e o pânico, difícil seria destruí-lo sem uma vigorosa e terrível resistência. Assim foi que, aos primeiros alvores da manhã, os soldados correram a agrupar-se ao redor dos seus capitães e do Rei, formando corpos compactos primeiro para a defesa, depois para a agressão. Começaram os hebreus a ceder terreno, retirando-se em direção ao mar, exceto os chefiados por Josué, que iam retrocedendo em sentido oposto, como se fira seu propósito continuar conservando no

meio os egípcios e reservar suas forças para o instante supremo e decisivo. A vitória já sorria aos capitães do Faraó: mais outro esforço e o povo de Israel pagava com todo o seu sangue o sangue que derramara e os estragos causados na primeira cidade dos egípcios.

O Faraó destaca uma parte de sua gente em perseguição de Josué e com o grosso de seu exército avança contra Moisés, que comanda o grosso do exército israelita. Já este não pode retroceder um passo sequer, porque o Mar Vermelho está às suas costas como barreira intransponível, já o egípcio saboreia o prazer de terrível e imediata vingança pois o inimigo está enfraquecido e não poderá resistir ao vigoroso embate de seus soldados. Israel vai perecer. Quem salvará Israel?

Ouve-se do lado dos israelitas o som de uma buzina vibrando de modo singular no instante supremo. É o próprio Moisés, agitado, convulso, terrível, que a tem nos lábios e arranca aqueles sons estridentes. Que sucede? Por que a confusão e a desordem nas hostes vencedoras? Porventura o Deus de Abraão, Isaac e Jacó pelejam em favor de Israel contra o egípcio? Ainda ressoam os ecos da buzina fatal e um acontecimento inesperado para o Faraó, mas previsto por Moisés, muda de novo o aspecto da batalha. Como se aquele som fora um sinal de antemão combinado, ao ouvi-lo uma porção dos egípcios se arroja sobre o Faraó e os mais esforçados capitães apunhalando-os barbaramente e fazendo causa comum com os inimigos do Egito. O espanto se apodera dos soldados leais, vendo a traição de seus companheiros e o Rei abatido e cortada à cabeça coroada. Em meio a essa consternação e transtorno caem Josué e

Moisés sobre o exército desnorteado e o destrói, ficando dele duas têrças partes sobre o ensangüentado campo de batalha,

Informado da convocação do rei a fim de que se apresentassem para pegar armas todos os varões robustos de certa idade, Moisés havia disposto que fossem a Mênfis numerosisimos hebreus de confiança e se alistassem no exército real obedecendo para todos os efeitos a alguns capitães egípcios, que eram de sua completa devoção: uma só palavra lhes bastaria para se darem a conhecer aos seus durante a luta e livrar suas vistas na confusão ou obscuridade. E assim aconteceram as coisas. Talvez o rei tivesse ordenado o ataque assim que descobriu o acampamento de Israel, não tivessem aconselhado o contrário àqueles capitães que estavam em combinação com o chefe hebreu. Temeram possivelmente que poderiam malograr seus projetos se antes o exército egípcio não recebesse um golpe, inesperado pela ousadia, e julgaram que para esse golpe seria conveniente aproveitar a confiança que o Rei tinha em suas forças e as sombras da noite.

Morto o rei e destruída sua poderosa hoste, os poucos capitães sobreviventes recolheram os restos dispersos e retrocederam para Mênfis, não só para guarnecer as suas muralhas como para salvar a cidade e o reino, caso os israelitas, empolgados pelo triunfo, pretendessem voltar ao papel de conquistadores. Não era esse, porém, o intuito de Moisés. Permaneceram quatro dias às margens do Mar Vermelho a fim de descansar e recolher a presa de guerra, passados os quais levantaram acampamento e continuaram seus caminhos em direção ao Sinai.

XI

Considerações Históricas e Filosóficas

Ocupei-me com alguma delonga dos sucessos que prepararam a emancipação dos hebreus e de sua saída do Egito, por vários motivos e considerações que de nenhum modo devia descurar.

Em primeiro lugar, na história do povo de Israel tem princípio à verdadeira História, desde que esta se refere ao movimento religioso chamado a transformar os povos e as gerações que se sucederiam em terras do Oriente. Convinha retificar em grande estilo os erros históricos cometidos precisamente na parte que se refere ao aparecimento do pensamento cristão nas regiões ocidentais, já que mais tarde,Tesos haveria de fazer frutificar a semente atirada ao solo pela mão de Abraão, de Jacó e de Moisés. O cristianismo não pode basear-se senão na verdade, ou do contrário não prevaleceria na alma dos homens. Os erros são filhos das gerações e sempre estão mesclados com a verdade; porém a missão do espírito humano consiste em apoderar-se sucessivamente das verdades, rechaçando os erros. Para esse nobilíssimo fim, que conduz à felicidade espiritual, temos de cooperar, nós, todas as criaturas inteligentes, umas pelo estudo, outras pela contemplação misericordiosa dos feitos da humanidade, que permanecem eternamente escritos, e das misteriosas forças que operam com incessante atividade, engendrando o desenvolvimento dos seres espirituais. Por

isso eu, insignificante partícula do mundo inteligente e livre, aponho minha pedrinha ao edifício do progresso geral, a cola ereção temos de contribuir, os de cima e os de baixo, nós que meemos na contemplação e vós que peregrinais no estudo.

Além disso, a narração dos feitos que precederam a saída dos hebreus envolve o conhecimento do estado social daqueles tempos, conhecimento indispensável para poder apreciar devidamente a evolução do progresso humano e a filosofia dos acontecimentos mais notáveis daquele período da História. O feito culminante da saída do povo de Israel e destruição do exército dos egípcios não teria explicação racional plausível sem o conhecimento das circunstâncias que o prepararam com a antecipação necessária. Como se explicaria plausivelmente que o Faraó se desfizesse por sua vontade do domínio que exercia sobre a linguagem de Jacó, cuja servidão era um dos principais elementos de seu poder e da prosperidade de seus estados? Como se explicaria que o povo hebreu, desfibrado pela escravidão, tenha podido emancipar-se a despeito da onipotência faraônica? Como se explica à derrota de um poderosíssimo exército por uma multidão desacostumada às artes da guerra, sem organização nem forças, mescla de crianças, mulheres, anciãos e varões que ainda sentiam sobre os ombros o fardo dos escravos? Como se explicaria isso plausivelmente, se antes não se falasse do gênio político de Moisés, de sua prudência e astúcia, de sua ilustração incomum, muito superior à sua época; de sua primeira introdução na casa e, em conseqüência, na confiança do Rei e na amizade dos magnatas? Bem sei que tudo isso se explica apelando aos milagres; porém o milagre por sua vez não tem explicação, porque está fora da lei e se aproximam rapidamente os

tempos em que seja rejeitado, mesmo pelas pessoas menos doutas, porque se verà em mais claro conhecimento dos atributos uma soberana inteligência.

Por último, naquela rudimentar civilização israelita dos tempos de Moisés tem raiz o principio de outra civilização muito mais, incomparavelmente mais esplendorosa; civilização não de linhagens, de todas as castas, de todos os povos da Terra, chamados a estreitar-se em um só feixe, em uma só família, por força da poderosa virtualidade da idéia e do sentimento, cujo alvorecer começava a iluminar a mente e o coração do sábio chefe dos hebreus. Esse povo haveria de ser o despertador dos demais povos e a causa da fusão de todos em um abraço fraternal, ao se realizarem as profecias de Jesus, cujo cumprimento sancionará aos olhos dos homens as profecias anteriores à verdade do Evangelho. Eis aqui a série de considerações que me aconselharam a dar, nesta revelação, à época hebraica de Moisés a importância que tem realmente, tratando-a com alguma extensão maior que os acontecimentos anteriores.

Muitos, muitíssimos repelirão esta revelação e os ensinamentos que contém, considerando-a ajeitada por alguns homens para seus propósitos particulares, outros, em número também ponderável, duvidarão de sua autenticidade e de sua realidade histórica, suspeitando da boa fé de seus irmãos; e outros, por último, simples de coração e naturalmente verazes, a acolherão com ,júbilo na alma e darão a Deus sinceras graças por mais esse raio da luz divina, por esse novo dom da misericordiosa providência. Esses últimos serão em minoria na geração de hoje, porém o seu número irá aumentando com os que saírem da dúvida, enquanto o dos desconfiados e vacilantes aumentará com os

que irão sucessivamente desertando do campo da incredulidade e das hostes do ceticismo. Julgai terem sido muitos os que em seu tempo creram inspirada a palavra dos profetas, do próprio Jesus Cristo? Pelos dedos das mãos teríeis podido contar o numero dos crentes e já vedes que as profecias e o Evangelho triunfaram na alma de uma porção importante da família humana estabelecida sobre a Terra. Assim sucederá com as minhas palavras, porque são a expressão de um fato providencialmente disposto, que será sancionado por outros fatos da mesma índole, também providencial e amorosamente preparados. E agora voltemos à História.

XII

Índole e Missão do Povo Hebreu - Chega ao Pé do Sinai - Política de Moisés. - Sobe Moisés ao Monte - A Visão - A Tempestade

Nada menos de quarenta anos empregou Moisés em preparar o indômito povo hebreu para sobre ele fundar a civilização que iria transformar no futuro as sociedades humanas. Quarenta anos de incansável afã de luta incessante contra as naturais inclinações dos homens que não rendiam culto senão aos prazeres da luxúria, da gula e da ira, trindade infernal, horrível princípio de grandes calamidades. Quarenta anos de obscuridade do entendimento, incapaz de conceber a

beleza das harmonias morais, e de deserto, de aridez do coração, impotente para dar vida ao sentimento do amor.

Israel é a representação da família primitiva da Terra, que pelas iniqüidades de sua arrogância teve de cair sob a dominação dos espíritos inteligentes vindos de outros mundos mais prósperos, condenados ao desterro pelas iniqüidades do seu orgulho. Em sua escravidão, no entendimento do povo primitivo brilharia a alvorada do saber, e em seu coração a aurora da consciência.

Haveria de ser o povo hebreu o fermento humano da civilização do futuro, primeiro, em cumprimento da ordem de justiça que preside nas evoluções naturais, morais e físicas; segundo, a fim de que os homens cheguem a conhecer pelos ensinamentos históricos que as grandes iniciativas, que os movimentos transcendentais da humanidade não vêm da própria humanidade, mas baixam das regiões divinas, onde o amor providencial, onde a sabedoria inefável elabora os germes de felicidade que, com mão pródiga, derrama em toda extensão na imensidade do universo. Israel foi instrumento das iniciativas superiores naquele tempo, como mais tarde, nos tempos de Jesus, o foram alguns homens simples, grosseiros e ignorantes, como na atualidade o são indivíduos de todas as classes sociais, de todos os climas e de todas as crenças. Convém que os homens não se atribuam a si mesmos o mérito das obras celestiais e isso em benefício dos próprios homens, a fim de que não busque toda a sua felicidade na Terra e elevem as suas esperanças e desejos

No terceiro mês de sua saída do Egito chega Israel ao pé do Sinai. Durante a peregrinação, Moisés se persuadira de não haver autoridade nem forças humanas capazes de

dominar aquele povo inquieto e brutal e que só a palavra de um Deus terrível, vingador das prevaricações e dos atos nefandos dos povos, poderia dobrar sua cerviz e submetê-lo à obediência dos preceitos naturais. Sendo ignorante e mau, e também crédulo e supersticioso, o que não poderiam sobre ele os mais sãos conselhos da prudência nem as sábias lições da justiça, o alcançará a voz irritada daquele misterioso c gigantesco Ser que levanta a tempestade e fulmina o raio com sua destra, Deus, feito segundo as valeidades dos homens, tão propício a outorgar recompensas e privilégios as gerações arbitrariamente eleitas, como disposto a deixar sentir todo o peso de seu desagrado sobre os rebeldes às suas ordens.

E ao pé do Sinai, congrega Moisés todo o povo e, rodeado dos anciãos e capitães, lhe fala assim;

"Ouvi-me, filhos de Judá e de José, e todos os que saístes do músculo de Jacó em vossos pais e vossos avós, nos dias da glória de Israel, quando o sol do Egito era nosso pai José. Vi em sonhos uma, duas, três vezes nosso primeiro pai Abraão, que vive e é um ancião de branca barba e venerável presença, e que me disse: "Filho, se meu povo andar na justiça, triunfará das nações da Terra e será a luz do mundo, porque Deus, o Deus terrível dos prevaricadores, assistirá seus desígnios, e com ele a paz e a vida. Sobe ao monte e no lugar mais retirado, livre do olhar humano, prostra-te de joelhos e ora; não levantes o teu rosto da terra até que o Espírito do Senhor desça sobre ti e te expresse sua vontade. Que ninguém te acompanhe; que todos, na tua ausência, orem contigo e te ajudem. O Espírito do Senhor descem sobre ti durante a noite, e o povo ouvirá o trovão, e verá brilhar o raio e conhecerá a vontade do Senhor. Ouvirás

então a palavra do Espírito e a transmitirás a Israel para que a conheça e a cumpra, porque será palavra de ordem para séculos, e não passará com os séculos. Sou Abraão, vosso pai, que vive, e viverá em Deus, e minha vida com os espíritos de Deus."

"Agora já sabeis todos a palavra de Abraão, nosso primeiro pai, que vive e me falou pela visão em sonho por vontade de Deus e do Espírito que abre os caminhos de Israel. Em obediência, eu me afasto de vós e subo ao monte, onde permanecerei um, dois e três dias e noites, até que cheguem a mim a voz do Espírito e me diga à vontade do Senhor. Vós continuareis acampados aqui, e que ninguém ouse seguir os meus passos, pois que a maldição do Deus de Abraão cairá sobre sua cabeça e a morte. Orai com vossas mulheres, vossos irmãos e filhos; quando ouvirdes o ruído da nuvem, estai atentos e dizei; "A palavra do Senhor desce sobre o Sinai: ousamos a palavra do Senhor:" Desde esse momento não fecheis olhos e orelhas, antes estai atentos e olhai na direção do monte, porque ouvireis a vontade e vereis a glória de Senhor."

E Moisés subiu lentamente o Sinai, meditando acerca da gravidade e transcendência da missão que lhe estava confiada e disposto o ânimo a receber a inspirarão que deveria fecundar em seu povo a semente das virtudes. Dirigiu-se pensativo e ensimesmado à tenda do pai de sua mulher, que estava no monte, porque confiava na sabedoria e prudência de seus conselhos, os quais lhe haviam servido em muito para a libertação dos hebreus. O sacerdote era de entendimento reto e alma piedosa, e o céu o favorecia freqüentemente com visões e palavras de espírito profético. Ali chegou Moisés altas horas da noite.

Informado o sacerdote, por inspirarão, da missão e próxima chegada de Moisés, velava e esperava. Afastaram-se ambos para o mais recôndito da tenda e, como tivessem caído de joelhos invocando o Grande Espírito, uma luz celestial inundou o aposento e ouviu-se uma voz, não humana, mas da revelarão superior, que disse;

"Moisés, Moisés: Deus é grande e se serve dos pequenos para que resplandeçam suas obras e os homens não se envaideçam. Israel é dos povos menores; seus caminhos o declaram, que não os ela ignorância, da truculência e da vileza dos apetites. Foi hipócrita e falso com o rei e cruel com os egípcios. Não tem outra lei que a concupiscência e a força, por isso vês como se entrega ao adultério e à gula, e tu não podes desviar dos instintos de rapina com que oprime os povos fracos das cercanias de suas tendas. Tu já o sabes: hoje se cumpre a justiça no Egito e nas regiões desta parte do mar; sabes também que não ficarão sem castigo as crueldades, leviandades e rapinas dos homens que livraste de secular escravidão. No entanto, o Altíssimo, em cuja obediência te falo, escolheu o mísero Israel para instrumento de sua misericórdia e te colocou entre o povo e a inspiração do céu. Ouve-me bem.

"Ao amanhecer, descerás do monte e dirás ao povo congregado: "Tive no monte a visão do espírito e ouvi a palavra de revelação anunciando-me a próxima chegada da vontade do Senhor sobre vós. Para que conheçais que não vos falo de minha vontade, mas por inspiração profética, ouvi o sinal: Vedes como o sol resplandece sem que a mais pequena nuvem empane o azul do firmamento? Pois bem: contareis o dia de hoje com a sua noite, o dia de amanhã com a sua noite e o outro dia, e ainda não terá aparecido nuvem

em nenhum dos quatro pontos do céu. Uma vez posto o sol do terceiro dia, porém, vereis aparecer no Oriente pequena nuvem, que crescer com rapidez até ocupar todo o firmamento. A noite será terrivelmente tempestuosa: o rugido do trovão não cessará e contínuo relâmpago vos cegará no mais abrigado de vossas tendas. Será então que o Espírito do Senhor me cobrirá com sua luz e me dará, para vós, à vontade do Senhor. Entretanto, não deixeis de orar cada um no silêncio de sua tenda até que a profecia se cumpra; não aconteça que o Deus de Israel, o forte e zeloso Jeová, se irrite com a vossa indiferença e nos destrua com a sua justiça. Volto ao monte e ali, com o rosto no pó da terra e o corarão contrito por nessas iniqüidades passadas, aguardarei a palavra do enviado do Altíssimo."

Fez Moisés como o espírito lhe ordenara. Em companhia do sacerdote deu granas ao Senhor e ao amanhecer desceu ao povo, ao qual referiu a visão e a profecia; depois voltou ao Sinai e à tenda do pai de sua mulher, com o intento de preparar-se ao lado do bom sacerdote para receber as luzes do Alto. Juntos na tenda pediram a Deus, de corarão, que por amor e para a regenerarão do povo tivesse cabal cumprimento a promessa do espírito, pois do contrário, se chegasse à terceira noite e não se confirmasse à palavra de Moisés, seria impossível dali por diante dirigir os destinos de Israel, o qual não temia os homens nem temeria tampouco as arrearas que se lhe fizessem em nome do Deus de Abraão, Isaac e Jacó, Freqüentemente, em meio à oração, Moisés e o sacerdote se sentiam como que interiormente iluminados e guiados, e se diziam um ao outro: "Sim, a palavra do Espírito se cumprirá, o povo verá a glória e saberá a vontade do Senhor, porque a visão foi visão de luz, de paz e de consolo."

Assim passou o primeiro dia, o segundo e o terceiro. O povo murmurava e dizia: Que se passa? Que cousas são essas que Moisés nos referiu? Que nosso primeiro pai Abraão vive e lhe falou em sonho? Que o Espírito baixou sobre ele no Sinai em visão de luz e profetizou o trovão e o relâmpago: Eis que já estamos no declinar do terceiro dia; já o sol se oculta aos nossos olhos e ainda nenhuma nuvem se descobre no horizonte: que são todas essa coisas? E todo Israel vigiava, porque sobrevinha à noite e as estrelas começavam a fulgir aqui e ali no fundo do firmamento.

Todavia, não tardaram em desaparecer da vista do povo assombrado os luminares da noite. Uma nuvenzinha, apenas perceptível a princípio, veio do lado do Oriente, estendendo-se com inusitada rapidez até chegar ao Ocidente, ao Meio-dia e ao Setentrião. Trevas densíssimas envolvem os hebreus acampados ,juntos ao Sinai, em cujo cimo brilha a intervalos o relâmpago acompanhado do fragor da tempestade. Logo os relâmpagos e os trovões são tão freqüentes que todas as forças parecem ter conspirado para aniquilar os homens e suprimi-los da Terra. A montanha aparece constantemente iluminada por sinistros resplendores. Israel se sente como fascinado c não pode desusar os olhos do Sinai.

No entanto, Moisés orava ao Senhor em companhia do sacerdote. Aos primeiros ruídos da tempestade, estranha superexcitação embargou-lhe o ânimo e os sentidos: teria adivinhado que nele operava a influência de um espírito invisível. A superexcitação aumentava com o ruído exterior e a vívida cintilação da luz. De improviso, levanta-se como que movido por misteriosa mola, abandona a tenda, corre ansioso através das sarças e precipícios e vai cair rendido, ofegante, convulso, sobre uma rocha saliente do Sinai, da

qual se descortinam as tendas de Israel muitos dos hebreus viram Moisés erecto sobre a rocha, envolto no resplendor do relâmpago feito aparição sobrenatural, e julgaram ouvir a sua voz forte e terrível como a do próprio Jeová.

Essa manifestação de poder, esse aparato de força era necessário para tocar profundamente o coração daquele povo feroz e incrédulo. Não obstante, tudo sucedera dentro da norma natural, do movimento ordenado das coisas, sem que se perturbasse no mínimo a ação das leis que operam sobre a criação desde o princípio. Esta é a sabedoria da Inteligência suprema; a predeterminação, na eternidade, de todas as harmonias e correspondência que se sucederão no curso das idades sem suspender os efeitos das leis estabelecidas nem coibir a atividade voluntária das criaturas racionais.

XIII

Sonho Profético. - As Duas Tábuas - Os Oito Mandamentos

Profundo torpor se apoderara de Moisés quando caiu desvanecido à vista das tendas de Jacó. Despertou-o o primeiro beijo do sol, que aparecia esplendoroso e risonho depois de uma noite tempestuosa. Que se passou em mim? perguntava-se o chefe dos hebreus. Como me encontro neste lugar? Que visões me ocuparam o espírito durante as horas misteriosas do meu sono? Oh! E preciso que eu as recorde e

descubra a segredo de sua significação, porque pressinto que no mistério das visões desta noite está compendiada a parte principal de minha missão sobre a Terra. Quem fará luz na confusão de minha alma?

- Sou eu, filho, disse uma voz às suas espáduas-. Virou-se Moisés cheio de assombro e viu que aquele que respondera à pergunta interior de seus desejos era o pai de sua mulher, estendendo-lhe comovido os braços. Atirou-se neles soluçando, ao mesmo tempo em que ansiosamente lhe perguntava: poderás, meu benfeitor e meu pai, revelar-me o arcano das visões do meu sonho?

- Sim, filho, - respondeu-lhe enternecido o sacerdote. Vês como o sol da manhã inunda de luz Argentina os cumes do Sinai? Assim o sol da revelação inunda meu espírito de consolo e esperança. Vi este dia, morrerei contente. Moisés, meu filho, bendigamos a teu Deus, que é também meu Deus porque o Deus de Israel é o mesmo dos egípcios e o mesmo de todos os povos da Terra. Só há um Deus! Bendigamo-lo neste dia, porque suas granas caíram em abundante chuva sobre nós e sobre o gênero humano. De ora em diante a Terra produzirá mais frutos, porquanto choveu semente de fecundidade em seu seio. O Pai se lembrou de seus filhos, o Senhor de seus servos.

Também tive, como tu, sonho de visão e revelação durante noite. Haviam-se reunido ao pé do Sinai todas as gerações humanas da Terra, tanto as futuras como as passadas e as presentes. Tinham sede e em vão se agitavam buscando águas cristalinas que a pudessem aplacar. Tu, profundamente adormecido sobre esta rocha, não ouviras seus clamores. Vi então baixar das nuvens sobre ti o Espírito e tocando-te nos olhos com uma varinha de luz que levava

na mão e aproximando seus lábios de teus ouvidos, exclamou com voz mais doce que o mel: "Moisés! Moisés! desperta e levanta-te. Não ouves os clamores dos que morrerem de sede? Desperta logo, que tu serás o instrumento das graças do Altíssimo no dia de hoje. Por tua mão brotará uma fonte de água viva que regará toda a Terra, água que vem das alturas e que rega as férteis regiões do Paraíso. Os sedentos aplacarão sua sede e os leprosos ficarão limpos. Levanta, Moisés, levanta os olhos ao céu e contempla a misericórdia do Senhor."

Não digais mais, meu pai, - falou Moisés ao chegar a este ponto a narrativa do ancião: não digais mais nada, por palavras despertaram em mim a lembrança viva, a fiel reprodução das visões de meu sonho. Obedecendo à insinuação do Espírito, que apontava o dedo em direção do céu, vi no fundo do firmamento, a distância incalculável, infinita, porém com toda clareza, como que duas grandes, duas imensas tábuas de pedra unidas ao comprido, tão grandes que debaixo delas se acolhiam todos os povos e gerações da Terra. Da linha de união das duas tábuas brotava copioso manancial de água puríssima que, dividindo-se em dois veios abundantes, descia sobre minha cabeça e passava a formar a meus pés arroios e regatos. Essas águas, deslizando pelas encostas do Sinai, chegavam ao vale e nelas bebiam as gerações futuras e as presentes, renasciam as gerações passadas que morreram sem ter sido regeneradas e purificadas na água do Sinai.

Nas duas tábuas apareciam em caracteres de ouro e luz oito mandamentos divinos, resumo da lei da consciência. Três mandamentos na tábua da direita e cinco na tábua da esquerda. De adoração eram os três e de amor os outros

cinco. O dedo de um ser invisível os seguia e os assinalava um a um.

Isto diziam os três mandamentos da direita:

"A ti, povo de Israel, a todos os povos da Terra, aos que são, aos que foram e aos que virão,

"Deus é um, e sobre toda a criação e sobre todos os entendimentos na criação. Vós, os seus filhos.

A um só Deus adorarás.

A adoração é agradecimento, homenagem, amor do entendimento, do coração e da alma.

"Não farás imagem de Deus, nem de ouro, nem de prata ou de barro, de nenhuma das coisas da Terra, porque Deus é infinito e imenso, não cabe nem no entendimento nem nas mãos dos homens. Não fabricarás, para adorares, nem ídolos nem figuras das coisas do céu ou das coisas da terra. A adoração só ao Deus único, que é o Pai de seus filhos e o Senhor de seus servos.

"Não tomarás o nome do Deus uno, sem veneração e amor. Porque o bom servo dirige-se ao Senhor com respeito e o bom filho exalta o nome do Pai.

"Dos dias de tua vida dá ao Senhor o sábado.

Porque ao Senhor deves tua vida e o entendimento de sua alma. Os outros dias são do trabalho, porque dos ociosos e das almas que dormem Deus se afasta."

Os cinco da tábua da esquerda:

"Honra teu pai e tua mãe. Porque eles são o instrumento ela misericórdia de Deus, para ti, sobre a Terra.

"Não matarás teu inimigo, nem caía tua ira sobre sua cabeça. Porque teu inimigo e tu sois irmãos.

"Não cometerás adultério com a mulher alheia. Porque o adultério mata o amor e quebra os laços com que o Senhor uniu seu servo à sua serva.

"Não tomarás as coisas alheias sem a permissão de seu senhor. Porque são suas pelo trabalho e as possui com justiça. Se não as possui pela justiça, a lei, não tu, delas disporá.

"Não mentirás. Porque a mentira é traição do espírito a Deus; porque Deus é a verdade do universo. O que mente não ama aos homens nem a Deus, que fez todas as coisas de seu amor. O amor é veraz e vós todos sois irmãos, e Deus, vosso Pai.

"Se observardes estes mandamentos serão apagadas as vossas iniqüidades e vivereis na terra dos vivos; porém, se não os observardes, vossas iniqüidades se voltarão sobre vós e morrereis na terra.

" Esta é a lei que o senhor Deus pôs na alma do homem desde o princípio: Adorar ao Senhor da criação, que disse: Faça-se a luz; e amar aos homens, para os quais foi feita a luz pela misericórdia."

Essas eram, prosseguiu Moisés, as palavras de ouro e luz postas nas duas tábuas do firmamento. Então o dedo do Ser invisível apagou as palavras e as Tábuas desapareceram ele meus olhos.

Nisto chegou o Espírito ao meu ouvido e me disse: "Moisés, Moisés; já viste a glória e a vontade do Senhor. Leva a sua vontade a Israel, a fim de que não se engane em seus caminhos por ignorância, mas pela malícia do coração. Porque essas coisas que viste são da misericórdia, mas com a misericórdia, a justiça da lei sobre Israel e sobre todos os povos da peregrinação da terra."

E desapareceu a visão; dormi, até que os raios do sol vieram despertar-me.

Que coisas são essas, meu pai? Vosso conselho é de prudência e de virtude e está acima do meu entendimento e das minhas franqueias. Tremo, pai; porquanto Israel é duro de coração e dado ao demônio da injustiça e ao demônio da carne; e quem sou eu?

- Animo, filho, replicou o sacerdote; pois as misericórdias de Deus são como as estrelas do céu e as águas dos mares. Aquele que te concedeu a graça das visões desta noite te agraciará com nova inspiração, se for necessário. Mas voltemos à minha tenda e ali refrescarás teu corpo e meditaremos nas coisas necessárias à salvação do povo hebreu.

XIV

Moisés e o Sacerdote do Sinai Estabelecem as Bases de um Código Político-Religioso para a Educação do Povo. - Lavram o Decálogo em Duas Tábuas de Pedra. - O Povo Prevarica - Fraqueza de Aarão. - Josué Sobe ao Sinai

Moisés e o sacerdote falaram longamente sobre as coisas de Israel depois que voltaram à tenda. Possuía o sacerdote espírito de conselho e de justiça e Moisés inclinava a cabeça à sua sabedoria e virtudes. Juntos meditaram em ordem às leis que convinha dar ao povo, o qual, depois dos

acontecimentos da véspera, tinha o ânimo alquebrado pelo temor e se sentia disposto a recebê-las.

Antes de descer do Sinai e apresentar-se aos hebreus ouviu Moisés as instruções de seu pai, que abrangiam não só as necessidades morais como também os materiais e temporais, um plano completo de educação e governo, acomodado ao estado de cultura do povo ao qual deveria ser aplicado. Tratava-se de iniciar uma civilização robusta sobre o fundamento das Tábuas; mas como Israel ainda não podia sentir nem compreender a excelência dos mandamentos nelas contidos, era de todo indispensável um código que, ao mesmo tempo em que pusesse ao alcance dos israelitas, na medida do possível, a moral dos preceitos, reprimisse severamente as abominações e os crimes, tão freqüentes naquela época de apetites grosseiros e egoístas; um código político e religioso, que visasse a estabelecer a moral com o auxílio dos preceitos de governo, um governo ordenado com o auxílio dos mandamentos religiosos. Só dessa maneira seria possível fundar os princípios de uma civilização regeneradora, a raiz de todas as civilizações posteriores, sobre um povo como o de Israel, tão ignorante e dado às brutalidades da carne. Moisés e o sacerdote eram muito superiores ao seu tempo e, ao se ocuparem das coisas dos hebreus, puseram suas vistas, tanto no presente como nas necessidades dos povos e dos tempos futuros.

Não teria sido suficiente a moral estabelecida nos oito preceitos das Tábuas para dulcificar os sentimentos e reprimir a ferocidade dos instintos e modificar, suavizando-os, os apetites grosseiros e egoístas das tribos; era indispensável que a religião aparecesse revestida de formas sensíveis, que falassem, mais que à alma, pelo cumprimento

do dever, aos sentidos, pelo fausto ele um culto externo impregnado de misteriosos símbolos e práticas e pelo temor de terríveis castigos temporais aos contraventores da lei. Isso considerado, convinha dar ao culto uma importância suprema, pô-lo sobre tudo aquilo que se referisse exclusivamente à administração civil e ao bom governo das tribos. Ao que pecasse contra as práticas do culto deveria ser aplicado castigo maior que aos promotores de desordens que não fossem em menosprezo do culto ou de seus ministros. Em resumo, a adoração exterior, como princípio da adoração espiritual, deveria ser o nervo da legislação hebraica e considerado o sacerdócio como a mais venerada das funções que os homens possam exercer sobre a Terra.

A fim de que a autoridade de Moisés, necessária ao estabelecimento da nova civilização, não sofresse menoscabo, era preciso que os hebreus o considerem uma criatura superior, privilegiada, espécie de anjo ou semideus, intermediário entre o povo e a vontade divina. Convinha, portanto, que deixasse de intervir diretamente no governo e administração das coisas das tribos, delegando essas funções a varões, a anciãos respeitáveis que, administrando a justiça, fossem ante a consciência do vulgo os imediatos responsáveis. A autoridade de Moisés não se faria sentir a não ser em momentos supremos e sempre como expressão da vontade de Jeová.

Quarenta dias estiveram no monte o filho de Levi, em companhia do sacerdote, ambos meditando acerca das leis, judiciais e eclesiásticas, que seria conveniente dar ao povo. Tomaram duas tábuas de pedra, lavraram-nas e nelas esculpiram os mandamentos, dividindo em dois o sexto e o sétimo, por serem os que Israel transgredia com mais

freqüência: proibiam-se explicitamente nos novos o desejo do adultério e do furto, que é por onde começa a ocasião do delito. Assim foram dez os mandamentos: três na tábua da direita e sete na da esquerda; e os dez são só dois mandamentos. Esculpidos em pedra, estariam sempre aos olhos de todos e Israel compreenderia que à vontade de Jeová é firme como a rocha. Virá depois o filho das profecias, Jesus, que reduzirá na nova lei a dois os mandamentos da antiga e dos dois fará depender a sanidade e a vida das almas.

Israel, no entanto, perguntava: "Que foi feito de Moisés?" Todavia, cheio de temor pelas ameaças e porque vira a tempestade, não se atrevia a subir o Sinai. "Como adoraremos ao senhor nosso Deus", diziam os hebreus a Aarão: " como adoraremos ao grande Jeová, que nos tirou da escravidão e cuja glória e poder vimos no cumprimento da profecia de Moisés, teu irmão? Oh! Aarão! Teu irmão Moisés nos falou que Abraão, nosso pai, é um venerável ancião de barbas brancas, que vive com os espíritos de Deus, que o viu em sonhos e ouviu sua voz. Por que não rogas tu a nossa pai que te visite em sonhos e te manifeste a vontade de Deus a nosso respeito, que a observaremos hoje e sempre?"

Como Aarão não tivesse visões em sonhos, nem Moisés descesse do monte, tomaram jóias de ouro das que haviam levado do Egito, fundiram-nas e erigiram um deus à semelhança do homem, dizendo a Aarão: "Eis a imagem de Jeová, nosso Deus, que tu sejas seu sacerdote, oferecer-lhe-ás sacrifícios, nós dobraremos a cerviz e o adoraremos". Aarão resistiu, mas como o povo o ameaçasse de morte, ofereceu sacrifícios ao deus de ouro sobre um altar de pedra e todo o povo se prostrava ao redor do altar. Esquecia-se de

Moisés e não se dava conta de que era Moisés aquele que havia de receber e lhes manifestar a vontade do Senhor.

Somente Josué pensava a toda hora no filho de Levi, pois o próprio Aarão perdera a lembrança e acabara por aceitar gostosamente o sacerdócio do ídolo, que o investia de uma importância ilimitada entre os filhos de Israel. Josué via a idolatria e a tenaz obsessão do povo e lamentava o seu feroz e estúpido fanatismo, considerando quão fatal seria sua influência nos sentimentos e costumes. Ansiava pela volta de Moisés, como a única autoridade capaz de reprimir os abusos e dirigir o sentido moral e o sentimento religioso dos hebreus. Estes tinham ouvido que Moisés tivera visão espiritual e que Abraão, baixando ao sepulcro séculos atrás, vivia entre os espíritos de Deus e creram que também viveriam depois da morte quantos houvessem fenecido na piedade e na virtude; nessa crença evocavam freqüentemente os espíritos, a fim de inquirir os segredos da vida e da morte. Josué observava essas coisas e, como não se sentia com forças para se opor às práticas supersticiosas que iam nascendo dos desvios do sentido religioso, fazia votos para que o chefe de Israel apressasse seu regresso. No entanto, passavam os dias; era já o trigésimo oitavo e Moisés continuava no monte. Considerando Josué que com alguns dias mais de tardança já não teriam fácil remédio as abominações do povo, tomou a resolução de deixar em segredo o acampamento e subir ao Sinai.

Encontrou Moisés e o sacerdote dando a última demão às duas tábuas e conversando sobre o estabelecimento do código que dali por diante regeria os destinos das tribos. Falou-lhes dos últimos acontecimentos, da adoração ao grande Jeová em uma imagem de ouro à semelhança de um

homem e da propensão elo povo ao culto idólatra dos mortos, a cuja evocação supersticiosamente se entregava. Era assim necessário o imediato regresso de Moisés ao acampamento, a fim de opor um dique ao desbordamento das tendências fanaticamente religiosas e aos extravios morais de Israel. Isso ouvido, ainda permaneceram dois dias no monte, até o quadragésimo da partida de Moisés do acampamento e nonagésimo da sairia de Mênfis. Os três deliberaram juntos até a norte do segundo dia, quando Moisés e Josué regressaram às tendas.

XV

Ameaças de Moisés. - O Povo se Arrepende. - O Tabernáculo. - O Sacerdócio na Tribo de Levi. - Instituição dos Juizes

Ao amanhecer, convoca Moisés os anciãos, os chefes, os sacerdotes e os cabeças de família, e lhes diz: Todos haveis pecado na presença de Deus, oferecendo sacrifícios ao ídolo que lavrastes com vossas mãos, do ouro dos egípcios. Por que não pudestes aguardar que eu descesse do Sinai e vos transmitisse a vontade de Jeová, que nos livrou por minhas mãos da escravidão em que gemíeis? Sois réus de morte, porque fizestes essas coisas e forçastes meu irmão Aarão a que as fizesse convosco. Mas quais de vós ou de vossos filhos foram os primeiros nas violências e na adoração do

deus de ouro? Esses são réus de morte pela perdição e pela idolatria dos outros e morrerão hoje, antes do pôr do sol, para que paguem por sua iniqüidade e aprendais o castigo dos que transgridem as leis da justiça."

Todos os presentes, cheios de pavor pelas palavras de Moisés e por terem visto sair de seus olhos como que dois raios luminosos que subiam sobre a fronte alguns dedos, inclinaram a cabeça. Julgavam que falava por sua boca o espírito do grande Jeová ou algum dos espíritos de Deus.

"Vós ouvistes a minha profecia, que recebi de nosso pai Abraão, e vistes o trovão e o relâmpago, continuou Moisés. Eu vos havia dito que a lei viria do Sinai e a desprezastes, porquanto não esperastes que a lei viesse do Sinai, antes vós mesmos estabelecestes a lei e fizestes pressão sobre o Sacerdote a fim de que vossa lei ficasse estabelecida entre o povo, Por que ninguém de vós nem de vossos filhos se levantou contra a violência para dizer: "Moisés está no monte: esperemos de sua mão à vontade de Deus?"

"Pecamos nós, e nossas mulheres e nossos filhos, contra Deus, que nos livrou do jugo dos egípcios, e contra ti, que foste o instrumento da misericórdia, exclamaram os anciãos. Que teremos de fazer para aplacar a justiça de Jeová por nosso pecado e teu pesar? Fala, Moisés, e agiremos como o Senhor nos ordenar por tua língua, porque a tua palavra é profecia e os céus te honram com sonhos e visões. Que temos de fazer, Moisés? Sê tu o nosso mediador entre Jeová e o povo de Israel, daqui por diante o povo será sempre fiel à palavra de Moisés, pois em ti está a sabedoria e achaste graça na presença do Deus que nos ajudou contra todo o poder do Faraó no Mar Vermelho.

Tomou então Moisés mostrando-as à multidão, prosseguiu: Agora está bem;confessou o vosso pecado e fostes juizes do pecado Israel. Mas o Senhor é misericordioso e apagou o pecado pela vossa confissão, e daqui em diante sereis fiéis a seu mandamento. Este é o mandamento do Senhor, que para todo o povo recebi no Sinai na noite da tempestade, escrito nestas duas Tábuas de pedra, a fim de que seja perpétuo o seu cumprimento entre vós e as gerações que virão depois. Vi em sonhos as duas Tábuas no firmamento, ouvia voz e vi o dedo do Espírito que seguia os mandamentos das Tábuas. E a voz do Espírito dizia: "Estes são os mandamentos da vontade de Deus sobre Israel e sobre todos os povos: se os guardardes, o Senhor fará com ele perpétua aliança de paz; mas se os desprezardes e os transgredirdes, a servidão, o opróbrio e a morte para os filhos de Jacó."

E então leu Moisés os dez mandamentos das Tábuas. Ouvia-os o povo em profundo e respeitoso silêncio, exclamando interiormente: "Eis a lei escrita pelo dedo do formidável Jeová nas duas Tábuas que Moisés recebeu no Sinai."

Porque o povo julgava que Moisés as recebera do céu na noite da profecia e Moisés, que conhecia o espírito do povo, achou que não convinha desiludi-lo.

E prosseguiu: "Tomareis agora as jóias e riquezas que foram dos egípcios, madeiras e telas preciosas, e com elas construireis um tabernáculo e dentro do tabernáculo um altar, onde sejam guardadas as Tábuas por todo o tempo da peregrinação do povo; no altar serão oferecidas ao Deus dos exércitos hóstias pacíficas pelo bem das tribos. Meu irmão Araão, a quem impusestes a força, e seus filhos, oferecerão

os sacrifícios em desagravo da adoração do ídolo que vossas mãos lavraram, e o sacerdócio não sairá da tribo de meu pai Levi, porque do tronco da Levi tomou o Senhor o nosso senhor, ao eleito entre Ele e o povo. Porém, nem no tabernáculo nem no altar haverá figura ou imagem de coisa alguma e as Tábuas serão o único sinal de aliança entre Jeová e o povo.

Agora me afastarei de vós e, retirado na obscuridade da minha tenda, me prostrarei na presença de Deus, a fim de que me ilumine para designar os mais dignos entre os anciãos de Israel. A eles confiarei o povo, para que o governem com justiça e resolvam as vossas contendas, dando a cada um o seu direito e aplicando as leis que pela palavra deles serão dadas às tribos. Porque daqui em diante não intervirei em vossos pleitos e destarte não me acusareis de injustiça e de parcialidade em relação a pessoas e tribos. Os que eu determinar, eles vos julgarão, e vós os julgareis pelos seus julgamentos. Se esses seus julgamentos não forem retos, maldição e morte sobre eles, porque foram instituídos sobre os demais como instrumentos não de iniqüidade mas contra a iniqüidade, a título de guardiões da lei e pais do direito de cada um. Vosso respeito para com eles e as obras de sua justiça Ide contar estas coisas em vossas tendas na presença de vossos filhos e mulheres; amanhã congregareis o povo em nome de Moisés, e Israel conhecerá seus juízes, que serão os que, em meu entendimento, designar a inspiração do Alto."

Retirou-se Moisés e se foi para a sua tenda, onde permaneceu o resto do dia sem se deixar ver pelo povo. Orava e meditava. Ao chegar à noite com suas trevas, enviou o irmão Aarão ás tendas de alguns dos anciãos e dos chefes.

Eram os sábios de Israel os Cínicos que possuíam todo o testamento de Abraão, Isaac e Jacó e com Moisés haviam libertado os hebreus. O seu espírito ia adiante do espírito das gerações daquele tempo. Tinham acerca de Deus idéias muito superiores às do vulgo das massas e estudavam o curso das coisas e dos homens, o destino das almas e o mistério da morte, na qual o vulgo ignorante não pensava. Comunicavam-se os seus estudos, pressentimentos e crenças; porém só entre eles, depois de haverem jurado de modo solene o mais rigoroso segredo. Valiam-se de signos misteriosos e frases cabalísticas, para se distinguirem e se entenderem. Foram eles que Moisés convocou, por meio de Aarão, na segunda noite de seu regresso ao acampamento.

XVI

Os Doze - Os Mistérios - O Código Hebreu - Morte de Moisés - A Conquista de Canaã - Os Juízes e os Reis

Um após outro, sigilosamente foram comparecendo os convocados à tenda do filho de Levi. Reuniram-se em número de onze, inclusive Moisés, número elevado depois a doze com a presença do sacerdote que morava no Sinai e a quem Moisés obedecera convocando os sábios. O primeiro de todos era o sacerdote, o segundo Moisés, o terceiro Josué, o quarto Aarão e os outros depois de Aarão, iguais. Esperou-

se o sacerdote, porque era entre eles o mais sábio e o que deveria dirigir a palavra aos demais.

Chegando ele, depois do ósculo de paz aos onze, assim lhes falou:

"Vós sabeis, irmãos, muitas coisas que o povo de Israel ignora; jurastes porém conservar o mistério e guardareis o juramento, porque as coisas que vos foram confiadas não são do povo. Só vos sabeis todo o testamento de Abraão, que vos foi transmitido por Isaac, por Jacó, por Judá e por José, e pelos primogênitos de Judá e de José, até hoje.

"Nos dias de Abraão, vosso pai, ninguém soube dele o mistério de seu pensamento, até Isaac, seu filho, e depois, até Jacó, mas Jacó revelou o mistério a Judá e a José, rei do Egito. Hoje somos doze.

"Todavia Isaac acrescentou algumas palavras ao mistério de Abraão, e Jacó algumas palavras ao mistério de Isaac, e Judá e José acrescentaram muitas palavras ao mistério de Jacó, e destarte até nossos dias; porque as coisas que vós sabeis, e eu convosco, sobrepujam o mistério de José.

"Quanto tempo permanecerá o mistério? Muitos séculos, pois que os homens da Terra nasceram ontem e seus olhos ainda não podem levar a luz. Porém eu vos digo que hoje somos doze, amanhã seremos vinte, em século vindouro centos e centos e a luz trará cada século novas palavras ao mistério. Até que se cumpram os tempos e nesses dias o mistério será o livro da sabedoria de todas as coisas, porque todas as coisas terão sua luz no mistério. Então, até os cegos de nascença beberão a luz e os surdos ouvirão a verdade no mistério.

A superfície do lago está tranqüila, mas as correntes interiores agitam suas entranhas. Assim a humanidade hoje e

assim o mistério no seio da humanidade. Guardai-vos de perturbar as águas da superfície: logo chegará a hora, quando os homens poderão assimilar o mistério.

"Abraão e Isaac creram em Deus, na força do universo e suspeitaram da existência de um agente no homem, de um ser ativo distinto da matéria corpórea, e indagavam de Deus a respeito da natureza e do destino desse misterioso ser. Não conheceram a imortalidade, mas a pressentiam no mais íntimo do coração e esperavam. Viam-se condenados à morte prematura e sem embargo confiavam viver e viver, sem se darem conta de suas esperanças nem das formas das novas fases da vida. De vez em quando teriam elevado os olhares e fixado com ansiedade a lua e as estrelas do céu, como que interrogando as causas de sua luz, de sua existência e de seus movimentos ordenados; tanto Isaac como Abraão sempre julgaram que os astros eram da Terra e que não havia senão um céu cujos limites seriam os do firmamento visível.

"José já adivinhou que, sobre o firmamento visível, há outro mais longínquo e ainda talvez uma série de firmamentos e suspeitou que Deus os teria instituído para os homens virtuosos, antes de voltarem para ele, de cujo seio haviam saído; José falou de suas instituições e pressentimentos a Jacó e a Judá, depois de descerem de Canaã para o Egito; aprendera estas coisas dos sábios da corte faraônica, que as tinham iniciadas nos mistérios de suas tradições secretas. José foi além das tradições secretas dos hebreus e dos mistérios egípcios, porque foi mais sábio que os mais sábios de seu tempo. Por sua morte, o mistério formado da tradição hebraica e ela tradição egípcia passou a

seus filhos e aos de Judá seu irmão, pelos quais e de primogênito a primogênito o mistério chega até vós.

"Todavia sabemos nós que os astros não são da Terra e que, muito ao contrário, a Terra é dos astros e com eles se move no firmamento, que a luz do sol cai sucessivamente sobre todas as regiões da Terra, porquanto, sendo a Terra um astro, temos de julgar que, do mesmo modo que os astros são redondos e giram, assim a Terra é redonda e gira. Contudo, não faleis dessas cousas a toda gente, porque pesam; em sua ignorância não as podem compreender e não compreendendo não as podem ter em conta. E suposto que a Terra é um dos astros, não poderíamos presumir que haja astros como a Terra? Medita bem sobre essa pergunta, Moisés, tu Josué e tu Aarão, e iodos que estão presentes; se julgardes, como eu julgo, no tocante a Terra e aos astros, poderemos acrescentar nosso conceito à tradição secreta de Abraão, Isaac, Jacó, José, Judá e dos sábios do Egito.

Sabemos nós que a criatura humana, durante a sua peregrinação pela Terra, está formada de um corpo grosseiro tirado da matéria terrestre e do qual se desprende com a morte, de princípio astral, que perpetuamente a acompanha, mesmo depois de terminada a existência terrena, e do espírito das vidas, que é o entendimento ou à vontade, que subsiste através de todas as vidas até que a criatura volte ao seio de Jeová, no qual foi engendrada e do qual nasceu para viver por si mesma em um prolongado curso de luminosas transformações. O princípio astral é o laço de união entre o entendimento e a matéria terrestre. O que ignoramos é o limite das transformações, a última transformação da criatura antes que o entendimento se desprenda do princípio astral para volver a Jeová. Agora, irmãos, meditai e meditemos

todos: agregaremos alguma palavra ao mistério que herdamos de nossos pais?"

Permaneceram alguns instantes em silencioso recolhimento e depois, levantando Moisés o rosto, falou aos demais palavras semelhantes a estas:

"Saúde e paz, irmãos. Sinto-me inclinado a crer que não só a Terra é dos astros, como também há terras nos astros: habitadas por quem? Vi Abraão, meu pai, porém ignoro onde mora. Onde mora nosso pai Abraão? Onde moraremos nós depois da morte? Opino que moraremos além, que nossa vontade, circundada do princípio astral que perpetuamente a acompanha, tomará corpo sucessivamente naquelas longínquas terra, para admirá-las e admirar nelas a sabedoria e a magnificência de Jeová nosso Senhor antes de regressarmos a seu seio. Rogo-vos que me permitais acrescentar ao mistério estas palavras:"Terá fim o caminho do espírito das vidas? Chegará o entendimento da criatura à sua completa e definitiva absorção no entendimento de Jeová, que é o Princípio?"

Inclinaram todos a cabeça em profunda meditação e depois, levantando-a, exclamaram: "Terá fim o caminho do espírito das vidas? Chegará o entendimento da criatura à sua completa e definitiva absorção no entendimento ele Jeová, que é o Principio? Bendito sejas Moisés; tua sabedoria esclareceu o pressentimento mais harmonioso da nossa vontade. Pois que nós queremos conhecer cada dia mais a obra da criação e a Jeová, para entoar hinos em louvor à sua sabedoria e não que o espírito do homem chegue à sua última transformação e à sua definitiva e absoluta fusão com o Espírito do grande Jeová nosso senhor."

E desde esse dia as sábias palavras de Moisés foram agregadas aos mistérios hebreus, não porque fossem de Moisés, mas em razão de que expressavam a mais íntima das aspirações e a mais consoladora das dúvidas das mentes que raciocinavam. Hoje a razão e o sentimento dos pensadores e de muitos homens de boa vontade respondem negativamente as perguntas acrescentadas aos mistérios hebreus por iniciativa do chefe de Israel. Negativamente a elas já respondiam os doze no íntimo do espírito, mas não se atreviam a mais que delinear o problema para os iniciados e mestres dos tempos futuros.

Falaram depois Moisés e o sacerdote e referiram aos demais as coisas que lhes haviam acontecido no monte, inclusive as suas visões, sem ocultar-lhes nem uma palavra nem um ponto das coisas que acompanharam e coroaram a misteriosa manifestação da vontade do Senhor até o regresso de Moisés ao acampamento. Ficaram pasmados os dez com as palavras do sacerdote e do filho de Levi e prorromperam em exclamações de alvoroço, pois que não duvidavam da veracidade dos fatos. "Por que - perguntavam -, por que Jeová elegeu o povo de Israel entre os povos, e a nós entre os varões e os anciãos do povo de Israel? Não é Israel grosseiro de compreensão, brutal, prevaricador e duro de coração? Quanto a reis, onde está a nossa justiça? Não dobramos a cerviz às abominações do povo? Não há em Israel mil, entre os varões e os anciãos, mais justos que nós Oh! grande Jeová! quem penetrará as leis de tua vontade, quem descobrirá os teus arcanos? Oh! só tu és o sábio e a ninguém revelaste a palavra de teu segredo."

Como começassem a notar algum movimento no campo, resolveram separar-se, a fim de não excitarem a curiosidade

do povo e reuniram-se outra vez na noite seguinte para se ocuparem das coisas que tinham relação com a governança de Israel

Reuniu-se com efeito e, tomando por fundamento os oitos preceitos revelados, ampliados até o número de dez nas tábuas que Moisés lavrou no Sinai, lançaram as primeiras pedras elo edifício da legislação e civilização hebraicas. Com o conselho de todos, formou-se uma espécie de código de governo religioso, que é por onde sempre principiaram as civilizações na infância dos povos. Não é necessário reproduzir aqui o código político-religioso de Israel, porquanto chegou substancialmente a todo vós nos livros que se atribuem a Moisés e que se pode dizer ter ele escrito, porque preparou o material que serviria aos sábios do século vindouro. A inclemência dos séculos e a mão profana do homem alteraram tanto sua origem como a sua pureza primitiva, mas no fundo restou ainda a luz necessária para iluminar o pensamento dos legisladores de Israel. É lei da história da humanidade terrestre que as verdades e os fatos não se possam transmitir senão envoltos em nebulosidades e corrompidos por causa do egoísmo dos homens.

Os preceitos da lei não foram dados de uma só vez ao povo, senão sucessivamente durante os quarenta anos que os hebreus peregrinaram até chegar ao país de Canaã, situado no Setentrião do mar da Pentápolis. Uma civilização não se funda em poucos dias e a legislação hebraica era o alicerce de uma civilização que seria a mãe de todas as civilizações ulteriores. Moisés não viu mais que o princípio do princípio, pois fechou os olhos antes da entrada de Israel em Canaã, deixando encomendada a Josué a continuação de sua obra. Anos antes morrera o sacerdote seu pai, que não quis

abandonar o Sinai, dando a Moisés em testamento sábias admoestações, que Moisés primeiro e depois Josué aplicaram na direção e bom governo das tribos.

Guerras sangrentas para chegar à terra de Canaã e apossar-se dela, até constituir uma nação tiveram de sustentar os descendentes de Jacó. Os seus chefes, Juízes pelo espaço de três séculos e meio, e depois Reis até a prostração da nação judaica, invocam sempre o nome de Deus para as guerras, sem o que teria sido de todo impossível despertar na alma daquelas gerações sentimentos varonis e abalançá-las aos caminhos do progresso. Nem todas as guerras foram justas: com o nome de Deus escudavam-se às vezes torpes desígnios, ódios sangrentos, desmedidas ambições. tias, como a justiça tem de cumprir-se, o povo judeu não pôde evitar as expiações que as suas enormes faltas provocaram tanto no tempo dos Juízes como sob o cetro dos Reis. Oprimiu, e foi oprimido; desapossou, e foi esbulhado: violou e esfaqueou, e foi violado e esfaqueado: pois esta é a lei da justiça.

Em meio a essas alternativas, iam-se completando os misteriosos desígnios da Providência. Os hebreus vencedores impunham inconscientemente aos vencidos a semente do Decálogo; quando vencidos e humilhados, os seus orgulhosos vencedores inconscientemente a recebiam. Destarte, o germe da civilização mosaica, prólogo cta que mais tarde haveria Jesus Cristo de fundar, foi se espalhando e deitando raízes nas nações do mundo, preparando o advento da revelação cristã, profetizada aos judeus por alguns espíritos justos e animosos que pressentiram a necessidade de uma nova iluminação. Cumpriram-se os tempos e foi da gênese do homem da terra o quinto dia.

XVII

O Sexto Dia do Homem. - A Civilização Romana. - Corrupção Geral. - Necessidade de Renovação nos Sentimentos e Costumes. - Nascimento de Jesus

A civilização romana era senhora do mundo. O império levara as suas armas e passeara as suas legiões triunfantes por todas as regiões do continente e o cetro dos Césares pesava sobre todos os povos subjugados à onipotência de Roma, que vinha a ser o nervo, o coração do movimento da humanidade terrestre.

Roma impusera a sua lei e inoculava a sua corrupção nas províncias conquistadas. Com suas armas levava seus deuses, e com seus deuses um manancial inesgotável de leviandades, uma causa permanente de desfibramento moral, capaz de destruir todo sentimento nobre, toda aspiração elevada, e de desfibramento físico, capaz de consumir a vitalidade do povo mais vigoroso.

A civilização romana, modificada com importações da Grécia, do Egito e das regiões orientais, era a civilização do prazer. Epicuro reinava nos corações e nos costumes.

Os deuses das virtudes não têm adoradores: seus templos estão desertos; o pó cobre suas imagens. Da terra não sobe mais incenso além do que a sensualidade desenfreada queima nos torpes altares de voluptuosos ídolos.

Divide-se a humanidade em escravos e senhores. Os senhores corrompem os escravos com seu exemplo, e os escravos aumentam a corrupção dos senhores com a sua vil degradação.

À família dos escravos pertence à mulher, esse precioso crisol do sentimento, cujo inestimável valor o mundo ainda não conheceu, O homem, à imitação dos seus deuses, só vê na mulher o instrumento, o vaso dos seus apetites lúbricos, e ela, desnuda do sentimento e mesmo do instinto do pudor, se prostitui e se entrega voluntariamente à vergonha. As festas consagradas aos deuses do Império são cenas asquerosas em que tomam parte desde o mais alto patrício até o último da plebe.

Para essa enfermidade geral, para essa prostração e decadência do sentimento cooperam os próprios sacerdotes com freqüentes atos de hipocrisia e servilismo, adulando os magnatas em meio aos seus excessos.

Não é somente entre os adoradores dos ídolos que imperam a hipocrisia e licenciosidade, mas também entre os que conhecem a unidade de Deus, entre os filhos de Judá e seus sacerdotes e doutores. Israel apenas conserva da legislação religiosa rio deserto e dos profetas a cerimoniosa ostentação do culto. Quanto à legislação política, foi destruiria com a sua nacionalidade em conseqüência das sucessivas submissões.

Tanto na Judéia como em Roma, no Oriente como no Ocidente da Terra, os sábios são incrédulos e os ignorantes supersticiosos; a falsidade dos monopolizadores da luz envolvera a humanidade em trevas e nas trevas se extraviaram as consciências. Como haveriam de crer os sábios do Império nos deuses gregos e romanos, protótipos

de todas as misérias, heróis de todos os delitos? Impossível! Todavia se afogavam na corrupção geral, na voluptuosa indolência do prazer e nem buscam a verdade, nem desejam a pureza rio espírito. Como os sábios de Jacó haveriam de crer no Deus da tribo de Levi, no Deus das pragas, das tempestades, das maldições, dos exércitos, se todas essas coisas são engendradas pelos ódios, pelas mais iníquas paixões dos homens! E em sua credulidade se entregam, como os sábios do Império, a todas as suas intemperanças e como eles se prevalecem das superstições alheias para medrar a custa dos povos. "Gozemos, - exclamam uns e outros: gozemos os prazeres da vida, já que os nossos deuses não têm olhos para ver e nem ouvidos para ouvir; gozemos, pois que as promessas e ameaças dos profetas pereceram com eles e já não troveja no Sinai o Deus de nossos avós. A justiça é o prazer."

No entanto, todos vêem essa corrupção geral e sentem a necessidade de uma renovação nos sentimentos e costumes. Todos reconhecem que a sociedade está edificada sobre o egoísmo, o desenfreamento rias paixões, a hipocrisia e a mentira, e compreendem que não pode subsistir apoiada em alicerces tão frágeis; mas a displicência, a luxúria e o ceticismo gastaram toda a sua virilidade, todas as suas forças, toda a energia do espírito, e são egoístas, desenfreados, hipócritas e mentirosos. A linhagem dos homens, a família humana da Terra tem gangrenado o coração e a gangrena é a morte. Só Deus poderá, em sua inefável misericórdia, afastar a grande catástrofe e dar a saúde ao enfermo condenado.

Pois bem; assim sucederá. Deus porá a sua mão nas enfermidades dos homens, pois foram criados para a vida e o

progresso, Esses transes supremos estava desde o princípio na previsão divina e seu remédio nas harmonias divinas da lei. Porquanto nada sucede que não haja sido previsto na eternidade pela sabedoria infinita de Deus, que é pai de misericórdia. e bondade, decretou a instituição da lei, com o aperfeiçoamento e o progresso, a cura de todas as enfermidades. Os mandamentos das Tábuas foram escritos para que os sucessivos ensinamentos, fazendo triunfar o bem sobre a Terra, se esculpissem na mente e no coração do homem, não para que o tempo e as veleidades humanas os apagassem. Que importam os séculos e as gerações humanas que com os séculos sucedem? O fim dos homens e das coisas é o bem, e esta lei é infalível.

As Tábuas não haviam sido entendidas e explicadas em espírito e em verdade; eis porque só vestígio quase imperceptível deixou nas civilizações que tiveram algum contacto com a hebraica, e esta é também a razão pela qual, na época a que me refiro até o final do quinto dia, careciam de virtualidade para regenerar o próprio povo de Israel. Se as primitivas interpretações puderam iniciar na geração do Sinai um movimento de progresso, dez séculos mais tarde entorpeciam os desenvolvimentos espirituais das novas gerações. E não foram dez, mas quinze, os séculos em que essas interpretações subsistiram.

As Tábuas que Moisés e o sacerdote viram no firmamento de sua visão celestial iriam servir de alicerce e pedra angular da moral, que há de ser a religião, a única religião das humanidades depuradas; mas a imoralidade dos tempos desviou-as, desde o princípio, dos seus objetivos primordiais, acomodando-as à instituição de um culto que, mais do que ao sentimento, falasse aos sentidos dos homens.

Desse erro dimanaram os desregramentos elos filhos de Jacó. Olvidaram o culto do sentimento, da adoração da alma e a fizeram depender única e exclusivamente da observância do sábado, como se a adoração devesse ficar necessariamente restringida ao espaço que medeia o despontar e o pôr do sol de um dia determinado. No atraso de seu espírito não souberam compreender que o sábado da lei não podia significar um dia da semana, apenas um dia, um período da vida do homem em sua peregrinação sobre a Terra. O sábado da lei é o tributo de respeito e gratidão que deve a criatura ao Autor de sua vida e felicidade e significava que homem não tem de viver somente para as coisas terrenas mas, de vez em quando, e mesmo com alguma freqüência, como freqüentes são os sábados, deve elevar o seu pensamento ao céu para glorificar à suma Inteligência, ao supremo Amor. Isso, quanto à adoração direta. Quanto à adoração indireta, que consiste no cumprimento do dever, a lei não estabeleceu nenhuma limitação: para a prática da justiça nas ações, todos os dias são sábado.

Se os hebreus interpretaram mal os preceitos de adoração escritos nas Tábuas, melhor não entenderam os outros que unham por objetivo a observância da justiça e do amor em relação às criaturas. Julgaram que as proibições do Decálogo haviam sido dadas só em benefício de Israel e contra as nações estrangeiras, as quais consideravam fora da bondade e das promessa de Jeová. Em conseqüência, creram lícito o homicídio, o adultério, a violação, a depredação e a mentira, sempre que recaíssem sobre os povos inimigos. Creram igualmente que a promessa de viver na terra dos viventes, feita aos cumpridores do Decálogo, devia entender-se a terra de Canaã, como recompensa de conhecer e adorar o

verdadeiro Deus, e jamais elevaram seus olhares acima das nuvens, à terra espiritual das almas vencedoras. Se algum levantava sua contemplação aa céu, guardava seu pensamento no mais intimo do espírito.

Esses erros, nascidos da miséria das gerações daquele tempo, foram causa de que o sentimento moral se desfibrasse e notoriamente decaísse, à medida que o entendimento humano despertava. A razão, já mais vigorosa, não podia aceitar sem protesto aquele Deus que vingava dos egípcios os filhos de Israel, nem as frivolidades da adoração levítica, nem preceitos revelados em proveito de um só povo; e, depois de ter protestado, acabava por emancipar-se do fanatismo para cair em cutia servidão, à servidão da incredulidade e do orgulho...Os sábios deixaram de crer, porque à sua razão repugnavam as primitivas crenças, e os ignorantes, porque adivinharam, apesar do cumprimento exterior da lei, a incredulidade dos sábios.

Era, pois, necessária uma renovação moral fundada no espírito regenerador das Tábuas, a fim de que todos os homens e todos os povos chegassem a aplacar a sede de suas almas nas puríssimas águas que desceram sobre o Sinai e que, desprendendo-se de seu cume em arroios cristalinos, haveriam de fecundar todas as regiões e vivificar os espíritos.

Então nasceu JESUS, encarnação do espírito de amor e de justiça, precursor do espírito de sabedoria e de verdade.

FIM